História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 2
Ceará, Distrito Federal e Pernambuco

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 2

Coordenador Regional – CE: *Tarcísio dos Santos Vieira*
Assessor: *Francisco Sobreira de Alencar*

Coordenador Regional – DF: *Roosevelt Wilson Sant'Ana*
Assessor: *Ivan Ferreira Neiva*

Coordenador Regional – PE: *Ilo Francisco Marques de Barros Barreto*
Assessor: *Carlos Alberto Cardoso*

Capa: *Murillo Machado*

Revisão: *Andreza Tarragô, Ellis Pinheiro, Léa Maria da Costa Serpa e Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira*

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
312 p. – (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: T.2 – Ceará, Distrito Federal e Pernambuco / Coordenador Regional : Tarcísio dos Santos Vieira, Roosevelt Wilson Sant'Ana e Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.
ISBN 85-7011-299-8

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. 1. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Vieira, Tarcísio dos Santos, coord. regional. III. Sant'Ana, Roosevelt Wilson. IV. Barreto, Ilo Francisco Marques de Barros. V. Título: Ceará, Distrito Federal e Pernambuco. VI. Série.

CDD 940.540981

Os textos contidos neste tomo referem-se às 25 entrevistas realizadas nas Coordenadorias do Ceará, Distrito Federal e de Pernambuco, sendo oito na primeira, sete na segunda e dez na terceira.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

General-de-Brigada Paulo Braga da Rocha Lima*

Natural da cidade de Fortaleza-CE, pertence à turma de 22 de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Após as promoções normais como subalterno nos corpos de tropa, foi convocado para integrar a Força Expedicionária Brasileira, tendo sido comissionado, em 21 de janeiro de 1944, no posto de Capitão. Ainda no Brasil, foi Comandante de Subunidade e Ajudante do II Batalhão do 6º RI e, mais tarde, Comandante de Subunidade e Adjunto do S1 – Subseção de Classificação e Subseção de Movimentação do Pessoal – no Depósito de Pessoal da FEB.

Após o término da guerra, serviu no 23º BC, em Fortaleza, nas 7ª e 10ª RM, tendo sido transferido para a reserva no posto de General-de-Brigada.

Ocupou os cargos de Presidente da Associação dos Ex-Combatentes, seção do Ceará, da qual é sócio benemérito e Presidente da Associação dos Veteranos da FEB, seção do Ceará, também Presidente de Honra e Perpétuo.

Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas destacam-se a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

* Instrutor do Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 2 de dezembro de 2000.

O General Paulo Braga da Rocha Lima, acometido de deficiência visual e seqüelas, em decorrência de acidente vascular cerebral, foi substituído por sua esposa, Dona Maria Estephania Monteiro da Rocha Lima, para a realização da entrevista que trata da participação do General, na Segunda Guerra Mundial, como integrante da Força Expedicionária Brasileira.

Mesmo lamentando profundamente a impossibilidade de narrar os fatos vivenciados por seu marido, durante a guerra, Dona Maria Estephania manifesta o seu orgulho por ter sido convidada como representante de seu esposo, o que lhe permitiu reproduzir aqueles acontecimentos próprios do quadro vivido pelo casal, bem como os reflexos conseqüentes, no âmbito do lar.

Para Dona Estephania a entrevista se torna suigeneris*, em face das peculiaridades metodológicas, quando a mente de uma pessoa entra em simbiose com a de outra, para tentar expor o que esta teria que dizer: "São voltas que a vida faz", reconhece, após 61 anos de felicidade matrimonial.*

Ao sair Aspirante, meu esposo foi classificado em Fortaleza; promovido a 2º Tenente, viu-setransferido para o 28º BC, em Sergipe, no mês de janeiro de 1939. Nesta Unidade, exerceu a função de Comandante de Companhia e, interinamente, a de chefe da 19ª Circunscrição de Recrutamento (CR). Em 1942, foi promovido a 1º Tenente e transferido para o 23º BC, em Fortaleza-CE. Entretanto, para-viajar de Aracaju-SE para Fortaleza-CE, naquela época, era necessário ir de trem para Salvador-BA, a fim de embarcar num navio, pois, em Aracaju, não havia porto. Com a benção de Deus, o nosso navio foi o último que zarpou de Salvador, pois o primeiro navio de passageiros fora torpedeado pelos submarinos alemães. Ao chegarmos a Fortaleza, tomamos conhecimento de tão triste notícia. No 23º BC, como 1º Tenente, também, ocupou o cargo de Comandante de Subunidade, sendo a sua Companhia a primeira a utilizar as novas dependências do Batalhão recém-instalado.

No fim de 1943, foi consultado sobre se aceitaria ser comissionado como capitão, para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Respondendo afirmativamente, foi realmente comissionado no posto de Capitão e transferido para o 16º RI, cujo comandante era o Cel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira. O Regimento tinha parada de sede em Natal-RN, para onde viajou em 10 de março de 1944. Aconteceu, porém, que a 3 de março – ele viajou a 10 de março, mais ou menos –havia nascido o nosso segundo filho e, logicamente, eu não poderia tê-lo acompanhado com as crianças. Inopinadamente, às onze horas da manhã do dia 18 do mesmo mês, fui informada – ainda não havia recebido qualquer notícia dele, de lá de Natal – pelo Cel Juarez Vasconcelos, comandante do 23º BC, que chegara um avião

de Natal, com a incumbência de transportar-me e a meus filhos, para a cidade de Natal, avisando-me, ainda, que não deveria deixar de viajar, pois, talvez, não tivesse a oportunidade de, tão cedo, tornar a encontrar-me com ele. Foi algo muito chocante: um lapso de 30 a 40 minutos, como a única opção que me foi concedida para apresentar-me na base aérea, com o fim de viajar. Mas, mesmo assim, consegui chegar lá, na hora aprazada, com os meus filhos, uma menina de três anos e um menino de apenas 15 dias. Embarcamos num pequeno avião NA – não sei se todos conhecem, mas é qualquer coisa assim.

Chegando a Natal, cerca de 13 horas, surpreendida, não encontrei, à espera do avião, nenhum "verde-oliva". Foi uma surpresa que me deixou numa situação meio desagradável. Não encontrei nenhum militar do Exército esperando o avião.

O comandante da base aérea, muito bondosamente, conduziu-me para uma dependência do quartel, conhecida como "Cassino dos Oficiais". Essa dependência é destinada às folgas normais dos militares, durante o dia. Entre uma tarefa e outra, eles vão lá, tomam um café, conversam etc.; é um local de lazer do militar. Acontece que eu, uma menina nova ainda, em torno de 21 anos, com um garoto de 15 dias de nascido e uma menina de três anos, fiquei alojada nesse salão dos oficiais, numa situação um tanto inusitada e incômoda posso dizer: uma sala lotada de rapazes, repleta de oficiais e eu, com um garoto pequeno, precisando amamentar o meu filho, sem, sequer, termos almoçado. O comandante da base aérea, muito solícito, muito educado, procurou-nos e perguntou por que estávamos ali. Informei de que havia viajado numa emergência e que não tinha tido tempo de comunicar-me com o meu marido. Ele, então, indagou-me se eu sabia qual a Companhia, qual o Batalhão onde ele estava classificado. Eu disse: "Comandante, eu não sei, porque não tive qualquer contato, qualquer relacionamento com meu esposo, depois que saiu; apenas recebi ordem de viajar." Ele ficou meio sem saber o que fazer e tentou telefonar para o 16º RI. Infelizmente não conseguiu ligação telefônica; foi tentar pelo rádio; as horas foram passando, logicamente, e, depois de umas três ou quatro horas, por volta das 16h30min, finalmente, escutei um ruído estranho, diferente do que existia por lá, que eram ruídos de aviões: uma viatura do 16º RI trazia o meu marido, acompanhado de um soldado, certamente o motorista. Foi uma situação tão fora de propósito que, quando ele chegou – eu estava acompanhada do Comandante – vinha tão assustado que me perguntou: "Mulher, o que é que você veio fazer aqui?" Ora, eu mesma não sabia o que tinha ido ali fazer. Respondi: "Ah, eu também não sei!" Então, o comandante falou: "Possivelmente, o senhor não foi avisado da chegada dela." E foi o que aconteceu. Antes que viesse me apanhar na base aérea, teve que percorrer quase toda Natal, procurando um alojamento, um local onde pudesse me colocar com as

crianças. Isso ocorreu à tarde e, depois, tomamos um jipe, indo parar num tipo de pensão familiar ou coisa semelhante.

Natal tinha sido transformada em praça de guerra e, sendo praça de guerra aliada aos EUA, estava lotada de militares estrangeiros. Chegamos, acomodamo-nos, já à noite; era um quartinho pequeno, dividido por tabique e ali nos alojamos para aguardar a chegada do novo dia. Acontece que, após termos ajeitado as crianças, fomos tomar o café e levei um dos grandes sustos da minha vida: chegou um praça, um soldado, armado da cabeça aos pés, tinha projetil no capacete, fitas de projetis cruzadas sobre o peito, metralhadora e um enorme revólver na cintura. Não foi uma coisa agradável, realmente. Pediu permissão, aproximou-se do meu marido e disse qualquer coisa a ele, que me olhou e falou: "Vou sair e volto já" Para resumir, voltou três dias depois.

Eu estava em Natal, com duas crianças pequenas, sem acomodação, sem dinheiro, "sem lenço, sem documento", como diz a canção.

Três dias depois, ele voltou. O comandante o chamara para atribuir-lhe uma missão no quartel e ele não pôde deslocar-se, nem para me avisar. Bom, continuamos a vida assim: ele vinha, não vinha; aparecia, desaparecia; até que nós conseguimos uma casinha perto do 16º RI. Ficamos lá, mas o ambiente de Natal era totalmente de guerra. Se você andasse num quarteirão, encontrava dois, três militares estrangeiros; um ambiente em que ninguém, nem comerciante algum, tinha interesse em atender a gente. E o dólar corria com fartura no bolso deles. Então, novamente, outra situação difícil. Eu permanecia em casa, ele vinha me visitar: passava um dia, às vezes, uma noite, voltava, passava outro dia sem aparecer. Desta forma, decorreram oito meses, nessa situação: comendo enlatados, comendo coisas que apareciam, porque a escassez de gêneros, de víveres, era muito grande e seu fornecimento muito incerto. A gente recebia rações do quartel, rações americanas, e, assim, sobrevivemos os oito meses. Nestas circunstâncias, passei a fazer coisas que jamais fizera na minha vida: lavar roupas, passar, engomar com o ferro a carvão e uma série de outras coisas, novidades para mim. Isso, meus amigos, infelizmente, está saindo aos borbotões da minha alma. O que narro, agora, está atrelado às circunstâncias da guerra.

Certo dia, chegou um soldado, com o fardamento do meu marido, coberto de barro seco, duro, era uma peça de barro. Fiquei um pouco assustada e perguntei ao rapaz: você sabe onde posso conseguir alguém que lave essa roupa? Ele me olhou, com um certo ar de sarcasmo, e disse: " Não sei se a senhora vai encontrar alguém que receba o seu dinheiro". Tudo era pago na base do dólar.

Bom, assim vivemos, fomos felizes, graças a Deus, como sempre. Num determinado sábado, exatamente, 5 de dezembro de 1944, ele chegou em casa, depois do

almoço, e disse: “Olha, vim para ficar até segunda-feira; você vai repousar, vai desfrutar de um domingo calmo, eu cuido das crianças.” E foi uma alegria. Óbvio. Acontece que, no domingo, pela manhã, logo *cedinho*, parou uma viatura do Exército, com alguns militares, chamando: “Capitão! Capitão! Capitão!” Ele abriu a janela, olhou e eles lhe disseram: “Capitão, o senhor foi transferido para a FEB”, e, digo-lhe mais, “O senhor tem que embarcar no primeiro transporte.” Ele se arrumou, me deixou em casa e foi para o quartel, saber, pessoalmente, qual era a real situação. Esse “primeiro transporte” estava previsto, exatamente, para terça-feira e nós estávamos no domingo, pela manhã; na terça-feira encostaria o navio. Não era possível, era praticamente impossível a gente atender. Como desmontar uma casa, fazer tudo para estar num navio em dois dias? Ele falou com o comandante que, se não gostou, também não ajudou; meu marido foi, então, procurar o General Comandante responsável pelas atividades militares em Natal (uma espécie de praça de guerra), General Fernando Távora (Gen Fernando do Nascimento Fernandes Távora), a quem explicou a situação. O General disse: “Capitão, desfazer o ato, eu não posso, entretanto deixarei de tomar conhecimento, até terça-feira de manhã; entretanto, no primeiro transporte o senhor irá.” E esse primeiro transporte, felizmente, só se deu no sábado imediato. Então, tivemos o espaço “imenso” de uma semana para os preparativos da viagem. Embarcamos no sábado à noite. Navio parado, tudo escuro, uma escuridão total a bordo, todas as vigias de entrada de luz pintadas de preto; ficamos num camarote com dois leitos de um lado, um outro leito do outro, um armário pequeno e uma pia. Lá para as tantas da madrugada, notamos que o navio tinha entrado em movimento; e, só depois, soubemos que esse navio foi incorporar-se a um comboio de guerra americano. Aqueles que estiveram no Exército devem saber o que é um comboio de guerra. Nele, os navios de passageiros, que mereciam um pouco mais de cuidado, ficavam no centro; em torno, os de carga ou qualquer outro tipo e, na frente, fazendo uma cobertura total de um lado ao outro do comboio, um destróier americano. Tinha que ser lenta a marcha. Chegamos a Recife, onde ele foi chamado a se apresentar, em missão militar mesmo. Dirigiu-se ao quartel; o navio ficou ao largo, junto com o comboio; e, quando o Paulinho, meu marido, estava para sair, perguntou-me o que eu queria de Recife. Eu pensei um pouquinho e respondi: “Olhe, só quero que você me traga todas as chupetas que encontrar na cidade. Quando ele chegou, trouxe realmente um pacote de chupetas. O que acontecia era que de noite ficávamos num beliche, de um lado, e os garotos ficavam do outro, divididos por um travesseiro. Quando um garoto chorava, porque perdia a chupeta, eu não a encontrava, devido à escuridão. Daí em diante, coloquei o embrulho de chupetas embaixo do meu travesseiro e, cada vez que um chorava, eu lhe colocava a chupeta na boca e, assim, atingimos Salvador. Novamente o navio parou,

com todo o comboio, e nós ficamos apreensivos; depois de alguns momentos, aquela sensação desagradável: um estrondo de uma bomba de profundidade. Salvador era zona de torpedeamento, e como havia sido constatada a presença de submarino alemão, o destróier, que era responsável pela nossa segurança, passou a lançar bombas de profundidade para atacar o submarino.

Passado algum tempo, chegamos ao Rio, a 24 de dezembro. O navio ia carregando tropa que não tinha onde repousar; ficava pelos corredores ou exposta ao relento. Então, pela minha situação de esposa, a única que estava lá, era ficar trancada dentro do camarote, sem poder sair. Chegamos ao Rio, na véspera do Natal. Um dia péssimo, um dia de chuva, e não havia ninguém do Exército esperando o navio. Não podendo desembarcar, ficamos lá até a tarde, quando apareceram os caminhões do Exército para o transporte da tropa e nós, então, tivemos licença de nos retirar. Não havia tempo para avisar a ninguém. Chegamos de surpresa à casa de um primo que, realmente, ficou feliz quando nos viu, embora deva ter se assustado, porque o Rio de Janeiro já vivia dentro de um regime de racionamento: cada um tinha direito a tantas gramas de arroz, tantas gramas de feijão, tantas gramas de açúcar; cada pessoa tinha a sua cota. Ora, chegamos eu, meu marido e duas crianças; o que eles podiam fazer? Não sentiam grande prazer em nos receber. Mas, meu marido, no outro dia, muito cedo, como todo o pessoal, recebeu sua cota de alimentação e isso nos aliviou.

No Rio de Janeiro, soubemos que o Centro de Recompletamento da FEB já havia sido transferido para a Itália e que Paulinho deveria embarcar imediatamente. Ora, nestas condições, eu não podia permanecer no Rio com as crianças e tinha que voltar, pois não havia local onde permanecer. Então, ele foi procurar uma maneira da gente regressar. Teria que viajar num navio daqueles outra vez? Ele se horrorizou: “Não, ela e as crianças, não! Não é possível botar minha família num navio daqueles outra vez!” E foi apelar para o Ministro. “Ah! Você não vai conseguir, você não consegue nem falar com o Ministro, General Eurico Gaspar Dutra.” Era o que diziam. Mas ele conseguiu. Falou com o Gen Dutra, com quem teve, mais ou menos, este diálogo:

– General, eu preciso de uma passagem aérea para que minha esposa possa voltar a Fortaleza.

– Não! – respondeu o Ministro.

– Mas, General, não posso mandar minha família, minha mulher com duas crianças pequenas, voltar num navio daqueles para Fortaleza, em não sei quantos dias de viagem.

– Não! – falou, novamente, o General.

– General, eu não pedi para ingressar na FEB, mas agora quero a passagem para a minha mulher – insistiu.

O General olhou sério para ele, pensou e disse:

– Eu te tiro da FEB.

– Também não – O Cap Rocha Lima retrucou.

– Eu te dou a passagem de avião para tua mulher – o Ministro, então, decidiu.

Foi esse o diálogo que houve. E, realmente, voltei de avião para Fortaleza, aonde cheguei, no dia 16 de janeiro de 1945. Ao lembrar tal fato – sou reconhecida ao Gen Dutra.

Nesse intervalo de poucos dias, de 24 de dezembro de 1944 a 16 de janeiro de 1945, ajeitei-me para viajar e, no dia 15 de janeiro, Paulinho me alertou: "Olha, amanhã, cedinho, teremos que estar no aeroporto. Há uma vaga e uma poltrona para você e para as crianças." Ele já estava fardado com uniforme da FEB e foi me levar a bordo do avião. Quando chegamos ao aeroporto, havia uma grande fila de pessoas que iam viajar naquela aeronave, mas a pessoa da frente era eu, que seria a primeira a entrar. Logo atrás de mim, vinha uma senhora que sentiu o nosso estado de tristeza, de dor, de saudade, de todo o sentimento que podia haver, naquele momento, entre nós. Ela bateu nas minhas costas e disse: "Olha, fica quieta aí um pouquinho que eu vou na frente e guardo o teu lugar."

Assim, ela entrou no avião e guardou o meu lugar e os outros foram entrando em seguida. Quando estavam todos lá dentro, despedi-me dele e embarquei. Essa senhora, a quem eu devo uma grande gratidão e muito respeito, era a Dona Sarah Gentil. Foi essa senhora que, com a sua grandeza de espírito, proporcionou-me, não muito tempo, mas ali, o mínimo de tempo era tempo demais para nós. Viajei e cheguei a Fortaleza. Depois de mais de 16 dias, recebi as primeiras notícias dele: uma porção de cartas, datadas de dias seguidos, mas todas elas arrumadas em um só envelope, com uma tarja bem grande, onde estava escrito: "Aberta pela censura". Foi essa a primeira informação que tive do meu marido.

Depois de algum tempo, as cartas passaram a vir regularmente, mas todas elas abertas pela censura. A nossa maneira de endereçar a correspondência era: ele mandava para meu endereço, mas, para ele, eu apenas colocava no envelope: "Capitão Rocha Lima, Nr 400 FEB". Daí, nenhuma notícia mais.

O Capitão Rocha Lima embarcara para a Itália, no dia 8 de fevereiro de 1945, com o 4º Escalão. Ele não me podia dizer onde se encontrava, como estava, qual era a situação em que vivia, não podia dizer nada.

Passaram-se os dias e fui recebendo algumas cartas.

Chegou o dia do nascimento da minha neném, 19 de maio de 1945. Para informar emergências como esta, recebi uma relação de números. Cada um daqueles números representava uma frase codificada. Então, não me lembro exatamente, mi-

nha mensagem foi, mais ou menos, a seguinte: "Capitão Rocha Lima, 400 FEB, números 21 e 23." Só sei que um desses números dizia: nasceu menina; e o outro, estou bem. Esse foi o meu comunicado. E assim foi o nosso relacionamento durante a guerra, da despedida ao retorno do meu marido.

Pouco mais tenho que dizer, depois disso tudo. Quero agradecer, de coração, o atendimento que, naquela época, recebi, aqui em Fortaleza, do Banco do Brasil. Foi um atendimento de gente, de pessoas sensíveis, que souberam acompanhar a situação difícil que estávamos vivendo. Com toda a boa vontade, me informavam tudo, ajudavam-me e quase me acompanhavam até a saída do banco. Sou muito grata ao Banco do Brasil e à dona Sarah.

Os pracinhas da FEB, ao chegarem ao Brasil, foram mandados para casa, simplesmente mandados para casa. Esse pessoal tinha família, precisava trabalhar, precisava viver uma existência honrada. O meu marido se engajou na luta, junto a outros colegas, para conseguir um meio de vida digno, sadio, limpo, para o pessoal que veio da FEB. Então, passou a presidir a associação, naquela época, recém-criada, Associação dos Ex-combatentes – regional do Ceará, que englobava todos os pracinhas, tanto os brasileiros que atuaram na vigilância do litoral, como os que integraram a FEB.

Como sabemos, a quase totalidade dos componentes da FEB e dos que prestaram serviço nas costas brasileiras, durante a guerra, era oriunda das camadas mais simples do povo brasileiro; muitos deles arrimos, fizeram falta até nas atividades de sustento de seus familiares, mantendo-se todos, entretanto, conformados com o afastamento de seus entes queridos, por tratar-se de razão suprema, que era a defesa da Pátria. Essas famílias souberam suportar as necessidades, preocupações com a preservação da integridade de seus pracinhas, na esperança de que, no seu retorno, merecessem alguma consideração, não privilégio, por parte da sociedade que defenderam, com o risco da própria vida. Foi nesse sentido que o Cap Rocha Lima orientou sua luta. Envolveu amigos e familiares na consecução de medidas para a obtenção de empregos para muitos desses pracinhas, conseguindo, ainda, construir, aqui no Ceará, a sede da Associação dos Ex-combatentes e o seu túmulo, sabe Deus como. Sempre conseguiu auxílio, não posso negar. Enquanto isso, eu havia sido nomeada superintendente da Legião Brasileira de Assistência-CE.

A Legião Brasileira de Assistência havia sido criada durante a guerra por uma mulher excepcional, Dona Darci Sarmanho Vargas, esposa do Presidente Getúlio Vargas, para dar assistência, auxiliar as famílias que aqui ficaram e estavam desamparadas. Ela passou a procurar esse pessoal, a arranjar alimento e a buscar locais para essas senhoras se reunirem e trabalharem.

Eu vi Dona Darci Vargas, disto sou testemunha, sentada à máquina de costura, ao lado de todas aquelas senhoras, esposas de soldados, trabalhando para as famílias dos nossos pracinhas. Terminada a guerra, ela não terminou com a LBA, porque havia chegado à conclusão de que o Brasil precisava, imediatamente, de uma assistência social. Então, engajou-se nesse esforço, passando daí a ajudar a todas as famílias, independentemente de cor e de credo. Se fossem famílias pobres, necessitadas, deveriam ser atendidas. Todavia essa mulher, Dona Darci Vargas, uma mulher sublime, uma mulher excepcional, que eu saiba, não recebeu qualquer glória, qualquer reconhecimento, nada se fez em sua homenagem. Os meus maiores respeitos a uma mulher brasileira possuidora de suas excelsas qualidades.

Bom, após a construção da sede dos ex-Combatentes, passemos para os verdadeiros veteranos, aqueles que tinham estado lá, com a FEB, e precisavam de auxílio imediato. Aí sim, eu já estava na LBA e pude unir-me ao Paulinho; pudemos, então, dar-nos as mãos, passando a trabalhar por aquele pessoal: conseguimos a sede, arranjamos, por vezes, alguns empregos, ajudamos a fazer com que essas pessoas passassem a ter uma vida mais humana.

Mas o que estou falando? Alguém que tomar conhecimento desta minha narração há de dizer: ela saiu do tema. Não deixa de ter certa razão. Entretanto, atendendo a um chamamento de minha alma, procurei, até com alguma emoção, comentar certos aspectos circunstanciais que toda situação de guerra oferece. Estes comentários não saíram de fértil imaginação, mas nasceram de uma realidade que eu vivi. Não me moveu aqui qualquer espírito de crítica, de recriminação ou de maledicência contra quem quer que seja. Avaliamos o grau de esforço inaudito que realizaram todos os responsáveis pela preparação, organização e efetivação da nossa Força Expedicionária. Sabemos das dificuldades, em tamanho e em quantidade, enfrentadas pela Nação brasileira, praticamente, surpreendida com o estado de guerra. Houve até quem achasse que seria “mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil mandar tropa para a Europa”; pensamento de maus brasileiros, certamente, fruto de vil conluio com o inimigo, o nazi-fascismo. Mas o Brasil, não obstante todo o sacrifício, mandou sua Força Expedicionária para a Europa e a cobra fumou na Itália. Pois bem, foram as circunstâncias desse esforço que preferi que ocupassem parte do meu espaço nesta entrevista.

Circunstâncias que passaram, graças a Deus, deixando apenas lembranças que, hoje, rememoro, como um pesadelo, como minha viagem para Natal, minha vida nesta cidade, o deslocamento para o Rio, a reação inicial do Ministro da Guerra ao meu retorno de avião para Fortaleza etc. Algumas lembranças estimulantes, como a aquiescência final do General Dutra para o meu retorno a Fortaleza de avião, a

solidariedade de Dona Sarah Gentil, a solicitude do Banco do Brasil e o apoio e dedicação da Dona Darci Vargas. A esta grande mulher brasileira que, na sua simplicidade e dedicação, tanto fez pelo Ceará, nada se lhe fez em reconhecimento, a não ser batizar, com o seu nome, o edifício-sede da Legião Brasileira de Assistência, em Fortaleza, que tive o privilégio de construir.

De agora por diante, comentarei algumas passagens da guerra propriamente dita, em que esteve envolvido o meu marido, Gen Rocha Lima, então capitão, que me transmitiu, ao longo do tempo, as informações necessárias ao seu conhecimento.

Para maior entendimento da presente exposição, embora de maneira sucinta, comento a origem dessa guerra, com relação à participação do Brasil: No dia 1º de setembro de 1939, a Alemanha, aliada à Itália, formando o chamado “eixo Roma-Berlim”, por afinidades políticas entre os partidos fascista e nazista, iniciou uma guerra a que estavam sendo arrastados quase todos os países do mundo. Parte do Exército alemão, sob o comando do General Rommel, já atuava, com sucesso, no Norte da África. O nosso conhecido “saliente nordestino”, aproximando a África do Brasil, estreita o Atlântico entre Natal e Dakar, o que facilita uma possível travessia de tropas inimigas para o litoral do Nordeste brasileiro. Imaginava-se, pois, a possibilidade de uma agressão ao Brasil, que, estendendo-se à América Central, constituiria uma ameaça ao Sul dos Estados Unidos. Os brasileiros e americanos concordaram, então, em criar o Teatro de Operações Norte-Nordeste, em 1941, para prevenir aquelas ameaças e defender o Atlântico Sul. Por outro lado, até agosto de 1942, os submarinos alemães já haviam torpedeado vários navios nossos, no mar territorial, provocando inúmeras mortes. Esses fatos todos contribuíram para levar o Brasil a declarar guerra à Alemanha e à Itália. Após criado o Teatro de Operações, ressalte-se o interesse dos americanos para a construção das bases militares de Belém, Natal e Recife e a nossa participação efetiva na guerra européia. Daí, a preparação e o envio à Itália de nossa Força Expedicionária. Nunca devemos esquecer, porém, dos dissabores experimentados pela nossa população, os quais já expus, pelo ângulo que vi e vivi, na odisséia de Fortaleza-Natal-Rio-Fortaleza.

Na verdade, as coisas se precipitaram muito, desde o início, quando da nossa partida para Natal. A vida não foi fácil, mesmo depois de meu retorno a Fortaleza, no dia 16 de janeiro de 1945. Poucos dias depois, em 8 de fevereiro de 1945, Paulinho embarcou no navio americano *General Meighs*, com destino à Itália, integrando o quarto Escalão da FEB, o que aumentou as preocupações, as inquietudes, quanto à sua sorte no campo de batalha. Ainda bem que nossas três crianças, por serem muito novinhas, não perceberam a ausência do pai que tive de suprir. Esta ausência, aliada à pouca idade dos meninos, criou, por algum tempo, uma certa distância entre os

filhos e o pai, depois de seu retorno. Foi uma distância passageira que desapareceu com o carinho e o afeto a eles dedicados.

Na Itália, o Cap Rocha Lima, que estava lotado no Depósito de Pessoal da FEB, aquartelado na região de Staffoli, ficou como instrutor do Centro de Recrutamento da FEB. Apesar de ele sempre se eximir de me falar sobre a guerra, para tirar da minha mente assuntos tão chocantes, não pôde ocultar o sofrimento demonstrado, às vezes até com lágrimas, ao lembrar-se de que sua função exigia-lhe o dever de escolher os substitutos daqueles que haviam tombado.

Entretanto, ao lado das agruras próprias da guerra, ele sempre me falou ter testemunhado a execução primorosa do apoio logístico: nada faltava, tudo chegava a tempo e nas quantidade e qualidade desejadas e suficientes.

A assistência religiosa foi excelente, tanto a proporcionada por padres católicos, quanto por pastores evangélicos. Havia sempre um religioso presente e atuante. No caso dos católicos, que eram a maioria, o padre celebrava a missa, pregava a palavra de Deus, atendia em confissão e, nos momentos difíceis, dava força e coragem, realizando verdadeiro trabalho psicológico. O seu capelão era o inesquecível amigo, Padre Dourado (Monsenhor Joaquim de Jesus Dourado).

Motivados por todos esses apoios e conduzidos por comandantes seguros e competentes, os nossos expedicionários fizeram a cobra fumar em Monte Castelo, Montese etc., e, finalmente, na região de Collechio, Fornovo e Respicio, no Vale do Rio Taro, onde se deu a rendição, ao Exército Brasileiro, de 14.779 alemães e italianos. A “cobra fumando” se tornou, assim, emblemática para nosso expedicionário.

Outro orgulho do nosso ex-combatente é a Canção do Expedicionário – produto da genialidade, da inspiração e da grandeza de Guilherme de Almeida (letra) e de Espártaco Rossi (música).

Cumpre ainda recordar, para valorizar o êxito, os fatores adversos: a Nação arcou com a preparação onerosa para a guerra, carente de recursos modernos, então exigidos; ao Exército e aos seus integrantes coube a rápida adaptação à nova doutrina de guerra, às novas técnicas e táticas, aos novos equipamentos e armamentos, ao intenso inverno europeu de cerca de 20°C negativos e a outros condicionantes, também decisivos. Mesmo assim, ultrapassadas, com altivez, todas as vicissitudes, os nossos expedicionários deram, definitivamente, uma cabal demonstração de coragem, de bravura e de heroísmo, de dignidade e nobreza, bem como elevaram aos píncaros da glória o nome do Brasil – único país latino-americano a se fazer presente nos campos de batalha da Europa.

A providência divina foi pródiga conosco: nossa Força Expedicionária, em todos os níveis, foi dotada de comandantes de escol; no seu topo, a figura excep-

cional do ínclito General João Baptista Mascarenhas de Moraes, homem sério, culto, coerente e valoroso.

É bom acentuar que se torna necessária e urgente a reposição da verdade sobre esses fatos, sobre esses vultos, sobre a nossa história, tão negada e/ou desvirtuada, nos dias atuais, a serviço de interesses inconfessáveis. A impressão que se tem é a de que querem apagar o Brasil, destruindo a sua História, que é muito rica. Uma nação se afirma e se ergue pelas realizações de seus filhos, registradas nos episódios de sua trajetória e existência. Portanto, um país sem história é povo sem realização, é povo amorfo, sem definição de si mesmo. Aqui reside a importância incomensurável deste Projeto de História Oral do Exército, esta feliz iniciativa do Comandante do Exército que, certamente, resgatará a memória dos temas em questão, sobretudo, ante a juventude atual e futura do Brasil a quem dedico, com muito carinho, estas minhas palavras finais.

Caros jovens do Brasil, de hoje e de amanhã, não sou eu quem vos vai falar, mas aqueles jovens de ontem, de 1944-45, que, do túnel do tempo da história, levantam a voz para vos dizer que lutaram nos campos de batalha e, lá, ofereceram a própria vida para defender os vossos direitos de viver com a dignidade, necessidade primeira e fundamental de todo ser humano. Aqueles mesmos jovens que acorreram de todos os recantos do País para atenderem ao chamamento angustiante da Pátria ameaçada; aqueles jovens que atravessaram o oceano e se destacaram nas terras da Itália; que souberam desafrontar o Brasil e glorificar o seu nome; que não transigiram na defesa das liberdades para vos garantirem uma existência de liberdade plena; aqueles jovens que, se não sabeis de onde vieram, identificaram suas almas na alma desta canção que eles sublimaram – a Canção do Expedicionário. Apreciai-a, diletos jovens do Brasil de hoje, reverenciai, nos seus versos, aqueles jovens do Brasil de outrora:

Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro do engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais;
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Dos pampas, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que eu leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão;
Braços mornos de Moema,
Lábio de mel de Iracema
Estendidos p'ra mim,
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

Olha aí, meu Brasil, derramadas, na alma destes versos, as almas de todos os teus jovens! Sossega, meu Brasil, não te perturbem os desacertos conjunturais. O teu futuro será grandioso, porque está nas mãos da tua juventude sadia, crente, inteligente, irmanar civis e militares, homens e mulheres. O teu destino, meu Brasil, é o destino de teus filhos cearenses, mineiros, gaúchos, paulistas, amazônicos, cariocas, pernambucanos e de todos os demais Estados, do Leste e do Oeste, do Norte e do Sul, irmãos todos, filhos da mesma Pátria, sempre e sempre brasileiros. O teu destino, meu Brasil, apesar de todos os desacertos, é vicejante e radioso, fruto de uma família indissolúvel e amante de uma mãe comum, a "Pátria Amada, Brasil."

Coronel Antônio Alexandrino Corrêa Lima*

Natural de Tauá-CE, cursou o Colégio Militar do Ceará, entre 1929 e 1934. Foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria, em 22 de novembro de 1937, na Escola Militar do Realengo.

Nas atividades militares precípuas de sua carreira, foi subalterno de Unidades da Arma, Oficial de Transmissões (Comunicações) do 6º RI, quando integrou a Força Expedicionária Brasileira. Mais tarde, Inspetor de Tiros-de-Guerra da 10ª RM, Comandante (Cmt) do 25º BC, em caráter interino, Oficial de EM das 7ª e 10ª RM, Chefe de Seção da 25ª CR e, também, Ch EM e Cmt da 10ª RM, ambos os cargos interinamente. Freqüentou os seguintes cursos militares: Curso de Instrução de Transmissão Regional, Curso de Instrução e Aperfeiçoamento no Centro de Instrução Especializada, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Comando e Estado-Maior.

Exerceu intensa e profícua atividade civil após sua transferência para a reserva, no posto de Coronel, a pedido, em 5 de julho de 1970.

Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra por sua participação na Segunda Guerra Mundial, como integrante da Força Expedicionária Brasileira.

* Oficial de Transmissões do 1º Batalhão do 6º RI da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 29 de maio de 2000.

Como ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, ao falar sobre a participação da FEB naquele conflito, procurarei fazê-lo esquematicamente, abordando os antecedentes que, em geral, envolvem os conflitos para, em seguida, tecer alguns comentários sobre a sua organização, o deslocamento para a Itália, a participação da Marinha e da Aeronáutica, bem como sobre os feitos principais, o regresso ao Brasil e, finalmente, sobre o esforço que se deve empreender na busca da paz.

Uma das principais causas dos conflitos é justamente a face leonina dos tratados de paz, que colocam os vencidos em situação humilhante. Além disso, concorrem, naturalmente, as causas políticas e as econômicas. Em 1933, Hitler assume o poder na Alemanha e, em 1935, observa-se o direcionamento da Itália rumo ao norte da África. Em 1936, ocorrem a expansão do Japão e o concerto do tratado com a União Soviética, justamente, para que pudesse atuar para o nascente com mais facilidade. Em 1938, a Alemanha domina a Áustria e, no Brasil ou nas Américas, realiza-se a Conferência de Lima que reforça o entendimento entre os países americanos. Em 1939, a Alemanha domina a Checoslováquia e faz um pacto com a União Soviética para, em melhores condições, atuar em face do Ocidente. A 1º de setembro desse ano, invade a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Imediatamente, a França e a Inglaterra declaram guerra ao agressor.

Nas Américas, deu-se a Conferência do Panamá, decidindo a nossa neutralidade; em conseqüência, estreita-se o relacionamento entre o Brasil e os EUA, no sentido do fornecimento de matérias-primas. Em maio de 1940, a Alemanha invade Luxemburgo, a Holanda e a Bélgica, usando as suas colunas mecanizadas e a cobertura aérea, a chamada guerra relâmpago ou *blitzkrieg*. A Itália entra, efetivamente, no conflito, e, nas Américas, a Declaração da Conferência de Havana deliberou que qualquer ação contra um dos membros americanos corresponderia a uma ação contra os demais. Guerra no Pacífico, 1941. Ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, dando início, imediatamente, à entrada dos EUA na guerra.

Com relação ao Brasil, a sua atuação na Segunda Guerra Mundial ocorreu a partir de 28 de janeiro de 1942 e foi conseqüência da reunião de consulta dos chanceleres que rompe as relações diplomáticas com os agressores. Na época, no entanto, essa reunião de consulta se restringia à análise estratégica que recomendava a criação do Teatro de Operações do Norte e Nordeste, sem dúvida, uma grande preocupação com a defesa do território brasileiro. Naquela fase, anterior à participação ativa na guerra, o Brasil passou a colaborar ostensivamente com os Estados Unidos, não somente no suprimento de matérias-primas – aqui quero destacar o enorme esforço desenvolvido na extração da borracha pelos nossos nordestinos – mas, também, na concessão de bases aéreas, o que já vinha em gestação, em vista dessa perspectiva de cooperação

com o americano, como conseqüência da ameaça inimiga no Norte da África. Em 14 de fevereiro de 1942, os alemães iniciam o ataque aos nossos navios mercantes, pondo a pique, até outubro do ano seguinte, 31 navios, resultando em 971 mortos ou desaparecidos. A seguir, o Brasil assina o Acordo de Cooperação Militar e Econômica com os Estados Unidos, regulado com a Resolução Nº 11, de 13 de novembro de 1943, que cria a Comissão Brasil/EUA e põe as nossas Marinha e a Aeronáutica sob o comando americano. Em nota ministerial, de 22 de agosto, o Brasil reconheceu o estado de beligerância com os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A citada Resolução número 11 confirma que, pela defesa do continente, o Exército continuaria responsável. Para efeito operativo, porém, foi criada a Zona de Guerra, pelo Decreto 1.490A, de 25 de setembro, envolvendo toda a faixa costeira e, ainda mais, o Vale do São Francisco.

Após o encontro com Roosevelt, em janeiro de 1943, Vargas decide organizar uma Força Expedicionária. A FEB foi criada pela Portaria Ministerial Nº 47-44, de 9 de agosto de 1943, compreendendo a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e mais os órgãos não divisionários, totalizando 24.334 homens, sob o comando do General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Sua organização e instrução foram difíceis. O deslocamento para a Itália foi realizado em quatro escalões, via marítima, partindo do Rio de Janeiro, e mais 111 homens por via aérea. O 1º escalão, com base no 6º Regimento de Infantaria, embarcou para a Itália, no navio americano *Gen Mann*, com o efetivo de 5.075 homens, partindo do Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1944. O 2º escalão, embarcou no dia 22 de setembro de 1944, nos navios *Gen Mann e Gen Meighs*, composto dos 1º e do 11º Regimento de Infantaria, com um total de 10.375 homens. O 3º escalão embarcou no dia 23 de novembro de 1944, no *Gen Meighs*, com o efetivo de 4.691 homens, destinados às substituições e preenchimentos de claros. O 4º escalão embarcou no dia 08 de fevereiro de 1945, também, no *Gen Meighs*, com 5.082 homens, para as mesmas finalidades do pessoal anterior.

Estes escalões, depois de 14 dias de viagem, desembarcaram em Nápoles, na Itália, de onde seguiram para as áreas de treinamento, na frente de batalha.

Desde cedo, o Brasil empregou a sua Marinha e a Força Aérea no patrulhamento das nossas costas. A Marinha, também, comboiou todos os transportes que levaram a tropa brasileira para a Itália, procedimento seguido até Gibraltar. Além da Esquadrilha de Aviação, com pequenos aviões de reconhecimento, de ligação e de observação, orgânica da Força Expedicionária Brasileira, a FAB enviou o Primeiro Grupo de Caça conhecido como "Senta a Pua", criado logo depois da FEB, com o efetivo de 458 homens, sob o comando do Major Nero Moura. O citado grupo chegou à Itália na mesma ocasião dos 2º e 3º escalões, depois de exaustivo treinamento nos EUA.

No teatro de operações da Itália, o inimigo encontrava-se na conhecida “Linha Gótica” que atravessava a bota italiana de leste a oeste, transversal aos Apeninos. Era uma linha realmente bastante forte, porquanto, nos setores costeiros, as instalações eram poderosas.

Na parte dos Apeninos, as encostas íngremes protegiam o inimigo e permitiam a visualização das nossas tropas. O Passo de Porreta Terme, em frente à estrada 64 e, também, o Passo de Futa, face à estrada 65, que leva a Bolonha, eram, como nos setores costeiros, bloqueados por fortes organizações defensivas; quer dizer: a ultrapassagem da Linha Gótica representava, na verdade, uma corrida para a vitória. A atuação inicial da 1ª DIE, ainda como Destacamento FEB, ocorreu nas encostas oeste dos Apeninos, no Vale do Rio Sercchio; mas, a partir de novembro de 1944, deslocou-se para as encostas leste, já no Vale do Marano, quando a Divisão ficou integrada com os elementos chegados dos 2º e 3º escalões. Conforme decisão do Comandante do V Exército, Gen Mark Clark, na Conferência do Passo de Futa, a 30 de outubro, sua tropa passaria temporariamente à defensiva, retomando a ofensiva ainda em dezembro, antes do rigoroso inverno. Porém, seu IV Corpo de Exército, ao qual a Força Expedicionária pertencia, faria operações em novembro, no eixo da estrada 64, para melhorar as condições da ofensiva geral. Recorde-se de que o teatro de operações da Itália perdera sete Divisões, empregadas na invasão ao Sul da França, no começo de junho.

O Destacamento FEB entrou em linha na noite de 15 para 16 de setembro de 1944, substituindo um Regimento norte-americano, após dois meses de chegada à Itália.

Antes da entrada em linha do Destacamento FEB, fizemos um exercício de verificação, por sinal, noturno. A nossa frente era larguíssima, embora secundária; tão larga que, nas comunicações, tivemos que usar repetidores para que as mensagens chegassem ao seu destino. O terreno era muito íngreme e, além do mais, o alemão tinha um comandamento completo sobre a nossa área. Exatamente nessa região – acidentada e larga, nas encostas oeste dos Apeninos, no vale do Rio Sercchio, onde as dificuldades para manter as ligações telefônicas e o próprio rádio eram muito grandes, quer dizer, nem sempre conseguíamos estabelecer as comunicações –, justamente aí, recebi o meu batismo de fogo.

Conversando com os meus netos, contando a história da FEB, digo para eles que morri uma vez. “Mas, como, vovô, o senhor morreu uma vez?” Foi o seguinte: no Vale do Sercchio, havia uma ponte sobre o rio e só dava para passar uma viatura de cada vez; e isso estava criando muita dificuldade por causa dos bombardeios. Eu recebi a missão de instalar um sistema telefônico para regular o trânsito dessa pon-

te; e, ao me aproximar, começou um bombardeio de artilharia; entrei no mato e fiquei ouvindo o barulho dos estilhaços na folhagem; abaixei-me e apanhei um estilhaço – a única recordação que trago da Itália – , ainda quente. Minhas pernas tremiam desordenadamente, um frio na barriga danado; então, eu digo para os meus netos que morri uma vez, morri de medo; mas, na realidade, a gente se habitua a esses aspectos do campo de batalha; tem que estar chamando a atenção do subordinado para não ficar "dando sopa" para o inimigo. Era o caso do conserto das linhas estendidas ao longo das estradas: a gente exigia que as puxassem para dentro do mato para fazer o conserto e não no meio da estrada.

Entre os principais feitos do Destacamento FEB, evidenciamos a tomada de Camaiore – aqui lembro o nosso querido colega, o então Capitão Ernani Airosa da Silva –, a conquista de Monte Prano, em 28 de setembro, e a tomada de Barga, em 11 de outubro. No dia anterior, 10 de outubro de 1944, fui a Barga instalar o Posto de Comando Avançado do Batalhão para o ataque do dia seguinte e, na volta, passando pelo povoado, houve um congestionamento danado de viaturas; começou um bombardeio intenso. Ninguém podia ir para a frente, nem para trás; entramos numa casa e uma granada bateu, logo em seguida, no portal; dava a impressão de que a gente tinha desaparecido. Voltando ao jipe, nós o encontramos bastante danificado, os pneus furados, gasolina derramando e até a minha própria carabina, que estava no pára-brisa, ficou prejudicada. Isso mostra que se tivéssemos demorado um minutinho, um segundinho, talvez não estivéssemos contando aqui a história.

Em 31, sofremos um insucesso, ainda no Vale do Sercchio, no combate de Castelnuovo di Garfagnana, em face da deficiência de suprimentos, mas perfeitamente justificado, porque eram terrenos alcantilados; muitas vezes, para alcançar uma posição, você tinha que subir em escada; então, levar suprimento e munição para essa região era coisa muito difícil. A alimentação na frente de combate, sempre que possível, era quente; ia em panelões térmicos, inicialmente, em jipes e, quando não era possível, ia, até mesmo, no lombo de animais; aí, tivemos até a ajuda dos italianos, dos *partisans*, para conduzir essa alimentação e a munição, nas áreas mais íngremes. A alimentação de reserva só era usada em último caso. Com relação à alimentação, houve uma mudança muito grande daquilo que nós adotávamos no Brasil; em vez de arroz, comia-se batata; em vez de feijão, que praticamente não existia, usava-se, somente, a ração de reserva, que era intragável. Então, diziam que quando queriam elevar o moral da tropa brasileira, mandavam buscar um *feijãozinho* no Brasil; mas, de modo geral, os suprimentos foram realizados feitos de maneira muito boa. Na parte de comunicações, tínhamos fios à vontade; nós os lançávamos nas estradas; depois, a retaguarda recolhia esses fios; e recebíamos outros suprimentos para a frente.

Porém, no meu âmbito, como 1º Tenente, Oficial de Comunicações do 6º RI, tive algumas dificuldades. Primeiramente, por estar integrado no Estado-Maior de Oficiais Superiores, com o Curso de Estado-Maior; tinha sempre que estar alerta para atender, com presteza, as comunicações; tinha que saber bem, com antecedência, o que ia acontecer; tinha que estar ali, sondando etc., o pobre do 1º Tenente, junto ao círculo dos oficiais superiores. Outras, mais graves, de ordem profissional, sendo exemplo, como disse, a adaptação à larga frente, no caso do Rio Sercchio, onde tínhamos subunidade destacada, cerca de cinco quilômetros, do grosso da tropa; as nossas turmas de construção e reparação de linha tinham quase que transpor a “terra de ninguém”, porque não havia proteção, e tiveram que precaver com armas mais pesadas para poder ater-se a uma eventualidade.

É importante destacar, por fim, o “suprimento” espiritual, refrigério da alma e para os corações, principalmente pela incerteza do momento seguinte, tal o mérito da assistência religiosa, eu mesmo, no meu Batalhão, mandava apanhar o Padre Dourado (Monsenhor Joaquim de Jesus Dourado), que era o nosso Capelão, e levava-o para celebrar a missa na linha de frente; havia, realmente, uma assistência religiosa, presente e eficaz.

Fizemos 208 prisioneiros e sofremos 287 baixas, sendo 13 mortos, 87 feridos e 187 acidentados ou extraviados. É importante ressaltar o número elevado de extraviados, em decorrência do terreno acidentado e, também, de certa inexperiência dos nossos próprios motoristas. Eu mesmo, como comandante de pelotão de comunicações, todo motorizado, tive que “fazer” alguns motoristas ainda na Itália.

Dois meses mais tarde, ocorriam os três ataques a Monte Castelo; o primeiro em 24 e 25 de novembro de 1944, a cargo da Força-Tarefa 45, norte-americana, com base no 370º Regimento de Infantaria desta força, reforçado com carros de combate, com o 6º RI, com uma Companhia do 9º Batalhão de Engenharia e com o nosso Esquadrão de Reconhecimento. O segundo, no dia 29, sob o comando do Gen Zenóbio, com o I/1º RI e o III/11º RI, com reforço do III/6º RI, na reserva. O terceiro ataque, em 12 de dezembro, também sob o comando do Gen Zenóbio, empregando o 1º RI, menos um Batalhão, e o I/11º RI, tendo como reforço o III/11º RI. O insucesso destes três ataques foram decorrentes do deficiente apoio de fogos e, também, do emprego parcelado das tropas, não havendo unidade de comando. As perdas foram elevadas: 735 homens, sendo 158 mortos, 508 feridos, 31 acidentados e 38 extraviados. A esses ataques, com a chegada do inverno, seguiu-se um período de estabilização da frente, ocasião própria para o emprego acentuado de patrulhas na linha de frente e para intensificação da instrução da tropa, principalmente dos oficiais, na retaguarda e, também, do recompletamento.

O ataque vitorioso sobre Monte Castelo veio dois meses depois e foi precedido pelo ataque ao Monte Belvedere, realizado pela 10ª Divisão de Montanha, às 23:00 horas de 19 de fevereiro de 1945, com pleno êxito, cobrindo o flanco esquerdo da tropa brasileira.

A 10ª Divisão de Montanha teve um ano de treinamento nas montanhas do Alasca, dispondo de equipamentos especiais, inclusive cabo aéreo de deslocamento, e estava em linha desde janeiro.

A DIE atacou em 21 de fevereiro, às 5h30min, com o 1º RI, no ataque principal, e uma ação limitada de cobertura do flanco direito realizada pelo II/11º RI. Contou com o maciço apoio da artilharia e do nosso 1º Grupo de Caça, inclusive, adaptado para fazer bombardeio. Às 17h20min, Monte Castelo estava conquistado. Eu, que estava no flanco direito, em Torre di Nerone-Palazzo, tive a impressão, em relação ao bombardeio, que estava havendo uma trovoada imensa, tal o volume de fogos empregados na ocasião. Neste ataque, sofremos 112 perdas, com 15 mortos, 96 feridos e 1 extraviado; uma diferença muito grande com relação às perdas dos três primeiros ataques.

Em 5 de março de 1945, com o 6º RI coberto à direita pelo 11º RI, ocorreu a conquista de Castelnuovo, muito importante porque eliminou o complexo de Soprassasso, verdadeiro nariz que entrava em nossas frentes, dificultando, inclusive, o trânsito da estrada 64. Por fim, a vitória sobre Montese. A sua conquista foi realizada a 14 de abril de 1945, ao anoitecer, pelo 11º RI, menos o II Batalhão, e coberto à direita pelo II/1º RI. Nos dias subseqüentes, as atividades do maciço do Montese continuaram muito intensas; iniciava-se a tão falada ofensiva da primavera: foram 367 baixas, sofridas entre os dias 14 e 18 de abril, sendo 34 mortos, 332 feridos e 1 extraviado.

No livro *A FEB Pelo Seu Comandante*, o Gen Mascarenhas de Moraes se refere à conquista de Montese nos seguintes termos: “Foram quatro jornadas severas, vividas sob os mais pesados bombardeios que tropas brasileiras experimentaram durante a campanha em território italiano.” Realmente, a conquista de Montese foi uma operação duríssima. Após, ocorreu a ocupação de Zocca, importante nó rodoviário, com a posterior ocupação de Vignola; no dia seguinte, em seguida à passagem do Rio Panaro, atingimos os últimos contrafortes dos Apeninos, em face do Rio Pó. De imediato, o Gen Mascarenhas toma a decisão histórica: iniciar a perseguição, motorizando sua infantaria com parte das viaturas da Artilharia; infletindo para noroeste, continuar a cobrir o flanco esquerdo do V Exército e avançar, rapidamente, para retomar o contato com o inimigo, impedindo-lhe a fuga e a transposição do Rio Pó. Foi uma decisão ousada que surpreendeu o inimigo, provocando a sua desorgani-

zação. Assim, prossegue na direção de Collechio, com o rápido deslocamento de cerca de 75 quilômetros, tendo à frente o bravo 1º Esquadrão de Reconhecimento, seguido de perto pelo 11º RI e as demais Unidades cerrando, logo atrás.

Foram sendo fechadas, sucessivamente, as estradas 12, 63 e 62 que descem dos Apeninos.

Em 27 de abril é conquistado Collechio, após desbaratar a 142ª Divisão alemã. A rendição do inimigo era iminente; agora, torna-se fácil compreender a importância da conquista de Monte Castelo e de Montese, sinônimos da vitória das tropas aliadas na Segunda Guerra Mundial, e, conseqüentemente, do valor do soldado brasileiro, responsável pelas conquistas daquelas cidadelas. Tendo em vista o fracasso dos três ataques iniciais, a conquista de Monte Castelo tornou-se imperativa, uma questão de honra para a tropa brasileira, razão do sucesso absoluto, com o último assalto vitorioso, depois do inverno.

Com relação à tomada de Montese, o espírito da tropa era o mesmo. Lembro-me, por exemplo, de que íamos com uma equipe de construção de linha, no jipe, desenrolando o fio, com a missão de instalar um posto de comando avançado, e, atravessando uma região limpa, fomos caçados por tiros de metralhadora inimiga, levantando poeira nas nossas imediações. Não tínhamos o que fazer, senão continuar a tarefa: instalar o posto de comando em Montese; mas, dado ao avanço e à rapidez das operações, ele foi imediatamente desativado.

A tomada de Monte Castelo e a de Montese são complementares; enquanto aquela foi decisiva para a conquista de Montese, esta, praticamente, representou o início da ofensiva da primavera que levaria à rendição incondicional do inimigo.

Por fim, ainda sobre a batalha de Montese, a mais sangrenta da campanha, nada mais oportuno e significativo do que reler as declarações do Gen Crittenberger, comandante do IV Corpo de Exército norte-americano, que enquadrava a nossa DIE, perante o seu Estado-Maior: “Na jornada de ontem, só os brasileiros merecem as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.”

Realmente, a referência do Gen Crittenberger reforçou, extraordinariamente, as declarações do Gen Mascarenhas com relação a Montese. E a atuação da tropa brasileira deu tranqüilidade à tropa aliada, tranqüilidade para que fosse, a fundo, aos seus objetivos. Aliás, sobre o Gen Mascarenhas de Moraes, devo confessar que guardo uma lembrança muito afetuosa; por sinal, foi o meu comandante quando cursei a Escola Militar. Homem sério, muito respeitado.

Assumindo o controle das operações, o 11º RI faz convergir sobre Fornovo di Taro os seus I e II Batalhões, apertando o cerco em 28; às nove horas, o comandante

do RI envia um ultimato exigindo a rendição incondicional do inimigo. Às 22 horas os parlamentares inimigos, inclusive o Major Kühn, Chefe do Estado-Maior da 148ª DI alemã, atravessaram as nossas linhas para acertar a rendição, sendo recebidos pelo Cel Floriano de Lima Brayner e pelo Cel Humberto de Alencar Castello Branco, respectivamente, Chefe do Estado-Maior da Divisão e Chefe da 3ª Seção. Acertadas as bases, dá-se a rendição da 148ª DI, remanescentes da 9ª Divisão Panzer e da Divisão Itália, nos dias 29 e 30. A rendição se fez em perfeita ordem; foi um espetáculo magnífico. O total de prisioneiros foi de 14.779 inimigos; capturados mais quatro mil cavalos, 80 caminhões, 1.500 viaturas de todos os tipos e uma grande quantidade de material. Os civis italianos ficaram correndo no potreiro, cada um para apanhar o seu animal.

Em 2 de maio houve a rendição incondicional do inimigo, no teatro de operações da Itália, completando-se, no dia 8, no restante da Europa.

No Pacífico, foram lançadas bombas atômicas, uma sobre Hiroshima e outra em Nagasaki, a 4 e 7 de agosto, respectivamente, terminando, por conseguinte, o conflito.

Nossas perdas gerais foram 3.161 homens, sendo 440 mortos, 1.576 feridos e 1.145 acidentados; enquanto que a FEB fez um total geral de 26.576 prisioneiros, sendo dois generais.

O regresso ao Brasil realizou-se também por escalões, partindo o primeiro em 6 de junho de 1945, de Nápoles, e chegando ao Rio em 18 de junho. Por conseguinte, houve uma ausência desse 1º escalão, do Brasil, de um ano e pouco. Os últimos chegaram em 3 de outubro.

Acabara a guerra, mas o Brasil continuava sob a ditadura de Getúlio Vargas. As tropas foram desmobilizadas sem tardança e sem nenhum amparo para o retorno à vida civil; talvez, pelo receio de que a FEB pudesse reagir à ditadura ainda reinante no País. Seguiu-se, de fato, um período de instabilidade política, sendo Getúlio afastado pelas Forças Armadas e substituído pelo Ministro José Linhares.

Convocada a eleição, foi sufragado o General Dutra.

Tornou-se grande a demora para amparar os pracinhas, ainda hoje, com pendências não resolvidas. Não digo que não houve um grande esforço do governo em termos de reconhecimento público e assistencial aos ex-combatentes, mas, na realidade, esse esforço demorou muito e, ainda hoje, não se completou. No pós-guerra, as nações envolvidas desencadearam esforços com vistas à busca e à manutenção da paz, em razão do que foi criada a Organização das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945.

No nosso entender, a ONU nasceu com um erro grave, de cunho autoritário, visto que a constituição do seu Conselho de Segurança estabeleceu membros efeti-

vos para as grandes potências e membros eleitos para as demais. E mais, esses membros efetivos tinham direito de veto. Até a composição da Corte Internacional de Justiça padece do mesmo erro. Embora a ONU venha prestando relevantes serviços, não tem conseguido manter a paz. Precisa de ser reformulada, tornando-se democrática, no sentido de que o voto seja igual para todos os componentes das Nações Unidas. O nosso País já vem adotando essa regra, para pôr tropa à disposição da ONU: só a aceita se os países litigantes concordarem com a participação do Brasil.

A guerra, na verdade, confere uma experiência pessoal extraordinária. Todavia, muito mais importante é a percepção do valor intangível, emanante à soberania dos povos, restando claro, máxime aos países subdesenvolvidos, a necessidade de união em termos de objetivos comuns, formando blocos de poder, para que, realmente, essa percepção adquira força e se faça verdadeira e justa em âmbito internacional, sem a exclusão dos excluídos. Que os excluídos também participem e dialoguem, porque, só assim, é possível conseguir a paz, o que vem corroborar a nossa política externa que se orienta no sentido de procurar sempre uma solução conciliatória. Mas isso não implica que a gente se descuide; é fundamental a preparação; que a tropa esteja apta, embora, com esse espírito conciliatório que é básico, sobretudo com a atuação da própria ONU. Não obstante a participação vitoriosa da FEB nos campos da Itália, devemos considerar a falta de preparação do nosso povo para tomar parte em uma guerra. Todavia, é justo salientar que a sua participação foi decisiva, graças à reação popular, sem a qual, talvez, a entrada do Brasil na guerra tivesse demorado a se realizar. A população, realmente, indignou-se com os afundamentos dos nossos navios e a perda enorme em vidas humanas e em material que sofremos.

À nossa chegada, fomos recebidos com muita emoção e entusiasmo. Houve dificuldades em face da organização americana que teríamos de adotar, sobretudo, pela carência de especialistas. Como disse, anteriormente, eu mesmo tive de "fazer" motorista ainda na Itália. Por fim, a dispersão das Unidades que estavam espalhadas por todo o território nacional, fator restritivo à fiscalização da instrução. Entretanto, há que se ressaltar a extraordinária capacidade de criação e adaptação do brasileiro. Isso é interessante, graças ao tal "jeitinho" brasileiro, porque tínhamos a capacidade de nos adaptar àquilo que nos era imposto. Então, cito até um exemplo, praticado lá na Itália: enquanto a tropa americana usava o seu *combat-boot*, apertado, e o galochão por cima, nós tirávamos o coturno e usávamos apenas o galochão acolchoado com palha de trigo. Com isso, a tropa brasileira teve menos pé de trincheira do que o americano, que já era acostumado com o clima frio. Aliás, o frio na Itália chegava até a 20° C abaixo de zero e havia uma camada de neve de cerca de 15

a 20 centímetros. Ainda sobre as dificuldades na preparação do ex-combatente, quero até citar aqui um caso interessante: na seleção – isso é caso verídico –, apareceu um recrutado para a guerra que apresentou ao Cap Médico uma orelha troncha: então, “seu” capitão, eu tenho essa orelha desse jeito; aí, o capitão virou-se para ele e disse: olha, rapaz, não tem problema; você vai brigar é de bala, não é de caçoleta! Já na Itália, logo que desembarcamos, houve um certo impacto, decorrente do nosso uniforme, que era muito parecido com o do alemão; mas, identificado e, em se tratando de brasileiro, fomos acolhidos amistosamente, com muita alegria. E nos adaptamos perfeitamente aos costumes dos italianos. Havia perfeita identidade entre os nossos propósitos e os deles; a nossa tropa era respeitada, não havia nenhuma restrição. Mas, a situação da população civil era de tristeza, situação muito difícil de vida; dificuldade de suprimento, uma certa dissolução da família; inclusive, uma simples ração de reserva era um bem de troca extraordinário para a população civil. Quer dizer, uma cena lastimável, mas valiosa, por paradoxal que possa parecer; são as lições de vida. A esse respeito, desejo referir-me às circunstâncias que, pela proximidade relativa, agregaram-se, natural e espontaneamente, à minha experiência de guerra: antes de incorporar-me à FEB, devia apresentar-me à minha nova unidade, transferido que fora do 25º BC, em Teresina-PI, para o 5º RI, em Lorena-SP.

Minha mulher estava no sétimo para o oitavo mês de gestação do primeiro filho. Fizemos uma viagem por terra, inclusive subindo o Rio São Francisco, de um mês e dois dias.

Chegando à Lorena, vinte dias depois, nasceria a minha primeira filha. A rota do São Francisco era ainda incipiente, não havia recursos; uma simples injeção era muito difícil de encontrar quem a aplicasse. Do Crato para Juazeiro da Bahia, fomos num caminhão de rapadura; consegui arranjar um lugar para ela, na boléia, e fui em cima da rapadura. Já em São Paulo, representando o meu Regimento num Pentatlo Militar, li no jornal a minha transferência do 5º para o 6º RI: “Por ter o Curso de Comunicações, ia transferido do 5º para o 6º RI o Tenente fulano de tal e tal.” Essa foi a maneira de como eu tomei conhecimento de minha nova transferência, o prenúncio da minha incorporação à FEB.

O regime de trabalho na preparação da tropa, na Vila Militar, era muito intenso; consegui, com dificuldade, um lugarzinho para alojar a família em Copacabana, uma pensão em Copacabana. Às 4h30min, eu estava disputando um lugar para botar o pé no estribo do bonde para ir à Central do Brasil; então, quando saía, a minha filha estava dormindo, ao voltar, depois das 19 horas, ela também estava dormindo.

Ao embarcar para a Itália, não houve a despedida; na realidade, estávamos cientes de que devíamos manter o máximo de sigilo. O quartel foi interditado, os

telefones foram cortados, justamente, para manter o máximo de sigilo; porque tínhamos que embarcar em seguida. O embarque foi feito até em trem, com luz apagada. Porém, tive a oportunidade de ir à cidade para receber um fardamento; mas me senti na obrigação de não dizer nada para a minha mulher. Ela, então, passou cerca de uma semana esperando a minha volta; como não regressei, se deslocou para Teresina, para a casa dos pais.

Viajamos de navio para a Itália; a bordo, tinha direito a três refeições quem estivesse de serviço. Os outros tinham direito, somente, a duas refeições. Com relação às instalações sanitárias: não havia portas. Isto criou um certo impacto e esse impacto se estendeu, na Itália, aos acampamentos. As instalações eram idênticas; mas a isto a gente vai se acostumando.

Distante do Brasil, um grande instrumento para minimizar as saudades da Pátria, em particular da família, dos amigos e entes queridos, foi, justamente, a correspondência trocada com a minha mulher. Durante a guerra, foram 86 cartas, 317 páginas, mas, quero destacar que a minha primeira carta foi de 4 de julho de 1944, ainda a bordo, enquanto a carta dela me chegou somente em 21 de agosto, quando eu já estava engajado no Vale do Sercchio; isso, em decorrência de uma dificuldade na montagem do serviço de Correio aqui, no Nordeste. A correspondência foi, realmente, um grande instrumento e funcionava; as cartas eram entregues e provocavam uma animação muito grande.

Malgrado todas as vicissitudes e percalços da guerra, devo afirmar que valeu a pena o sacrifício como exemplo da busca incessante pela paz e da harmonia entre os homens; mas é importante que continuemos a perseguir esse objetivo. Valeu a pena, sim, como ensinamento, pois, enquanto existiam negros na nossa tropa e estávamos todos juntos, as Unidades americanas eram constituídas ou de soldados negros ou brancos, com um detalhe: as Unidades americanas de negros eram comandadas por brancos; na nossa tropa, não havia esse preconceito; levamos-lhes, inclusive, essa lição.

Após o término da guerra, ficamos instalados num povoado italiano, em casa de uma família, onde morava uma senhora idosa, com uma neta. Éramos vários oficiais, fornecíamos a alimentação e ela nos fornecia o vinho; foi a ocasião em que mais tomei vinho na minha vida.

Ao concluir, gostaria de registrar que nós, realmente, devemos perseguir, a todo custo, um entendimento, para que cheguemos à paz; e que as famílias dos militares continuem tendo o apoio, sendo integradas na comunidade militar, para que, nesses momentos de dificuldades, possam melhor resistir às vicissitudes da vida.

Coronel João Germano Andrade Pontes*

Natural da cidade de Fortaleza, Ceará, pertence à turma de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial, na Arma de Infantaria.

Na FEB, comandou a Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º RI.

Após a guerra, foi subalterno nos 29º BC – Fortaleza, CE, 2º BCCL – Santo Ângelo, RS e no 10º Pelotão Reparação Auto – Fortaleza, CE. Como Capitão, comandou a 3ª Companhia Média de Manutenção – Bagé, RS, e exerceu as funções de Ajudante-de-Ordens do General Nelson Rebello de Queiroz. Cursou as Escolas de Motomecanização e de Aperfeiçoamento de Oficiais. Serviu, como oficial superior, na Diretoria de Instrução do Exército-RJ e no QG da 10ª RM. Nesta OM foi transferido para a reserva, no posto de Coronel, em 10 de dezembro de 1964.

Recebeu as seguintes condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Seção de Morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 11 de dezembro de 2000.

Durante a segunda metade da década de 1930, o fascismo e o comunismo perseguiam o apogeu de sua expansão pelo mundo. Dentro desse contexto, começo fazendo referências a quatro nações co-irmãs, ligadas pela língua e pela história:

– O Brasil, em 1935, sofreu uma tentativa de golpe comunista, felizmente, logo abafada, embora tenha causado algumas vítimas, particularmente, no meio militar, pois essa ação foi direcionada aos quartéis. Em 1937, ocorreu a tentativa de outro golpe, já de cunho fascista, para derrubar o Presidente Getúlio Vargas; felizmente, também, foi rapidamente abafada. Ainda em 1937, o Presidente Getúlio Vargas estabelece, no País, o Estado Novo, de inspiração fascista, promulgando uma nova Constituição, moldada na Constituição da Polônia; por isso esta Constituição passou a chamar-se "Polaca";

– Portugal foi também dominado pelo governo ditatorial, de cunho fascista, de Antônio de Oliveira Salazar que durante todos esses acontecimentos, até o término da guerra, manteve-se neutro no desenrolar do conflito;

– na Espanha, em 1936, uma derrota da democracia, estabelecendo-se lá o comunismo, representado pela frente popular. Então, o Gen Francisco Franco coloca-se à frente de um movimento revolucionário nacionalista. Segue-se a guerra civil (1936-39). Durante o conflito, bastante sangrento, também chamado "Revolução Espanhola", o Gen Franco, afinal vitorioso, sempre teve o apoio da Alemanha e da Itália. Finalmente, impôs a sua autoridade e tomou conta do país, como ditador; e

– por fim, a Argentina, também dominada por um regime de inspiração fascista, na pessoa do General Juan Domingo Perón que manteve o país, durante todo o transcurso do conflito mundial, numa posição de neutralidade.

O início do conflito se deu em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha, note-se bem, ainda na segunda metade da década de 1930, provocando o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial. Já em 14 de junho de 1940, por conseguinte, um ano depois, a Alemanha toma Paris e a França capitula.

Em 10 de julho de 1940, as nações americanas se reúnem, na conferência de Havana, e chegam a um tratado de antiagressão, o que significava dizer: a nação americana que for agredida receberá a solidariedade das demais.

Antes, quando se deu a invasão da Polônia e se desencadeou o conflito, as nações americanas já se haviam reunido no Panamá, onde firmaram um tratado de neutralidade com relação à guerra. Então, a Alemanha, ocupando a França, efetivamente se apoderou da Europa Ocidental, ficando a Inglaterra praticamente só, confinada na sua ilha, protegida apenas pelo Canal da Mancha.

De 1940 a 1941, a Inglaterra foi duramente atacada pelos alemães, mas resistiu bravamente.

Com relação ao Brasil, o nosso governo vinha alimentando algumas simpatias pela Alemanha, inclusive no meio castrense, onde alguns militares eram influenciados, no meu entendimento, por três fatores: nosso governo, sob a égide do Estado Novo, sofria a influência fascista; as espetaculares vitórias dos alemães na Europa, deixavam o mundo *bestificado*, pois, em curtíssimo prazo, a Alemanha tinha dominado, praticamente, grande parte da Europa; a imigração de novas gerações de alemães, italianos e japoneses, que vieram para o Brasil, particularmente para a região Sul, onde se estabeleceram, justamente a mais desenvolvida do País. Essas levas de imigrantes passaram a exercer influência naquela área de nosso País, área de grande importância para o Brasil, e até estimularam a simpatia do governo, em relação à Alemanha. Para se avaliar a influência dessas correntes imigratórias, eu citaria aqui o caso de um cadete, meu colega de turma, gaúcho, oriundo, se não me engano, de Santa Cruz do Sul, uma cidade que acolhia muitos colonos alemães. Esse cadete, influenciado pela convivência, desde criança, com os colonos, tinha uma verdadeira paixão pelos alemães. Nós o apelidamos de "Germanófilo", porque ele não deixava de, diariamente, ler os jornais do dia e vibrar com toda e qualquer vitória alemã de que tivesse notícia. Por outro lado, havia, no Rio Grande do Sul, organizados por esses colonos alemães e italianos, movimentos de simpatia para com a Alemanha. E isso, quase sempre, de forma ostensiva.

Chegamos a 22 de junho de 1941. Nesta data, efetivou-se o ataque à Rússia pela Alemanha. Apesar de a Alemanha ter um tratado de não-agressão com a Rússia, a invasão se consumou. Cabe fazer alguns comentários sobre essa decisão fatal para o nazismo. Realmente, a Alemanha, sentindo-se dona da Europa Ocidental e despreocupada com a Inglaterra, achou que seria oportuno invadir a Rússia e conquistá-la a curto prazo. Infelizmente, para os nazistas, os acontecimentos não lhes foram favoráveis e, particularmente, o inverno rigoroso, que se antecipou um pouco, prejudicou, decisivamente, as pretensões alemãs.

Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacam Pearl Harbor, base aeronaval americana, onde estava estacionado expressivo contingente de sua Marinha de Guerra que sofreu pesadas baixas. Esse ataque deixou certas dúvidas, que ainda hoje perduram, quanto às reais razões de sua iniciativa.

Ora, a invasão alemã da Rússia ocorreu a 22 de junho de 1941; depois, a 7 de dezembro, deu-se o ataque japonês a Pearl Harbor. O Japão, que pretendia impor uma nova ordem à Ásia, manifestava-se como o terceiro aliado do "eixo" que agora se definiria como "Berlim-Roma-Tóquio". Que razões ocultas teriam levado o "eixo" a abrir duas frentes, com extremo risco para a manutenção do seu sucesso na Europa Ocidental? A Rússia, por si só, já exigia um esforço muito grande por parte da

Alemanha, que não podia contar com um sucesso garantido. A agressão japonesa a Pearl Harbor, portanto, atrairia a imediata reação americana contra o "eixo", o que lhe poderia ser fatal. Será que os estrategistas do "eixo" não enxergaram essas evidências? Subestimaram a potencialidade bélica dos Estados Unidos? Ou houve, por trás de tudo isto, outros ingredientes de que não se tem conhecimento? O fato é que manter uma nação, com a expressão dos EUA, fora da guerra só poderia trazer muitas vantagens para os objetivos do "eixo". E os Estados Unidos, que vinham mantendo neutralidade, em face da agressão nipônica, imediatamente declararam guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão, surpreendendo o mundo com sua máquina de guerra jamais sonhada sobre a Terra. Rapidamente, colocaram-se em condições de enfrentar o inimigo, com enormes efetivos militares bem treinados e com a produção de armamento de todo o tipo, chegando, inclusive, a destinar parte para que a Rússia se defendesse dos alemães. Temos a impressão de que tanto a Alemanha como o próprio Japão surpreenderam-se com a impressionante capacidade de o povo americano responder àquela agressão, com tal rapidez e competência.

O Brasil, diante da agressão em Pearl Harbor e da declaração de guerra dos EUA ao "eixo", teve que honrar os compromissos assumidos no pacto de antiagressão, solidarizando-se com a nação americana, apesar das simpatias do governo brasileiro para com a Alemanha. Conseqüentemente, em 28 de janeiro de 1942, o Brasil anunciou ao mundo o rompimento de suas relações diplomáticas com as nações do "eixo", Alemanha, Itália e Japão. Essa decisão brasileira atraiu, de imediato, a reação da Alemanha, que passou a torpedear nossos navios mercantes, vitimando 31 navios nossos e causando a morte de, mais ou menos, 950 brasileiros. Em decorrência disto, não restou outra alternativa para o Brasil senão reconhecer o estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália, o que ocorreu a 22 de agosto de 1942.

Inicialmente, talvez por pressão dos EUA, pensou-se em organizar um contingente de cinco divisões e enviá-las ao Norte da África, onde atuavam, desde 1941, com algum sucesso, forças ítalo-germânicas sob o comando do General alemão Johann Erwin Rommel. Aqui cabe um comentário importante sobre a posição geográfica do Brasil em relação à África. A região Nordeste do Brasil se lança sobre o Oceano Atlântico na direção da África, formando o chamado "saliente nordestino", estreitando a distância entre Natal e Dakar. A atuação ítalo-germânica no Norte da África inspirou a hipótese de que o inimigo, dominando aquele continente, atravessasse o Atlântico e viesse conquistar o Brasil, ameaçando a América Central e, conseqüentemente, o Sul dos EUA. Por isso, em meados de 1941, o Governo brasileiro criou o Teatro de Operações Norte-Nordeste que, também, respondia às preocupações norte-americanas. Entretanto, em novembro de 1942, as forças anglo-americanas expul-

sam os alemães do Norte da África e o ocupam. Daí, preparam-se para a invasão da Sicília, que empreendem em 9 de julho de 1943. Desta forma, os EUA estenderam sua atuação a dois teatros de operações: o do Pacífico, onde já se fazia presente, desde Pearl Harbor e, agora, o da Europa. Isto exigiu um esforço titânico que o americano soube vencer com capacidade e competência, como já disse. Diante de tudo isso, o Governo brasileiro se esforçou em protelar, o quanto possível, o envio de uma Força Expedicionária para a Europa. No meu entendimento, alguns fatores pesaram nessa tomada de decisão do nosso governo: aguardar uma definição mais precisa dos rumos da guerra e dos recursos necessários para nela tomar parte; possuir consciência plena do nosso despreparo para uma guerra no estilo da que se desenvolvia; conhecer melhor o ônus que iria incidir sobre o nosso tesouro, para suprir as necessidades emergentes. Tudo sem esquecer a intenção humanitária do nosso presidente de evitar o sacrifício de preciosas vidas brasileiras. Contudo, os fatos foram evoluindo e, com o sucesso da invasão e conquista da Sicília, pelos aliados, foi estruturada a Força Expedicionária Brasileira – FEB –, pela Portaria Ministerial nº 47/44, de 9 de agosto de 1943. Da Sicília, os aliados passaram, também com sucesso, para o território continental italiano. Antes, porém, de comentar-se a efetiva preparação de nossa FEB, é importante que se esclareça a colaboração americana no Nordeste. A criação do TO Norte-Nordeste impôs a ampliação imediata dos meios militares para a defesa da área da Amazônia e dos estados nordestinos. Assim, além dos grandes comandos, foram criados os 14º, 15º e 16º RI, com sedes em Recife, João Pessoa e Natal, respectivamente, acompanhados de unidades de artilharia antiaérea e de costa. Em Fortaleza, instalou-se a 10ª Região Militar, o 29º BC, e foram reforçados outros elementos militares já existentes. Fruto do acordo entre os governos americano e brasileiro, instalaram-se, também, as bases aéreas de Belém, Natal e Recife, que contaram com o apoio maciço dos EUA. Vê-se, portanto, que já havia uma intensa movimentação militar no Nordeste do Brasil, quando se iniciou a efetiva preparação para a FEB, a partir de sua criação, em agosto de 1943. Integrava a FEB a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, com um efetivo de 25 mil homens, mobilizados em todos os estados e concentrados no Rio de Janeiro, onde eram distribuídos por Unidades e recebiam as primeiras instruções para a guerra. Era esta, a um só tempo, a constituição, a organização e a preparação da FEB. As dificuldades foram muitas: a exigüidade de tempo, que apressou as etapas de preparação; a carência de meios e de métodos para uma preparação à altura exigida pela guerra moderna e a incompleta preparação física, psicológica e técnica do combatente. Mesmo assim, no dia 2 de julho de 1944, embarcou para a Itália, no navio americano *General Mann*, o 1º escalão composto do 6º RI, com um efetivo de 5.075 homens. O 2º escalão embarcou no dia 22 de setembro

de 1944, nos navios *General Mann* e *General Meighs*, composto do 1º RI (Regimento Sampaio) e do 11º RI, com um efetivo de 10.375 homens. A este 11º RI, de São João Del Rei, fui incorporado como aspirante, saído da Escola Militar do Realengo, na Arma de Infantaria. O 3º escalão embarcou no dia 23 de novembro de 44, no *General Meighs*, com o efetivo de 4.691 homens destinados a substituições e preenchimentos de claros. O 4º escalão embarcou no dia 8 de fevereiro de 1945, também, no *General Meighs*, com 5.082 homens, para as mesmas finalidades do pessoal anterior. Estes escalões, depois de 14 dias de viagem, desembarcavam normalmente em Nápoles, na Itália, de onde seguiam para as áreas de treinamento, nas frentes de batalha. Desta forma, completou-se a nossa 1ª DIE, no Teatro de Operações da Itália.

Bem, o meu Regimento, o 11º RI, saiu daqui a 22 de setembro de 1944, chegando a Nápoles em 6 de outubro de 1944. Logo que cheguei à Itália, procurei visualizar o quadro geral da situação da guerra e confesso que tive uma sensação de muito otimismo, ao constatar que a Alemanha já estava irremediavelmente derrotada e que, no mais tardar, no verão de 1945, ela capitularia. O sucesso dos aliados na Normandia tinha sido de tal ordem, que não deixava dúvida a respeito da capitulação da Alemanha. De início, senti não estar integrado numa tropa suficientemente preparada para enfrentar os soldados que me pareciam os melhores do mundo e mais bem equipados, que eram os alemães. Ao verificar aquele quadro geral, fiquei um pouco mais tranqüilo na esperança de abreviarmos o período de tensões.

Logo que chegamos, tivemos que nos adaptar ao clima frio da entrada do outono e passamos a receber armamentos, munições, viaturas, fardamentos etc. Fomos incorporados ao IV Corpo de Exército, sob o comando do Gen Willis D. Crittenberger, que integrava o V Exército dos Estados Unidos. Não houve tempo para fazermos qualquer preparação. Logo em seguida, o nosso Regimento fez uma manobra muito sucinta e superficial, para que nos colocássemos em condições de entrar em combate. Realmente, em 29 de novembro de 1944, o meu Batalhão, o I/11° RI, teve o seu batismo de fogo. Recebemos a missão de substituir o I/1º RI, por ter esta Unidade sofrido pesadas baixas ao atacar Monte Castelo e que integrava um grupamento com o III/6º RI e o III/11º RI. Saímos apressadamente e sem qualquer estudo de situação para cumprir aquela missão de combate.

Esse apressuramento e essa falta de conhecimento da situação nos acarretaram certa dificuldade. De fato, uma tropa iniciante, que iria fazer o seu batismo de fogo, ao substituir um Batalhão que estava sendo dizimado, só poderia estar muito tensa para o cumprimento da missão. Por outro lado, o alemão estava seguro por ter repelido o ataque inicial e, certamente, por saber que enfrentava uma tropa inexperiente, que estava entrando em ação. Por isso, eles resolveram fazer um ver-

dadeiro *show* pirotécnico. Esse *show* consistia numa demonstração de força, com todas as armas: morteiros, granadas, canhões, metralhadoras e alguns pequenos movimentos com tropa, fazendo parecer que iam desencadear um ataque. Isso tudo foi concentrado em cima de uma companhia do meu batalhão. Essa companhia se sentiu insegura e perdeu um pouco da impulsão. Felizmente, contávamos com um reforço do Batalhão do 6º RI, e a situação foi resolvida.

Logo após a esse nosso batismo de fogo, deu-se o terceiro ataque a Monte Castelo, do qual não participei, pois minha Unidade ficara em reserva. Já entrando o inverno, estabeleceu-se uma linha defensiva; não se pensou mais em qualquer ação ofensiva de grande porte. Eu comandava uma seção de morteiros da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão. Então, passou-se a buscar o contato através de bombardeios: bombardeios para lá, bombardeios para cá. O nosso comandante de Batalhão tomou a iniciativa de enviar patrulhas para tentar conquistar, até por golpes de mão, determinados pontos nos quais se identificasse a presença do alemão. Assim, fizemos várias patrulhas que, infelizmente, não tiveram completo êxito porque o alemão estava muito bem aferrado ao terreno e decidido a defender, a qualquer custo, as suas posições.

Nessa fase das patrulhas, através de uma referência, farei uma homenagem a um herói. Trata-se do sargento Max Wolf Filho. Este sargento exercia sua função no Posto de Comando do Batalhão. Logo, não tinha nada que participar de operações de guerra; sua função era burocrática. Mas, quando começaram as patrulhas, ele, que tinha uma ânsia de tomar parte ativa nas ações de combate, pediu ao Comandante do Batalhão que o autorizasse a integrar uma patrulha. O comandante disse: "Mas rapaz, você não tem prática de combate." Ele respondeu: "Mas eu quero ir, lá eu me sinto melhor. Então, o Comandante do Batalhão aquiesceu e ele, realmente, participou de umas três ou quatro patrulhas. Nesse ínterim, veio uma ordem da Divisão para indicar um sargento para ser promovido a oficial, a tenente, por ato de bravura. Então, o Comandante do Batalhão pensou logo no sargento Wolf e o indicou para a promoção. Antes, como era certo de que ele iria ser promovido, foi-lhe dado, para comandar, um Pelotão especializado em patrulhas. E, por coincidência, durante as ações da primeira patrulha que ele iria fazer à frente desse Pelotão, recebi a incumbência de dar-lhe apoio com a minha seção de morteiros. Mas o sargento estava com tal disposição para lutar e vencer que, possivelmente, faltaram-lhe as precauções para cumprir a missão. Uma patrulha tem que ser conduzida com muita cautela e muita segurança, para poder ir adiante. Ele saiu à frente do seu Pelotão e, quando abordou a elevação, que era o objetivo final, com aquele entusiasmo de tornar-se vitorioso, descuidou-se um pouco de si próprio e, ao galgar aquela elevação, foi

metralhado e morto, ali mesmo. Presenciei tudo de minha posição. Com esse acontecimento, a patrulha foi desfeita e tive que desencadear verdadeira barragem de morteiro, para que o Pelotão retraísse, sem maiores problemas. Ele foi o único que morreu no episódio. Por isso, foi um bravo, um herói, e merece toda a nossa homenagem pela sua valentia e desprendimento nessa fase defensiva.

Em seguida, minha seção de morteiro foi mandada para a região de Crociali e Iola, uma linha onde existiam umas posições de defesa, para protegê-la. Nessa ocasião, cumprimos várias missões de tiro com morteiro e recebemos outros tantos de morteiro e de canhão. Finalmente, chegamos à pré-primavera.

Em 19 de fevereiro de 1945, a 10ª Divisão de Montanha americana executou um ataque ao maciço que se chamava Belvedere. Essas elevações eram vizinhas, contíguas a Monte Castelo (à sua esquerda, a oeste), e a tomada desse maciço de Belvedere era muito importante para que se pudesse efetuar o ataque a Monte Castelo. Realmente, os americanos lutaram com muita bravura, com muita dificuldade, mas conseguiram conquistar o maciço de Belvedere. Assim, o nosso 1º Regimento de Infantaria, dois dias depois, no dia 21 de fevereiro de 1945, recebeu a missão de atacar e conquistar Monte Castelo.

Foi justamente o mesmo Regimento que já havia participado, em circunstâncias adversas, de malogrados ataques anteriores. Então, nesse quarto ataque, conseguiu conquistar com muita honra e muito brio o baluarte que era Monte Castelo.

Importante a queda desses dois maciços, Belvedere e Monte Castelo, pois assegurava a ruptura da Linha Gótica, uma linha de defesa dos alemães, de vital importância, que se estendia de La Spezzia, na Ligúria, a Rímini, no Mar Adriático, com uma extensão de mais ou menos 300km.

Logo após a conquista daqueles dois objetivos, isto é, dois meses depois, já no início da ofensiva da primavera, em 14 de abril de 1945, o meu Batalhão teve uma ação de muito destaque, que foi a conquista da cidade de Montese, destacando-se, no comando do seu Pelotão, o Tenente Iporan Nunes de Oliveira, colega meu de turma, que se comportou com muita bravura e competência naquela vitória espetacular.

Conquistada a cidade de Montese, como sempre, não se fez esperar a rigorosa reação alemã partida das elevações que a circundavam. Coube a Batalhões dos 1º e 6º RI repelir os contra-ataques alemães que, apesar de se mostrarem muito eficientes, começaram a dar sinais de algum afrouxamento, talvez pelo fracasso em outros pontos da chamada "Linha Gengis Khan", o que se confirmou, logo em seguida, através da comunicação do V Exército, da abertura de uma brecha na região de Tole, no dia 17 de abril de 1945. Nessas circunstâncias, os alemães iniciaram uma retirada, e a nossa 1ª DIE, além de manter a proteção do flanco esquerdo do V Exército,

prosseguiu pela margem direita do Rio Panaro, em clima de aproveitamento do êxito, conquistando a região de Zocca em 21 de abril e as cidades de Vignola e Marano, no dia 23, tendo antes, no dia 22, passado para a margem esquerda do Panaro. Termina aqui a fase de aproveitamento do êxito, inicia-se a de perseguição, pois as tropas alemãs começaram a retirada para oeste, em grande velocidade. Nossa Infantaria não era motorizada e a situação de perseguição exigia maior velocidade que a do perseguido. Aqui, uma decisão inusitada, feliz e de grande alcance do nosso Comandante, General Mascarenhas de Moraes: motorizar a Infantaria com as viaturas da Artilharia. Desta forma, nossas tropas se lançaram, velozmente, pela Planície do Pó, na direção noroeste. Em manobra de duplo envolvimento, atingiu a região de Collechio – Fornovo – Respicio, onde, na noite de 27 para 28, deram-se alguns combates e, entre os dias 29 e 30, efetivou-se a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, de remanescentes da 90ª Panzer e da Bersaglieri italiana, num total de 14.779 homens, incluindo dois generais: o General alemão Otto Fretter Pico e o italiano Mario Carloni. Nessa arrancada, chegamos a Piacenza e, em seguida, a Alessandria, no Norte da Itália. Três dias depois, a 2 de maio de 1945,deu-se a rendição incondicional de todas as tropas ítalo-germânicas existentes no *front* italiano e, a 8 de maio, a rendição geral em todo o Teatro de Operações europeu.

Assinada a paz, começamos a pensar em nossa volta para o Brasil. Deslocamonos de Alessandria para Nápoles, o porto onde iríamos tomar os navios americanos de transporte de tropas, para o nosso regresso. Ficamos em Nápoles, aguardando o transporte, de 08 de maio a 4 de setembro de 1945. Por conseguinte, passamos quatro meses esperando o navio. Foi uma fase de muita alegria, muito conforto, porque saímos vitoriosos e dispúnhamos de todas aquelas atrações da Itália, das suas obras de artes, de sua história. Aquele período nos proporcionou o conhecimento das maravilhosas cultura e civilização italianas. E por que não dizer? Sentir os encantos das italianas. Então, uns iam apreciar os encantos das italianas, outros iam explorar aquelas belezas, aquela história, aquelas edificações romanas, numa inesquecível despedida. Deixamos a Itália no dia 4 de setembro de 1945 e chegamos ao Brasil no dia 17 do mesmo mês.

Imediatamente, fomos desmobilizados e cada qual tomou o seu rumo. O interessante é que, dois dias depois eu estava num hotel, ali no Flamengo, numa sala de espera, quando ouço a notícia da deposição, pelos militares, do Presidente Getúlio, o que me pareceu significar a conseqüência coerente da nossa participação vitoriosa na II Guerra Mundial, contra a ditadura nazi-fascista.

Esses são os comentários que me cabia fazer sobre o maior conflito armado do século XX.

É interessante fazer algumas observações sobre aspectos e circunstâncias desse conflito, necessárias a maiores esclarecimentos de algumas peculiaridades que dizem respeito ao Brasil e ao comportamento do nosso homem no campo de batalha. Quando se decidiu pelo estado de beligerância, sabia-se que enfrentaríamos dificuldades próprias de nossas condições nacionais. O homem brasileiro, simples, de índole pacífica, iria enfrentar o melhor e mais bem equipado soldado do mundo, como era considerado o alemão. A disponibilidade de tempo era exígua e precárias eram as condições de recursos humanos e materiais. Nossa formação militar vinha da escola francesa, de concepção mais defensiva que ofensiva, o que se conflitava com a doutrina moderna. Os encargos financeiros, com que teríamos de arcar, extrapolavam as condições do tesouro nacional. Essas eram as principais dificuldades para organizar e preparar a nossa Força Expedicionária. Mas conseguimos ultrapassar esses obstáculos, ao nosso modo, com muito sacrifício e força de vontade, apelando para uma espécie de autodidatismo em termos de instrução militar; aproveitando alguns manuais traduzidos do inglês, os oficiais começaram a transmitir aos nossos soldados novas técnicas de combate. Quanto ao aspecto logístico e material bélico, não tivemos maiores problemas, porque fomos apoiados pelo Exército Americano que se mostrou extraordinariamente capacitado. Com referência à assistência social, psíquica e religiosa, conforme já me referi, atenderam às necessidades, sobretudo a assistência religiosa que foi solícita em todos os momentos. No que se refere ao desempenho da FEB, nos campos de batalha da Itália, já pus em evidência os seus heróicos feitos. Todavia, impõem-se, ainda, alguns comentários que ratificam esses feitos. Os alemães, escorraçados do Norte da África, da Sicília e da Itália meridional, pelas forças anglo-americanas, fincaram raízes nas principais montanhas dos Apeninos (Linha Gótica) e de seus últimos contrafortes (Linha Gengis Khan). A FEB, ao chegar à Itália, recebeu, inicialmente, a missão de atuar no vale do Rio Serchio, que se defrontava com as posições alemãs mais a Oeste da Linha Gótica. Posteriormente, a FEB, já na expressão de sua 1ª DIE, foi deslocada para o vale do Reno, onde recebeu o setor de atuação que enquadrava Monte Castelo e Castelnuovo. Monte Castelo era o maior bastião defensivo naquela área. Conquistá-lo significaria iniciar o desmoronamento da defesa germânica. Esta missão coube à nossa 1ª DIE que, após três insucessos, devidos a fatores adversos, num quarto ataque conquistaria, gloriosamente aquele baluarte. Montese era outra fortaleza defensiva alemã, situada na Linha Gengis Khan, como porta de entrada para o Vale do Rio Panaro que conduziria à planície do Pó. Nosso comandante, o Gen Mascarenhas, que recebera a missão secundária de cobrir o flanco esquerdo do IV Corpo-de-Exército, propôs, com a concordância daquele grande comando, atacar Montese. Aquela estupenda vitória pro-

moveu a nossa 1ª DIE aos melhores níveis de desempenho das tropas aliadas na Itália. A cidade de Montese foi conquistada no dia 14 de abril de 1945.

Nada mais significativo para a 1ª DIE do que o reconhecimento do Gen Crittenberger, expresso nas seguintes palavras, na manhã de 15 de abril: "Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade." Este feito da 1ª DIE, combinado com outros no âmbito do V Exército, fez desmoronar a Linha Gengis Khan, permitiu o lançamento de nossas tropas na Planície do Pó, através do Vale do Panaro, e o aprisionamento de 14.779 ítalo-germânicos, contribuindo para a vitória completa das forças aliadas, no dia 2 de maio de 1945. Nesse período de luta, talvez como resultado de nossa afinidade étnica, estabeleceu-se uma convivência fraterna e amiga entre nossos soldados e o povo italiano, que é tão extrovertido e hospitaleiro quanto o brasileiro.

O Brasil, apesar das dificuldades enfrentadas, mereceu a consideração e o respeito de todos os países do mundo, por ter sido a primeira e única nação latino-americana a se fazer presente nos campos de batalha da Europa, o que o recomenda, ainda hoje, à composição de forças de paz que atuam em qualquer parte do Planeta. Mas, foram os italianos que mais reconheceram e agradeceram essa nossa presença. Os italianos padeceram os efeitos de um totalitarismo nazi-fascista que nós ajudamos a combater e a vencer, no seu próprio território. Mas, aqui mesmo, no Brasil, experimentamos a ação traiçoeira de alguns maus brasileiros, comprometidos com esse totalitarismo nazi-fascista, e, mais ainda, de outros renegados que, tendo vendido a alma ao comunismo internacional, de índole igual ou pior do que a do nazi-fascismo, haviam desencadeado, em 1935, a Intentona Comunista que deixou várias vítimas inocentes, entre elas 28 militares. Estes maus brasileiros ainda agem em nosso meio. Contra eles, "a melhor defesa é a eterna vigilância", como pregava o saudoso Brigadeiro Eduardo Gomes, uma de suas vítimas. Apesar de tudo isto, nós nos preparamos, fomos para a guerra e conquistamos a paz pela nossa vitória. Não me arrependo de ter contribuído, de alguma forma, para a conquista dessa paz, dessa harmonia entre os homens. Entretanto, se a toda guerra se segue uma paz, essa paz sempre deixa um pouco de preocupação, pois, muitas vezes, a própria paz que se consegue com a vitória é a semente geradora de outra guerra. Haja vista, que a Segunda Guerra Mundial foi uma conseqüência do Tratado de Paz de Versailles, assinado pelos aliados vitoriosos. A paz conquistada na Segunda Guerra Mundial, com nossa ajuda, foi geradora das guerras da Coréia, do Vietnam e da Guerra Fria, porque tivemos que aceitar a presença da Rússia e do comunismo como aliados de nossas forças para derrotar o inimigo maior.

Atualmente, estamos vivendo um período de certa tranqüilidade, pelo menos, com o afastamento de uma III GM, por causa da autodestruição do comunismo. Na realidade, o vazio ou o desequilíbrio da força gera novas ameaças de totalitarismo.

Voltando à situação interna do Brasil, na época da organização, preparação e envio da FEB para a Itália, para combater o nazi-fascismo, o País estava vivendo um regime ditatorial, denominado Estado Novo que, por coincidência, era, nos seus primórdios, de inspiração fascista. Contudo, o governo Getúlio Vargas, habilmente, soube assumir uma posição favorável à causa aliada. Uma de suas grandes decisões foi a de ter *chancelado* a indicação do nome do ínclito General João Baptista Mascarenhas de Moraes para Comandante da FEB. Eu o tenho como um grande soldado e um grande patriota. O Marechal Mascarenhas aceitou e assumiu o comando da Força Expedicionária num momento muito difícil, em que luminares da época o rejeitaram. E ele cumpriu a missão com muita competência e bravura, prestando inestimáveis serviços à nossa Pátria e ao Exército. Por último, dirijo aos jovens de minha Pátria a seguinte mensagem: “Meus caros jovens do Brasil de hoje e de amanhã, muitos são os obstáculos no caminho da vida; lembrem-se sempre de que, para percorrermos este caminho, com sucesso, existem somente quatro maneiras que se completam: conscientizar-se da importância de amar e venerar a pátria e a família, para a preservação de qualquer sociedade humana organizada como nação soberana; jamais vacilar, na defesa dos seus próprios valores, mesmo com o sacrifício da própria vida; estudar persistente e continuadamente, para enfrentar os embates que hão de vir, e, trabalhar, com competência, dedicação e honestidade. Nossa Pátria vem sendo ameaçada por várias pragas de que está impregnada a nossa sociedade, particularmente, nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, entre elas: a corrupção, a desonestidade, a falta de ética, a incompetência e a impunidade. No transcurso de suas vidas, jamais permitam que as mesmas dominem as suas consciências e combatam-nas, com destemor e perseverança inquebrantáveis, para merecerem a gratidão da Pátria e poderem figurar na galeria dos grandes patriotas.”

Tenente-Coronel
Antônio de Andrade Poti*

Natural da cidade de Teresina-PI, é praça de 1938, no 25º BC, Teresina-PI. Realizou os cursos de Cabo e 3º Sargento, nesta Unidade. Freqüentou o CPOR do Rio de Janeiro; após a guerra, onde combateu como 1º Tenente R/2, Comandante do 3º Pelotão / 7ª Companhia / III Batalhão do 6º RI; fez, em 1946, o Curso de Oficiais da Reserva (COR) na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende-RJ. Foi aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Subalterno e Comandante de Companhia de Infantaria. Exerceu o comando interino do 25º BC. Em 1966, transferiu-se para a reserva no posto de Tenente-Coronel. Exerce atividades civis de relevo na política e no magistério, especialmente.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Sangue do Brasil; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; e Estrela de Bronze (Estados Unidos).

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 18 de setembro de 2000.

Iniciei a minha vida militar, voluntariamente, em 1938, no 25º BC, Teresina-PI; lá realizei os cursos de 2º Cabo, 1º Cabo e 3º Sargento, após o que segui de Teresina para o Rio de Janeiro, onde cursei o CPOR e fui convocado para servir na Força Expedicionária Brasileira.

No Rio de Janeiro, apresentei-me ao Depósito de Pessoal da FEB, localizado na Vila Militar. Aquela Unidade tinha por finalidade preparar efetivos capazes de atender ao recompletamento de claros nos 1º, 6º e 11º RI, já no *front*. A instrução era mais aprimorada do que nos escalões anteriores; recebemos instrução de preparação técnica e tática de GC a Cia (Grupo de Combate a Companhia), bem como de progressão e maneabilidade no terreno; fomos preparados para o manejo e emprego do armamento e do material americanos, assistidos pelos seus respectivos instrutores e monitores.

Finda a preparação, viajamos para a Itália, no 3º escalão, em 23 de novembro de 1944, no navio transporte *General Meighs*, com o efetivo de 4.691 homens, sob o comando do Cel Mário Travassos. A travessia transcorreu normalmente, sob escolta aeronaval. Esta escolta era constituída de um contratorpedeiro americano e três destróieres brasileiros que, constantemente, simulavam e faziam exercícios de ataque. Além disso, havia exercícios conosco, até para o abandono do navio.

A viagem durou 14 dias e chegamos a Nápoles. Lá tive a oportunidade de ver, pela destruição de edifícios, do porto e muitos navios a pique, a marca da guerra.

De Nápoles, partimos em barcaças para o porto de Livorno; de lá seguimos, por transporte rodoviário, para a cidade de Pisa. Após alguns dias, eu, com alguns oficiais, fomo-nos apresentar ao PC da 1ª DIE, localizado na cidade de Porreta Terme, onde chegamos, sob constantes tiros de inquietação da artilharia alemã. Na manhã do dia seguinte, deslocamo-nos para o *front*, onde fui integrar a 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, na função de Comandante do 3º Pelotão. A Divisão, em pleno inverno, estava posicionada numa linha paralela ao Rio Reno e à estrada 64, na parte baixa do Vale do Rio Marano, afluente do citado rio. Nossas posições eram completamente dominadas pelas elevações da cordilheira dos Apeninos, constituída por Belvedere, Monte Castelo, Gorgolesco, Santa Maria Villiana e Castelnuovo, onde se achavam as posições alemãs e a linha denominada de Gótica.

Daquelas posições, ao longo do Reno, partiu a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (Brasileira) – 1ª DIE que já estava integrada ao IV Corpo de Exército americano, para o cumprimento das missões previstas no chamado Plano Encore, cujo propósito fundamental era: expulsar o inimigo daquelas elevações e, em seguida, persegui-lo através da Planície do Pó. Ao IV Corpo de Exército estava incorporada, também, a 10ª Divisão de Montanha americana que, no dia 20 de fevereiro de 1945, às 17 horas, concluía a conquista de Belvedere, Gorgolesco

e Mazzancana, condição indispensável para a conquista do principal baluarte alemão – o Monte Castelo.

No dia 21 de fevereiro, às 5h30min, a 1ª DIE iniciava seu ataque a Monte Castelo, enquanto a 10ª Divisão de Montanha prosseguia para conquistar o Monte Della Torraccia. Às 17h30min do dia 21, os primeiros elementos do Regimento Sampaio atingiram o topo do Monte Castelo. Estava conquistada a grande posição-chave alemã, pela nossa 1ª DIE.

No dia 24 de fevereiro, após encarniçado combate, iniciado no dia 23, foi conquistada a posição de La Serra, pelo II/1º RI, Batalhão Syseno, cuja ação vitoriosa encerrava a primeira fase da ofensiva do IV Corpo de Exército. A 1ª DIE ia retomar, em início de março, a ação ofensiva. Precedendo-a, houve necessidade do reajuste do dispositivo na larga frente do IV Corpo de Exército. Concluído o mesmo, realizou-se a limpeza do Vale do Marano, pelos II/11º RI e III/6º RI, preliminares da manobra seguinte empreendida contra Castelnuovo, realizada pelo 6º RI e 11º RI no dia 5 de março de 1945. O avanço sobre o dispositivo defensivo alemão criou as condições para o desencadeamento da chamada “Ofensiva da Primavera”, que significava romper a “Linha Gengis Khan”, estabelecida sobre os últimos contrafortes dos Apeninos, ganhar o Vale do Panaro e desembocar na Planície do Pó, em clima de perseguição. Na concepção dessas novas operações, o Gen Mascarenhas de Moraes sugeriu e obteve a missão, para a 1ª DIE, de atacar a região Montese-Montello, cuja conquista levaria, fatalmente, às barrancas do Rio Panaro. Deu-se, então, a mudança de posição das duas divisões: a 1ª DIE, à esquerda; a 10ª Divisão de Montanha, à direita.

Entretanto, no meio dessa narrativa, o que me diz respeito deu-se durante a limpeza do Marano, quando a 7ª Cia, minha subunidade, e a 9ª Cia do III/6º RI fizeram o ataque a Santa Maria Villiana. Lá, na ocupação da cidade, durante violenta reação alemã com tiros e granadas de artilharia, eu, no comando do meu valoroso e intrépido 3º Pelotão, recebi o batismo de fogo. Com a decisão de atacar Montese e Montello, a 1ª DIE empregou o 11º RI que ocupou Montese e Serreto, encontrando grande dificuldade devido à forte resistência oposta pelo adversário. No prosseguimento para Monte Buffone, recebeu o reforço do III/6º RI, cuja 7ª Cia foi violentamente atacada por artilharia e morteiros inimigos. Foi aí que o meu 3º Pelotão foi muito sacrificado e eu, gravemente ferido. De Monte Buffone fui levado para o Hospital de Sangue e deste para o *Seven Evacuation Hospital*. Minha evacuação foi bastante complicada porque a equipe de padioleiros estava toda empregada noutras tarefas. A sorte minha foi o espírito de improvisação dos oficiais da 7ª Cia que arranjaram uma cama, feita de um estrado, em que fui evacuado.

Já no *Seven Evacuation Hospital*, em Livorno, meus ferimentos foram tratados e tive alta no dia 20 de maio de 1945. Viajei para Nápoles, de onde me desloquei por via aérea para Natal e, em seguida, para o Rio de Janeiro. Posteriormente, em Teresina, continuei o meu tratamento. Depois, fui para o 12º RI que, naquela época, estava com parada de sede na cidade de São João Del Rey – MG; de lá, em março de 1946, fui matriculado no COR (Curso de Oficiais da Reserva), anexo à Academia Militar das Agulhas Negras. Terminado o curso, fui para o 25º BC; mais tarde freqüentei a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e, como major, voltei a servir no 25º BC, que comandei, interinamente; logo em seguida, passei à reserva do Exército, no posto de Tenente-Coronel.

Estes foram os aspectos mais importantes de minha participação na Segunda Grande Guerra e de como acompanhei, da minha humilde posição de comandante de Pelotão, o desenvolvimento das operações da nossa heróica 1ª DIE. Entretanto, há que se comentar alguma coisa que nos chamou a atenção, ocorrida antes da ativa participação do Brasil na Segunda Grande Guerra.

Ponho em evidência, nessa época, a importância estratégica do saliente nordestino, em face da ocupação do Norte da África, pelas forças ítalo-germânicas. Tanto o governo americano, como o brasileiro, verificaram as possibilidades de uma agressão ao Nordeste, com ameaça ao flanco sul dos Estados Unidos, incluindo o Canal do Panamá. Então, vislumbrou-se a necessidade da criação desse teatro. No acordo constava que os Estados Unidos ficariam responsáveis pela defesa das rotas marítimas e do espaço aéreo e o Brasil ficaria com o encargo, utilizando o seu efetivo militar, de defender o espaço territorial continental.

Foram ativadas e criadas outras bases navais com o apoio dos americanos e o Exército organizou novas unidades militares; entre estas, o 29º BC em Fortaleza, o 14º RI, em Recife, o 15º RI, na Paraíba, o 16º RI em Natal e outras mais, o que significa que o efetivo da Força Terrestre aumentou bastante, pois a defesa do nosso território era problema do Brasil.

Outro aspecto interessante, que deve ser comentado, foi o apoio, o estímulo e a motivação que a opinião pública emprestou ao "pracinha", tanto na sua partida como no seu regresso da guerra. Os aplausos e o forte calor humano demonstrados expressavam o carinho com que o povo e as autoridades viam aqueles jovens que iam defender o Brasil, fora do continente americano.

Durante a travessia, o que mais me chamou a atenção foram as manobras realizadas pelos navios da escolta, principalmente, pelos destróieres que simulavam e executavam exercícios de ataques e, muitas vezes, depois de um alarme, faziam interessantes volteios para localização de submarinos e lançavam bombas de profundida-

de. Nós, também, freqüentemente, fazíamos exercícios de preparação para o abandono do navio. Durante a campanha propriamente dita, contávamos com a solidariedade constante e efetiva de todos: superiores, companheiros e subordinados.

Já na campanha, lembro-me de que as patrulhas, ao retraírem com dificuldades, sob pressão, contavam com o apoio da Artilharia que fazia fogos de proteção, a fim de poupar vidas e permitir o recolhimento de feridos.

As visitas constantes aos Postos de Comandos dos escalões superiores, onde nós éramos sempre recebidos, com muita consideração e apreço, eram outra demonstração de solidariedade. Lembro-me, ainda, do carinho e da atenção do capelão, quando recuperei os meus sentidos, no pronto-socorro, pois apoiava a minha cabeça na sua perna, passava um algodão molhado nos meus lábios e, quando eu balbuciava água, ele dizia: “Olhe, você vai beber muita água, quando chegar ao hospital.”

Além desse espírito de solidariedade próprio do brasileiro, a nossa passagem pela FEB revelou outro aspecto muito interessante do povo brasileiro que parece uma espécie de vocação para conviver com as agruras de novas situações com que a vida nos surpreende. Como sabemos, o potencial étnico brasileiro, constituído das três raças, a negra, a índia e a branca, deu-nos uma capacidade enorme de adaptação às dificuldades e de aceitar as situações difíceis.

Quanto a mim, sempre fui dado a um certo aventureirismo, o que me tornava ansioso pela nossa partida para a Itália e me fazia até achar normais as situações vividas em combate. Entretanto, o ferimento que recebi me trouxe traumas profundos, inclusive a perda dos meus sentidos por mais de dois dias. Então, o despertar e a posse dos meus sentidos foram as maiores emoções que tive na minha vida. A volta para o Brasil, a recepção do povo e das autoridades, quando me desloquei, para continuar os meus tratamentos na minha cidade natal, foram, também, momentos de grande alegria e júbilo. As piores emoções ocorreram na batalha de Montese, quando recebi uma carta de minha noiva e, na parte censurada, li a palavra morte. Lembro-me de que chorei muito, pensando tratar-se de meu pai. O impacto do ferimento foi outra emoção indesejável, pois jamais aceitei ser ferido ou morrer.

Constatei um outro fato que me magoou profundamente e marcou a minha vida: quando, no comando do meu pelotão, verifiquei que o 3º Sgt, comandante do 1º GC, estava em estado de embriaguez e agressivo, no momento de um ataque alemão às nossas posições. Isto me causou e ainda me causa estranheza.

Tudo isto, porém, são fatos passados que já entraram para a história. Ainda com relação ao nosso combatente, observei uma outra peculiaridade muito própria do nosso povo, que é a capacidade de improvisação, certamente, devido às suas origens étnicas. Eu mesmo improvisei muitas coisas, tais como: cerca de arame com

armadilha de granada de mão; os montes de latas vazias que eu arrumava, protegidas por uma tábua que, quando acionada por um fio de tropeço, fazia-as espalharem-se, provocando enorme barulho que anunciava a aproximação do inimigo às nossas posições.

Como é de se imaginar, a vida do combatente não é fácil. Apesar de toda a nossa capacidade de adaptação a situações novas, enfrentamos problemas que foram minorados, em muito, pela assistência dedicada que recebemos. A assistência social se fez presente através das cartas, dos pequenos presentes, das fotografias que recebíamos do Brasil. A psíquica se manifestava através do rodízio para o lazer na retaguarda, com a convivência e o estímulo dos amigos. Quanto à religiosa, sentiam-se o carinho e a dedicação com que os capelães nos tratavam nas situações mais difíceis. Lembro-me, com muito carinho, de quando me dirigia ao PC do III Batalhão do 6º RI e, nas minhas pesadas brincadeiras com o capelão, este, sorrindo sempre, procurava orientar-me para a doutrina e para a fé.

Mudando agora um pouco para outro tema, julgo conveniente lembrar que, antes mesmo de entrarmos em estado de guerra, já sofríamos a ação maléfica dos nazi-fascistas e dos comunistas brasileiros que, traindo a sua pátria, informavam à cúpula germânica tudo o que acontecia aqui, no Brasil. Inicialmente, enquanto a Alemanha mantinha o tratado de não-agressão com a Rússia, associavam-se, nesse trabalho sujo, nazi-fascistas e comunistas; quando a Alemanha invadiu a Rússia, os comunistas abandonaram seus sócios e se bandearam para os aliados. Portanto, a traição comunista de 1935 se fez novamente presente nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial e ajudou a se consumarem os crimes contra nossos compatriotas mortos no afundamento de vários navios, em nosso mar territorial.

Assim, experimentamos essas tentativas de domínio dos comunistas e nazi-fascistas. A nossa religião, através da Bíblia, dava-nos exemplos do semblante da traição. Agora, os comunistas e nazi-fascistas, com outra máscara, assomam à globalização e à tentativa de usurpação da Amazônia.

Aí está o inimigo potencial, mimetizado de bonzinho, que, através de suas pusilanimidades, pretende assenhorear-se de parte considerável de nosso território e de nossas riquezas. Mesmo assim, com as evidências de que se tem conhecimento, ainda há brasileiros afirmando que “não temos inimigos, não há ameaça de guerra, portanto, não precisamos de Forças Armadas”.

Ledo engano. Ninguém prepara uma força armada apenas no momento em que eclode uma guerra. Uma força armada tem caráter permanente e tem que estar sempre e adequadamente preparada para enfrentar a guerra, só assim obtém a paz, que é o seu objetivo primordial. É a velha sentença dos romanos: “Si vis pacem para

bellum." Uma força armada adequadamente preparada já é, por si só, capaz de, muitas vezes, dissuadir um adversário. A sentença romana vem a calhar perfeitamente sobre a formação do militar brasileiro que, sendo pacifista, jamais sofreu derrota ou empreendeu guerras de conquistas territoriais. Mas é necessário, imprescindível, que esteja sempre preparado para a luta. Por isso, apesar dessa formação pacifista e dos "corre-corres" para ultimar a preparação da FEB, os nossos combatentes não ficaram atrás dos melhores soldados de sua época, o que significa que o Exército Brasileiro sempre esteve preparado para a guerra, embora sem o objetivo de conquista, mas, sempre, no sentido dissuasório.

É certo que tivemos a sorte de lutar em solo italiano, junto a um povo com quem temos grandes afinidades. Tudo nos unia: a mesma origem latina, a capacidade de adaptação, a hospitalidade; tudo isso concorreu para um grande entrosamento que proporcionou um belo aconchego, num momento difícil para as duas raças. Lembro-me de que, ao nos aproximarmos de qualquer grupo de italianos, éramos recebidos como velhos conhecidos e amigos e vinha logo aquela amistosa pergunta: *"siete brasiliani?"*

Mas, voltando ao papel importante desempenhado por nossa 1ª DIE, no âmbito do V Exército americano e, especificamente, no cumprimento do Plano Encore, devo comentar aqui um fato muito auspicioso. Como sintetizei atrás, esse plano previa, numa primeira fase, a expulsão do inimigo das elevações dos Apeninos, e, numa segunda fase, após o rompimento da chamada "Linha Gengis Khan", a sua perseguição, ao longo da Planície do Pó. Assim, a porta de entrada era a região que compreendia Montese, Serreto, Monte Buffone, Possessione e Montello. Coube à 1ª DIE, que já havia conquistado Monte Castelo, submeter, pelas armas, essa região que formava o extremo flanco esquerdo (Oeste) do V Exército americano e, conseqüentemente, do IV Corpo de Exército, a quem estava subordinada a nossa Divisão.

No dia 14 de abril de 1945, a 1ª DIE iniciou o ataque a Montese cuja posse manteve até o desmantelamento total das posições alemãs da "Linha Gengis Khan". Após este feito heróico, o Gen Willis Crittenberger, comandante do IV Corpo de Exército, perante os oficiais de seu Estado-Maior, assim se referiu à 1ª DIE: "Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade." Já no dia 19 de abril, a 1ª DIE se encontrava no médio Panaro, em clima de aproveitamento do êxito, na direção do Rio Pó, em cuja planície, após ter atravessado o Rio Panaro, lançou-se, alcançando a região de Collecchio – Fornovo – Respiccio, às margens do Rio Taro. Aí, cortou, definitivamente, a retirada das tropas alemãs, recebendo a rendição incondicional

da 148ª Divisão de Infantaria e remanescentes da 90ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri Itália. Nessa ocasião, foram feitos 14.779 prisioneiros, sendo dois generais: o Gen Otto Fretter Pico (alemão) e o Gen Mario Carloni (italiano). Neste ponto a gente já sentia aproximar-se o fim da guerra e a ânsia em retornar ao Brasil fazia com que as saudades apertassem ainda mais. Os lenitivos para esses sentimentos eram vários e diversificados: a correspondência de nossos familiares e amigos; as notícias vindas do Brasil; a música brasileira, sempre presente nas nossas batucadas de retaguarda, e outros. No meu pelotão havia um soldado, o "gaúcho sanfoneiro", como era conhecido que, com outros cantores improvisados, oferecia-nos belas canções do repertório brasileiro e outras arranjadas no *front*. O mais difícil, porém, foi amenizar as saudades dos manjares do meu Nordeste. Mas tudo isso são coisas próprias da guerra que, se trouxe tantas dificuldades aos países envolvidos, forçou também a mudança de estrutura em vários deles. No Brasil, por exemplo, a cafeicultura teve que ceder espaço para a agropecuária; a indústria do aço teve seu início em Volta Redonda e se preparavam as condições para a indústria automobilística, para a evolução das comunicações e até da fase embrionária da informática. Por outro lado, a guerra fez identificarem-se, nas pessoas, valores humanos até então desconhecidos ou que se escondiam na sua simplicidade. Quantos heróis tivemos! Quantas inteligências em evidência! Quanto humanitarismo desabrochou! Não foram poucos. Um exemplo em tudo isso, o nosso comandante maior, o então General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Homem sério e honesto; dotado de inteligência privilegiada, revelada nas suas sugestões e decisões tático-estratégicas; culto por formação e tendência; persistente e austero, no cumprimento da missão, mas amigo e humano, na campanha, com seus subordinados. Este é um perfil muito superficial e sintético do nosso ínclito Marechal Mascarenhas de Moraes.

Lembro-me de uma passagem ocorrida comigo, quando fui condecorado em Porreta Terme. O Gen Mascarenhas me perguntou de onde eu era; eu respondi-lhe que era de Teresina-PI; ele, então, com aquele sorriso amigo, retrucou-me: "E onde fica esse raio de curva torta?"

A guerra ainda foi atiçar outros valores fundamentais para a humanidade: o civismo, a religião e o amor à família. Foi uma valorosa lição de patriotismo na minha vida. Em contato com diversos adeptos de outras religiões, constatei que o Cristianismo era a mais bem estruturada e a que possuía uma doutrina de fé de beleza ímpar, em comparação, por exemplo, com o Islamismo, com o Budismo, com o Judaísmo, que são, também, religiões de muita aceitação.

Agora, ao transmitir minhas palavras finais, à guisa de mensagem, surge-me à mente a lembrança de fatos ocorridos nos campos de batalha da Itália. Ainda soam

nos meus ouvidos o doloroso gemido, seguido da voz trêmula dos feridos alemães ou brasileiros, a proferirem lancinante mensagem de amor, de fé e de esperança, dirigida às suas terras e às suas gentes distantes: *"Deutschland über allues"*, para o alemão; "o Brasil acima de tudo", para o brasileiro.

Aos jovens da minha Pátria encareço que guardem esta mensagem e transmitam-na, em cadeia, às gerações futuras, sob a permanente inspiração do mandamento cristão do amor a Deus e ao próximo.

Aos nossos dirigentes, que aprimorem e intensifiquem a educação e o civismo, para que possamos ultrapassar o atraso, possibilitando ao povo brasileiro alcançar os níveis humanos de bem-estar e de dignidade mínima, e o Brasil tornar-se um modelo de harmonia e de paz entre as nações.

Benedito Barros*

Natural da cidade de Lagoa Nova-PA, verificou praça em 1942, no 29º Batalhão de Caçadores, sediado em Fortaleza.

Integrou a Força Expedicionária Brasileira, como soldado do 1º Pelotão / 3ª Companhia / I Batalhão do 6º RI.

Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Regional de Fortaleza-CE. É membro honorário do Exército dos EUA.

Exerce múltiplas atividades nas áreas do jornalismo, magistério e da administração pública.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as condecorações Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Soldado do 1º Pelotão da 3ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 29 de maio de 2000.

Era um jovem de 18 anos de idade, quando recebi, em Iguatu, onde morava, a visita de um oficial do Exército que veio convidar jovens para integrar, em Fortaleza, o 29º Batalhão de Caçadores. Eu me entusiasmei com a perspectiva de conhecer novas áreas de atuação, pois trabalhava na agricultura; para que pudesse aprender alguma coisa nova, para melhor amparar a minha família e, paralelamente, servir à Pátria, apresentei-me, voluntariamente, ao Exército.

Em 1942, viajei para Fortaleza e iniciei o serviço militar naquela Unidade. No 29º BC pratiquei as instruções de combate, o manejo de armas, recebi instrução moral e cívica; no Exército, aprendi uma série de coisas que se agregaram à minha personalidade. Hoje sinto-me honrado ao afirmar que, com a Graça de Deus, em grande parte, agradeço ao Exército pelo que sou. Como dizia, no Batalhão, exercitávamo-nos bastante na instrução de maneabilidade, de acampamento, realizando marchas forçadas, especialmente à noite, bem como participávamos de muitas outras atividades importantes para o nosso adequado treinamento. Em 1944, deveria ter dado baixa, por término de tempo de serviço; mas, devido ao estado de guerra, suspenderam o licenciamento e eu permaneci no serviço ativo.

Ainda em 1944, novamente apresentei-me voluntário, ao ser realizada a seleção, no 29º Batalhão de Caçadores, para os jovens que quisessem integrar a Força Expedicionária Brasileira. Sabia, através do noticiário de jornal, especialmente o jornal *O Povo*, que o Brasil havia declarado guerra à Alemanha e à Itália, em agosto de 1942, e que, em 1943, o Presidente da República aprovara uma Lei criando a Força Expedicionária Brasileira. Estava ciente, também, do torpedeamento dos nossos navios mercantes, nos quais haviam morrido muitos brasileiros, o que acarretara grande indignação de todos os brasileiros. A gente comentava tudo aquilo em reuniões; sem dúvida foi mais uma motivação para apresentar-me voluntário, no dia 24 de dezembro de 1944.

Depois, fizemos um desfile na Avenida Duque de Caxias e, logo em seguida, recebemos ordem de ir à casa para as despedidas dos nossos familiares. Fiquei numa expectativa muito grande; não sabia o que iria acontecer, mas estava pronto para enfrentar o futuro; ainda mais, sabia que o Brasil precisava mandar seus jovens para algum lugar, a fim de evitar que o inimigo viesse para a nossa casa. É melhor a gente brigar na casa dos outros do que deixar que um inimigo venha brigar em nossa casa; esse era o meu pensamento.

Fui despedir-me da minha família e deu-se aquele clamor; assim, uma pessoa da família segue para um lugar distante, especialmente em estado de guerra, sem saber se volta ou não, vêm aqueles lamentos, e o inevitável “chororô”. Mas, acima de tudo isso, existia o incentivo, aquela coragem transmitida pelos nossos familiares,

especialmente a que recebi de minha mãe, ao falar-me que fosse tranqüilo, pois ela iria fazer promessas e eu teria que voltar, trazendo os louros da vitória. Então viajei, junto com outros cearenses, para o Rio de Janeiro. Lá, passamos um mês, só na expectativa, esperando receber a ordem de embarque.

Havia, no Rio, um grupo de pessoas que fazia um pouco de deboche com os pracinhas, os chamados "Expedicionários"; alguém dizia: "Rapaz, esse negócio de expedicionário ir para a guerra, isso é conversa." Aí, a gente ouvia um boato que ecoava: "É mais fácil a cobra fumar do que a Força Expedicionária embarcar." Eu não entendia muito bem o que significava aquilo; depois, acabei sabendo que eram os "quinta-colunas"; traidores, pessoas que não queriam que o Brasil fosse defender a sua honra, a sua dignidade nos campos da Itália. O certo é que a cobra fumou, a Força Expedicionária embarcou e a cobra fumou na Itália. Voltamos, para a vergonha deles, para a humilhação dos maus brasileiros.

Até então a expectativa era muito grande. No Brasil podia-se sentir que muitos cearenses ficavam naquela ansiedade, naquele desejo de que o Brasil participasse; inclusive, no dia 18 de agosto de 1942, lembro-me muito bem, houve um quebra-quebra aqui em Fortaleza, quando os nossos navios foram torpedeados: eu fui trazido do quartel para manter guarda ali onde hoje é o Banco do Brasil, no centro de Fortaleza. Essas manifestações externavam a revolta do povo diante da agressão ao nosso País e, também, serviram para motivar a tropa que se preparava para lutar na Itália. Realmente, teve uma importância muito grande, porque a opinião pública desejava que o Brasil adotasse uma atitude, não de vingança, mas para mostrar que o brasileiro não era, como diz o caboclo, "gente pequenininha", mas igual a todo mundo.

Então, o incentivo que todos nos davam era muito importante, aquela força inquestionável. Por outro lado, sabíamos que existiam a Cruz Vermelha e a Legião Brasileira de Assistência, criadas à época para dar assistência aos familiares dos pracinhas e a eles próprios, reunir condições para, no regresso, desfrutarem de uma vida melhor. Tudo isso era razão de incentivo. Lembro que o povo saiu pelas ruas da cidade de São Paulo e em todas as outras cidades brasileiras, inclusive no Ceará; agitando bandeiras e faixas, pedindo ao Presidente da República que declarasse guerra à Alemanha e à Itália; legítima aclamação popular com o intuito de pressionar o Chefe da Nação e fazê-lo declarar guerra à Alemanha e à Itália.

Aqui mesmo, por exemplo, no dia em que fizemos o desfile de despedida, na Av. Duque de Caxias, na hora em que foi dado o "alto", permanecemos no local. Uma senhora de branco, que eu não conhecia, jamais a vira antes, chegou e olhou para mim; trouxe, não sei se um amuleto; trouxe-o, colocou no meu pescoço e disse: "Olha, você leva isso aqui e não o perca." Eu não entendia bem o que significava

aquele objeto. Só depois da guerra foi que eu abri, em casa; e vi que era uma oração, era o Salmo 91, que estava ali, enrolado; aquilo me deu fé e fiquei acreditando que teria sido a minha salvação, em parte, por não ter sido sequer ferido durante os combates. É a fé que a gente tem; essa fé foi aumentada quando, já na Itália, entrei numa Igreja que fora destruída, ficando só os dois oitões em pé; aí abri um armário que estava num canto e encontrei umas batinas de padre e um cordão vermelho – um cordão grande, muito bonito; acredito que era bento. Cortei-o pela metade, amarrei na minha cintura e dei a outra metade ao José Soares; José Soares Sobrinho era o meu companheiro e sempre a gente andava junto lá na campanha; aquilo me deu mais fé. Também a minha mãe me escrevia, respondendo às minhas cartas: continuava dizendo que tinha feito promessas; mantinha-se em orações por todos, certa de que o Brasil iria obter a vitória e, em breve, estaria de regresso.

No dia 8 de fevereiro de 1945, embarcamos no navio norte-americano, *Gen Meighs*, com destino a Nápoles. Já na viagem, recordo muito bem, aquela alegria dos companheiros que formavam grupos de batucadas, uns com violão, outros, com a cuíca; a turma ficava dançando, homem com homem, naquela brincadeira. Então, tudo ajudou-nos a passar o tempo mais despreocupados. Mas, por outro lado, vivíamos na expectativa de que, a qualquer hora, pudesse o navio ser atacado, embora estivesse sendo comboiado do Rio de Janeiro até o estreito de Gibraltar, por navios da Marinha brasileira, da nossa gloriosa Marinha.

Quando atravessamos a linha do Equador, houve uma comemoração muito bonita: a gente cantando, tiros, e assim por diante.

Os nossos navios voltaram de Gibraltar e nós entramos no Mediterrâneo, onde a viagem foi mais calma. A gente olhava à direita, daqui para lá, e via as cidades da costa africana. Tudo isso é lembrança que a gente tem da viagem. Aportamos no dia 22 de fevereiro em Nápoles, desembarcando logo em seguida. Seguimos para o acampamento, no povoado de Staffoli, para fazer novos treinamentos com outros tipos de armas.

Outro aspecto importante que observei, durante o tempo em que permaneci incorporado à FEB, que contribuiu para motivar e, ao mesmo tempo, elevar o moral da tropa, refere-se à solidariedade. A solidariedade dos companheiros, dos superiores e dos subalternos foi excepcional. Fazia com que a gente se sentisse como se estivesse em casa, recebendo a proteção dos nossos próprios pais. Eles nos orientavam, incentivavam-nos, preparavam-nos, tanto física como psicologicamente. Era uma amizade mútua, um negócio que brotava e crescia dentro da gente; bastava ver um companheiro com a mesma farda, falando a mesma língua, embora não o conhecesse, só pelo fato de ele estar fardado, lutando pela mesma causa, a gente ficava

com aquele sentimento fraterno; algo que nascia naturalmente e que não queria mais se soltar; "qualquer coisa que houver contra ele, a gente vai lá e vice-versa".

Então, a solidariedade foi um excelente fator, até mesmo para a adaptação dos brasileiros nos campos da Itália, tanto em relação ao clima e à alimentação, como em relação à instrução e ao adestramento. Tivemos, praticamente, três anos de treinamento aqui no Brasil, muito embora, não praticássemos com as armas que utilizaríamos na Itália. Mas era grande o desejo de aprender e, por isso, aprende-se mesmo; é como quem está numa corrida de Fórmula 1: o camarada quer ir na frente, quer vencer e para se produzir um trabalho bem-feito é preciso adaptar-se muito bem ao que está fazendo.

Com aquela vontade tremenda de conhecer, era desmontar arma, montar novamente, atirar, a gente caprichava ao máximo. Além disso, em campanha, tínhamos o incentivo de, no fim de semana, quem realizasse os melhores exercícios e tirasse o primeiro lugar, recebia o prêmio de passar um dia licenciado, numa cidade, com transporte e alimentação. Ressalte-se a capacidade do brasileiro, tipo inteligente.

Para o frio, a gente recebia aquele fardamento apropriado, que não resolvia totalmente, mas, pelo menos, amenizava os inconvenientes que suportávamos; e, quanto às escarpas das serras, possuíamos a resistência necessária, adquirida, mesmo, desde Fortaleza, quando fazíamos aquelas marchas forçadas, os acampamentos no Boqueirão dos Araras e os estacionamentos além de Messejana, à noite; a gente saía às dezoito horas e voltava às quatro horas da madrugada, em marcha sacrificada. Na Itália, o treinamento prosseguiu, através de intensas instruções. Adquirimos muito vigor físico e resistência. Adaptamo-nos, não foi muito fácil, mas nos adaptamos, em face da necessidade de enfrentar o inimigo.

Entretanto, diante de todas essas dificuldades gostaria de acrescentar que uma das maiores era, realmente, suportar o frio; apesar do uniforme e agasalho adequados, de que falei; mesmo assim, o frio era cortante. Era comum encontrar, lá na Itália, como ração básica para os animais, o feno; então a gente pegava o capim, um bolo de feno, separava aquele bem quentinho e colocava entre a pele e a galocha (espécie de coturno de borracha que vem até o meio da perna), para amenizar, para evitar o tal pé-de-trincheira; porque se a gente não se movimenta, o sangue pára, vem o pé-de-trincheira e a vítima vai para o hospital. Era a maneira de superar esse problema. Tinha um saco, a cama rolo, em que a gente se metia, ficava ali encolhidinho e se aquecia desse jeito.

Quanto à comida, não era gostosa, o paladar não era bom, mas era muito substanciosa e, logo, a gente se acostumou.

Depois dessas dificuldades, a preocupação maior era preservar a própria vida, pois a gente estava na guerra. Quando se vai entrar em combate (não sei se os outros companheiros sentiram, mas eu senti), tem-se que estar atento para os se-

guintes imperativos: reconhecer que está em combate, o inimigo pode encontrar-se em qualquer lugar, espreitando a nossa aproximação, que existem campos minados capazes de mandar a gente pelos ares, como aconteceu com alguns companheiros. Isto posto, progredir com muito cuidado e, ao aproximar-se do objetivo indicado, lembrar-se das regrinhas: "para onde, como e quando vou." Eu me recordava disso, olhava e repetia: "Para onde é que eu vou?"; "Vou para aquele objetivo acolá". Aí, olhava para identificar a presença de algum inimigo, alguma coisa, algum sinal suspeito. "Por onde é que eu vou?" "Por ali não dá certo, é muito limpinho, posso ser metralhado. Por aqui, esse outro canto aqui é melhor." Isso ajudou demais, pois o combatente tem que pesar as conseqüências; depois, mais uma pergunta: "Quando é que vou?" Não é levantar-se à toa e levar uma rajada de metralhadora, nada disso. Finalmente, "Como é que vou?" Se vou rastejando, se vou correndo, se vou de quatro, até chegar ao inimigo; porque o alemão era agressivo: eles ficavam parados, escondidos nas esquinas, nas quinas das casas, ficavam lá, espreitando; quando a gente se aproximava, a uns 15 metros, é que eles davam as rajadas de metralhadora.

Quando se obtinha a vitória, a recompensa era dobrada e a gente adquiria novo ânimo. Agora, tais sucessos sempre dependiam muito das ações em conjunto. Um grande exemplo tivemos quando se deu o apoio da 10ª Divisão de Montanha americana que, partindo um dia antes de a gente tentar a tomada de Monte Castelo, nos proporcionou a cobertura pelo flanco esquerdo; sem isso, os fogos de flanco e de frente do inimigo, juntos, não deixariam a nossa tropa alcançar sua maior vitória. Muitas vezes, havia corte nas comunicações, o que podia paralisar os telefones de ligação do capitão com a sua Companhia, com a retaguarda, com a nossa Artilharia. Quando havia a interrupção das comunicações com fio, era necessário mandar um estafeta, da linha de frente até a retaguarda, pedir o tiro de Artilharia ou que o mesmo fosse suspenso. Outra coisa, com cerração, nevasca, o 1º Grupo de Caça, o "Senta a Pua" não podia atuar. Com os reveses, ficávamos abatidos, mantendo, entretanto, aquele desejo tremendo de enfrentar o inimigo novamente. Foi o que aconteceu lá em Monte Castelo.

Um fato interessante é que, apesar de tantos obstáculos a superar, não houve qualquer deficiência no apoio logístico e no apoio ao combate; o que aconteceu, em algumas ocasiões, foi a dificuldade de chegar o suprimento até onde a gente se encontrava, dados o bombardeio nas estradas e as dificuldades do terreno por onde os companheiros tinham que se deslocar para deixar as suas cargas. Mas não houve, pelo menos eu não senti, qualquer dificuldade, deficiência da parte de nossos companheiros que serviam na área logística. Outro dado muito positivo está associado ao zelo e à preocupação com a tropa, a partir dos preparativos para o embarque.

Tanto no Brasil, aqui em Fortaleza, como lá na Itália, tivemos assistência religiosa adequada. Na Itália havia missa diariamente, para grupos e companhias, especialmente os sábados, domingos e feriados. Para a assistência religiosa cooperou um grupo de 28 padres, sacerdotes que iam prestar o conforto espiritual e, em certos casos, dar a extrema-unção aos companheiros feridos de morte, na linha de frente. Também recebíamos, constantemente, orientação psicológica, apoio para que o combatente mantivesse o equilíbrio, a coragem, não esmorecesse, em face do supremo propósito que ia além da sobrevivência pessoal, na defesa da Pátria e do sagrado pavilhão. Em todo caso, e apesar da vitória alcançada pelos aliados, não se pode e nem se deve esquecer que, aqui no Brasil, fomos vítimas de agentes comunistas, de agentes da quinta-coluna, dos nazi-fascistas. Realmente, foi um período muito difícil para o nosso País. Durante as manifestações do comunismo e do integralismo, eu era jovem, não compreendia claramente tais mistificações ideológicas; mas sou e sempre fui contra toda e qualquer ação antidemocrática.

Naquele tempo, apesar de não existir a mídia que existe hoje, que noticia e orienta, havia muito amor à Pátria nos corações dos jovens, que eram orientados pelos pais e nos educandários, bem como bastante fé.

Hoje, a gente vê que o civismo, o amor à Pátria estão esmaecidos e não afloram entre as preocupações da juventude. Por isso devo advertir aos jovens que não imitem, de maneira alguma, o que fizeram aqueles que, ontem, desavisados, se submeteram ao comunismo e ao integralismo, facilitando a infiltração de outros regimes opressores em nossa Pátria.

Infelizmente, sempre existe a possibilidade de uma guerra, e a máxima *"SI VIS PACEM PARA BELLUM"* – Se queres a paz, prepara-te para a guerra – permanece atual, mantém-se atual no âmbito das Forças Armadas. Em alguns quartéis que a gente visita, vemos algumas afirmações muito bonitas. Uma que diz assim: "O Exército pode passar mil anos sem precisar de dar um tiro real, mas não pode passar um minuto sem que esteja preparado para atirar", quer dizer, tem que estar prevenido. E essa preocupação deve ser transmitida para a juventude de hoje, a fim de que guardem o mesmo sentimento que os jovens de 1944 usaram para defender a Pátria, com o sacrifício de sua própria vida. A Alemanha era muito respeitada porque o jovem, ainda pequenininho, era educado no amor à Pátria. Os brasileiros também necessitam desse cuidado em sua educação cívica. Assim, mais tarde, ninguém dirá que falta capacidade aos brasileiros. Os militares cultivam esses ensinamentos. E isto é válido. Os meios de comunicação devem se manter sempre ativos, atuando nas escolas, na praça pública, em todos os lugares, para criar nos jovens, como uma segunda natureza, o sentimento de respeito a si próprio, de respeito às autoridades constituídas, às Forças Armadas, que são nacionais!

Graças à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pelo valor do homem brasileiro, nosso País possui elevado conceito entre as nações modernas e desenvolvidas. Falar na Itália sobre a FEB, é ouvir, como aconteceu com alguns de nossos generais, exclamações desse tipo: *il soldato brasiliano è buono, ha un buon cuore* – o soldado brasileiro é bom, tem um bom coração.

A propósito da referência dos italianos ao "bom coração do soldado brasileiro", acredito que este traço do perfil do nosso povo, comum à gente italiana, facilitou bastante o nosso relacionamento e a nossa adaptação aos seus costumes. Isto aconteceu comigo: quando cheguei, desembarquei no cais, na Itália, logo apareceram muitas crianças e velhos, pois a gente quase não via jovens, presos e levados que foram para as linhas alemãs, a fim de participarem na construção de casamatas e abrigos para o inimigo. Mas as crianças, as mulheres e os velhos se aproximavam dos brasileiros e diziam: *Brasiliano, noi abbiamo molta fame; dammi un poco d'alimento* – brasileiro, estamos com muita fome; dê-me um pouquinho de comida. Então, víamos, imaginávamos nossa casa no Brasil, graças a Deus, sem aquele tipo de coisa, em virtude de uma guerra que destruía tudo, como aconteceu em Nápoles, as famílias esfaceladas, sem que soubessem onde andavam os irmãos, os pais, sem teto. Graças a Deus, pensava eu, estou aqui, sujeito a morrer a qualquer hora, mas estou tranqüilo porque lá no meu Ceará, na minha Fortaleza, na casa da minha mãe, está tudo em paz. Aí, a gente metia a mão no bornal e dava uma lata de chocolate, uma barrinha de biscoito, uma carteira de cigarro – *cigarrete*. Então diziam assim: *grazie, grazie, brasiliano, voi avete un buon cuore* – agradecido, agradecido, brasileiro, você tem um bom coração – e corriam para dar aquele presente ao pai, ao vovô, à avó. Desfez-se assim a imagem negativa que os alemães implantaram na cabeça dos jovens: diziam que os brasileiros eram selvagens e que tratavam todo mundo com a maior grosseria. A nossa ligação com o italiano se deu dessa maneira, amigável, ao libertá-los e apoiá-los. Então, com o passar do tempo, quando estávamos acampados, num determinado local e recebíamos uniforme novo, a gente dava aquela farda usada para eles. Alguns capitães reuniam as suas Companhias e pediam a todos os cobertores e colocavam o cobertor; fazia aquela ruma, para doar à uma instituição de caridade. Aquilo era algo de valor extraordinário para o italiano: *"Bravo, bravo, soldato brasiliano, liberatore de la Italia"* (bravo, bravo, soldado brasileiro, libertador da Itália), com o maior carinho, dando beijos, botando flores por onde a gente passaria. Tudo isso fazia com que nos sentíssemos aliviados e dispostos a enfrentar o perigo que se avizinhava.

Eu me senti muito gratificado, apesar do medo; quando entrei em combate, na madrugada do dia 5 de março de 1945, já estava na base de partida para tomar Castelnuovo e havia um monte, ao lado, chamado Soprassasso, do qual os brasileiros

sofriam tremendo e impiedoso castigo. A nossa companhia – 3ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, que era comandada pelo Capitão Aldenor da Silva Maia, no QGR/10 há um auditório em homenagem a ele, nascido em Quixadá, gente muito boa, homem valente – recebeu a missão de avançar sobre as serras que chegavam até o casario de Castelnuovo. Fizemos a progressão até lá e, graças a Deus, dado o apoio que recebemos do lado de Soprassasso, que fora conquistado, penetramos no casario e aprisionamos os alemães que se encontravam lá. A gente se sentia aliviado e agradecia ao Senhor, principalmente quando não havia muitas baixas, apenas alguns feridos. Outra coisa: quando ocorria uma vitória, geralmente hasteávamos a nossa Bandeira e entoávamos o Hino Nacional. Aquilo dava muito entusiasmo e força ao combatente: "Rapaz, chegamos até aqui, vamos continuar, até a tomada de Castelnuovo, depois, avançamos sobre Montese." Mas a nossa Companhia ficou em Castelnuovo e Montese ficou para o 11º Regimento.

A tomada de Montese foi um dos combates mais violentos e, possivelmente, o pior deles, porque transcorreu numa única tarde. Monte Castelo não, foram vários combates; as tomadas de Monte Castelo e de Montese significaram a abertura de uma frente para as tropas aliadas penetrarem no Vale do Pó, perseguirem os alemães e forçarem a sua rendição. Então, foi muito importante a tomada de Montese, naquele 14 de abril de 1945. Ali, do dia 14 até o dia 18, morreram 34 brasileiros em combate, sem contar feridos e extraviados. A nossa Artilharia foi muito eficiente. Milhares de granadas de morteiros e canhões foram lançadas em cima de Montese, para desalojar os alemães que estavam lá na frente, a uns 4km, nos montes, de onde ficavam massacrando os brasileiros.

A cidade ficou completamente destruída; tanto é que o confirmam os jovens daquele tempo, que eram crianças, bem como outros que nasceram depois.

Hoje, a juventude, a mocidade de Montese, é muito agradecida aos brasileiros, dos quais dizem: "Nós existimos em paz, graças à atuação da Força Expedicionária Brasileira." Aliás, no dia 7 de setembro de 1999, recebemos a visita de uma comissão, uma delegação que veio daquela cidade, constituída pela presidenta do Lions local e de representantes da Prefeitura. A delegação trouxe à nossa associação, aqui em Fortaleza, um pouco de terra que foi tirada da posição de onde os brasileiros avançaram para tomar Montese, com a análise do solo e o ofício correspondente. Fizeram a doação que guardamos como uma relíquia, uma lembrança de que aquela juventude reconhece o valor da FEB; pois outros Exércitos passaram por lá, como defensores, mas não conseguiram o êxito dos brasileiros.

Pode-se ler na legenda daquela relíquia o seguinte: "Este cofrinho contém a terra das trincheiras de onde partiram as investidas dos pracinhas brasileiros que

libertaram a cidade de Montese do jugo nazista, no dia 14 de abril de 1945." Exatamente isso. E agora, no dia 22 do mês de abril último, acolhemos uma segunda visita de personalidades daquela cidade, tendo à frente o Prefeito Luciano Mazza e seu Vice-Prefeito, chefiando uma comitiva com 22 conterrâneos, que vieram firmar um pacto de amizade entre os times de futebol: o Montese da Itália e o Montese de Fortaleza, criado em função da nossa vitória lá. Trouxeram, ainda, como doação, uns estilhaços de granadas encontrados dentro de Montese e um capacete de fibra dos que usávamos na Itália.

Decorrido todo esse tempo, 55 anos, a gente tem tais lembranças de Montese. Mas, quando nos encontrávamos, só se pensava no fim da guerra.

Por falar no término da guerra, tenho um jornalzinho, de 31 do mês de maio de 1945, o *Cruzeiro do Sul*, que era editado na Itália. Nele, veio uma mensagem muito bonita do nosso comandante, Gen João Baptista Mascarenhas de Moraes, militar de muito valor, que nos incentivava sempre, nas proclamações que transmitia à tropa e proporcionava aquele entusiasmo: "*A guerra está para terminar, o inimigo está cambaleando e vamos persegui-lo até a última hora; só assim conseguiremos voltar para a nossa Pátria com a cabeça erguida e dizer que a cobra veio e fumou.*"

Quando terminou o combate, em Fornovo di Taro, foi o meu Regimento que, praticamente, aprisionou quase toda a Divisão alemã, enquanto o Primeiro Regimento e o Onze foram para outras áreas. O meu Regimento, o 6º RI, ficou com a responsabilidade de prender a tropa que se entregara. Depois disso, o meu Batalhão, incluindo a minha Companhia, foi para uma cidadezinha chamada Tortona, a 200km a oeste de Fornovo di Taro. Lá, todo mundo já sabia o que tinha acontecido, fomos recebidos com entusiasmo e alegria. Todos nos ofereciam comida e vinho; eu e o José Soares, que era meu amigo, saímos por aqueles subúrbios: *brasiliani!* e recebíamos abraços, alegria. Perguntavam: "O que é que você quer?" Geralmente, havia vinho bom, salame; isso depois que tudo terminou. Permanecemos lá, como tropa de ocupação – os alemães já haviam sido presos; ficamos ali para evitar que os próprios italianos criassem algum problema com aqueles que estiveram no outro regime. O fascista e o *partigiani*, muitas vezes, quando se encontravam, provocavam confusão; a gente chegava lá e impedia que ocorressem coisas mais graves. Nos mantivemos como tropa de ocupação até o dia de regressar para o Brasil.

No dia 6 de julho de 1945, partimos de Nápoles em direção ao nosso País, muito embora, eu, pelo menos, e muitos companheiros tenhamos ficado em dúvida, numa expectativa muito grande, porque ainda continuava a guerra no Japão. Alguns companheiros, não sei se por brincadeira ou boato, afirmavam que íamos para o Japão. E ficamos com aquela dúvida; a gente viajava esperando que fosse para casa; mas com

aquele pressentimento ruim, às vezes, até não se dormia muito bem. Ora, fomos para uma guerra, conseguimos a vitória e, agora, vamos para outro lugar diferente? Que história é essa? Mas, na manhã do dia 18 de julho de 1945, quando às 8h, avistamos o Cristo Redentor, de braços abertos, acreditamos que estávamos chegando ao Brasil; foi uma grande emoção. Quando desembarcamos, foi aquela alegria do carioca.

Hoje, são muitas as coisas que não esqueço. Coisas que vi na Itália, que não quero que aconteçam ao Brasil, de jeito algum. Crianças famintas, crianças que estão na minha lembrança e na minha emoção. Temos aqui as nossas dificuldades, mas são dificuldades num período de paz, de tranqüilidade; podemos andar livremente; mas no estado de guerra o sujeito não pode sair para canto algum, pois pode ser abatido a qualquer momento. Outra coisa: os companheiros que morreram; muitos não chegaram a dar, sequer, um tiro: pisavam numa mina e se despedaçavam. São coisas que não esqueço. Faço a ligação entre as lembranças de ontem e o medo que existe hoje, quando, às vezes, sou convidado para falar sobre esse assunto nos colégios. A gente sente que o pessoal, hoje, não está preparado, não tem aquele sentimento, não tem vontade; e sente até pavor de uma guerra. Mas, em minha mensagem, digo que pavor, na realidade, existe, mas há o imperativo do cumprimento do dever, de não recuar diante de uma dificuldade a ser enfrentada, não importa com que sacrifício, de uma missão a ser cumprida, como a da defesa da Pátria ameaçada.

Guardo a certeza de que valeu a pena o meu sacrifício, como permanente exemplo da importância da luta incessante pela paz e harmonia entre os homens. Valeu sim, porque, como disse, enquanto estava lá, não importava tanto a morte; estava tranqüilo, já que os meus familiares, a minha Fortaleza e o meu Brasil estavam em paz. Valeu, pois nas mesmas condições, na mesma idade, se houvesse outra guerra, eu novamente seria voluntário em defesa da Pátria.

Esta afirmação faz-me lembrar os princípios e valores que me foram transmitidos na caserna, e, como estou falando de lembranças da guerra, ocorre-me a figura do Comandante da FEB, o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, um verdadeiro soldado. Fiel ao Exército, não queria saber de política, era um cidadão prudente, justo, muito amável, mas enérgico; e outra coisa, era um homem valente. Não assisti, mas os companheiros comentavam sobre uma reunião dos Comandantes de Divisões do IV Corpo de Exército, na cidade de Castelluccio, antes do ataque a Montese. Então, o Gen Crittenberger, Comandante daquele Corpo de Exército, determinou que a 10ª Divisão de Montanha americana deveria atacar Montese, enquanto a Divisão brasileira faria o apoio. Ora, a Divisão brasileira já havia tomado Monte Castelo, muito difícil, difícil mesmo; e conquistara vários outros objetivos em La Serra, Soprassasso, Castelnuovo e havia feito a limpeza em toda aquela área. Colocar uma

outra Divisão seria tirar o mérito dos brasileiros; presente o Marechal Mascarenhas de Moraes, ele pediu licença e disse: *"O IV Corpo de Exército tem muitas outras Divisões; o Brasil só tem uma; e essa Divisão brasileira só tem um local para onde se deslocar: é para a frente, para a frente e para frente."* Então, ficou determinado que a 1ª DIE iria atacar Montese. Atacou e obteve a vitória. Logo que terminou aquela reunião, o Comandante da 10ª Divisão de Montanha americana abraçou o Marechal Mascarenhas, agradeceu a ele, dizendo: "Muito obrigado, General. O senhor tirou uma carga pesada das minhas costas, é uma batata quente."

É esta a lembrança que a gente tem, muito importante, pois fiquei consciente de que nunca se deve recuar diante da necessidade de defender o que é nosso. A ida da Força Expedicionária para a Itália deixou-nos conscientes de que cumprimos o dever sem jamais deixar de atender, quando a Pátria de nós precisar. E aos jovens, brasileiros das gerações vindouras, insisto em deixar a minha mensagem de incentivo e de coragem, para que se dediquem, inteiramente, a seguir os princípios democráticos, de amor à Pátria, tanto nas escolas quanto nas organizações militares, como aconteceu comigo. Procurar conhecer o que o Brasil realizou na Itália, e entender por que o Brasil merece a consideração de todas as nações do mundo. Todas elas valorizam o Brasil, através de nossa presença na Segunda Guerra Mundial, lutando pela defesa da honra de nossa Pátria e pela liberdade da humanidade. Lembremo-nos que conspira contra a sua própria grandeza o povo que não cultiva os seus feitos heróicos. As tomadas das localidades de Monte Prano, Camaiore, Massarosa, Castelnuovo, especialmente, Monte Castelo e Montese, o combate de Fornovo di Taro e em muitas outras localidades que conquistamos, muitas vezes, disputando palmo a palmo, enfrentando, com heroísmo, com garra mesmo, com temperaturas de 18°C abaixo de zero, carregando cerca de 18kg a 20kg de peso, subindo e descendo serras, muitas vezes, atravessando terrenos minados, sujeitos a morrer a qualquer instante. Diziam, não sei se por brincadeira, que o alemão comentava assim: "Olha, aí tem um Exército de cobra, usa até uma cobra, aquela cobra que vai desentocar o alemão de dentro do buraco; por isso, eles usam o emblema de uma cobra." Eles diziam isso por quê? Porque os brasileiros iam até lá. Nós aprendemos nas instruções, na Itália, nas instruções de ataque e defesa com arma, a baioneta calada; só pessoa resistente, jovem, é que agüentava aquele exercício: passar meia hora pulando de um lado para o outro, fuzil e sabre-baioneta, atacando o inimigo e se defendendo. Não era brincadeira; negócio sério; meia hora de instrução e a gente estava mortinho de cansaço. Aprendemos tudo isto graças à boa vontade, à coragem e à garra do brasileiro.

Que os jovens do futuro não tenham medo! Acima de tudo, está a defesa da nossa Pátria!

Raimundo de Castro Sobrinho*

Natural da cidade de Itapipoca-CE, verificou praça em 1º de novembro de 1941 no 23º BC, Fortaleza-CE, como voluntário. Nesta Unidade, ainda, fez o Curso de Cabo.

Como padioleiro de campanha, integrou a 7ª Companhia do III Batalhão do 11º RI. Após o término da guerra, até o regresso ao Brasil, serviu como padioleiro no Hospital de Triagem de Pistóia e, em seguida, no Serviço de Triagem, em Livorno.

Atualmente é o Presidente da Associação Nacional dos Ex-combatentes do Brasil – Seção do Ceará.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Cabo enfermeiro-padioleiro da 7ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 18 de setembro de 2000.

Eu, como criança e adolescente, lia livros de história, especialmente de guerra, como a da Tríplice Aliança. Este hábito me incentivou e passei a interessar-me por tornar-me um soldado e, até, ir para a guerra, como dizia à minha mãe. Ao completar 21 anos, vim morar em Fortaleza e, aqui, alistei-me no Exército e fui aprovado nos exames de seleção. Prossegui, fiz o curso de condutor de boléia e, depois, o Curso de Cabo. Permaneci no Exército como engajado, após o que, tendo começado a guerra na Europa, passei a servir por tempo indeterminado, até que embarquei para o Rio de Janeiro, no navio *Itapé*. No Rio, fiz o curso de enfermeiro-padioleiro, função que exerci, durante a campanha da FEB, na Itália.

No Ceará, a gente acompanhava as notícias relacionadas com a guerra, particularmente aquelas que se referiam ao torpedeamento de nossos navios e ao conseqüente prejuízo provocado, sobretudo, em vidas humanas. A imprensa local comentava os fatos de maneira a estimular os cidadãos cearenses a tomarem consciência da situação que envolvia o País. Desta forma, quando se deu a declaração de guerra e se iniciou a mobilização para compor a Força Expedicionária Brasileira (FEB), a opinião pública nos incentivou muito, embora antevendo a possibilidade de alguns de nós não voltarem ao Brasil.

Fizemos um desfile, no qual recebemos aplausos, flores e estímulo à nossa ida para a guerra. No dia 22 de setembro de 1944, embarcamos, com destino à Itália, formando o 2º escalão da FEB. Aportamos em Nápoles, no dia 6 de outubro, onde demoramos alguns dias; depois, em um navio italiano, seguimos para Livorno. De Livorno, já muito próximo ao *front*, prosseguimos para Staffoli, um setor de preparação para o combate. Já se vivia, praticamente, o clima de guerra. A sensação de perigo iminente acentuava o sentimento de solidariedade entre todos nós, o que perdurou por toda a campanha e, mesmo, no pós-guerra.

Na verdade, os nossos militares – oficiais, sargentos, cabos e soldados – na guerra tornaram-se grandes amigos, porque o ideal era um só. Então, não havia qualquer dificuldade no relacionamento entre superiores e subordinados. Eis um dos ensinamentos mais positivos da guerra. Na verdade, a guerra não constrói, mas nós brasileiros, que tomamos parte da Segunda Guerra Mundial, aconselhamos os nossos jovens de hoje e do futuro que, caso o Brasil precise, não se furtem a lutar pela Pátria, porque se trata de nosso rincão, de nosso lar e o dever comum é defendê-lo. No meu entendimento, a guerra não constrói. Entretanto, traz, no seu bojo, momentos bons e momentos ruins, melhores e piores.

Na guerra, só se temia o desconhecido; não se sabia o que poderia acontecer, nem se voltaríamos vivos. No *front*, percebiam-se as dificuldades, quando se tomava contato com o inimigo através das descargas de artilharia, das explosões de minas e

dos próprios franco-atiradores, que vitimavam as pessoas descuidadas. Tudo isso eram coisas da peleja no campo de batalha. Já, após a guerra, tendo a sorte de termos regressado vivos, lamentamos profundamente os companheiros que foram mortos ou feridos. Um mistura de momentos de tensão, de euforia, sentimentos de saudade.

Ao lado de tudo isso, havia a assistência social, psíquica e religiosa. As duas primeiras nasciam, em geral, como gesto de espontaneidade entre os homens que se sentiam unidos pelo mesmo laço da consciência do dever a ser cumprido. Resultado: a assistência social e a psíquica eram, em grande parte, prestadas através do apoio mútuo entre os combatentes que se assistiam, como soldados irmanados pelo combate. Seja numa patrulha, seja em qualquer outro procedimento, sempre um socorre e auxilia o companheiro. Agora, a assistência religiosa normalmente era praticada antes que o homem seguisse para realizar alguma ação. Especialmente, porque ele considerava que, destacado para uma missão, bem apoiado religiosamente, teria mais possibilidades de sobrevivência e, se morresse, estaria assistido após a morte.

Contudo, se, por um lado, os pracinhas que se preparavam para a guerra recebiam todo o apoio dos compatriotas – incentivo, carinho, flores, aplausos etc., e, em campanha, essas assistências, de que já falei, eram acompanhadas do aconchego proporcionado pela correspondência dos familiares e amigos –, por outro lado, no Brasil, havia maus brasileiros que tentavam, por todos os meios, pôr em risco a vida daqueles pracinhas e a própria Nação brasileira. Eram os chamados "quinta-colunas" que, de nosso território, informavam à espionagem nazi-fascista da Europa tudo o que se passava em nosso País. Nessa traição, inicialmente, enquanto a Rússia estava aliada à Alemanha, contavam os nazi-fascistas com a nefanda colaboração dos comunistas.

O nazi-fascismo era, no Brasil, representado pelas pessoas que a gente não conhecia, quais e quantas eram; mas, mesmo assim, fazia-se tudo para identificá-las; nós, soldados, àquela época, andávamos à paisana para poder flagrar os traidores no Brasil. Agora, sabemos que o nazi-fascismo e o comunismo englobam duas correntes de criaturas que apresentam grandes semelhanças de comportamento e atividade, embora sejam completamente diferentes em ideais, em ideologia; suas mensagens, ainda hoje no Brasil, especialmente a dos comunistas, têm a solércia de prometer coisas boas na vida, para submeter e dominar os incautos. Precisamos estar sempre muito atentos, para que não nos influenciemos e não deixemos as nossas famílias se influenciarem com esses perniciosos inimigos do Brasil.

Vejamos, agora, como foi o nosso entrosamento com o povo italiano; tivemos dificuldades iniciais para nos entendermos, em virtude do problema da língua que, embora sejamos todos neolatinos, sempre apresentou dificuldade na comunicação.

Mas, lembro-me bem de algo que aconteceu, poucos dias após chegarmos à Itália. Estávamos fazendo um grande fogaréu para aquecer o ambiente, quando o italiano chega e diz: "Não faça isto; esfregue as mãos e passe-as no rosto e faça isso, continuamente, que o frio passa." Então, com atitudes iguais a essas, fomos nos aproximando sempre mais do italiano e, após algum tempo, nos encontros e desencontros da guerra, no desenrolar das operações, inclusive em benefício deles, se tornaram tão nossos amigos que chegamos, até, a fazer refeições em conjunto; e tanto se tornaram amigos que, ainda hoje, por onde passamos, na Itália, há monumentos construídos em homenagem aos ex-combatentes da FEB.

Aquele episódio da fogueira se deu nas alturas sul dos Apeninos, já ao Norte da Itália.

No dia do meu batismo de fogo, 6 de março de 1945, o 11º RI se encontrava nas imediações de Castelnuovo, para barrar a retirada dos alemães, ao longo do eixo Castelnuovo-Africo. Os combates eram intensos. Não tão majestosos quanto o de Monte Castelo, realizado dias antes, a 21 de fevereiro de 1945. Monte Castelo é uma elevação destacada na crista dos Apeninos, ladeado pelo Monte Belvedere, a oeste, e por Sta Maria Villiana, a nordeste. Aquele baluarte dominava os nossos eixos de progressão e fazia parte da célebre Linha Gótica, nas mãos dos alemães. Era impositivo dominá-lo, por qualquer meio, para se criarem as condições propícias de, com a posse de Montese, dominar-se a planície do Pó. Daí as quatro tentativas dos aliados no afã de conquistá-lo, todas levadas a efeito por nossa 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE).

Monte Castelo foi palco de grandes batalhas e uma das maiores dificuldades que o Brasil encontrou, tanto que ocorreram muitas baixas – mortos, feridos, extraviados – e alguns insucessos iniciais; entretanto preponderaram, ao final, a coragem e o esforço do combatente brasileiro, por isso vitoriosos, sob a proteção de Deus.

Separados pelo Atlântico, das terras do Brasil e no meio das lides do combate, em plena guerra, sentíamos as saudades infindas de nossos entes queridos, de nossa Pátria, de nossos hábitos e costumes. Voávamos, em pensamento, ao encontro desses seres distantes, mas tudo ficava na imaginação. Na verdade, para minimizar as saudades da Pátria e da família, só podíamos contar com a correspondência das famílias que nos mandavam cartas, mensagens, presentes; também tivemos aquele jornalzinho – *Cruzeiro do Sul* – na retaguarda, mas que, às vezes, chegava até o *front*; tivemos os correspondentes de guerra que, freqüentemente, iam à frente bater um "papinho" com a gente. Também, como não podia deixar de ser, o grande Comandante, o então General Mascarenhas de Moraes, juntava-se a nós e até "disputava trabalhos de guerra" conosco. Lembro-me, certa vez, que ele chegou e ficou

muito próximo a um praça abrigado em um *fox hole*; o praça pediu-lhe, então, que entrasse no abrigo, porque ele estava pondo em risco a própria vida. O soldado foi atendido. Alguém pode até admirar-se de um General aceitar a sugestão de um praça; mas estávamos num campo de batalha e a preocupação era justa, como muito bem considerou o General.

Há pouco, eu me referia à coragem e à bravura do pracinha brasileiro, do nosso soldado, ao seu desprendimento e dedicação demonstrados, por todos os patrícios combatentes nas frentes de batalha da Itália: em Monte Castelo, em Castelnuovo, Montese, em Monte Buffone e noutras pelejas. Deram o cabal exemplo da intrepidez sobranceira, própria do povo brasileiro. Entretanto, o que me vem chamando a atenção é a tendência atual para a negação daqueles valores, substituindo-os, em alguns setores da sociedade brasileira, por certa dose de medo, desinteresse, apatia, de omissão, de egoísmo, o que não se coaduna com os nossos valores mais íntimos. Estranha-me ainda que essa tendência, não sendo natural no homem brasileiro, receba estímulos de fora, mesmo de grupos nacionais que, decerto, não querem ver o bem-estar, a felicidade do nosso povo.

É lamentável o que acontece hoje no Brasil. Nossos jovens não se respeitam, não acatam os mais velhos, perdem a noção de família. O que se vê, agora, com espanto e desalento, no nosso tempo de juventude não existia; havia respeito mútuo, mas esse comportamento deletério torna-se comum na sociedade brasileira, em nossos dias. Por isso indago: qual seria a atitude e o desempenho desses jovens, se a Pátria os chamasse, hoje, para defendê-la?

Ora, se temos uma Pátria, um povo cioso de seus costumes, hábitos, tradições, mourejando sobre o território arduamente conquistado e preservado por nossos antepassados, e, de repente, tudo isso é ameaçado, eventualmente, agredido por forças externas, às vezes, com apoio subalterno de maus brasileiros, então torna-se dever intransferível assumirmos qualquer sacrifício para defendê-la, se não quisermos perdê-la e sermos escravizados. Por isso, o meu sacrifício nos campos de batalha da Itália, como integrante da FEB, valeu a pena, especialmente, como exemplo e contribuição ao restabelecimento da paz e da harmonia entre os seres humanos.

O povo brasileiro não poderia ficar de braços cruzados com o que aconteceu no seu País. Sabemos nós que perdemos muita gente nos mares através de ataques traiçoeiros. Seria possível ficar de braços cruzados, após tamanha agressão?

Voltando ao Comandante da FEB, não posso deixar de fazer referência a essa figura extraordinária de chefe e amigo que, em muito, ajudava a enfrentar os sacrifícios, amenizando-os com a sua presença e participação. O General Mascarenhas de Moraes não era só um grande Comandante; era, também, um dedicado companheiro.

Ele se encontrava com o praça e perguntava: “Você está recebendo correspondência da sua família?” Como ocorreu comigo, a quem, ele pessoalmente, dirigiu esta pergunta: “Você está se sentindo bem?” Era uma criatura que queria sempre comunicar-se com o praça; haja vista que, onde quer que estivesse, dizia que o soldado, qualquer um que morresse na guerra, jamais seria esquecido. E provou isto, ao criar a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil que, ainda hoje, existe para zelar pelos interesses dos que precisem de uma solução para os seus problemas.

Foi num ambiente desses, cercado de riscos por todos os lados, mas bem assistido por todos os companheiros e superiores, que se deu o meu batismo de fogo.

Eu era soldado do Depósito de Pessoal da FEB (DPF); cheguei ao *front* no dia 6 de março de 1945. Já integrado na Companhia para que fui designado, juntamente com outros padioleiros, fomos cumprir determinada missão. Nela, estávamos eu e outro padioleiro, um catarinense. Eu era quase um estagiário. Começaram a cair umas granadas de artilharia em cima da gente. Então, corremos de um lado para o outro para fugir dos arrebentamentos, sair do campo de tiro, que é muito perigoso, buscando abrigo em outros lugares mais seguros, por exemplo: dentro de um buraco aberto pela explosão anterior de alguma granada. Coincidiu o fato de um soldado nosso ser ferido e o padioleiro veterano, lá de Santa Catarina, foi socorrê-lo. Naquele momento, caiu outra granada, o catarinense foi ferido e morreu; morreu na minha presença. Este foi o homem que substituí; passei a ser o titular, e não mais um neófito, como dizem. Daí por diante, na frente, passei a acompanhar todos as operações de combate de que minha Companhia participou, com a minha padiola e a bolsa de curativos. Este foi o meu batismo de fogo.

Não vou dizer que não tive medo. Quando começam a cair as granadas de artilharia e o combatente é iniciante, ele fica meio nervoso e irrompe um pouquinho de “paura” (medo); isto não deixa de ocorrer; mas há homens em quem o medo é maior; a minha “paura” era tolerável, dava para suportar; Deus me ajudou, até que, no fim, saí são e salvo. Graças a Deus, estou aqui contando estas histórias e, portanto, gostaria de dirigir-me às gerações atuais e futuras.

Do momento mais sofrido da guerra retiro minha mensagem final. Sendo um modesto padioleiro, dentre os feridos que atendi, recordo-me de um que, sentindo a morte chegar, pediu-me, com profundo gesto de amor ao nosso Brasil, com o pensamento voltado para os seus entes queridos, que lhes contasse sobre o seu último momento de vida.

Ao recordar cenas tão expressivas, lanço um apelo às gerações atuais e futuras no sentido de que, em vida, devotem-se sempre ao Brasil e às suas famílias, com aquele mesmo profundo sentimento de amor e sob a permanente bênção de Deus.

Doutor Silas de Aguiar Munguba*

Natural da cidade de Manaus-AM, freqüentou o Colégio Americano Batista e o Ginásio Pernambucano, ambos em Recife-PE; estudou Medicina na Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1942, fez o curso para 3º sargento da reserva, na então Companhia de Quadros do Recife-PE; depois foi convocado para servir no 14º RI, em Socorro-PE, onde integrou um grupo que se preparava para compor a Força Expedicionária Brasileira. Incorporado, como 3º sargento, ao I Batalhão de Infantaria do 1º RI (Regimento Sampaio), embarcou a 22 de setembro para o Teatro de Operações da Itália, onde tomou parte nos segundo (29/11/1944) e quarto ataques a Monte Castelo (21/2/1945) e participou de mais de vinte patrulhas, tendo sido ferido em uma delas.

Recebeu as seguintes condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Sangue do Brasil; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* 3º sargento Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 1º de junho de 2000.

O período desta entrevista abrange o da minha juventude. Na verdade, eu era moço ainda, quase adolescente, quando o Brasil entrou em guerra, no mês de agosto de 1942. Essa situação de guerra se deu em virtude do afundamento de vários navios brasileiros e das mortes de milhares de pessoas que estavam nesses navios torpedeados pelo alemão. Isso provocou uma revolta no povo e me recordo bem de que a população saía às ruas e quebrava, destruía as casas dos italianos, dos japoneses e dos alemães. Nessa época, eu estava fazendo o curso pré-médico no Ginásio Pernambucano e, bem pertinho, havia uma Companhia, Companhia de Quadros, organização do Exército em que a gente obtinha o Certificado de Reservista. Quando eu o estava tirando, abriram o Curso para Cabos e entrei, talvez, mais de brincadeira, porque nunca pensei que fosse servir. Depois do Curso de Cabo, abriram, também, o Curso para Sargentos e eu ingressei, passando a sargento. Então, fui para a reserva como 3º sargento. Logo em seguida, fui convocado, ainda, como 3º sargento do Exército e fui servir no 14º RI, em Socorro, Pernambuco. Essa minha passagem pelo 14º RI foi muito intensa, pois, ao chegarmos lá, informaram que o 14º RI estava-se preparando, por tratar-se de uma das Unidades que iriam para a guerra. Como conseqüência, nosso treinamento era intensivo, às vezes, nos exercitávamos com munição real.

Duas coisas me chamaram muito a atenção e, talvez, a minha vida tenha sido preservada, na guerra, por causa dessas duas coisas muito simples que aprendi lá. A primeira, montar e desmontar a metralhadora e o fuzil, com os olhos fechados ou vendados e, muitas vezes, tive que fazer isso na guerra; a outra, umas "frasezinhas" tão simples para mim, aparentemente tão banais, quando nós as mentalizamos: "por onde vou", "como vou", "quando vou". Na guerra, eu acrescentava "se vou", dependendo da situação em que a gente se encontrava. Então, logo depois de iniciarmos esse treinamento no quartel, o 14º RI passou para um acampamento em Aldeia. Aldeia é uma cidade vizinha de nossa sede em Recife, onde estava aquartelado o 14º RI. Permanecemos lá alguns meses. Aconteceu que, em Aldeia, éramos nós mesmos que cortávamos os matos para armar as barracas. Só havia um prédio que era, na época, o do General Newton Cavalcante, Comandante da Região; o resto, somente barracas. Só se podia sair de Aldeia com a permissão assinada pelo General. Mas aconteceu uma coisa curiosa comigo que, espero, não vá criar problema depois de tantos anos: eu tinha passado uma procuração para o papai, a fim de que me matriculasse no vestibular da Faculdade de Medicina. Ele fez isso no dia seguinte e me comunicou a data do vestibular. Aí, falei com o Comandante da minha Companhia, pedi autorização para fazer o vestibular. Soube que não poderia dar, a não ser com a permissão do General. Segui, então, sua orientação, depois de obedecer aqueles trâmites normais de falar sucessivamente com o capitão, major, coronel, para chegar ao General. Quando

me dirigi a ele, disse: "General, vim aqui pedir autorização para fazer o vestibular de medicina...", eu nem terminei de falar direito e ele exclamou: "O senhor é militar ou é estudante?" Eu respondi: "Olha, sou estudante, fui convocado como estudante"; o General interrompeu: "Não; o senhor é militar e não vai, pronto." Aí fiquei meio triste, porque não podia ir. Voltei e procurei o Comandante da Companhia que era uma pessoa amiga, muito cordata, uma pessoa bastante humana. Já o General era um homem muito..., a gente chamava de "Caxias", bem intransigente, aquele era o sistema dele.

E o Comandante da minha Companhia, então, disse: "Silas, vou fazer um negócio com você; eu passo três dias sem botar falta; começo a botar falta no quarto dia; agora você se vira para sair." Como eu poderia deixar o acampamento, quando só se saía com autorização do General, por escrito? Então, veio-me a idéia: como eram centenas e centenas de rapazes, havia uma porção de lavadeiras que cuidavam de nossas roupas. Então, combinei com uma lavadeira para, no dia tal, levar uma roupa dela extra; eu me vesti de lavadeira, coloquei uma trouxa na cabeça e pedi que ela ficasse conversando com o soldado da guarda; isto posto, passei no meio das lavadeiras, saí e fiz o meu vestibular. Cheguei à faculdade, informei que estava com este problema. Eu saía de uma sala, entrava na outra e, antes de três dias, já tinha terminado o meu vestibular. Para regressar ao acampamento, não havia problema.

Conto esta história, geralmente, para mostrar, em especial para os mais jovens que, quando se tem um objetivo, um ideal, é preciso persistir com determinação, para alcançá-lo. O que se sente, hoje, é que a juventude não tem muitos ideais, muitos alvos; diante de um empecilho, por qualquer coisinha desiste.

Eu me arrisquei a ser preso, ir para a cadeia do Exército, porque fugi, contrariando todas as normas, mas, felizmente, sou doutor. Assim, fiz o vestibular, fui aprovado e meu pai me matriculou. Logo depois viajamos para o Rio de Janeiro, um grupo só de cabos, soldados e sargentos, para alguma Unidade militar do Rio de Janeiro. O interessante é que eles estabeleciam o seguinte ritual para embarcar e seguir viagem: despeçam-se da família – a gente ia; despedia-se da família; no outro dia, continuava do mesmo jeito.

Várias vezes, a gente saía e se despedia; um dia, botaram a gente no trem, pimba! Fomos para o cais do porto, sem avisar a ninguém, acho que com medo da quinta-coluna, uns informantes que existiam em quantidade, naquele tempo.

No Rio de Janeiro, seguimos para o 1º RI (Regimento Sampaio); só havia cabos, sargentos e oficiais. Nós ficamos no pátio; aí chegava o comandante de uma companhia e perguntava: "quem é mecânico?" Alguém respondia "eu sou mecânico" e recebia a ordem "venha para a minha companhia"; chamaram mecânico, carpintei-

ro, não sei o quê mais; eu fiquei, no fim, sozinho no meio do pátio, porque não haviam chamado estudante e eu era estudante de medicina. Chegou um tenente ao meu lado e inquiriu: "como é seu nome?", eu disse "Silas Munguba"; e ele: "Silas Munguba? Munguba não é nome de gente, você vem para o meu grupo." Só que o nome dele era Machuca (1º Tenente R/2 José Machuca); ora, Machuca e Munguba, dois nomes atrapalhados, dois nomes confusos.

Foi mais ou menos isso.

No Rio de Janeiro, então, permaneci no 1º RI. O Capitão da minha Companhia chamava-se Cavalcante; o Comandante do Batalhão era o Major Olívio Gondim Uzeda; o do Regimento era o Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, pessoa muito boa, de quem eu gostava muito.

No dia 22 de setembro de 1944, viajamos para a Itália. Também, a mesma história: ia no trem até lá, voltava e, num dia, de repente, embarcamos no navio. Essa viagem durou, mais ou menos, 14 dias e eu completei 21 anos de idade a bordo, no dia 29 de setembro.

A viagem foi um pouco monótona, mas a gente procurava se divertir e brincar; sempre se fazia festa de comemoração de aniversário. Eram milhares de rapazes, sempre havia um aniversário e, como eu era do Regimento Sampaio e o carioca gosta muito de samba, de batucada, a gente estava sempre se divertindo, tocando violão, nem parecia que ia *pra* guerra.

No dia 6 de outubro, chegamos a Nápoles que me causou uma impressão terrível. Não tinha idéia do que era guerra, nada disso; Nápoles era uma desolação, a gente via o cais todo destruído, navios afundados, navios emborcados e tudo mais; as casas destruídas, não havia prédio inteiro; dezenas e dezenas de homens no cais do porto, pedindo comida, pedindo esmola. Imagine, antes de seguir para a guerra, sempre dizia: "Por que tenho que lutar pelo Brasil, fora do Brasil? Eu quero lutar é no Brasil"; mas me mandaram e eu fui. Quando cheguei à Itália, constatei que é mil vezes melhor combater fora de nossa Pátria; porque o estrago, a miséria são muito grandes numa guerra. Fiquei, realmente, perplexo.

Naquela ocasião, passamos três dias a bordo e daí tomamos umas barcaças, aquelas barcaças utilizadas na invasão da Normandia; em três dias estávamos em Livorno.

De lá fomos para um acampamento, numa localidade chamada Filettole, onde tivemos que nos preparar; aprender a lidar, primeiro, com o armamento, que era todo novo; a própria farda era diferente, a alimentação diversa da que estávamos acostumados, e o terreno, bem, eu saíra do Recife, onde quase não há montanha e nos encontrávamos em uma região montanhosa, tínhamos que galgar elevações a

pique, era um negócio muito sério. Então, após passarmos alguns dias nesse acampamento, um grupo de oficiais e sargentos, inclusive uns da minha companhia, foi participar, sem que soubesse inicialmente a razão, do primeiro ataque a Monte Castelo. No acampamento só se ouviam as granadas, os tiros, os aviões, mais distantes. Morreu uma porção de gente, muitos feridos e, finalmente, o insucesso. O alemão estava muito bem organizado em casamatas e a gente progredia no terreno, sem cobertura, para tentar chegar até ele. Aconteceu que o americano também fez um ataque e, da mesma forma, teve que recuar. Daí veio ordem autorizando a quem encontrasse qualquer material extraviado a ficar com ele. Eu, por exemplo, peguei uma metralhadora; embora minha arma fosse o fuzil, fiquei com ela a guerra toda.

Os brasileiros eram um pouco atrevidos, "pegaram ao pé da letra" a ordem que receberam; se viam um jipe parado em algum lugar, levavam a viatura como se fora abandonada. Havia um soldado na minha Companhia que usava um jipe, mesmo assim se apropriou de um caminhão americano. Isto antes de entrarmos propriamente em combate

Bem, fiz parte do segundo ataque a Monte Castelo (29/11/1944). Uma das experiências mais terríveis por que passei. Jamais havia pensado que a guerra fosse aquilo: granadas caindo ao redor da gente, artilharia, metralhadora .50, a munição traçante; a gente tentando subir o monte, sem conseguir porque o alemão estava protegido nas casamatas só mandando bala. A "lurdinha", metralhadora deles, tinha uma cadência de 1.100 tiros por minuto, afirmavam; a nossa era mais lenta. Eu não vislumbrava o alemão, o que eu via era bala batendo perto da gente. Mas aconteceu uma coisa muito triste, desagradável: a nossa fração recebeu ordem de seguir para um determinado ponto. O Comandante do Pelotão, vendo o estrago, a metralhadora estava "comendo", os arrebentamentos de morteiro e de canhão impediam qualquer movimento – quase não podíamos nos mexer – ao receber ordem para deslocar-se em direção à determinada posição, negou-se a cumpri-la porque não queria sacrificar os homens sob seu comando. Então veio o Capitão, tirou a insígnia dele, chamou-o de covarde, mandou-o para a retaguarda e convocou outro Tenente para substituí-lo. Este Tenente avançou com o Pelotão. Só aí tive três soldados feridos. Tínhamos ocupado determinada posição, mas sem poder prosseguir na ascensão do Monte Castelo. De repente, combatentes do 6º RI, que tinham ido na frente, recuavam dizendo: "Olha, rapaz, lá em cima o negócio tá preto, a cobra tá fumando, não há quem consiga avançar, é melhor vocês saírem daí." Mas o Tenente, que havia substituído o outro, mostrou-se ousado e disse: "Aqui é um pedaço do Brasil e a gente não sai." Como o telefone não funcionava, pediu a alguém para avisar ao Major que tínhamos ocupado uma posição. Ninguém se animou a ir, mas eu fui. E então contemplei

um quadro muito triste: cerca de um quilômetro, mais ou menos, passando por cima de cadáveres e feridos. Morreu muita gente, um grande número de baixas nesse ataque. Avisei ao Major e ele mandou a ordem para que não saíssemos dali. Mas ninguém conseguiu suportar, porque prosseguia o terrível bombardeio alemão. Assim, recuamos; infelizmente foi o que aconteceu. Meu grupo, mesmo já tendo sido muito sacrificado, com três homens feridos, recebeu a missão de ocupar uma casa bem na frente. Avançamos bastante e conseguimos nos instalar. Tínhamos ordem de atirar para matar, caso passasse alguém, porque não deveria haver nenhum brasileiro do lado de lá. E como meu grupo tinha sido muito sacrificado, mandaram um outro colega meu, da mesma Companhia, do mesmo Pelotão; 3º sargento Cybber Porto de Mendonça era o nome dele. Meu nome é Silas e o nome dele, Cybber. Então, Cybber foi com os seus homens para aquela casa onde eu me encontrava; tendo chegado à noite. E saí com os meus soldados para poder reajustar e completar o grupo. Só que o arrebentamento de uma granada matou o Cybber e vários outros que estavam dentro da casa. Mas como meu destino inicial conhecido era aquele, o pessoal concluiu que eu havia morrido. Para todos os efeitos, a vítima naquele bombardeio tinha sido eu. Afinal, saíra à noite, sem que alguém me tivesse visto.

Logo em seguida, fui para a retaguarda a fim de recompor o grupo. A coisa mais surpreendente é você encontrar alguém que o imagine morto e o vê vivo. É um grande susto, pelo inesperado do encontro. Mas a novidade chegou à minha família, através de cartas enviadas para Recife por companheiros também oriundos daquela cidade, informando que eu havia morrido em Monte Castelo. Dessa forma chegou a notícia aos meus pais. Mamãe estava grávida e abortou, com a “perda do filho na guerra”.

Em seguida, remeto uma carta para casa, dizendo que participara de um combate, uma coisa terrível; mas que não sofrera sequer um arranhão, porque, de fato, não fora ferido naquela refrega; apenas alguns de meus homens tinham sido feridos.

Quando fui para a retaguarda, eu me lembro, passava por cima de cadáveres, olhava e dizia: “Esse aqui é um herói”, porque quando a gente morre na guerra é herói. E aí, tudo bem; fiquei na retaguarda, minha Unidade em reserva, durante um certo tempo.

Ocorreu, então, o terceiro ataque a Monte Castelo (12/12/1944), do qual não participei. Depois desse ataque seguiu-se um período de estabilidade, pois o inverno se antecipou, chegando mais ou menos no dia 15 de dezembro de 1944; um inverno que dizem ter sido dos mais frios e mais fortes daqueles últimos cinqüenta anos. A neve começou a cair, a coisa mais linda; saíra do Recife, nunca vira neve na vida e naquelas plagas contemplei tudo coberto de branco, tudo bonito, tudo gostoso e a temperatura chegando a 17ºC, a 20°C abaixo de zero.

Como a gente não podia atacar Monte Castelo, foi suspensa a operação; estávamos no inverno e, no inverno, não se combate mesmo; aí, entravam as patrulhas. Tomei parte em várias delas. A gente tinha que localizar o inimigo. Nem eles sabiam onde a gente estava, nem a gente sabia onde eles se localizavam; era a "terra de ninguém"; só que na "terra de ninguém" moravam famílias. Numa oportunidade, fizemos várias patrulhas e não conseguimos achar o alemão.

Certo dia, pegaram um *partigiani*, um italiano, que sabia da existência, em determinado local, de um grupo de alemães; recebemos ordens de trocar fogo com eles, de qualquer maneira, provocar o bicho na sua toca. O Ten Célio Dalva Vieira Regueira era o Comandante do meu Pelotão. Para mim, este oficial foi um dos grandes heróis da FEB; comandou o Pelotão a que pertencia o meu grupo. Eu havia feito um curso no Exército, quando estava em Aldeia, de demolição com explosivos, quer dizer: colocava mina, removia, desmontava armadilha, essas coisas todas. Por isso sempre estava na frente; desta feita saímos para atacar a posição onde se supunha estivesse o inimigo. Lá, não existia ponte; era um rio que apresentava a superfície congelada; a gente passava por cima daquela camada de gelo, em seguida enfrentava a neve quase na cintura, sobe morro, desce morro, até chegar ao local previsto. Aproximamo-nos, cercamos a casa... isso demorou horas, com um frio danado; (preciso entrar na casa, cabe a mim fazê-lo, como especialista nessas coisas). Inicialmente pensei que houvesse alguma coisa estranha, segurei a porta, abri, nada... então, ótimo! Entrei com a metralhadora e notei um casal com duas filhas, bem à frente, perto da mesa. Apontei a metralhadora para eles e disse: "Onde é que está o alemão?" Ele respondeu: "Aqui não tem alemão." Mandei os soldados entrarem, a gente *rodeou*..., "nós não estamos aqui para prejudicar ninguém, não queremos ferir ninguém, agora quero saber onde é que está o alemão." Aí, o dono da casa repetiu: "Não tem alemão"(em italiano); "tem, nós recebemos informação de que tem alemão." E acrescentei: "Então, faça o seguinte: vamos correr os quatro andares da casa." Aí, o bicho frouxo que só ele mesmo mandou-me subir com a mulher; eu e os dois soldados subimos, vasculhamos a casa, não encontramos realmente alemão. Cheguei junto ao velho, novamente, e falei: "Onde é que está o alemão?", ele repetiu: "Não tem alemão"; aí, desembainhei a faca, pois a gente andava com uma faca de trincheira, encostei-a no braço dele e disse: "Onde está o alemão?" e ele, outra vez: "Não tem alemão". Nisso, eu o *furei*! Quando ele viu o sangue correr, disse mais uma vez: "Não tem alemão"; eu retruquei: "Tem não?"; peguei a faca, botei no peito dele, em cima do coração e ameacei: "Se você não disser, eu o mato; não dou tiro, senão o alemão ouve e descobre; mas eu o mato aqui e agora"; e, quando apertei um pouco, ele viu que eu estava falando sério e disse: *subito*. *Subito* quer dizer "perto";

então chamei: "Vamos comigo." O velho veio até a porta e saímos andando, nos aproximamos de uma determinada posição, uma elevação e um pequeno canal lá em baixo; ao olhar, vi uma árvore – disso nunca me esqueço – ao lado da árvore, um toco. Quando a gente chegou e olhou, o coitado do italiano viu aquilo e deu um berro: "sentinela *tedesca*", "sentinela alemã". Ao dizer isso, o toco – que era um vigilante, um vigia que eu pensava ser um toco – virou-se para mim, eu estava atrás dele. Acho que essa foi a minha salvação. Ele virou-se para mim e deu um grito – não sei alemão – esse grito era *raus! raus!*, mais ou menos foi esse o som que ele emitiu. Mas foi um grito bem forte; dizem que é "fora daí" num tom bem agressivo. Empunho a metralhadora, aponto para ele (estava perto, talvez uns 15 metros); quando puxo o gatilho, não funciona; pronto, a metralhadora não funcionou; peguei uma granada de mão; quando fui botar o dedo no aro para tirar o grampo, não entrava, porque a luva era grossa. Repare, tudo isso em décimos de segundos; então, tirei a luva com os dentes, arranquei o grampo e lancei a granada. Acabei com aquele camarada ali. Muito bem, volto e peço ao Tenente que me dê outra metralhadora, porque a minha tinha falhado. Ele me deu a metralhadora e, quando estou regressando àquela elevação, encontro-me face a face – talvez não houvesse cinco metros entre nós dois – com o segundo alemão que ia subindo. Um fica olhando para o outro; eu pego e aponto a metralhadora, que falha novamente; ele me joga uma granada de mão, que cai entre as minhas pernas; pronto, pensei... Aqui..., só fazendo um parênteses a respeito dessa sensação que você tem, quando vai morrer. Eu era jovem, tinha 21 anos de idade, estudante de medicina, uma família organizada, tudo estruturado, tudo *bonitinho* e, de repente, uma granada entre as pernas, sei que vai explodir e que vou morrer. É uma sensação terrível: você está sabendo que vai morrer e o fim é iminente. Mas, graças a Deus, a granada não explodiu e eu peguei a minha, joguei-a e ela funcionou. A partir daí, começou: apareceu alemão de todo lado e foi só troca de tiros, daqui, dali. Essa patrulha ficou chamada de "Patrulha Tenente Rigueira".

Há vários livros que falam dessa patrulha e, em função disso, fui condecorado. Deram-me a condecoração por ato de bravura, porque, nessa ação, matei dois homens; não sei se matei mais. Foi uma das ações mais agressivas e violentas, aquilo que se passou naquela ocasião

Quando fizemos aquela patrulha, como observei, a temperatura era de 20°C abaixo de zero e nós havíamos lubrificado as armas, tudo *direitinho* para não falhar. Exatamente, o fato de ter lubrificado, parece, gerou o incidente; o lubrificante congelou e virou um sebo, uma substância grossa; nenhuma metralhadora funcionou naquele dia. E, quando estávamos voltando, como tivéssemos que atravessar um rio congelado, o alemão começou a bombardear a superfície para quebrar o gelo e impe-

dir a nossa passagem; se a gente ficasse do lado de lá, eles acabariam com todo o grupo. Mas, graças a Deus, conseguimos cruzar o rio, atingimos, em paz, o nosso lado e a Artilharia acabou com a posição deles.

Recordo-me de que chegou uma Bandeira da Cruz Vermelha pedindo-nos para suspender o fogo, a fim de retirarem os mortos e feridos daquele local. Então, valeu aquela patrulha, porque foi localizada a linha inimiga, que ninguém sabia onde se encontrava.

A maior das dificuldades enfrentadas foi o clima, porque a gente sai do Nordeste, com a temperatura de 30°C a 31°C e vai para 17°C abaixo de zero, no inverno. A sensação é tremenda. A outra dificuldade é o terreno; nós estávamos nas montanhas, nos Apeninos. Era algo a que não estávamos acostumados: andar em cima de terreno montanhoso. Muito difícil, às vezes, de escalar; onde nos encontrávamos, por exemplo, com o meu Pelotão, o que é que acontecia? Só levavam a alimentação, munição e correspondência de noite, nos lombos de burros, porque ninguém podia passar durante o dia. Estávamos numa área em que havia alemão aqui, alemão ali e nós diante deles. Ninguém ia lá, nem o Comandante da Companhia, nem o Capelão evangélico, que era amigo nosso. Ele disse que, várias vezes, tentou e não deixaram; o local era muito arriscado, ninguém podia ir lá. Eu estava na ponta mais avançada da FEB na Itália; meu grupo era o do Tenente Regueira, a quem admiro muito.

Enfatizo o importante trabalho das patrulhas: uma de suas missões era fazer com que o inimigo se mostrasse. Quando a gente saía de patrulha, geralmente era coluna por um, primeiro, por causa do caminho atopetado de neve (a gente ia abrindo o caminho). E vêm aqueles cuidados de sempre: o primeiro fica olhando para a frente, o segundo, para um lado; o terceiro para o outro; e, o último, para trás; parar e observar. Uma patrulha dessas é muito lenta e, na realidade, não precisaria atirar, porque raramente encontrávamos o inimigo, que permanecia sempre oculto. Do mesmo jeito, às vezes, eu estava na posição lá na frente, observava o inimigo passar por dentro do terreno da gente e não atirava nele. Porque a finalidade era localizar o inimigo; se eu atirasse, ele passaria a saber a minha posição e a Artilharia nos bombardearia. Do mesmo modo, ele procedia com a gente.

Obter êxito numa ação de combate, num campo de batalha, exige que qualquer contendor tenha vontade e coragem de enfrentar o inimigo. Sucesso depende muito também da estratégia do comando. Eu, por exemplo, era 3º sargento, nada entendia de tática acima das manobras próprias de meu escalão. Ao engajar-me numa ação de combate, cumpria ordens do tipo: “Você vai ocupar aquela posição”– eu ia para aquela posição. O receio e mesmo o temor que assaltam a muitos têm que ser superados com bastante coragem, disposição e amor à Pátria.

Mas há outros aspectos que merecem ser considerados: expectativas, preocupações nas diversas fases do meu envolvimento com a guerra.

Eu era um sujeito tipicamente civil. De repente, vejo-me "enquadrado" no Exército, já como 3º sargento, e recebendo preparação intensiva para a guerra. Na realidade, o que eu sabia da guerra era o que todos líamos nos jornais ou ouvíamos no rádio. Naquele tempo não havia televisão; então, pelo que publicavam na imprensa e comentavam nas estações de rádio, a expectativa era de, pelo menos, voltar vivo. Jamais eu evitei, tentei me eximir do cumprimento do dever, jamais. Mas, alguns colegas meus, que foram convocados comigo e fizeram até curso de cabo e sargento, inventaram doenças para não seguir ou, então, foram apadrinhados por alguém. De qualquer maneira, se fui convocado para servir à Pátria, achei que deveria ir, cumprir a minha missão, assumir a responsabilidade que me fora imposta.

Quanto à opinião pública da época, tenho a impressão de que não houve grande manifestação, porque o povo não sabia nem do que se tratava. Mas nós estávamos sendo preparados; vivíamos nos quartéis. A gente tinha pouco tempo para ir à rua; lembro que faltava tempo para ler jornal, era o dia todo na Unidade. Aliás, recordo uma experiência singular: quando a gente está se preparando para a guerra, só se fala em matar, com golpes de faca, "facada de baixo para cima, nunca de cima para baixo", coisa desse tipo; eu sou evangélico, um dia saio do quartel e, ao chegar à minha Igreja, vejo escrito "Deus é amor". Aquilo representou um choque muito grande para mim, porque você sai do ódio, da violência e da agressão e encontra o amor de Deus.

Mas, durante a guerra, a gente recebia muitas cartas de pessoas amigas, além dos familiares. Demonstrações de afeto, embora a manifestação principal tenha ocorrido no pós-guerra. Quando da nossa chegada, a gente saiu marchando em coluna por seis e, pouco depois, não havia mais coluna: a gente no meio do povo, o que era muito divertido, porque as meninas pegavam você, beijavam, abraçavam, era uma confusão! Quando a gente saía do quartel, ia a qualquer lugar, era *arrodeado*; foi uma demonstração de carinho, de afeto, de amor mesmo, que a gente recebeu de parte da população. Tudo aquilo nos deixava muito envaidecidos como integrantes da FEB.

Curioso é fazer a comparação com a viagem do Brasil para a Itália. Um dia, após várias ameaças de partida, entramos no navio mesmo; desse momento em diante, estávamos por conta da guerra; mas não tínhamos idéia realmente do que era guerra. Então, a turma brincava, sambava, era festa, muita diversão. Havia exercícios diários para a gente aprender a usar os salva-vidas, os barcos, se o navio fosse atingido. Todos os dias, passávamos por aqueles treinamentos para que fossem criados bastante reflexos no indivíduo. Por isso, a viagem toda, que durou 14 dias, para

mim, foi até festiva, muito divertida. Não houve nada de mais, não tivemos nenhum contratempo; tinha ocorrido um probleminha, mas no deslocamento de Recife para o Rio, parece que um submarino alemão lançou um torpedo que explodiu perto da gente e houve um estrondo ou coisa parecida. Do Rio de Janeiro para a Itália, formávamos um comboio enorme, não sei de quantos navios, com o nosso no centro do dispositivo. Tínhamos a proteção de muitas belonaves americanas e brasileiras. Mas, até ali, nada tínhamos visto de guerra. Era só festa no navio.

Este espírito se transformaria em solidariedade entre companheiros, superiores e subordinados durante a campanha. Embora, quando em operações, praticamente não visse nem o meu Capitão, porque eu sempre estava na linha de frente, bem na frente mesmo, ninguém ia lá.

Mas a solidariedade era permanente. Todos tínhamos os mesmos sentimentos, padecíamos os mesmos sofrimentos, as mesmas angústias, as mesmas perplexidades, as mesmas decepções. Um dependia do outro; criava-se entre nós um sentimento de amizade tão grande que a gente ainda guarda, não esquece e é impossível descrever. Era sentimento de fraternidade, de confiança no irmão, a mútua dependência se transformava no ímpeto de ajuda e dedicação; os problemas e sacrifícios de todos eram iguais, no sofrimento e na morte – a suprema expressão do amor, do amor cristão.

A respeito da diferença de equipamento, alimentação, clima, temperatura e outras coisas mais, devo lembrar que o alemão já estava na guerra havia quatro anos e a gente estava chegando; já estava acostumado com aquilo tudo; estava na defensiva, nós atacávamos; eles, em cima do morro, a gente, embaixo, determinados a subir. Creio que o entusiasmo do soldado brasileiro, suas manifestações de coragem, foram fatores decisivos para que conseguíssemos superar as deficiências e, afinal, voltássemos de lá vitoriosos. Uma das coisas curiosas, também, só para chamar a atenção: quando nos davam peru, sorvete, queijo, doce, era sinal de que, no outro dia, haveria uma batalha, alguma coisa grande; parece que era para a gente morrer com a barriga cheia de coisa boa. Assim como a "última refeição dos condenados"!

Mas em qualquer situação, em qualquer circunstância, o brasileiro típico é entusiasmado, é alegre naturalmente. O alemão é sisudo, mais do que o americano que também é um pouco; já o italiano e o brasileiro são muito parecidos, estão sempre na bagunça.

É preciso que nos aproximemos de nossos jovens, destacando os sentimentos positivos que herdamos da guerra. Comigo, especialmente, um grande amor à Pátria, um grande amor à vida, um grande amor aos meus familiares. Quase todos só valorizam aquilo que perdem ou estão na iminência de perder. Na verdade, na proximidade

da morte, particularmente para quem lida com a vida e com a morte, como eu, que estive várias vezes em tais situações, posso afirmar que amo a vida, amo mesmo a vida. E como amo a minha vida, faço questão de ajudar os outros. Atualmente trabalho com drogados; em função desse amor que tenho à vida, para salvar os jovens, que estão destruindo suas próprias vidas de maneira inglória.

Então, permanece esse sentimento de solidariedade, de respeito, de amor à Pátria. E o interessante é que você sente um amor muito grande, quando está lá na guerra e pensa que, depois, vai diminuir. Contrariamente, ele cresceu, porque todos estávamos lá cumprindo uma nobre missão e ajudando a minha Pátria a atingir seus supremos desígnios. E esta é a marca indelével que permanece.

Os piores momentos de uma guerra talvez estejam na preparação; pelo menos, para mim, porque era uma pessoa muito caseira, vamos dizer assim, fazia parte de um grupo familiar grande e muito unido. Aquele tempo que a gente passava fora era difícil; semanas sem ver os parentes, amigos, na minha situação, sem ir à casa, sem poder estudar, porque eu queria ser médico. Então isso, certamente, foi muito desagradável; entretanto houve vantagens, pois adquiri disciplina, aprendi a respeitar, aprendi a obedecer; todas essas coisas me deram a experiência que embasa a minha vida, isto é, para o restante da minha existência adquiriu valor muito grande, para conseguir vencer e ser bem-sucedido, hoje, como civil a experiência do Exército.

Muita gente me pergunta que tipo de assistência a gente recebia na guerra: religiosa, social, psíquica etc. De assistência social não vi nada; da psíquica, também não; nunca vi qualquer psicólogo, não sei nem se havia psicólogo naquela época, pelo menos, com curso superior. Entretanto, quanto à assistência solidária dentro do grupo, esta era intensa: o padioleiro que vai buscar o ferido, que vai fazer o curativo na gente etc.

No que tange ao apoio dos companheiros, posso dizer que estava sempre na frente, passando semanas e semanas sem ver ninguém do Comando, exceto o tenente. Capitão era raro ver, major, coronel, nem se fala. Certamente pela posição em que nos encontrávamos.

Permanecíamos numa casa chamada "Torre de Mala Vita", bem à frente mesmo, aonde ninguém podia ir, senão correndo muito risco. Tinha pouco contato com os comandantes; eventualmente, nos avisavam para vir à retaguarda a fim de passar um dia, e, mesmo assim, era raro nos encontrarmos. Agora, o tenente estava comigo, lá na frente. Era o meu superior.

A assistência religiosa também não podia ir à frente. Mas, antes de entrar em combate, havia sempre um jeito de recebê-la. Os capelães, padre e o evangélico, faziam reuniões conosco, antes de irmos para a linha de frente, ainda no acampamento.

Essas reuniões eram muito úteis. Para mim, foram de vital importância. Costumo dizer que, quando estava naquela confusão toda de matar, só me ocorria um recurso: orar muito a Deus. Orei tanto que penso ter abusado da paciência do Senhor. Andava com o Novo Testamento no bolso, porque sou homem bastante religioso; então, lia o Novo Testamento, orava ao Pai e, de repente, me acalmava, ficava tranqüilo. Essa parte espiritual foi muito importante antes de sairmos do Brasil, até quando chegamos ao acampamento; só houve dificuldade quando seguimos para a linha de frente, pois o capelão não podia estar lá.

Muita gente me pergunta como vejo a imagem do Brasil, único país latino-americano a combater em outro continente. Acredito que a saída do Brasil para a Itália, atravessando o oceano, deixando a nossa terra e o continente, deve ter trazido para a nossa Pátria um prestígio muito grande, tanto nas Américas, como na própria Europa, porque, de repente, ficou caracterizado que o Brasil não estava voltado somente para si mesmo; como naquela ocasião, hoje ou quando, eventualmente, houver necessidade, saberá participar, com desenvoltura, da ajuda ao mundo livre. Penso que isso significa grande prestígio e preparo do soldado brasileiro para cumprir qualquer missão.

Indubitavelmente, o nosso homem, que esteve na guerra, tornou-se mais esclarecido, adquiriu novos horizontes. Cada um que chega aqui conta a história de sua vivência na Itália, às vezes, aparentemente contraditória à de um outro, mas não é. Exemplificando: um soldado, que tenha pertencido ao meu grupo, eu e ele sendo entrevistados, os fatos que ele narrar podem ser diferentes dos que eu contar. Por uma razão muito simples: em determinada situação, posso percorrer um itinerário e encontrar um alemão que me dá um tiro; aquele soldado vai seguir outra trilha e não esbarra com nenhum militar inimigo. Repare: na mesma guerra, há guerras diferentes, dependendo das circunstâncias em que cada um se encontre. Daí dizerem: esse pessoal mente muito; mas não se trata disso, Apenas a guerra em que combatemos, uns e outros, mesmo do mesmo grupo, Pelotão, em qualquer escalão, deu, a cada homem, as oportunidades de experiências diferentes.

O convívio com o italiano foi o melhor possível. Sou grande fã do italiano; já estive lá umas cinco vezes depois da guerra. Eu os admiro demais. É um povo alegre, brincalhão, gosta de dançar. Em plena guerra, quando a gente estava mais à retaguarda, um cara pega uma sanfona, numa praça, toca e todo mundo vem dançar; é um pessoal muito divertido. Por vezes, como nós outros, faziam algumas molecagens. Coisas pitorescas. Havia um cigarro brasileiro chamado Yolanda, que tinha a figura de uma loura na caixa; mas a gente recebia cigarro americano, Chesterfield, Camel etc; não me lembro exatamente, porque não fumo; os italianos não suportavam o

Yolanda, cigarro forte que alcunhavam de *bionda cativa* (loura ruim). Os meninos abriam a carteira americana por trás, retiravam o cigarro americano, enchiam-na de cigarro brasileiro e vendiam para os italianos. Havia uma outra "malandragem local": chá de casca de qualquer coisa, diziam que era vinho. Mas, de qualquer forma nos dávamos muito bem; ainda hoje, tenho uma grande admiração por eles.

Muitos me indagam sobre as ações da FEB com reflexo na vitória aliada. Para mim, a maior vitória brasileira na Itália foi a tomada de Monte Castelo. Como já comentei, tomei parte no segundo ataque e testemunhei a vitória, com a conquista de Monte Castelo, ao tomar parte no quarto e definitivo ataque. Nele, assisti a violência do combate, que, ao meu ver, foi um inferno.

No meio daquelas agruras todas, em alguns momentos, a gente sentia falta dos entes queridos, mas era preciso agüentar firme. Muita correspondência, carta para lá, carta para cá; escrevi muitas cartas, os meus parentes e amigos mandaram muitas missivas. Eu, realmente, era noivo, terminei acabando o noivado com a jovem. Não deu certo. Casei-me com outra, uma amiga minha de infância; desde os dez anos de idade nós nos conhecemos, a minha esposa, a Nicéia, mãe dos meus filhos. Ela é uma pessoa que sempre amei, desde adolescente; mas, sabe que eu gostava de namorar com outras meninas; ela não gostava; aí, acabou o namoro. Ao regressar da guerra, reatamos o namoro, pois a gente sempre se quis bem, e dou graças a Deus pela esposa que tenho. Mas as cartas chegavam e a gente sempre as recebia. O serviço de correspondência funcionou muito bem.

Depois que tudo isso passou, ainda hoje, relembro dois momentos interessantes, duas coisas: uma, ótima e outra, péssima, digamos assim. A ótima foi o que se deu, quando desembarquei no Rio de Janeiro. Como falei, o povo carioca muito alegre beijava e abraçava a gente, arrancava-nos as divisas, no meu caso as de sargento. Mas, para se chegar ao Recife, o negócio foi complicado, porque seguimos até a Bahia e de lá, o pessoal do Nordeste viajou para Recife. Então, aconteceu algum problema que não sei explicar; o navio era brasileiro e o comandante também. Os meninos se irritaram e começaram a jogar, no mar, colchões, pratos e outros objetos: na verdade uma confusão, uma pequena rebelião. Felizmente ninguém tinha arma. Quando chegamos ao cais do porto, aí deu-se a decepção: não havia ninguém para receber a gente, só soldados com metralhadoras, em pontos estratégicos. Possivelmente o comando local soubera da rebelião e providenciara medidas acauteladoras. Logo, a minha recepção no Recife, na minha terra, foi a pior possível, decepcionante mesmo. Pois a gente esperava uma parecida com a do Rio, todos lá para beijar e abraçar os ex-combatentes. Tudo isso, por causa daquela rebelião a bordo. Então, certamente os chefes ficaram temerosos de

que a gente quisesse criar algum problema e procuraram se prevenir. Até me lembro que, ao sair, encontrei um camarada com uma metralhadora e disse: "Rapaz, deixa de ser bobo, vim de uma guerra, tomo isso aí, brincando. Não tenho medo disso, eu vim foi de uma guerra real." Mas, foi só *de farol*, para irritar o infeliz. Depois, fui chamado pelo Comandante da Região para explicar o que havia acontecido; disse que não sabia o motivo inicial, mas tomara conhecimento de um problema com o comandante; eles o insultaram e começaram a jogar tudo fora: colchão, talher, prato, tudo mais, quando já estava pertinho de chegar; mas não havia ninguém querendo matar ninguém.

Para sair do cais do porto, tomei um bonde, havia ônibus, para ir para casa. Ninguém pôde transportar-me, já que não poderia entrar naquele setor. Ninguém encostava no cais. Peguei o bonde e fui para casa. Lembro-me de que, ao aproximar-me de casa, estavam dois irmãos meus na esquina; creio que estavam me esperando, mais ou menos àquela hora. Quando viajei para a Itália, mamãe teve um filho, naquele mesmo período; Tomás era o nome dele; então, quando cheguei, meu irmão estava lá como um pivetinho, no chão; corri para casa que ficava a uns trinta metros da esquina; foi aquele "chororô": mamãe, papai, minhas irmãs, todo mundo me abraçando; lembro-me de que perguntei: Cadê o Tomazinho? Porque, na minha cabeça, o Tomazinho não tinha crescido. Fui surpreendido: o Tomazinho era aquele menino que estava lá na esquina. Mas, a recepção da família foi maravilhosa, sem dúvida foi emocionante, enquanto a chegada ao Porto do Recife tinha sido péssima.

Do pessoal que foi para a Força Expedicionária Brasileira, fui um dos que tiveram sorte porque estudei medicina, possuo o curso, tenho a minha vida independente. Mas, fui Secretário da Associação dos Ex-Combatentes de Recife, durante um tempo, ainda como estudante; a maioria dos ex-combatentes não conseguia emprego, porque era muito pequena a oferta de trabalho para eles. Ainda hoje enfrentam dificuldades. Fica a minha dúvida: será que valeu a pena aquele sacrifício todo?

Gosto de lembrar do nosso Comandante da FEB, o Gen João Baptista Mascarenhas de Moraes. Vi o Gen Mascarenhas, pela primeira vez, durante uma formatura e, na segunda vez, ao ensejo de um inesquecível encontro. Foi após a realização da patrulha que já relatei anteriormente – quando falhou a minha metralhadora, e escapei de morrer –, mandaram-me a Florença para ser homenageado. Naquela ocasião, recebi os cumprimentos pessoais do Gen Mascarenhas; lá se encontravam, também, o Gen Mark Clark, o Gen Zenóbio e outros generais; então, sendo apresentado a eles, me senti importante porque, de repente, aproximei-me do comando geral. Na realidade, estavam querendo prestigiar a tropa brasileira que, através daquelas ações de patrulha, levantara o moral que estava lá embaixo. Sempre admirei

o Gen Mascarenhas de Moraes; para mim, ele foi um homem impoluto, sério, bastante inteligente. Deixou uma excelente imagem.

Nosso treinamento inicial, levado a cabo no acampamento de Filettole, foi conduzido de forma muito séria, com bastante dureza e disciplina rigorosa. Estávamos numa área onde havia mina por todo lado. Por isso era proibido sair; recordo-me de três soldados que desobedeceram ordens, pisaram numa mina e morreram. Portanto, tem que seguir a disciplina.

Este fato traz à lembrança as missões de patrulhas e vêm à memória episódios importantes. O Brasil atacou Monte Castelo quatro vezes; tomei parte nos segundo e quarto ataques que, como já descrevi, deixaram a impressão de um verdadeiro inferno. O segundo ataque – 29/11/1944 – foi realizado por um Grupamento Tático (GT) constituído dos I/1º RI, III/11º RI e III/6º RI; seu insucesso ocorreu principalmente porque nosso flanco esquerdo estava descoberto. Com a minha Unidade na reserva, não tomei parte no terceiro ataque. Logo após começou o inverno. Durante o inverno, nossa preocupação era localizar as posições do inimigo. Eram as patrulhas que faziam isto. Vou comentar as ações de três patrulhas; fiz parte de umas vinte; mas três, para mim, marcaram mais. Numa delas, recebi ordem do Comandante da Companhia para ir com o meu grupo, só nós, a uma posição lá em cima da serra. Quando se chegasse a uma casa que existia no nosso ponto de destino, deveria dar um sinal de lanterna, para confirmar a nossa chegada. Então, depois de termos andado muito, chegamos, cercamos a casa, entramos e nada encontramos, nada de mais. Fiz o sinal que eles pediram e voltei. Quando fui falar com o capitão, ele disse: “Sargento, só acredito que você foi, porque vi o sinal que fez, pois, há uma semana atrás, todos os integrantes de uma patrulha enviada àquele mesmo local foram presos. Eu indaguei: “Mas, capitão, como é que o senhor só agora é que vem me dizer uma coisa dessas? Se tivesse me avisado antes, eu teria ido com mais cuidado”; até fiquei meio chateado. Então, essa foi uma patrulha meio maluca de que me lembro.

A outra foi no dia de Natal; parti com má vontade, porque, como evangélico, de repente, no Natal, eu teria que realizar uma operação de combate. Soube-se que havia um grupo de alemães numa casa, lá no meio da “terra de ninguém”, comemorando o Natal com umas mulheres, dançando dentro de casa etc. De vez em quando, os brasileiros também aproveitavam aquele lugarzinho. Então, como eles sabiam o local onde estariam os alemães, recebi ordem para prendê-los com o meu grupo. Iniciamos o deslocamento; tudo coberto de neve. Quando estávamos, mais ou menos, a uns cem metros da casa onde se encontravam os alemães, eles saíram e começaram a dar tiros com munição traçante; então nós, que não éramos doidos para enfrentar de peito aberto os inimigos atirando, demos meia volta e nos abrigamos,

mas a Artilharia acertou algumas granadas em cima deles. Era noite de Natal, foi terrível isso para mim.

A outra é uma história que parece até ridícula. Recebi ordem de pegar a guarnição de um carro de combate. Os alemães estavam no alto da serra, acima da gente, e a informação era que, num cemitério lá existente, eles haviam feito um túnel onde o tanque estava protegido. Recebemos ordem de sair e capturar a guarnição desse tanque. Levamos arame para trazer os homens presos, tudo certo. Só que, felizmente, quando chegamos lá, nem estava o tanque nem havia ninguém. Existia o túnel, mas você já pensou, pegar a guarnição de um tanque? São coisas que achei meio extravagantes. Além dessas fizemos muitas outras patrulhas.

Ainda recordando Monte Castelo: O vitorioso quarto ataque àquele formidável obstáculo à progressão dos aliados foi executado pelo 1º Regimento de Infantaria, do qual eu fazia parte; às duas horas da madrugada, a gente sabia que, dentro de três horas, iria ser desencadeado o ataque, ou seja, por volta das cinco horas da manhã de 21 de fevereiro de 1945. Às duas horas da madrugada, recebi ordem de sair com o meu grupo, que pertencia ao Pelotão do Ten Fredímio Trotta. A ordem era: sair com o Pelotão e ocupar, através de um golpe de mão, uma casa que ficava ao lado esquerdo de Monte Castelo. Para isso, saímos de madrugada, com o mapa onde estava indicada a localização da casa. Chegamos lá, depois de algumas horas. Como sempre, eu ia na frente, porque sabia ativar e desativar minas. Quando olhamos a casa, concluímos que não podíamos cercá-la, porque não dava jeito; então, ficamos na frente da mesma e esperamos um pouco para ver se via alguma coisa. Não vimos nada e resolvemos entrar. E é aqui que entro na ação. Havia uma cerca viva que se estendia até a casa, cuja entrada por onde passei o pé existia um cordão, um fio; ao pisar no fio, desprendeu-se uma granada ou coisa parecida que tinha um pára-quedas com uma luz muito forte. O clarão iluminou todos nós; foi um salve-se quem puder, porque, repentinamente, você se encontrava sob uma luz, talvez mais forte que a do dia. Ninguém esperava aquilo. Todo mundo recuando, soou uma gritaria, disparo de arma, enfim, um pandemônio naquele local. Depois de um certo tempo, como não recebemos nenhum tiro, voltamos à casa. Eu ia na frente, lembro-me muito bem disso, quando olhei para o lado esquerdo do prédio vi metralhadoras .50 e .30, morteiro e bazuca, uma porção de coisas com que eles alvejavam o flanco esquerdo do Monte Castelo. Depois, é que fui saber o que era aquilo. O certo é que a gente ocupou aquele ponto, por volta das quatro horas da madrugada; aguardamos um pouco e resolvemos sair, em torno das seis horas, em direção à posição de Monte Castelo. Vinha subindo uma tropa americana que tinha participado de alguma missão e estava retornando; de repente, nos vêem saindo de um local onde estivera o alemão; o que eles fazem? Atiram na

gente. Morreu um soldado meu. Há um livro publicado sobre ele. Então, nessa situação perdi um soldado, morto pelo próprio americano. Estabeleceu-se uma confusão, até que tudo se acalmou; eles descobriram que éramos brasileiros, não atiraram mais e continuamos o percurso até que chegarmos nas cercanias do cume do Monte Castelo. Estávamos ocupando a posição que os alemães haviam ocupado antes. Alí, eles atiravam do flanco, ninguém passava; e o faziam de um lado e do outro. Dessa forma, a tropa brasileira não podia subir nunca, porque o alemão estava nas laterais, dominando os flancos do morro; esse era o grande problema. Depois de alguns anos, até li uma revista que falou nesse ataque que a gente fez, inclusive citando o meu nome. Se não fosse aquela conquista, aquele golpe de mão, talvez tivesse morrido muito mais gente. Daquela posição, continuamos em frente e, quando atingimos o topo, cerca de 19 horas, vislumbramos a paisagem mais linda do mundo, o Vale do Pó. Após a conquista de Monte Castelo, recebi ordem de sair com o meu grupo, numa patrulha, para trazer armamento, feridos e arrumar os mortos para os padioleiros apanharem, isso já do outro lado do Monte Castelo que a gente não conhecia. Foi aí que peguei uma metralhadora alemã, alcunhada de “lurdinha”. Minha noiva, na época, era Lurdinha e eu queria ter uma metralhadora com o nome dela.

Saí com o meu grupo, faltando um soldado que tinha morrido. Arrumamos os cadáveres em determinado ponto para os padioleiros recolherem, uns meninos de 16, 18 anos de idade, alemães; apanhamos o armamento que pudemos, os feridos que foi possível trazer e regressamos. Fiquei lá em cima, no cume do Monte Castelo; mas estava muito cansado e aí, os alemães, obviamente, reagiram, contra-atacando. Começaram a bombardear em cima do monte, enquanto me encontrava lá com o meu grupo e outros soldados. Uma granada caiu bem perto da gente; note-se que a pessoa fica de tal maneira acostumada a reconhecer os sons, com a capacidade auditiva apurada, de modo que se sabe para onde a granada vai, qual seu ponto de impacto aproximado. De repente, veio uma granada, caiu bem pertinho da gente e feriu vários soldados. Ela explodiu embaixo e nos pegou de baixo para cima; pegou vários soldados e eu me movi, ajudando os soldados, fazendo curativos em alguns com ferimento grave. De repente, sinto algo molhado no meu pé; quando olho, estava saindo sangue da minha bota; pois um estilhaço da granada arrancou-me toda a parte carnuda do pé, sem afetar o osso; foi um ferimento relativamente simples, graças a Deus, não fraturou nenhum osso. Fui conduzido para o hospital. Um esclarecimento: quando se está numa guerra, em combate, o organismo libera um hormônio chamado adrenalina. A adrenalina proporciona uma vivacidade, tudo fica claro, raciocina rápido; é um negócio impressionante. E a gente se vicia nisso também. Então, o que aconteceu? Passei o tempo todo na linha de frente, de patrulha; de repente, vou para o hospital

onde não se faz nada. Você deitado numa cama, sob a assistência das enfermeiras; fiquei doido para voltar para o *front*. Parece até que estava viciado mesmo. Fiquei 45 dias hospitalizado. Pedi ao médico para me dar alta e ele disse: “Não, só vou lhe dar alta daqui a uma semana.” Então fugi. Uma coisa curiosa: deixei o hospital e foi fácil chegar à frente, porque era brasileiro: “Onde está o Regimento Sampaio?”, “Está em tal parte”. Eu pegava carona num caminhão aqui, num jipe acolá e assim cheguei ao Regimento Sampaio. Só que não tendo recebido alta do hospital, era foragido e não trouxera nenhum documento para a Companhia. Disso eu vim saber há uns três ou quatro anos; pois um amigo meu, que servia no Sampaio, recebeu a ordem de verificar, fazer um levantamento dos heróis do Regimento e eu constava lá como desaparecido. Tudo isso porque não recebera alta, nem fora recebido de volta. Ele perguntou o que aconteceu e contei a ele o ocorrido. Então me mandou uma porção de papéis da guerra onde há elogios etc. Depois que saí do hospital, 45 dias exatos, a guerra estava no fim. Avançávamos e perguntávamos pelos alemães. Quando chegamos a Piacenza, creio ser essa a cidade, disseram-nos “Passaram dois dias aqui”; saíamos atrás, mas não os localizávamos mais. Às vezes, aparecia um maluco, ficava em cima de uma casa, de uma árvore, esperando que a gente passasse; um franco-atirador. A turma o derrubava ligeirinho; era suicida mesmo.

E chegamos até pertinho de Milão. Quando íamos ingressar na cidade, pediram para a gente não entrar, pois estavam resolvendo um problema. Era o assassinato de Benito Mussolini e de Clara, sua mulher, que estavam pendurados em uma trave, num posto de gasolina onde todo mundo que tivesse filho morto, por causa do fascismo, atirava neles. Depois, autorizaram a gente a entrar, pois já tinham tirado tudo de lá.

Assim terminou a minha guerra. Em seguida, começaram os preparativos para o regresso. Antes do embarque, tive uma preocupação. Talvez o maior medo que tive na guerra foi quando ela acabou. A nossa acabou no dia 2 de maio de 1945; o dia da vitória foi 8 de maio. Então, quando a guerra findou na Itália, todo mundo pegava uma arma, fuzil, metralhadora e atirava para cima, para comemorar o fim da guerra. Fiquei apavorado, com medo de que uma bala daquelas me pegasse, compreendeu? Todo mundo atirando, pode uma bala dessas, perdida, atingir a qualquer um. Foi um grande medo que tive na guerra, maior do que senti quando estava na frente do alemão.

Assim, passamos ainda vários dias na Itália, viajando por aquelas cidades.

Depois, embarcamos de volta. Aí, já foi uma coisa completamente diferente: ninguém tinha medo de ir a pique, era brincadeira, festa, até que desembarcamos no Rio de Janeiro. Aí, começa o pós-guerra.

O meu pós-guerra tem sido maravilhoso. Deus tem-me abençoado muito. Terminei o curso de medicina, vim para o Ceará, fui convidado pelos missionários, pois sou evangélico, para fundar um hospital Batista Memorial. Naquela época, não havia médico evangélico no Ceará e eu fui o primeiro. Fundamos o hospital que, para mim, foi uma grande benção também; depois criei o Desafio Jovem, com um grupo de pessoas. Este, para mim, é o trabalho melhor que já fiz na minha vida, porque estou tirando jovens da desgraça, do erro, das drogas. Costumo dizer que faço esse trabalho porque, quando jovem, matei jovens e hoje quero ajudar jovens a ter uma vida decente, uma vida digna, uma vida em que eles sejam úteis à família, à sociedade e a eles próprios.

Mas, em face do que vivenciamos lá, na Itália, o que sentimos hoje é que a gente quase não pode nem comparar a mocidade atual com a mocidade de antigamente. E explico isso de uma maneira muito simples. É que a família mudou. Está havendo uma diferença muito grande entre a família de hoje e a família de antigamente. Na família de hoje, os pais quase não têm tempo para os filhos. Como posso transmitir aos meus filhos valores morais, espirituais, familiares, se não tenho tempo de falar com ele? Não fazem refeição juntos. O filho pega o prato e vai comer no quarto.

Eu queria deixar uma mensagem mais para os estudantes, para os jovens. É que lidei, durante muitos anos, com a vida e com a morte e dei um valor imensurável à minha vida, quando estive na iminência de morrer, com uma granada entre as pernas. Eu achava que ia morrer e, de repente, estou vivo; então, valorizo a vida, amo a vida, estou com 76 anos de idade e eu amo a vida. E queria que os jovens amassem a vida também, porque o que mais me dói é ver jovens tão bonitos, inteligentes, capazes, como atentadores da própria vida, pois é essa a característica de os jovens usarem drogas para sentir prazer.

Jornalista Stênio Azevedo*

Natural da cidade de Sobral-CE, foi convocado, naquela cidade, em agosto de 1942, para o serviço ativo do Exército, por ser reservista do Tiro de Guerra 172. De Sobral veio para Fortaleza, onde embarcou no navio *Itapagé* para Natal. Nesta cidade foi incorporado ao 16º RI, no qual permaneceu até fevereiro de 1943, quando, então, foi transferido para o 29º BC, recentemente criado em Fortaleza. Durante alguns meses permaneceu na Companhia de Metralhadoras, após o que foi transferido para o QG da 10ª RM. No Quartel-General, responsabilizou-se pelo noticiário levado aos jornais e estações de rádio sobre a Segunda Guerra Mundial. Colaborou em programas da Ceará Rádio Clube, transmitindo-os para os expedicionários cearenses que se encontravam na Itália com a FEB. Foi licenciado do Exército em 1946.

De sua familiarização com a imprensa, no tempo da guerra, tornou-se respeitado jornalista no Ceará, onde ocupa outros cargos de relevo na sociedade civil daquele Estado.

---

* Cabo servindo no Quartel-General da 10ª Região Militar, em Fortaleza, responsável pelo noticiário, levado aos jornais e às rádios cearenses, sobre a Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 20 de setembro de 2000.

Fui convocado na cidade de Sobral. Foi a primeira convocação realizada entre os reservistas para integrar a Força Expedicionária. Nesta convocação estavam dois universitários, eu e José Gerardo Frota Parente. Estando aqui, em Fortaleza, fui chamado a Sobral. Era a primeira convocação. De lá vim para Fortaleza e, desta cidade, embarquei para Natal no navio *Itapagé*. Em Natal, fui classificado no 16º RI, cujo comandante era cearense e lá encontrei muitos conterrâneos nossos, com quem logo me integrei. Era um Regimento que possuía grande leva de nordestinos e, sobretudo, de pessoas que se iniciavam na vida militar, convocadas que foram para a guerra. Fiquei em Natal, até fevereiro ou março, uns cinco meses, quando fiz o Curso de Cabo. Havia grande necessidade de graduados; o Regimento estava muito carente deles, porque não existia pessoal habilitado. Só havia convocados e precisava-se de graduados: sargentos e cabos, importantes para o comando dos escalões inferiores das diversas organizações militares. Por essa razão foi implementado o Curso de Cabos que freqüentei. Em virtude do mesmo, quando houve a seleção dentro do 16º RI e em outras organizações, para embarcar para a Europa, não segui, tendo permanecido para atender àquelas necessidades já referidas. O certo é que fiz o curso de cabo, fui aprovado, regressei a Fortaleza e fui aproveitado na graduação naquela época. Incorporei-me ao 29º BC; um Batalhão novo que estava se instalando aqui no Nordeste. Dele, vi-me transferido para o Quartel-General, uma Grande Unidade que vinha de fora e cujo comandante era o General Gil Castelo Branco. Antes, havia a 3ª Brigada, cujos órgãos de comando foram transformados em Comando da 10ª Região Militar, com jurisdição sobre o Ceará, Piauí e o Maranhão. Com o General vieram alguns oficiais de fora, do Sul: o Chefe de Estado-Maior, Coronel Aurélio Alves de Sousa Ferreira, o Major Jehovah Motta e mais cinco oficiais, dos quais dois haviam concluído cursos militares de alto nível. Estes últimos vieram estagiar em Fortaleza e, naturalmente, foram muito bem recebidos aqui. Posso dizer que a cidade acolheu, com a maior alegria, aquele novo Comando, porque, pela primeira vez, vinha um general estabelecer-se em Fortaleza, trazendo aqueles oficiais, homens polidos, homens bem educados, oficiais de Estado-Maior que participavam de todas as reuniões sociais nos clubes elegantes; enfim, o Quartel-General era integrado por pessoas de elite. Por falar em Quartel-General, devo citar o nome de um soldado, Manoel Eduardo de Sousa, um piauiense que servia no QG. Atendia ao General Comandante da Região, como seu ordenança. Tornando-se muito benquisto, sua presença ficou marcada, porquanto conquistou a simpatia de todos nós; estava sempre bem-vestido, rapaz muito estudioso, lia muito e freqüentava um colégio aqui em Fortaleza. Foi convocado, recebeu bem a convocação, não quis pedir a ninguém para ser dispensado, pelo contrário, fez questão de partir para a guerra com os demais. Embar-

cou para a Europa, integrando o contingente da Força Expedicionária Brasileira e, de lá, enviou assídua correspondência; recebi umas duas missivas dele que foram publicadas aqui no jornal *O Povo*. Ele dizia, em uma delas, que estava com os colegas, com muitas saudades, mas bastante alegre, satisfeito, por ter feito aquilo que sempre desejou: ajudar o Brasil a lutar, lá fora, prestar algum serviço à Pátria. Dessa carta não me esqueço, porque ele, apesar de ser homem de poucas letras, ainda estava aprendendo, estudando, nela manifestou o seu interesse e o seu júbilo por encontrar-se lá, junto de seus companheiros. Pois bem, aquele jovem tinha muitos conhecidos aqui em Fortaleza e, depois, veio a ser uma figura bastante comentada na Europa, por um fato que ocorreu, tristemente, com ele. No dia da vitória do Brasil, da vitória das Nações Unidas, no dia 8 de maio, quando ele estava com um grupo de brasileiros congratulando-se, alegres, em algum ponto da Itália, chutou algo que viu no chão, sem tê-lo identificado, e que, na realidade, era uma granada alemã, deixada ali. A granada explodiu, provocando a morte instantânea dele e dos demais companheiros. Essa notícia correu entre os brasileiros que estavam na Europa; mas, apesar de brasileiro, não se sabia bem de onde ele era, que era natural daqui, do Ceará; ninguém atinou, na época, que ele havia servido aqui no QG, onde fora conhecido.

O Quartel-General desempenhou um papel muito importante na época. Promoveu vários desfiles, com o estímulo do próprio General, em apoio aos aliados, e, de um deles, eu participei. Nesse tempo, com outros companheiros da imprensa, transmitimos, da frente do QG, toda a formatura. O General estava presente, assistindo da janela e dele há uma fotografia que foi publicada em algum dos livros editados. Fiz essa transmissão pela Ceará Rádio Clube, em companhia do grande Antônio Maria, que era pernambucano e veio para cá ajudar-nos a fazer a projeção do Ceará, como experiente e conceituado locutor de uma emissora do Recife. Daqui, organizamos um programa que, todos os dias, transmitíamos de Fortaleza para a Europa, através da "Ceará Rádio Clube". Tais notícias eram o resultado de um boletim diário, que fiquei encarregado de redigir no QG. Isto foi uma grande honra para mim, merecer tão elevada prova de confiança do General Comandante e de seus assessores. As notícias eram transmitidas, diariamente, para a Europa, em ondas curtas (19m). Havia, também, um boletim que era publicado pelo *Unitário*, no qual a 10ª RM divulgava aquelas informações de interesse geral que podiam ser veiculadas. Nesse sentido de selecionar as notícias, a 10ª Região fazia a triagem e eu as organizava em boletim. Foi assim que permaneci no QG, mesmo após o final da guerra, quando, em 1946, fui licenciado. Nesse meio tempo, assisti a todos os movimentos que se fizeram na cidade, por ter a eles fácil acesso; era universitário,

tinha entrada franca na Faculdade de Direito, nos grupos sociais e intelectuais, eis porque posso falar alguma coisa sobre outros assuntos da época, correlatos com o tema em questão.

A propósito, com o intuito de fazer oferta a este Projeto de História Oral do Exército, trouxe um exemplar de *O Ceará na II Guerra Mundial*, livro que escrevi, com a colaboração inestimável de meu grande e culto amigo, Professor Geraldo Nobre. Nesse livro há referências às atividades dos partidos totalitários que, antes e durante a guerra, agitavam a Europa, em especial, o nazi-fascismo e o comunismo, sendo o primeiro o responsável maior pela deflagração do conflito. Entretanto, as notícias que vinham da Europa, na época, eram rarefeitas e chegavam com muito atraso, bem depois de os fatos terem ocorrido. Assim, o noticiário que chegava aqui, em 1942, 1943 e 1944, até o Brasil se envolver definitivamente na guerra, transmitia informações muito precárias, muito indefinidas, de modo que havia, da parte do povo, uma indecisão, um certo alheamento.

Na verdade, em termos de tendência ideológica, já se observavam dois grupos: um, que reunia a grande maioria dos intelectuais democratas, simpatizantes dos Estados Unidos; outro, que integrava uma minoria de admiradores do regime comunista da União Soviética. Não havia antagonismo aberto entre esses grupos e todos se diziam democratas, particularmente os que pendiam para a esquerda, por saberem a Rússia entre as nações aliadas, após o seu rompimento com a Alemanha.

À margem desses grupos, o que havia, na realidade, eram preparativos de longo alcance para a defesa do Continente Americano e a perspectiva de o Brasil entrar em guerra contra a Alemanha, ao lado dos Estados Unidos. A guerra se alastrava na Europa e ganhava o Norte da África, fazendo vislumbrar a possibilidade de uma ameaça ao Atlântico Sul e ao Continente Americano, sobretudo, aos EUA e ao Brasil, dada a proximidade deste com a África, através do Nordeste ou Saliente Nordestino. Daí, a criação do Teatro de Operações do Nordeste (TONE) que veio trazer uma movimentação muito grande para o Ceará, bem como a criação de várias unidades militares, particularmente, do Exército, como o comando da 10ª Região Militar, o 29º BC e outras. Eram novas unidades, novos quartéis, militares vindos de fora e a presença acentuada de americanos em nossa terra.

Os americanos tinham que instalar aqui, em Fortaleza, uma base aérea e o seu Posto de Comando (PC) que pronunciavam *pici*. Compraram um grande terreno, que, até hoje, é conhecido como *pici;* lá instalaram a base aérea e o PC, embora permanecessem, nesse local, por pouco tempo, mudando-se depois para outro terreno. O que chamou a atenção foi o tipo de transação feita na compra do terreno: eles não queriam saber de escritura, nem de selo, nem de qualquer outra garantia, só queriam

um recibo. O americano dizia: “Não, eu não quero saber de selo, quero só que você assine aqui e me entregue.” Deviam ter lá suas razões. Dessa época, também, foi o Hospital Militar do Exército.

Na realidade, a defesa territorial ficou a cargo do nosso Exército; mas a defesa aero-marítima impunha a cooperação dos EUA, com a Marinha e a Força Aérea brasileiras. Daí, a presença maciça dos americanos no Ceará. Em decorrência disto, criaram um clube muito interessante, na Praia de Iracema, no qual se divertiam, dançavam etc.; mas era um clube de divertimento, sempre para oficiais em trânsito, pessoal que apenas transitava por aqui.

Tudo isso, porém, eram atividades desenvolvidas aqui, em Fortaleza, e ligadas à própria guerra. Paralelamente, identificava-se na população uma certa desconfiança quanto ao governo, quanto a alguns políticos. O povo, de um modo geral, alimentava dúvidas com relação ao Presidente da República: alegava-se um parentesco de Getúlio Vargas com certas pessoas da Espanha, o que sugeria uma aproximação dele com o eixo. Durante algum tempo, essa maledicência proliferou, depois, desapareceu. Não que existisse uma prova; apenas, “o disse que disse” na cidade. Também havia pessoas no governo do Estado que, no passado, haviam sido simpatizantes dos alemães. Havia famílias relacionadas com aqueles estrangeiros que moravam aqui, principalmente italianos e alemães, aliás perfeitamente entrosados na cidade. Esses estrangeiros tinham filhos, comerciavam, negociavam; até o cônsul alemão era um homem muito querido na cidade.

Por tudo isso, juntando-se aquela desconfiança, de que já falei, com a ditadura sob a qual vivíamos, ninguém se animava a escrever ou comentar qualquer coisa contra ou a favor do eixo. Entretanto, quando ocorreram o rompimento com a Alemanha e a conseqüente declaração de guerra, houve, não só pronunciamentos, mas, também, movimentos, até exacerbados, muito danosos àqueles estrangeiros que aqui haviam se fixado, desde muito tempo. Esses movimentos pareciam refletir a influência tácita de certos elementos de esquerda. Mas havia outros movimentos em apoio à vitória aliada.

O movimento universitário ou acadêmico era liderado pela Faculdade de Direito, que se instalara havia pouco tempo. Nela, existia o Centro Acadêmico Clovis Beviláqua; era nesse centro acadêmico, na verdade, que o movimento mais se desenvolvia. Lá, falava-se e agia-se muito; tanto que surgiu a idéia de criar-se um obelisco para simbolizar a vitória do Brasil, a vitória das nações aliadas. Quem estava à frente desse movimento era o Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, filho do nosso querido Gomes de Matos. Ele foi o seu idealizador. Depois, ele se foi afastando, aos poucos, e acabou deixando-o.

Todavia, o movimento continuou, houve coleta de recursos no Estado, sobretudo em Sobral-CE, cujo povo, muito generosamente, colaborou. Com isso, realizou-se uma espécie de licitação, à qual concorreram vários engenheiros. Feito o projeto, o obelisco foi construído em frente à Faculdade de Direito. Quando se deu a inauguração, um dos oradores, o Dr Evaldo Pontes, rapaz muito brilhante, melhor aluno da turma, passou a enaltecer a ação das nações aliadas, exaltando a vitória que viria. Notou uma certa frieza por parte dos ouvintes. Mudou, então, o tom do discurso e passou a elogiar a União Soviética, o que arrancou palmas estimuladas por um grupo de esquerdistas que lá estava presente. Vê-se, pois, como se refletia a ação ideológica, já naquela época.

Outros movimentos houve em cooperação com o esforço de guerra. Gerou um deles a coleta de ferro velho que iria contribuir, como matéria-prima, para a fabricação de navios e de outras utilidades militares. Novamente, o pessoal de esquerda agia capciosamente para aparecer como heróis desses movimentos. Foi assim no episódio do "obelisco de ferro velho" da praça da Escola Normal, idealizado pelas alunas do educandário. O mesmo se repetiu na "pirâmide Stalingrado", embora, aqui, a esquerda tenha se mostrado mais visível, revelando-se nesta iniciativa, junto com o pessoal da imprensa, operários e outros colaboradores. Um dos organizadores era um rapaz, apelidado de Sobral, chamado Lafídio Barreto, da família Barreto. A pirâmide foi instalada na Rua Senador Pompeu, em frente ao local onde funcionava o jornal *O Estado*. Na sua inauguração, vários oradores usaram a palavra; mas um deles se tornou muito comentado pelo seu pronunciamento inusitado para o momento. Tratava-se do Sr. Jader de Carvalho, cidadão de alto gabarito intelectual, jornalista e de esquerda. Terminou o seu discurso, exigindo a libertação do chefe comunista brasileiro, Luis Carlos Prestes, que se achava preso, na época. Por isso, o Jader foi detido, processado e condenado, mas posto em liberdade, pouco tempo mais tarde.

Outros movimentos de apoio aos pracinhas ainda surgiram aqui, em Fortaleza; agora, envolvendo o meio feminino. Organizou-se um curso de enfermagem de primeiros socorros, freqüentado por senhoras e moças da sociedade local, sobretudo esposas e filhas de militares. Na LBA, que funcionava em instalações existentes em frente ao atual edifício da Assembléia Legislativa, criou-se uma espécie de posto de coleta e de confecção de vestuários de proteção contra o frio, que eram enviados para os nossos pracinhas na Itália.

Quanto a movimentos de igreja, é interessante um ligeiro comentário sobre a estruturação dos religiosos aqui no Ceará. Havia os frades de diversas congregações que viviam em conventos, em Fortaleza, na Serra Grande (Ibiapaba), em Guaramiranga

etc. Estes, na sua maioria, eram estrangeiros (italianos e alemães, sobretudo) e, sobre eles, pesavam muitas maledicências denunciadoras de suas tendências pró-eixo, as quais jamais foram comprovadas. Havia, também, os padres regulares (os vigários, os coadjutores, auxiliares etc.) que se espalhavam por todo o Estado. Estes promoviam movimentos, procissões, atos públicos etc., em favor da Igreja e, logicamente, contra o eixo. Eram homens reconhecidamente democratas. Um exemplo aqui, em Fortaleza, era o Padre Geminiano Bezerra (Padre Nini), da Igreja do Patrocínio, na Praça José de Alencar. O Padre Nini promoveu várias procissões, com o apoio de outras igrejas, em que estimulava os fiéis à oração em favor da libertação da Igreja de Roma do jugo nazi-fascista.

Estes movimentos religiosos, considerando-se o espírito fervoroso de nosso povo simples, serviram de estímulo a outras promoções de movimentos populares, como comícios, passeatas etc. que se realizavam, geralmente, na Praça do Ferreira, inspirados em eventos que atiçavam o sentimento do povo contra o eixo, Roma-Berlim, depois, Tóquio. Foi assim, no dia 18 de agosto de 1942, quando se deu um dos vários torpedeamentos de nossos navios, pelos submarinos alemães. Nessas manifestações, juntava-se todo mundo, intelectuais, jornalistas, operários, o povão, enfim. Dessa mesma maneira, eram também comemoradas as vitórias das nações aliadas contra a Alemanha.

Voltando ao afundamento de nossos navios, antes do rompimento do Brasil com a Alemanha, não se sabia de muita coisa, porque a censura ditatorial dificultava a transmissão das notícias, e, com isso, “o povão” ficava prejudicado. Então, não se sabia bem quem e quantos teriam morrido nesses afundamentos, quando, hoje, tem-se conhecimento de que vários oficiais do Exército neles foram vitimados.

Todavia, quando se deu a declaração de guerra contra o eixo, esse mesmo povão pacato foi estimulado por lideranças com sentimentos mesquinhos, contra os estrangeiros aqui radicados, sobretudo alemães, italianos e japoneses (apenas os Fujita residiam aqui). Desencadearam-se, então, os grandes e terríveis “quebra-quebras” contra os estabelecimentos comerciais desses estrangeiros, que eram considerados entrepostos de fornecimento do que existia de mais nobre, na época, produtos europeus, para a sociedade local. Como exemplos de vítimas saqueadas e depredadas, cito a loja O Gabriel e a Casa Veneza.

A este propósito, conta o Dr João Botelho um fato hilariante, ocorrido com ele mesmo e testemunhado por Milton Barros Correia. Ambos chegaram à Casa Veneza, por ocasião de um desses quebra-quebras, e viram o povo desalojando pares de sapatos e outras mercadorias. O Dr. Botelho se animou e resolveu mudar de sapatos. Tirou os calçados que usava, deixando-os num canto, e, de meias, começou a procu-

rar calçados novos que lhe agradassem. Não se agradando de nenhum, voltou para os antigos que não encontrou mais. Resultado: voltou para casa só de meias.

Houve, de fato, muitos exageros, muitas agressões injustas, como ao Cônsul alemão, que morava na Praia de Iracema, e ao Sr. Fujita, que morava no começo da atual Av. Bezerra de Menezes. Eram pessoas muito acatadas na cidade.

Apesar desses rompantes, frutos, certamente, de má condução de certa liderança, o próprio povo soube muito bem apoiar e incentivar os nossos pracinhas, tanto na ida para a Itália, para a guerra, quanto no regresso. Na ida, no embarque, nem tanto, por causa das medidas de segurança contra a quinta-coluna que agia, no nosso meio, transmitindo informações de nossas atividades para o inimigo. Mas, no regresso, houve manifestações calorosas e carinhosas de boas-vindas aos nossos expedicionários. O comércio fechou e todo o povo foi para as ruas ver os pracinhas. O General, Comandante da 10ª Região Militar, lá estava a prestigiá-los, os pracinhas aureolados com a vitória que eles mesmos, corajosamente, ajudaram a conquistar.

Creio ser oportuno transmitir minha mensagem pessoal:

“Com oitenta anos de idade, ao término desta minha modesta participação, ao narrar acontecimentos relacionados ao conflito em que o Brasil se envolveu, a mensagem que transmito aos brasileiros, especialmente aos jovens, é a de um homem que teve a oportunidade de conhecer a grandeza de nossa gente, nos momentos mais difíceis de sua história. Sou testemunha do amor à nossa querida Pátria, de disciplina e dedicação, no cumprimento das ordens de chefes valorosos, destemidos e competentes, sob o peso da responsabilidade, pela qual souberam honrar as tradições do nosso Exército.”

General-de-Exército Adhemar da Costa Machado*

Natural da cidade de Sertãozinho, Estado de São Paulo, foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria em 1º de março de 1943. Chegou a Capitão em 25 de junho de 1948, a General-de-Brigada em 31 de julho de 1974 e a General-de-Exército em 31 de julho de 1983. Possui os cursos militares de Formação de Oficiais da Escola Militar do Realengo, concluído em 1943; de Aperfeiçoamento de Oficiais da EsAO, concluído em 1951; e o de Comando e Estado-Maior do Exército da ECEME, concluído em 1956. Na guerra, exerceu a função de Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro, do 6ª Regimento de Infantaria, e a de Comandante de Pelotão de Fuzileiros no Destacamento Olivier. Após a Segunda Guerra Mundial, como Oficial Superior, ocupou os seguintes cargos: Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da 5ª Região Militar; Subcomandante do Colégio Militar de Curitiba; Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Comandante do Batalhão da Guarda Presidencial; Chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional; e Adido Militar, Naval e Aeronáutico junto à Embaixada do Brasil no Equador. Como Oficial General, foi Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Comandante da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (Escola); Comandante Militar do Planalto e 11ª Região Militar; Comandante Militar da Amazônia; e Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarros do 6º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 21 de novembro de 2000.

Vamos a 1939, rememorar a invasão da Polônia pelo Exército alemão, fato que redundou na eclosão da Segunda Guerra Mundial envolvendo a Europa Ocidental como um todo, particularmente França e Inglaterra, e ameaçando outras regiões do mundo, entre as quais a América e o nosso Brasil.

Nesse tempo iniciei a carreira militar. Em 1940, entrei na Escola Militar do Realengo e pude acompanhar, desde os bancos escolares, os problemas e as dificuldades que o Exército e o País enfrentavam, diante de uma grave situação, que estava levando o mundo a repetir a hecatombe de vinte anos atrás.

A América, liderada pelos Estados Unidos, tendia a isolar-se do conflito. O norte-americano buscava, tradicionalmente, a sua política isolacionista e os demais países do continente proclamavam a neutralidade, num conflito cujas proporções já se temia, mas não se dimensionava. Para o caso particular do Brasil, havia complicadores decorrentes da situação em que vivíamos nessa própria década.

Nosso País começou a década com um movimento revolucionário, em 1930. Logo depois, em 1932, eclodiu outra insurreição, chamada Movimento Constitucionalista de São Paulo e, em seguida, em 1935, uma tentativa de implantação do comunismo. Não demorou muito e, em 1937, tivemos mais um movimento desestabilizador, o da Ação Integralista, e, já em 1938, o golpe em que transformou o Brasil num governo de força e autoritário. Nesses eventos, o Exército teve participação, é evidente, mas dentro das características do próprio movimento e da nossa Pátria.

Quando a guerra eclodiu na Europa, com perspectiva de sua generalização no mundo, verificou-se o nosso despreparo, do ponto de vista militar, para enfrentarmos um problema de tamanha dimensão. A coisa se agravou porque o avanço acelerado das forças do Eixo culminou com a vitória sobre a Polônia e, em seguida, sobre a França. Nessas oportunidades, o mundo ficou estarrecido com os novos procedimentos e as novas técnicas e maneiras de atuar no combate: surgiram aí as guerras relâmpagos – *blitzkrieg*; os ataques com profundidade jamais pensada; os grandes envolvimentos; e armamentos e equipamentos, até então, não conhecidos. Tudo isso criou um estado de perplexidade e de temor.

Ainda mais, ao verificar-se a queda da França, soube-se que uma das intenções da Alemanha de Hitler era pôr em execução o programa Gibraltar/Dakar, o qual ampliava a ocupação alemã, através do Mediterrâneo, para o Norte da África e, com base em Dakar, procurava assegurar o domínio do Atlântico Sul. Posteriormente, é claro, as terras da América do Sul, quem sabe, mais tarde, o Caribe, de onde teria uma boa posição para enfrentar os Estados Unidos.

Essas possibilidades influenciaram muito a opinião pública na época e encontraram o Governo brasileiro com uma tendência pró estilo germânico, totalitário,

como na Alemanha e Itália, inclusive, com compromissos comerciais assumidos, como uma aquisição de material bélico feita pelo Brasil na Alemanha e interrompida, depois, pela guerra.

Encontrava-se o País numa esquina: de um lado, um conflito que visava à preservação da democracia no mundo; do outro, um governo que se assemelhava muito mais ao sistema totalitário que o oponente apresentava. Esse quadro dificultou muito uma conscientização do rumo a tomar, porque faltava a definição clara, justamente por quem possuía a responsabilidade, de quem era o inimigo. Lembro-me que, quando cadete, várias vezes, durante esse tempo, colocaram-nos na sala de aula para assistir a filmes que o adido militar alemão trazia, mostrando feitos da invasão da Polônia, da invasão da França e ressaltando o valor militar do Exército alemão. De certa forma, entusiasmavam e impressionavam. Paralelamente e é lógico, os Estados Unidos, pressentindo a ameaça séria no continente, resolveram retonificar a "Doutrina Monroe" e instituir um sistema interamericano de defesa, com o objetivo de fazer barreira a essa avalanche que, partindo do eixo Roma-Berlim, pudesse atravessar o Atlântico e afetar-nos.

Houve contatos em nível de governo e diplomático além de negociações intensas e demoradas, porque nessa ocasião, talvez para surpresa de muitos e, sem dúvida, para minha, tomou-se conhecimento da importância estratégica do saliente nordestino, até então não elevado a um plano tão grave. Essa importância, ligada, muito de perto, à segurança do próprio continente americano, levou a uma série de negociações e de conversas sobre a instalação de um sistema defensivo que protegesse o saliente nordestino. Em torno disso, houve uma série de contatos, conversas, discussões e desencontros entre as autoridades políticas brasileiras e norte-americanas, versando sobre como, concretamente, proteger, defender o saliente nordestino. A importância estratégica desse local era dupla: ou seria a base a partir da qual se irradiava por toda a América, ou seria o trampolim para que da América se lançasse sobre a Europa e a África.

Também nessa ocasião, e sob o patrocínio da política externa nazista, surgiram focos de insurreição – que na época se chamavam Quinta-Coluna já contando com a experiência da guerra da França, objetivando provocar, particularmente no Sul do País, uma convulsão social que justificasse, quiçá, uma abordagem de forças a pretexto de defender minorias raciais, aliás, o termo usado na época.

O Brasil se estruturou com os meios de que dispunha para fazer frente a essa ameaça. É evidente que a principal preocupação era a defesa do litoral. Não apenas do saliente nordestino, mas de todo o litoral brasileiro. Do sul, em particular, por outras circunstâncias, porque ali, talvez, fosse uma região fácil para desembarque, para lan-

çamento de agentes, ou para as instruções a grupos de rebeldia. O fato é que o Exército sentiu-se obrigado a alterar seus efetivos e elevou-os, em determinadas regiões, ao chamado "Efetivo de Guerra". Isto ocorreu não apenas no Nordeste, mas no Sul e, nessa época, eu estava no 15º Batalhão de Caçadores (15º BC), em Curitiba, uma Unidade que, aceleradamente, dobrou o efetivo, porque receberia uma missão de guerra.

Imaginava-se, na ocasião, que essa missão estaria ligada ao litoral do Paraná e Santa Catarina. Nessas regiões, foi depois comprovado, houve atuação e tentativas de desembarque, principalmente no Vale do Itajaí, devido à possibilidade de se fazer um contato com essa minoria racial, na ocasião, identificada em Blumenau e arredores.

Esse aprestamento se verificou meio de improviso com os recursos de que se dispunha, mas com a seriedade que o momento exigia. Eram realizados, por exemplo, exercícios de embarque e desembarque em composição ferroviária, porque de Curitiba se descia a serra, na direção do mar, naquela época, por ferrovia; exercícios de ocupação, defesa e vigilância do litoral, quando se ia a Paranaguá, fazia-se o reconhecimento do terreno e ocupavam-se as posições ainda em caráter provisório. A evolução dos acontecimentos obrigou a uma ocupação definitiva durante quase toda a guerra.

Quanto ao Nordeste, houve premência na solução do problema da sua defesa. Essa urgência decorria de duas pressões: a do inimigo potencial que realmente existia, que realmente poderia atravessar o Atlântico e que poderia ocupar o saliente nordestino; e do nosso aliado que, segundo a sua ótica e seus planejamentos de defesa, sentia a necessidade da ocupação efetiva do saliente nordestino.

Discussões e trocas de idéias resultaram em medidas penosamente realizadas. Se no enfoque americano, havia conveniência de se desembarcar no Nordeste um efetivo de cem mil soldados, por exemplo, de outro lado, havia a recusa brasileira em aceitar essa ocupação, a insistência de que esse problema era nosso e seria resolvido por nós, desde que recebêssemos os meios que nos faltavam. Dentro do possível, a coisa evoluiu de maneira acelerada de tal sorte que, na minha geração, por exemplo, as Turmas de 1941, 1942 e 1943, ao saírem da Escola Militar, foram todas transferidas, ou para o Nordeste, ou para o Sul. Não houve possibilidade de servir no Centro do País. Era lá que os efetivos tinham que ser recompletados e houve deslocamento imediato de tropas para reforçar o precário efetivo militar nessas regiões.

Essa evolução, feita com dificuldades e tropeços, teve resultados positivos. Chegou-se, realmente, a acordos bilaterais, a conclusões, em reuniões exaustivas, e a compromissos, de tal sorte que, numa certa altura, já tínhamos a nossa Marinha atuando no Atlântico Sul em missões conjuntas com as forças americanas. A Aeronáutica, com um pouco mais de dificuldade, cumpria missões aéreas e recebia, de seu companheiro do Norte, o material que lhe faltava. E o Exército resistia

à idéia de uma ocupação do Nordeste com grandes efetivos. Reconhecendo a necessidade de instalação de bases militares, foram criadas, principalmente em Belém, Recife e Natal, não apenas para se contrapor à ameaça que se esboçou no começo do conflito, mas, posteriormente, para apoiar o prosseguimento da guerra, já com essa ameaça bem reduzida.

Estava o País preparado e consciente de que uma guerra de proporção mundial fatalmente não excluiria o Brasil. Faltava uma motivação popular. O torpedeamento de mais de uma dezena de navios, por submarinos alemães inclusive navios de guerra, foi o motivo que faltava para uma adesão franca, para o nosso envolvimento direto na conflagração.

Ocorreu que, nessa mesma altura, Hitler resolveu também invadir a Rússia e, ao fazê-lo, relegou para um segundo plano, ou então para um segundo tempo, as operações que tinha em vista no Atlântico sul. Com isso, cessou o perigo iminente e grave de invasão do continente americano e, então, passou-se a pensar em uma ação combinada do mundo ocidental contra o expansionismo militarista da Alemanha e da Itália. Eis aí a razão pela qual se chegou à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Foi o resultado da evolução de uma situação que, sob o ponto de vista militar, seria de uma ocupação defensiva do território nacional, para outra, em que devíamos constituir uma força expedicionária, cujo valor ainda não estava fixado, mas estaria pronta para ser empregada ultramar.

Nessa oportunidade, ainda me encontrava em Curitiba e tomei conhecimento de que, com a minha promoção a 2º Tenente, tinha sido transferido para o 6º Regimento de Infantaria, com sede em Caçapava, uma das Unidades básicas da Divisão de Infantaria que o Brasil começava a constituir para ser empregada fora do nosso território. O 6º RI, junto com o 1º RI, sediado na Vila Militar, no Rio de Janeiro, e o 11º RI, sediado em São João Del Rei, eram as Unidades básicas dessa Divisão que dispunha, ainda, de Artilharia, Engenharia, o Esquadrão de Reconhecimento, órgãos de apoio divisionário e outras Unidades necessárias ao apoio logístico e à vida da Divisão além-mar. A par da evolução da FEB, uma boa parcela do Exército continuou naquela missão anterior da defesa do litoral, da defesa do Nordeste e do apoio às Bases Aéreas que serviram como um verdadeiro corredor que alimentava a guerra na Europa e na África.

A constituição da FEB, que evoluiu de planejamentos anteriores que variavam de três a cinco Divisões, concentrou-se em uma Divisão de Infantaria. Com sede no eixo Rio – São Paulo, recrutou pessoal de todo o Brasil, de modo a dar uma configuração nacional ao efetivo que sairia do Brasil para participar da Segunda Guerra.

Vamos fazer uma pequena consideração sobre o combatente da FEB. Por circunstâncias diversas, acabou-se conseguindo uma representatividade nacional no

efetivo que compunha a Força Expedicionária. Eram, em sua maioria, reservistas convocados ou com o licenciamento adiado. Havia também alguns voluntários e, sobretudo, contingentes oriundos de outras Organizações Militares.

No dispositivo anterior, de defesa do território brasileiro, algumas Unidades, como o 15º BC, viviam com o "Efetivo de Guerra". Reformulado o problema para a organização de uma força expedicionária, essas Unidades reduziram os seus efetivos e forneceram contingentes para a Divisão que ia, realmente, ser empregada. Não houve, portanto, uma mobilização, no sentido acadêmico, teórico, doutrinário do termo. Aí, houve um problema difícil e que gerou conseqüências. Nem todos tiveram a isenção ou a idéia maior de contribuir para um evento do mais alto interesse nacional e do Exército. Houve casos de quem se aproveitou da oportunidade e tirou do quartel aqueles elementos inconvenientes. Por essa razão, a FEB recebeu um efetivo muito heterogêneo e alguns elementos só não deram mais trabalho porque apareceu um problema maior, que foi a própria guerra. Essa nivelou os indisciplinados aos demais, mas até irmos lá, tivemos problemas sérios em Caçapava, em São João Del Rei, no Rio de Janeiro, na Vila Militar, onde, durante o período de preparação, os elementos "exilados" das suas Unidades de origem causaram preocupação.

Quanto aos quadros profissionais, a FEB se valeu, principalmente, de tenentes das turmas de 1942, 1943 e 1944. Os capitães eram novos, muitos tendo feito curso nos Estados Unidos, em *Fort Benning* ou em *Fort Leavenworth*, portanto já familiarizados com o novo material, ao novo equipamento, à nova idéia que diferia em grande parte da escola francesa, a que o Exército estava habituado a seguir. As diferenças sobressaíam na riqueza de material; na concepção mais arrojada, menos defensiva, mais atrevida, em oposição à escola francesa, mais acadêmica; no fundamento, embora não tão diferente. Mas, esse pessoal combatente, esses quadros, já tinham idéia de guerra relâmpago: mobilidade e rapidez; de grandes desbordamentos ou envolvimentos; do emprego de blindados; e da importância da força aérea, da cobertura aérea, que eram os novos fatores do tipo de guerra moderno que o alemão apresentava ao mundo. Na Escola Militar, embora não tendo o material, o cadete recebia instrução atualizada sobre a concepção das novas táticas, das novas doutrinas, aliviando o problema do material, porque se tratava apenas de um período para saber manejá-lo.

A concentração do pessoal iniciou-se de maneira descentralizada. Cada Unidade completou seu efetivo na sua própria cidade-sede, o que facilitou muito e evitou maiores problemas, mas gerou um período para o 6º RI, por exemplo, em Caçapava, em que durante três ou quatro meses a instrução foi precariamente desenvolvida. Todos os dias, havia modificação nos efetivos.

A inspeção de saúde foi correta. A prova disso é que tivemos um índice muito baixo de doenças. A higidez dos soldados e o vigor físico foram, realmente, objeto de seleção e a prova disso é que enfrentamos um período de inverno muito forte e nós, sem nenhuma experiência, nenhuma convivência com esse clima, não tivemos maiores dificuldades. Houve, portanto, uma razoável seleção do ponto de vista físico. Do ponto de vista psicológico nenhuma, a coisa foi-se desenvolvendo com o tempo.

Terminada a concentração, a Força Expedicionária se reuniu no Rio de Janeiro. Aquartelou-se na Vila Militar, ocupando galpões construídos às pressas nos próprios quartéis ou em algum morro daqueles da Vila. Nesse período passado no Rio a instrução, também, não foi a desejável, porque houve um tempo destinado a vacinação e os preparativos para o embarque, mas, em todo caso, se mantinha um grau de adestramento satisfatório, não se ficou ocioso.

Em 29 de junho de 1944, a FEB iniciou o seu embarque. Pelo menos a grande maioria dos seus integrantes ignorava para onde ia. O navio transporte *General Mann* atracou no cais do porto e numa noite embarcamos: um Grupamento Tático composto do 6º RI, mais Artilharia, mais Engenharia, mais estados-maiores; um efetivo grande, talvez uns cinco mil homens. Sem nenhuma dificuldade, para surpresa minha, a não ser o desconforto das acomodações, no navio. Eu, por exemplo, fui alojado num camarote estreito, pequeno, onde havia dois “treliches” e eu dormia encostado no forro. Eu e mais cinco tenentes. O grosso da tropa ficava em compartimentos trancados, quentes. Isso agravou o problema de enjôo, comum numa viagem como essa. A tropa se recuperava durante o dia no tombadilho.

A viagem foi demorada – duas semanas – porque por medida de segurança, a rota era mudada seguidamente. No navio comentava-se, inicialmente, que nós íamos “reforçar a defesa do Nordeste”. Quando o território brasileiro ficou lá para a retaguarda a idéia evoluiu: “Nós vamos para o Norte da África como força de ocupação”; quando o Norte da África ficou para trás, fomos para a Itália. E aí, chegamos, ao amanhecer, a Nápoles.

Lá estava o Estado-Maior da Divisão, que tinha participado, evidentemente, desse planejamento todo, para nos recepcionar. Desembarcamos – não sei se eu falei, mas é importante salientar que fomos apenas com um saco de viagem com a roupa, com o uniforme, sem armamento, nem equipamento algum, razão pela qual ficamos concentrados na região de Bagnoli, que era nas faldas de um vulcão extinto, para aí sim completarmos a organização da Força Expedicionária com o armamento, equipamento, viatura etc.

Nessa ocasião – foi a primeira vez – tivemos conhecimento de determinado armamento e tipo de equipamento. Na minha área, por exemplo, da Companhia de

Canhões Anticarro, conhecia o “canhão 37” do 15º BC que, por estar com o “Efetivo de Guerra”, recebeu dois deles. Lá na guerra já se operava com “canhão 57”. Em Caçapava ainda fiz exercícios com o “canhão 37”, mas, no Rio, não tenho lembrança de canhão nenhum.

Daí nós nos deslocamos para uma região próxima de Vada, cidade ao norte da Itália, situada numa região, em tempo normal, de plantação de uvas. Havia um parreiral enorme e ainda algumas fábricas de vinho que sobreviveram à guerra por lá. Nessa região acampamos e passamos por um aprestamento final para a entrada em ação. Esse aprestamento, já com o material novo, visava primeiro à familiarização com o equipamento, com o material. Segundo, saber operá-lo, inclusive com tiro real. E, em terceiro lugar, ouvir algumas orientações sobre a maneira como estavam fazendo essa guerra.

Nesse período fui designado para cursar uma Escola que integrava o V Exército – a mesma acompanhava, ia junto com o V Exército. Essa Escola estava em Santa Ágata Dei Gotti e chamava-se “*Leadership and Battle Training School*”. Destinada, sobretudo, ao capitão e ao tenente, os exercícios aplicados eram uma reprodução de fatos ocorridos, recentemente, na Linha de Contato, cujos resultados desconhecíamos. Nós, então, íamos ao exercício, fazíamos o que imaginávamos que devia ser feito, terminávamos o exercício, e aí o instrutor dizia: “Bem, esse problema aconteceu há duas semanas em tal região e eles fizeram isso e quebraram a cara”, ou então “eles não fizeram isso e não deu certo”. A Escola era interessante. Destaco o fato de que ela não me chocou; não senti um acréscimo de bagagem profissional substantivo nessa Escola. O que eles falaram eu já sabia. Credito isso a uma formação bem feita na Escola Militar, a um adestramento próximo da realidade nos nossos quartéis, a despeito da precariedade deles. Mas a escola aprimorava muito, com exercícios nas pistas de obstáculo e de tiro, ginástica calistênica e à noite fazíamos patrulhas. Era, realmente, operacional e exigia muito esforço físico. Depois, vi que na guerra a patrulha é o “pão nosso de cada dia” do combatente. O esforço tem que ser dirigido para isso. Ataca-se às vezes, defende outras, mas patrulha faz-se diariamente. Todo dia você faz patrulha. E, fazendo patrulha, aprende a atacar, aprende a defender, aprende a aproveitar o terreno. Era, então, uma Escola eminentemente prática, de idéias novas, mas senti que nós tínhamos mais criatividade. Não sei se por coincidência, mas os ataques, nas patrulhas que tinham que realizá-lo, eram sempre pela direita. Será que não gostam de ser canhotos? Era um padrão. Minha volta de Santa Ágata coincidiu, também, com o fim desta fase de aprestamento final. Houve um grande exercício, a que compareceu o Comandante do V Exército, General Mark Clark e o primeiro escalão de embarque da FEB foi considerado pronto. A FEB era, então, um grupamento tático com base no 6º RI.

Nessas condições, em meados de setembro de 1944, iniciou-se a substituição de tropas norte-americanas em contato. Era uma frente em nítida ação retardadora. O alemão, nesta altura, tinha aberto mão da linha de defesa que ocupou durante muito tempo e decidido instalar-se nos Apeninos, o que ele chamava Linha Gótica. Estava naquela fase em que você troca o espaço por tempo, o mais que se puder.

Nós fomos empregados numa frente relativamente fácil. Foi uma inteligente escolha. Criou-se uma idéia muito alvissareira de que a guerra é facílima – fazer a guerra assim é fácil. Nós substituímos elementos em contato e partimos encontrando resistências fracas ou um pouco mais fortes a cavaleiro dos eixos, mas, sempre, trocando tempo por espaço. Nesse clima, tivemos um desenvolvimento bom, uma progressão muito boa. A coordenação das frações que progrediam causou problema ao comando do Destacamento, porque no fim da jornada uma estava muito adiante da outra e era preciso, durante a noite, realinhar para manter o dispositivo racionalmente equilibrado.

Nessa região vizinha do Vale do Rio Serchio é que aconteceu essa progressão, onde destacam-se Monte Prano, um problema já com maior dificuldade – por isso, nós o ostentamos como um feito da nossa Força –, e Camaiore, a primeira cidade conquistada pela Força Expedicionária Brasileira, por uma Companhia comandada pelo então Capitão Ernani Ayrosa da Silva. Um feito muito bonito. O General Castello Branco costumava dizer que Camaiore foi a operação "abertura" da FEB. Houve, à noite, o chamado combate em localidade. Ainda havia civis, que acordaram, no dia seguinte, e estranharam não haver mais alemão, mas um outro cara com roupa de alemão. O nosso uniforme era muito parecido com o dos alemães, mas a tropa havia mudado. Seguiram-se as ocupações de Fornaci e Coreglia Antelminelli, onde houve, também, resistências com um pouco mais de vulto, com um pouco mais de importância, até chegarmos a Barga, também conquistada ao inimigo. Ao lado da cidade havia um fosso que as forças alemãs transpuseram, vindo a ocupar as elevações do outro lado. O primeiro escalão de nossa força ocupou Barga e se posicionou para defendê-la. Tomou-se a decisão de atacar. Havia um objetivo intermediário balizado por elevações – Cotas – e, mais adiante, um nó rodoferroviário, cuja importância para os alemães, talvez, não tenha sido muito bem dimensionada. Chamava-se Castelnuovo de Garfagnana. Decidido esse ataque, um Batalhão ultrapassou o que estava ocupando Barga, atravessou o fosso e saiu para conquistar os objetivos intermediários. É interessante notar que esse Batalhão fez uma manobra curiosa – atacou por Companhias, sucessivamente. Uma Companhia conquistou um objetivo. Daí, então, uma segunda Companhia, sob a proteção da primeira, desbordou e foi até um objetivo mais adiante; e uma terceira fez a mesma coisa e conquistou um terceiro objetivo.

Daí, prosseguiu-se para Castelnuovo de Garfagnana. A simples distância dessa localidade já evidenciava que esse ataque não poderia ser feito numa única jornada. Não havia tempo. Devia haver uma interrupção. Além disso, essa manobra por Companhias sucessivas ocasionou de tal maneira um retardo que a terceira Companhia só às 15 horas iniciou a sua progressão. Então anoiteceu. Nessa noite aconteceu o primeiro problema sério que lá enfrentamos. Nós sofremos um contra-ataque muito forte. Diz-se que esse contra-ataque foi feito por uma força reserva do escalão Teatro de Operações. De qualquer maneira, o que é verdade, é que o contra-ataque não foi local. Foi uma tropa que veio da retaguarda que realizou-o, à noite, ou seja, uma tropa em situação física muito boa, uma tropa inteira.

Isso se coaduna com o levantamento que se faz de Castelnuovo de Garfagnana. A importância de Garfagnana era tal que foram buscar uma tropa reserva, talvez de TO, ou de qualquer maneira, uma tropa em situação de reserva, para realizar o contra-ataque. Não houve de nossa parte aquele cuidado elementar e doutrinário de conquistar um objetivo e consolidá-lo. Consolidar um objetivo significa estabelecer uma defesa para fazer face a um possível contra-ataque. Isto não foi realizado, ou não foi bem realizado. Então ocorreu que, inicialmente, o alemão contra-atacou uma das Companhias, durante a noite e, praticamente, eliminou-a. A Companhia retraiu como pôde; reação, nenhuma. Aí esta força de contra-ataque investiu sobre a segunda Companhia que, talvez prevenida, já reagiu um pouco mais, ofereceu alguma resistência, foi eliminada, mas conseguiu retrair mais ou menos ordenadamente. E uma terceira Companhia, que estava preparada, não foi atingida, mas aí recebeu ordem superior para retrair. Como o ataque não foi bem-sucedido, a Companhia voltou inteira para Barga.

Bom, nesse episódio há uma passagem pessoal, um fato que eu gostaria de contar. A minha Companhia, a Companhia de Canhões Anticarro, estava em zona de reunião aguardando a oportunidade de ser empregada. A Companhia Anticarro é empregada reforçando os batalhões de Infantaria com os seus pelotões. Nós estávamos numa zona de reunião e inclusive almoçando. Aí meu capitão veio para mim e disse: “Embarca o teu pelotão já, e vai para Barga”, e me mostrou na carta o itinerário. A seguir, acrescentou: “Na entrada da cidade um guia está te esperando e te levará para alguém que vai te dar uma missão”.

Muito bem. Interrompi o almoço, embarquei o pessoal. Meu pelotão se acomodava em três caminhões de 2 1/2 toneladas, que tracionavam os canhões, e um jipe. E lá fomos para Barga procurar um guia que me daria a missão.

Cheguei à cidade e não encontrei ninguém. Não encontrando o guia deixei meu pelotão protegido por uma parede e pus-me a caminhar. E aí comecei a ouvir tiro, aquele sibilar de balas, atravessando as ruas. Mais adiante, uma praça limpa,

desprotegida, e no meio da praça estava o nosso Comandante da Infantaria Divisionária, General Euclydes Zenóbio da Costa, olhando para a elevação em frente e, quando me viu, chamou-me e perguntou quem eu era. Quando me identifiquei ele disse: "Ah! Pois mandei chamar a sua Companhia porque... (apontou para o morro) estamos vivendo um problema muito sério e confio que vocês ajudem nisso. Pode ir."

Saí dali ainda perguntando para mim mesmo onde é que estava o guia. Nessa conversa na praça, eu me contive porque várias vezes tive vontade de dizer: "General, vamos conversar deitados aqui que eu me sinto melhor". Não tive coragem. Já se via, na elevação à frente, o nosso pessoal retraindo – alguns em retirada – os alemães progredindo, alguns em pé com metralhadora na mão. A Artilharia batendo aquela região de Barga. Entrei pelo casario a procurar ainda alguém, quando cruzei com um capitão que saía numa determinada direção e me identifiquei dizendo: "O Senhor sabe quem é que chamou a Companhia Anticarro?" Ele respondeu: "Não sei, eu sou Comandante da Companhia de Petrechos Pesados e estou me instalando na margem do fosso, para acolher esse pessoal que está vindo e ver se detenho o alemão a fim de que não atravesse o fosso. Se você quiser me ajudar, fique comigo." E eu fiquei com ele. Trouxe o pelotão e botei no fosso. Deixei os canhões lá atrás. O acolhimento foi feito. Os alemães – acho que não queriam enfrentar um combate em localidade – voltaram. No fim da jornada apareceu o meu capitão, localizou-me e disse que já tinha autorização para me levar para a Companhia. E este foi o meu batismo de fogo. Foi como fuzileiro.

Bem, em conseqüência disso, ou por já ter sido planejado, nessa ocasião chegaram o segundo e o terceiro escalões da FEB. Vieram por um outro navio e, de maneira semelhante, desembarcaram em Nápoles. Só que o sacrifício deles foi muito pior que o nosso. Nós fomos em viatura daí em diante. Eles, de Nápoles, foram em barcaças, aquelas barcaças da invasão da Normandia, até Livorno. E isso é a coisa que esse pessoal mais reclama da guerra, porque jogava muito, eles enjoaram demais, foram algumas horas de viagem. E em Livorno se instalaram, também, por muito menos tempo do que nós para uma recomposição e ficaram em condições de ser empregados.

Pois bem, nessa mesma ocasião, o GT do 6º RI saiu do Vale do Serchio e recebeu ordem para ocupar posição no Vale do Reno junto com as demais forças que tinham chegado e que aí já compunham estruturalmente a FEB. O que veio depois foi acréscimo, foi um adendo, foi detalhe. A FEB, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, estava pronta. Estava lá.

No Vale do Reno, à época em que fomos para lá, era o fim do outono, aí por novembro. Barga foi em 30 de outubro. No outono, na Itália, chove muito. Os rios alagam, as estradas ficam encharcadas. As estradas de terra são um lamaçal danado.

O terreno que nos esperava, portanto, além de ser íngreme, escarpado, tinha a dificuldade aumentada, em virtude da lama e da chuva. Esse terreno era uma linha de elevações que separava os vales dos rios Reno e Panaro. No Vale do Reno estavam elementos do IV Corpo de Exército, ao qual nós pertencíamos, e íamos ocupar uma frente defensiva agora. No Vale do Panaro estavam os desdobramentos dos elementos de apoio das forças alemãs. A linha de crista das elevações, ou seja, o divisor que separava os dois vales, eram posições alemãs. Nós não tínhamos outra solução senão ocupar meia encosta, porque era vital mantermos livre a rodovia 64 que era uma via de suprimento, a EPS, importante para as operações, além de ser uma Via de Acesso das mais importantes que demandavam ao Vale do Rio Pó. Não ficar na meia encosta significava ceder o vale para o inimigo. Ocupamos a meia encosta, com o desconforto de ter o alemão em cima, e nós no meio. A nossa retaguarda era muito vulnerável. Na região onde fiquei havia a famosa ponte de Marano, um rio que corre por ali, que era bombardeada sistematicamente a cada minuto. Havia até um efetivo da nossa Polícia do Exército que regulava o momento entre duas salvas – em que o pessoal atravessava a ponte –, depois esperava mais uma salva.

A defensiva era em larga frente, quase que um pelotão em cada elevação. Você tinha um vazio grande entre um pelotão e outro; uma Companhia ocupava uma frente muito grande e o alemão estava, mais ou menos, nessas circunstâncias também, com a vantagem de que ele ocupava o terreno dominante. Essas distâncias eram encurtadas pelas comunicações. Foi aí que tomei conhecimento daquele "radinho", o *hand talk*, por intermédio do qual você conversava com o seu pessoal, conversava com o outro pelotão que estava do outro lado, com a Companhia e assim por diante. Aí nós esperamos o inverno.

O inverno imobilizou os dois lados. Não há como você realizar operações de vulto durante esse período. Passamos o inverno numa posição defensiva, desconfortável, difícil, penosa onde, em determinados lugares, você só podia sair do seu abrigo à noite, porque durante o dia você levava um tiro. E eu cito aqui, na área do meu Regimento, a região de Torre di Nerone onde havia um pelotão. Torre di Nerone era um dos raros salientes existentes na nossa posição, do qual você conseguia divisar o vale do outro lado, proporcionando domínio em toda a frente. Isso, evidentemente, incomodava o inimigo, e o pelotão que estava em Torre di Nerone vivia enterrado.

Um tenente bravo, valente, de uma resistência enorme, ficou todo o inverno em Torre di Nerone, a tal ponto que, um dia, o General Mascarenhas quis conhecê-lo pessoalmente. Para isso, teve de concordar em ir à noite lá na frente, porque só nesse horário noturno o tenente podia descer e encontrar o general. Era o Tenente

Pérsio Ferreira, um dos melhores tenentes de Infantaria. Pérsio Ferreira mora, hoje, em Curitiba. Só esse estoicismo dele, a resistência, a bravura, essa serenidade que ele teve foi espetacular.

Bem, nesse período ocorreu um intenso patrulhamento, que é a segurança que numa defensiva você lança à frente, para proteger a sua posição. Tanto alemães quanto brasileiros patrulhavam essa terra de ninguém à noite. E a patrulha tornou-se "o pão nosso de cada dia" do infante, do artilheiro observador avançado que estava lá, do engenheiro que estava em apoio para limpeza de campo minado. Quase diariamente você ficava fazendo escala de rodízio no pelotão para fazer patrulha. Essas patrulhas não só realçaram o valor do soldado brasileiro, como serviram para o aprimoramento da sua capacidade profissional. Ele, na realidade, aprendeu a guerrear nesse período de patrulhamento, porque se expôs, arriscou-se, sentiu-se sozinho e enfrentou o inimigo e as condições. Ele foi feito prisioneiro, familiarizou-se com o terreno, aprendeu a se orientar e retornar à posição, que era um lazer para ele, porque no dia seguinte, à noite, provavelmente ele faria outra patrulha. Houve várias oportunidades de encontros de patrulha, com troca de tiros.

Houve duas tentativas, sem sucesso, de ataque a Monte Castelo. Esse episódio, eu acho que já está claramente descrito, inclusive pelo General Cordeiro de Faria que, em um depoimento sobre o mesmo, diz que os ataques anteriores a Monte Castelo não foram oportunos. E aí ficamos até que o inverno terminou e se pôs em execução a retomada da ofensiva. Para conquistar Castelo era preciso uma ação simultânea ou preliminar sobre algumas elevações que dominavam Castelo. Nas duas tentativas sem sucesso, houve uma atuação satisfatória, houve progresso no ataque, mas não houve capacidade de manter a posição porque nós éramos atacados de outras direções. Quando nos demos conta disso, ou quando o problema chegou a um momento maduro, Castelo caiu com as dificuldades inerentes, mas, na minha opinião, o valor do escalão de ataque em todas as situações foi o mesmo. O sucesso da última tentativa se deveu ao fato de ter sido mais oportuna e mais claramente planejada.

A retomada da ofensiva foi em âmbito geral. Ela começou sobre um ponto-chave que deveria ter sido cogitado desde o início. Era um morro chamado Serrasiccia, com 1.300, 1.400 metros de altura, com uma encosta de quase 90 graus. Você caminhava até um certo ponto, a carga carregada pelas mulas. Depois as mulas já não subiam. Você punha a carga nas costas, subia mais um trecho e depois era na corda. O último lance do morro era alpinismo. Esse ponto-chave na Ofensiva da Primavera foi atacado pela 10ª Divisão de Montanha, norte-americana, que tinha inclusive equipamento e adestramento adequados para esse tipo de operação. A Décima conquistou Serrasiccia e abriu caminho para Monte Castelo e Belvedere. Belvedere era o

morro mais incômodo em relação a Castelo. Todas as tentativas nossas seriam melhores se não houvesse Belvedere, que dominava Castelo que, por sua vez, era dominado por Serrasiccia. A conquista de Serrasiccia desencadeou uma série de operações. O alemão que lá estava refluiu para as elevações à retaguarda, mas a 10ª Divisão infletiu para uma outra direção, dentro do planejamento. No Serrasiccia, ela foi substituída pelo nosso Esquadrão de Reconhecimento, comandado pelo então Capitão Pitaluga.

É evidente que um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado é mal empregado numa elevação desse tipo e num clima que já prenunciava um aproveitamento de êxito. Havia necessidade de se substituir esse Esquadrão. Para tal, foi organizado o Destacamento Olivier Filho, composto das Companhias Anticarro dos três Regimentos, agora definitivamente transformadas em Companhias de Fuzileiros. Já estava comprovado que o alemão não empregaria blindados na frente italiana. E nessa ocasião, então, nem condição teria e nem o terreno permitia.

Lá fui eu para o Destacamento Olivier Filho substituir o Capitão Pitaluga. Só que subi o morro diferente da Décima de Montanha. Subi com as dificuldades de um alpinista, mas não tive o inimigo para me prejudicar. Assim mesmo foi um problema. Nunca tinha subido em corda. O pelotão foi inteiro, o Pitaluga desceu em seguida, e eu fiquei talvez uns vinte dias lá – período maravilhoso – porque o Serrasiccia tinha a ponta nevada e um horizonte lindíssimo. Você realmente chegava a ver o Vale do Pó adiante e, como o inimigo que estava na minha frente não tinha a missão de me expulsar dali, nós convivemos bem. Ele lá e eu aqui. Infelizmente lá vinham as patrulhas. Eu soltava a patrulha todas as noites; ele deveria soltar do lado de lá, mas as minhas patrulhas eram de segurança, então eu ia até uma distância ou até um horário e depois recuava e não tive o menor problema.

Fui substituído por um colega de turma que já morreu, chamado Tenente Joffre Borges Saliés. Já calejado – ele sempre serviu em Companhia de Fuzileiros – muito mais do que eu na guerra. Fui substituído por ele e fizemos aquela passagem, operação crítica de substituição em posição. Não sei se cometemos algum erro e o alemão notou, ou se foi uma mera coincidência. O fato é que eu desci e recolhi-me à minha Companhia e, no dia seguinte, soube que Saliés sofrera um bombardeio, perdeu metade do pelotão, inclusive, ele foi ferido gravemente com um estilhaço no abdômen. Foi levado para o hospital e, graças a Deus, sobreviveu, mas é um aspecto interessante da guerra. O Serrasiccia para mim foi um veraneio e o Saliés perdeu meio pelotão lá.

Na primeira fase, referimo-nos a um entroncamento importante, Castelnuovo di Garfagnana. Agora, havia pela frente Castelnuovo. Duas regiões completamente diferentes, em vales distintos, mas ambas importantes. Duas regiões completamente diferentes.

Sobre o ataque a Castelnuovo, o General Castello tem uma síntese que eu considero brilhante à qual já me referi no começo. Ele diz: "A FEB realizou uma operação abertura: Camaiore; uma operação dignidade: Castelo; uma operação militar: Castelnuovo; uma operação sacrifício: Montese; e uma operação coroamento: Fornovo."

É assim que o General Castello sintetiza, a meu ver, brilhantemente, os principais degraus. Uma operação abertura, uma operação dignidade, uma operação sacrifício, uma operação militar e uma operação coroamento. Por que militar? Porque foi nesse ataque a Castelnuovo que se fez, talvez pela única vez, um planejamento oportuno, atento, expediu-se uma Ordem de Operações, os objetivos foram adequadamente marcados, o ataque se desencadeou como previsto, o prosseguimento do ataque se deu sob coordenação. Enfim , tudo que se aprende numa Escola Militar se aplicou nessa operação. Essa operação não teve o imprevisto da guerra. O próprio inimigo tinha sido levantado, era um elemento previsto. O que não significa que Castelnuovo fosse menos difícil que os outros, mas foi uma operação militarmente feita.

Houve uma ação sobre Soprassasso, que era também um morro tipo Serrasiccia. Nessa operação, tive uma participação muito eventual. No apoio de fogo que fora previsto incluiu-se o "canhão 57" fazendo tiro direto, se necessário, mas não foi preciso. Num dado momento o escalão de ataque parou, aparentemente detido, e talvez pensasse que, naquela jornada, não daria para prosseguir. Um sargento que era funcionário da prefeitura de São José dos Campos – eu o conheci em Caçapava como cabo da faxina, um sensacional cabo da faxina, deu uma arrancada sozinho para o assalto e contagiou os companheiros. A tropa se levantou, correu e o alemão se rendeu. Esse sargento, se não me engano Onofre Dias de Aguiar, foi promovido a tenente por ato de bravura. Muito merecidamente.

Houve, ali, uma divergência de opiniões: deveríamos prosseguir no ataque ou não? Foi criado um destacamento, sob o comando do Coronel Nelson de Mello, adequado para uma operação de Aproveitamento do Êxito. Ele insistiu que se fosse à frente, e Castelnuovo foi conquistada; a porta estava aberta para o aproveitamento do êxito.

Montese era uma localidade que o alemão decidiu, obstinadamente, defender. Com muita sabedoria o comando aliado considerou Montese um problema à parte. Ao 11º RI, foi atribuída a missão de cuidar dessa localidade. O 11º RI que tinha tido um problema na fase defensiva ganhou, então, a oportunidade de mostrar que aquilo nada mais fora do que um acidente durante a guerra, porque o Regimento atacou com uma bravura sem par. Há um Tenente – Iporan Nunes de Oliveira, contemporâneo meu de Minas Gerais – que foi o símbolo da vitória de Montese. Foi um combate em localidade, rua a rua, casa a casa, janela por janela. Conquistava-se o primeiro

andar e depois se subia para o segundo. Dizem que já havia um consenso de que não valia mais a pena progredir; deveríamos parar e sair da cidade, quando esse Tenente Iporan insistiu que o Pelotão dele estava em condições de ir. Acreditaram no Iporan, ele foi e Montese caiu.

Abriu-se então uma nova fase, a do Aproveitamento do Êxito. Com muita propriedade e competência, o Estado-Maior da FEB planejou e acionou, em cada eixo que se abria, um elemento altamente móvel. Quem estava a pé recebeu viatura – arranjaram viaturas, tiraram da Artilharia. Eu não cedi meus caminhões porque já era fuzileiro nessa ocasião e usava as viaturas para esse fim.

Houve, então, uma fase de Perseguição semelhante àquela vivida nas primeiras operações de guerra, no Vale do Rio Serchio. Começamos a encontrar fracas resistências, normalmente a cavaleiro dos eixos, e tivemos habilidade de não perder tempo com problemas menores. Com isso, o problema desaparecia, eles se entregavam. O importante era não deixarmos que os remanescentes do Vale do Panaro atravessassem o Rio Pó para o lado de lá dos Alpes. Havia, entre esses alemães que recuavam, duas Divisões e algumas outras frações. Uma, ainda, com sua estrutura orgânica, de Divisão, inteira, embora com muitas baixas e sem viaturas, mas que oferecia resistência. Houve uma sucessão de ações bem coordenadas, onde se revezaram o 1º e o 6º RI. O Esquadrão de Reconhecimento lançou-se como devia ser. Acho que foi terminar lá na França. De repente, fomos orientados para um determinado movimento que cercava essas duas Divisões que se deslocavam rumo ao norte. Chegamos ao problema Collechio e Fornovo. As duas regiões caracterizavam o cerco dessas Grande Unidades e frações que tentavam evadir-se em direção ao Vale do Rio Pó. Este cerco realmente surtiu efeito. Os alemães se renderam a uma realidade e se entregaram.

Surgiu um problema difícil: retirar os prisioneiros rapidamente daquela região para um centro de coleta, mais à retaguarda. A Itália já estava “invadida” pelos *partigiani* e a única condição que o general alemão impôs para render-se era não se entregar para tropa irregular. Como tinha três caminhões e um jipe, mais uma vez fui chamado para um novo tipo de missão: carregar prisioneiros para a retaguarda. “Virei PE agora!” Com esta rendição terminou a campanha da Itália, no dia 2 de maio, enquanto a guerra ainda durou até 8 de maio, quando terminou o conflito na Europa.

Uma vez feita a rendição, houve uma fase de reagrupamento. As Unidades acantonaram ou bivacaram na região do Vale do Rio Pó. Eu fui para uma cidade chamada Tortona, ficamos numa casa que tinha sido um palácio. No começo, envolveram-nos em problemas de polícia de trânsito, de governo militar, mas logo em seguida fizeram uma composição adequada para isso e ficamos disponíveis para o regresso.

O primeiro escalão – constituído pelo pessoal que estava há mais tempo na Itália – foi retirado para Nápoles, ainda sobre viaturas, e fomos para Francolise, uma região quente, seca, deserta. Das reclamações dos pracinhas, Francolise é uma das maiores, fase muito sofrida. E o pessoal do segundo escalão sofreu mais, porque ficou mais tempo lá. Passamos uns dias em Francolise, embarcamos no navio. O segundo escalão foi para Francolise e esperou que o navio fosse e voltasse ou arranjassem um outro navio.

Desembarcamos no Rio de Janeiro. Quero destacar a recepção e dissolução da FEB. Foi feita muito satisfatoriamente, sem nenhum atropelo, sem nenhum problema. Ainda a bordo tínhamos instruções para transmitir aos soldados sobre determinado documento, determinado procedimento. Quem queria continuar no Exército nós deveríamos propor a permanência; quem queria ir embora era necessário informar para onde desejava ir e como receberiam o dinheiro ganho durante esse tempo. O fato é que chegamos ao Rio, acampamos na Vila Militar e demoramos mais algum tempo, porque São Paulo fez questão de prestar uma homenagem. Como o 6º RI tinha um grande contingente de paulistas, seguimos para São Paulo e desfilamos, sendo muito bem recebidos pela população. Dali, fomos para Caçapava e liberados. Em pouco tempo, quem cumpriu a sua missão voltou à atividade civil, não digo tranqüilo, porque levou muitas cicatrizes, mas sem nenhum problema pendurado no Exército. O mesmo ocorreu com o pessoal da ativa. Nós tivemos, na medida do possível, possibilidade de sugerir um lugar onde quiséssemos servir e, ao que eu saiba, a maioria foi atendida. Alguns foram recrutados para as Escolas Militares – e isso eu sempre considero como uma honra –, embora eles quisessem talvez ir para a terra deles. Sem traumatismo, sem problemas a FEB se dissolveu, foi reabsorvida e o Exército voltou à sua vida normal.

Quero ressaltar um ponto, porque na Guerra do Paraguai ocorreu o mesmo. Quando acabou, houve uma recepção não tanto amistosa por parte dos que ficaram, inclusive, o Governo, a Corte, não recebeu bem. Não foi o caso da FEB, cuja maioria recebeu muito bem, mas foi o caso de algumas Unidades, entre as quais a minha. Eu, por exemplo, pretendi voltar ao meu 15º BC; o Exército concordou e voltei. Eram sete oficiais: dois capitães e cinco tenentes. Por pura circunstância, cada um tinha uma especialidade diferente: um era fuzileiro; o outro, metralhador; outro, anticarro; outro, era de minas etc. O Batalhão recebeu, então, uma mão-de-obra muito positiva, em experiência e especializações. Seu comandante era um brilhante coronel da época. Muito entusiasmado pelo adestramento, inclusive autor de livros sobre instrução militar; gostava de manobras, exercícios e tal, mas nos recebeu da seguinte maneira: fomos para o gabinete de comando, ele fez o

ritual normal do regulamento, deu-nos as boas-vindas, cumprimentou-nos pelo desempenho que tivemos na Itália e terminou a saudação com a seguinte advertência: "De hoje em diante ninguém fala sobre a FEB."

E aí ninguém mais falou sobre a FEB. Ali não se aproveitou a experiência.

Mas a ressonância da FEB foi muito maior do que o esperado. Eu entendo que ela deu dividendos muito positivos ao Exército e ao País. Há uma conclusão generalizada de que a FEB redemocratizou o Brasil e, no Exército, atuou em várias direções.

A partir da FEB a instrução passou a ter outra dinâmica. Não é por mera coincidência que os Programas Padrão de Instrução (PP) apareceram daí em diante. Passou a haver uma outra valorização, um outro profissionalismo, um orgulho de todo o Exército de ter participado – embora com uma representação – da campanha na Segunda Guerra.

A área de Chefia e Liderança, então, para mim, foi a que mais me impressionou. A FEB mostrou um novo chefe, um novo comandante, um novo líder, que não fica no gabinete, que sai, que atua ao lado dos seus subordinados, que sofre as mesmas dificuldades. E estou lembrando dos nossos quartéis aqui do Setor Militar de Brasília em que eu vejo um coronel de manhã correndo dois mil metros na frente de um Batalhão, como um todo. Antes não era assim. A partir de capitão, via-se um obeso, acomodado, achando que um bom coronel é aquele que está num bom gabinete e distribui ordens. Essa concepção sofreu uma transformação radical que, graças a Deus, persiste até hoje. E eu tenho para mim que foi a FEB que trouxe esse enfoque, porque lá era assim, o abrigo teu era igualzinho ao abrigo do soldado, que era igualzinho ao abrigo do sargento; o que eu comia era o que eles comiam; o bombardeio que eu sofria era o deles; na patrulha que eu saía, o risco era o mesmo. Então, eu acho que aproximou e foi muito benéfico. Com a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) surgiu um núcleo de bom grau de operacionalidade, comparado às melhores organizações da época.

O IV Corpo de Exército tinha a 92ª Divisão de Infantaria, uma Divisão Blindada, a Décima de Montanha, uma Divisão Sul-Africana e a FEB. A FEB não destoou, pelo contrário. Por ocasião do nosso insucesso em Barga, que foi resolvido ali, nós fomos substituídos pela 92ª DI do Exército norte-americano. Pouco tempo depois a mesma sofreu um ataque semelhante ao nosso, só que nessa ocasião, o alemão veio até as cercanias de Pisa e ficou até o fim da guerra ali, ou seja, Barga não foi um problema de falta de capacidade operacional nossa, pelo contrário, nós apenas voltamos, refluímos para onde estávamos.

Há um testemunho do General Crittenberger, Comandante do IV Corpo, onde ele diz que, nessa fase final da guerra, a única Divisão que cumpriu inteiramente a

sua missão foi a Divisão brasileira. As outras ficaram pelo caminho porque ou o inimigo deteve mais ou retardou mais, um ou outro problema, mas foi a palavra do Comandante do IV Corpo de Exército.

O período da FEB permitiu um intenso e profícuo exercício de liderança militar, sem dúvida em todos os escalões, principalmente tenente e capitão. Era uma voz corrente entre nós, lá, que a guerra da FEB foi feita de "capitão para baixo". Sem desmerecer o major ou o coronel, foi quem, na realidade, enfrentou "parada" mesmo. Mas, é porque o capitão e o tenente patrulhavam diariamente e ficavam o tempo todo dentro daqueles buracos. Foi uma guerra de capitão e tenente. A FEB enriqueceu a história militar brasileira com uma página brilhante e constitui uma bela amostragem do Exército Brasileiro. Sua missão foi cumprida com dignidade e eficiência.

Gostaria de voltar a um ponto que foi o início da guerra, na fase do problema do Nordeste. A dificuldade que tivemos lá em ajustarmos a missão ou em mantermos a responsabilidade pela defesa da região, que era nossa, deve continuar de pé. Agora com olhos voltados para outra área – Amazônia –, cujos problemas talvez possam ser os mesmos, mas de qualquer maneira a posição geográfica e estratégica do saliente nordestino e da região amazônica obrigam a uma atenção cada vez mais apurada.

General-de-Exército Paulo Campos Paiva*

Natural da cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo. É oriundo da Arma de Infantaria. Cursou a Escola do Comando e Estado-Maior do Exército, a Escola Superior de Guerra e participou do primeiro curso de Guerra Revolucionária, efetuado na Argentina. Dentre as funções exercidas e os cargos desempenhados destacamos: antes e durante a guerra, foi subalterno do Primeiro Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio); após a mesma, comandante de Subunidade no Regimento Escola de Infantaria. Foi o Comandante do Batalhão São Domingos durante a operação de paz na República Dominicana. Comandou o Corpo de Cadetes da AMAN, uma função de destaque dentro do Exército. Como Oficial-General comandou a 5ª Brigada de Infantaria Blindada, em Ponta Grossa, no Paraná, foi Chefe de Gabinete do Estado-Maior do Exército, Comandante da 5ª RM/DE, Chefe do Departamento Geral do Pessoal e do Departamento Geral de Serviços e Comandante do IV Exército. Encerrou a sua carreira como Ministro-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão da Companhia de Canhões Anticarros do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 7 de novembro de 2000.

Eu fui para guerra no segundo escalão da FEB, com o Regimento Sampaio, o 1º Regimento de Infantaria, do Rio de Janeiro. Aqui, no Brasil, houve um treinamento preparatório, na região de Gericinó. Esse treinamento valeu muito para o combate. Além de deixar os futuros combatentes fisicamente capazes de agüentar os esforços requeridos pela guerra, instruiu-os sobre o emprego de pequenas unidades, o que foi necessário não só à luta, mas, também, na obtenção de dados pelas patrulhas.

A travessia do Atlântico foi feita no sexto andar negativo – submarino – de um navio transporte de guerra americano chamado *General Mann*. Foi uma travessia difícil, mas a tropa não tinha noção, porque estava lá embaixo e não via nada. Só faziam enjoar a bordo. O ambiente entre o pessoal do Exército que estava no navio era, razoavelmente, bom. Havia aqueles que estavam mais preocupados ou que eram mais calados. Outros, faziam muitas brincadeiras e se divertiam, com piadas etc. Agradável não foi, porque havia muita preocupação com a possibilidade de um submarino mandar um torpedo. Não escaparia ninguém. Houve um ataque de submarino, perto de Dakar. Dado o alarme, aquelas confusões todas a bordo: corre-corre para posição disso... posição de metralhadora... em suma, um início de execução do plano de resposta a ataques de submarino.

Na Itália, os soldados desembarcaram com o material individual, conduzido pelo próprio homem, e embarcaram em comboios que os levavam para Zonas de Reunião previamente demarcadas. Já estava tudo acertado. Dali, depois, foram apresentados às Companhias que cada um integrou durante a guerra. Receberam o material americano lá, inclusive a roupa de inverno.

A FEB recebeu o fuzil Garand – acho que eles chamavam de GM-8 – sendo que os oficiais, a carabina .30 – excelente arma – e os sargentos, a metralhadora .45 – a Thompson. O nosso pessoal se adaptou a essa mudança do armamento, do material, de forma tranqüila, rápida. Depois que eles atiraram dois ou três carregadores de munição, faziam todas aquelas operações de manuseio da arma, sem dificuldades. Esse fato se repetiu quando a tropa brasileira foi para São Domingos. O nosso soldado é muito bom. Ele aprende com facilidade e é bem desembaraçado. Lá na Itália portou-se da melhor maneira possível. Foi dedicado e valente, em suma, não ficou a dever nada.

Quando se vai combater, é mandado para uma Zona de Reunião (Z Reu), recebe as missões e parte para o cumprimento delas. Quando termina, normalmente, volta-se para a Z Reu e, dali, retorna-se à vida normal do soldado. Uma parte do tempo fica-se em posição, nas trincheiras; na outra, em áreas de repouso. Um exemplo: eu parto para uma missão. Concluída, retorno para aquela Z Reu do Pelotão ou da Companhia. Normalmente, estavam próximas à área de serviço – lá, onde ficam a

cozinha... essas coisas de apoio logístico. Ali, o soldado é alimentado e aguarda receber uma nova missão.

Havia dois tipos de saída para as cidades italianas próximas: a autorizada, que era coordenada pelo Batalhão, e a outra, que era isolada, o sujeito fugia. Era a chamada "Tocha". O pessoal saía e ia para a cidade. As cidades estavam em condições muito ruins naquela época. Era tudo muito escuro de noite, quase não havia nenhuma iluminação por causa de bombardeio de aviação que poderia ocorrer. Normalmente, era tudo em *blackout*.

Na linha de contato, era grande a proximidade da Divisão brasileira com os alemães. Havia uma terra de ninguém entre os dois onde as patrulhas deslocavam-se. Algumas chegaram a fazer prisioneiros; outras, participaram de pequenas escaramuças, mas depois cada uma retirava-se para o "seu canto" e deixava a terra de ninguém só com o pessoal de vigilância.

De modo geral, existe uma idéia errada de que, quando em contato, você está combatendo o dia inteiro, isto é, está atirando ou espetando o outro com a faca; mas não é bem assim. Ocorrem umas paradas bem longas; não se entra em combate todo dia. Combate-se porque vem do escalão superior a necessidade de tomar um objetivo, com efeitos táticos ou estratégicos. Uma operação é, então, desencadeada com essa finalidade. Depois das operações e até surgir novo objetivo determinado pelo escalão superior, passa-se algum tempo necessário aos deslocamentos, providências administrativas e outros preparativos.

No caso do Pelotão, os objetivos eram bem visíveis no terreno. Vai-se para o observatório e lá o Comandante, que já fez o seu estudo na carta, diz assim: "Olha, você ataca aquela posição dos alemães; você, fulano, ataca lá." Dá suas ordens à luz do terreno e com a carta na mão. "Cuidado com o flanqueamento daquela posição, porque já foi vista uma metralhadora alemã atirando ontem ou anteontem ou o que for." Há uma troca de minúcias, ali, na hora de sair para a operação.

Os graduados comandam um efetivo muito pequeno e eles permanecem juntos desse pessoal desde o início até o fim da guerra. Em conseqüência, surge uma ascendência pessoal pelo valor deles, criando uma amizade. E muita amizade. Por exemplo, um soldado meu – o Ortiz –, durante um bombardeio em Gaggio Montano, saiu do jipe carregando o saco com as minhas coisas particulares – nós tínhamos uns sacos, cada um levava o seu – e ele se expôs. Não era para fazer aquilo durante o bombardeio, mas ele fez. Ia ser punido. Eu então falei: "Ele não vai não". E, buscando esclarecer a questão, perguntei-lhe:

– Por que você fez isso?

– Ah seu Tenente, trouxe o saco que estava lá, com as coisas; ia estragar tudo, arrebentar tudo.

Isso não justificava, de maneira alguma, arriscar a vida dele para salvar a minha bagagem particular; mas havia esse sentido de fidelidade.

Alguns oficiais tinham uma liderança eficaz sobre os seus pelotões, outros não. Às vezes, a liderança era mais do sargento do que do oficial, porque o sargento tinha mais capacidade e isso surge naturalmente no combate. Por exemplo, nós tínhamos, em um Pelotão, um soldado conhecido por "soldado Careca" e um cabo apelidado de "Branco" – não me lembro o nome deles. No Pelotão, naturalmente comandado por tenente, o "soldado Careca" e o "cabo Branco" eram os verdadeiros líderes do Pelotão. Numa patrulha de reconhecimento, se você tivesse no Pelotão um "soldado Careca" ou um "cabo Branco", que eram líderes, e houvesse necessidade de reconhecer um casario ou uma determinada área, poderia encarregá-los da missão e ficar lendo o seu jornal, sentado, porque iam cumprir a missão de "cabo a rabo" e bem-feita. Eram homens corajosos, inteligentes, capazes e que tinham ascendência sobre os outros. Essas coisas, na guerra, acontecem muito.

A tropa alemã era muito disciplinada no aspecto de missões de combate. Eram muito hábeis em colocação de campos de minas e destruição de estradas. Era, sempre, bem adestrada. Tinham medo dos brasileiros porque diziam para eles que os brasileiros eram índios canibais. Parece incrível, os alemães divulgavam isso para as populações, faziam a guerra de nervos, dizendo que nós éramos antropófagos. A população local tinha um medo danado de brasileiro. Mas isso foi sendo eliminado, com o passar do tempo, e via-se muito o pessoal local confraternizando com os brasileiros, com namorada, dançando, indo a baile etc. No final da guerra era ponto pacífico. Agora, no início... Não queriam nem ver! Havia brasileiro lá... Eles não iam porque eram antropófagos.

A primeira ação do alemão contra nós foi um bombardeio próximo à localidade de Silla. Lá caíram tiros alemães, alguns, em cima da gente. Naturalmente eles deveriam saber que passavam viaturas com tropas em direção a Gaggio Montano.

Houve uma história interessante sobre um prisioneiro alemão. Próximo à Casa de Guanella e Pietra Colora uma companhia nossa fez uns prisioneiros alemães que foram dados à guarda de um soldado brasileiro, para que não fugissem, naturalmente, esperando a sua evacuação para retaguarda. Foi quando caíram umas duas ou três granadas em Casa de Guanella. Um prisioneiro alemão saiu correndo morro abaixo e o soldado brasileiro – um escurinho – atrás dele correndo e gritando: "Pára, pára, pára" e o alemão apavorado. O brasileiro estava correndo atrás dele com uma faca na mão. Na hora em que o alemão levou um trambolhão, o brasileiro subiu nele e botou-lhe a faca no pescoço. O alemão estava ali apavorado e o soldado dizendo: "Quando eu disser pára! Pára, uai. Quando eu disser pára! Pára, uai..." Aí, não sei se

foi o tenente, chamou-o e disse: "Esse rapaz não está te entendendo, você está falando português, ele é alemão!"

A conquista de Monte Castelo foi difícil porque os alemães estavam nas posições superiores. Os brasileiros sempre os viam de baixo para cima e eles, ao contrário, de cima para baixo. Podiam atuar com morteiro ou com canhão em cima das nossas viaturas de retaguarda, de apoio etc., com muita facilidade. Monte Castelo caiu graças a manobra que foi feita pelo Comandante do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria (I/1º RI). Quando o Batalhão já estava no alto, todo lá em cima, esse Comandante empregou uma Companhia pelo flanco, ameaçando a posição alemã que estava acima. Quando essa Companhia chegou, os alemães começaram a cair fora, porque a posição ia ser cercada. Nisso, avançamos e fomos tomando conta.

Os norte-americanos, ao relatarem essa história de Monte Castelo, colocam a 10ª Divisão de Montanha deles como sendo a que flanqueou o dispositivo alemão. Ela até atuou no flanco do escalão alemão, mas ali, no Monte Castelo, foi uma Companhia do I Batalhão (Batalhão Uzeda) que ameaçou o cerco atacando pelo flanco, entrando entre o inimigo e o americano, fazendo com que os alemães que estavam resistindo abandonassem as posições, porque senão iam ficar prisioneiros.

Durante toda a campanha de Monte Castelo, isto é, incluindo os insucessos anteriores, o aspecto que destacaria como o mais importante foi o emprego dessa Companhia do I Batalhão ameaçando cercar os alemães. Nas primeiras tentativas não se chegou a fazer esse flanqueamento. Foram ataques fantasmas, pelos quais se pagou um preço caro. Houve muito ato de bravura, mas custou caro. Nessa ocasião, não. O alemão, em vez de manter a resistência, tratou de cair fora, porque se ele permanecesse ali, seria cercado. Esse flanqueamento não tinha sido planejado. Não se podia adivinhar que o alemão ia ficar ali e ser cercado assim. Foi uma conduta de combate. O Comandante do Batalhão – Major Olívio Gondim de Uzeda – é que determinou à Companhia reserva que seguisse aquele rumo para chegar à retaguarda da tropa que estava defendendo a posição. Ele teve visão do combate. Era um senhor Comandante em todos os aspectos, menos um: não era afável no trato; era duro demais com o pessoal. Era um homem competente, capaz, corajoso, mas não era muito querido pela soldadesca e pelos sargentos, porque ele não deixava passar nada. Tinha um modo de chamar a atenção meio ríspido. Ele chegava, via uma falta qualquer, um sargento que não estava cuidando bem do posto, e lá vinham os gritos: "Você não está sendo honesto..." Ora, chamar um militar de desonesto... O sargento levava um susto. "Porque você ganha dinheiro da sua Pátria, você veio pago por ela e você não está dando o melhor de si para tomar conta do seu Brasil." Ele tinha umas cobranças assim, que não eram bem-feitas.

Monte Castelo, a sensação de chegar lá em cima foi poder olhar para o horizonte e dizer: "Barbaridade, nós estamos aqui." Foi uma emoção muito forte porque até chegar lá ocorreram muitas passagens meio complicadas. Por exemplo, quando fui realizar uma patrulha, como fuzileiro, cuja missão era tentar fazer prisioneiro alemão, mas com ordem de não me engajar em combate. Como é que a gente faz isso? Vai... Observa... Bate lá num cara, num posto de observação ou de vigilância... Pode-se tentar envolvê-lo à noite, para se obter essa oportunidade de conseguir fazer o prisioneiro sem matar ou sem combater. Num cerco bem-feito ou em uma viatura que encrenca num lugar qualquer, às vezes, consegue-se uma coisa dessas. Não se sai logo atirando em cima do pessoal.

Não há quase nada escrito sobre a morte do Tenente Godofredo Cerqueira Leite, vítima de uma granada. Monte Castelo tinha caído. Todas as vezes que se conquistava qualquer coisa dos alemães, eles imediatamente faziam ações de contra-ataque no sentido de restabelecer as posições. Preparamos os campos de tiro, observatórios, melhoramos as posições de defesa e de tiro etc. Estávamos em um abrigo nos preparando para fazer frente à atuação que já se esperava dos alemães.

Nesse momento chegou um mensageiro do Batalhão que, dirigindo-se a mim, disse: "Tenente Paiva, o Comandante do Batalhão manda que o senhor se apresente no Posto de Comando (PC) para receber missão." Desloquei-me, de imediato, descendo o morro na viatura de 1/4 tonelada do mensageiro. Ao chegar, recebi a chefia de um comboio pequeno, de quatro viaturas, que deveria levar a uma Companhia de Fuzileiros mais à frente. Cumprida a missão, regressei ao PC. Quando entrei, sob a mesa da sala de jantar, havia um saco de estopa com uma tampa de papelão de caixa de sapato, onde se lia: Tenente Godofredo. Eram os seus restos mortais.

Os alemães, nesse período, continuaram a nos bombardear com tiros de inquietação. Uma dessas granadas ricocheteou em uma árvore e caiu dentro do abrigo onde se encontravam o Tenente Cerqueira Leite e o seu ordenança, despedaçando-os. Antes do ataque a Monte Castelo, a maioria dos oficiais achava que Cerqueira Leite não deveria ter participado da ação, porque estava sem condições físicas, mas ele não admitiu que, como Comandante, não fosse atacar junto com seus soldados. Ele tinha estima aos seus soldados. A insistência e o amor a seus soldados resultaram na morte desse íntegro e valente oficial, exemplo de tenente da nossa FEB. Fez questão e não abriu mão de liderar seus soldados, os quais não queria deixar na hora de entrar em combate. Disse ele que "se não pudesse ir no comando do Pelotão iria como simples soldado, integrando o mesmo". Era essa a personalidade do Tenente Cerqueira Leite. Ele tinha amor aos seus soldados e não podia admitir que o comandante não atacasse junto com eles. Ele fez questão de participar de Monte Castelo mesmo gripado. Eu acho

que isso não estava escrito e precisava ser dito para se valorizar esse tenente que não recebeu ainda, na minha opinião, a homenagem adequada.

Tenho uma história de Pelotão Anticarro na qual eu usei uns “boizinhos” para colocar o canhão em posição, pronto para atirar em cima dos carros alemães. É a seguinte: uns carros de combate alemães começaram a atirar sobre uma companhia nossa da qual fazia parte o Tenente Carlos Augusto de Oliveira Lima – se não me engano era a 1ª Companhia, comandada pelo Capitão Everaldo José da Silva. Feriram e mataram soldados nossos. O Comandante do Batalhão ficou muito preocupado, porque achava que nós não poderíamos atuar em cima desses carros de combate – não havia uma posição apropriada que permitisse às viaturas tratoras levar esses canhões até lá –, e externou, numa roda, as preocupações dele, dizendo assim: “Pois é, estou preocupado porque está havendo esse negócio. Atiraram lá, no soldado do Carlos Augusto, e eu não tenho arma anticarro com condições de bater lá.” Eu o alertei:

– Não senhor, o senhor tem! O senhor tem o canhão 57mm.

– Esse canhão não pode atuar porque a viatura não consegue rebocá-lo para a posição de tiro – respondeu.

– O Senhor me dá a missão que eu cumpro – insisti.

– Então, você tem a missão, vá cumprir – disse, meio bravo.

– Sim senhor – só falei isso.

Eu chamei uns camponeses, combinei com eles que daria maços de cigarro se eles pegassem duas ou três juntas de boi daquelas de tração de arados e pudessem levar meu canhão até a posição que eu tinha mostrado para eles. Mas, avisei, tem que ser feito em silêncio, não pode ser feito barulho, e sem luzes, em completo *blackout*, porque o alemão não podia ver aquele negócio. Eles toparam e, quando chegou a noite, na hora e local que nós marcamos para o encontro, vieram com duas juntas de boi. Fizemos os engates do carro nos ilhoses do canhão e os bois saíram com aquele passinho deles, sem barulho nenhum na terra. O carro foi indo, levou o canhão até o local e o colocou bem no lugar onde a gente queria, sem problema algum.

No dia seguinte, quando os carros de combate alemães começaram a atirar, nós respondemos na hora e o tiro foi bem preciso porque, segundo dizem, nós atingimos o carro de combate alemão. Tem gente que diz que viu quando a munição traçante entrou no lugar de onde saiu a língua de fogo do tiro do carro. Ora, se ela entrou ou não no canhão do carro – parecia ter entrado ali –, ou então passou muito perto ou bateu no carro. Eu sei que essa foi a última vez que apareceu um carro de combate alemão ali. Nunca mais voltaram para atirar, nunca mais.

Um sargento de patrulha disse que nós tínhamos atingido um carro alemão. Eu também não sei, porque não vi e acho que dificilmente deveria ver, ainda mais

que as peças estavam a uma distância de novecentos metros ou um quilômetro. Isso à noite. Não se pode ter certeza se acertou. Não se pode saber. Aquilo é uma doença que estava dando: fabricar o falso herói. Isso aconteceu muito, mas o fato é que nunca mais esses carros atiraram dali. Sinto muito orgulho disso e não sou modesto o bastante pra dizer: não, eu não fiz nada. Negativo. Eu fiz isso e tenho a grande satisfação e orgulho de tê-lo feito.

Quando se fala sobre esse negócio de luta, bravura pessoal, deve-se lembrar que essas coisas são exceção. O homem não está todo tempo combatendo, espetando o outro com a faca, como eu falei. Uma vez ou outra aparece a oportunidade e tem que ser feito, mas não é sempre. Havia um ambiente de tensão durante o combate, mas nunca precisei confortar um subordinado por problema de *stress*. Na primeira vez em que o motorista de uma das minhas viaturas foi cumprir uma missão que não era para mim, os alemães pegaram o jipe dele na estrada que vai para Gaggio Montano e bombardearam durante todo esse trajeto. E eu sempre dizia para ele: "Olha, você quer comprar passagem de ida e volta para o Brasil? Fica comigo que não te acontece nada." Chego lá, está o Jaime branco feito não sei o quê, cabeça entre os cotovelos. Interpelei-o:

– O que é que há, gente?

– O senhor ainda não viu? Espia lá o jipe do senhor – eu fui espiar o meu jipe. Estava todo marcado de estilhaço, alguns pregados lá. Acertaram as granadas perto do jipe.

– Estou dizendo a você, fica comigo que não acontece isso.

– Tenente, o senhor não fala isso que Deus lhe castiga.

– Deus não vai castigar, pode deixar.

Mas esse foi um dos aspectos. Esse motorista... Como motorista não tinha outro igual. Até depois, eu o cedi para ser o motorista do Comandante do Batalhão, recebendo outro em troca, menos hábil do que ele, mas era natural, o Comandante do Batalhão tinha que ter um melhor, um motorista de gabarito. Chamado à noite para ir não sabe aonde, tem que ir com um motorista experiente.

Eu só tenho motivo de orgulho e satisfação em ser brasileiro e ser oficial do Exército Brasileiro. O que eu sou, devo à formação que recebi em casa e à formação que recebi no Exército. E, muito cabotinamente e muito pretensiosamente, eu me orgulho daquilo que sou. Em todo lugar em que vivi, todos acham que sou uma pessoa simples, trato afável e os meus comandados dizem sempre: "Olha, o senhor sempre foi durão, mas durão mesmo, o senhor não deixava passar nada que estivesse errado. Agora, o senhor nunca chamou atenção da gente de um modo que ficássemos sentidos ou aborrecidos, nunca".

No batismo de fogo, a primeira coisa que o soldado recebe é tiro de morteiro e de artilharia. Você está lá no seu abrigo e começa a querer andar, querer andar e o soldadinho ali... "Tenente! – a primeira pessoa que o socorre é o tenente – está caindo granada aqui." Todo mundo está vendo; quem é que não vê um bombardeio? Se nessa hora o tenente dá uma daquelas... "de cavalaria", como se diz: "O que é, animal! Você queria que caíssem flores? Queria que caísse bombom?", ganhou a guerra, porque isso, naquele momento, transmite um estado de ânimo para aquele soldadinho que está lá apavorado, um estado de ânimo muito bom: "Eh puxa! Esse cara nem está ligando para isso aí." Se nessa hora o tenente começa a rezar: "Ah! Meu Deus do céu!", o moral do soldado cai que é uma beleza. Essas experiências devem ser transmitidas.

O ideal de toda pessoa é ser feliz e, atingi-lo, não é difícil. Para se ser feliz, tem que se ter sempre, na vida, um guia – que é a "legitimidade de propósito". Você tem que ter isso. O que acontece? Você tem "legitimidade de propósito", acaba ficando orgulhoso de você. Esse é o primeiro passo para a pessoa ser feliz, ter orgulho de si próprio, aquilo que a pessoa é, ela se orgulha. Por quê? Porque sempre fez tudo com a boa intenção, sempre teve "legitimidade de propósito".

O segundo princípio da felicidade eu o chamo de: "Não conflite com a sua consciência." Siga os ditames da sua consciência; você não vai ser perfeito, porque o homem não é perfeito, porque é homem, é animal, mas vai, ao olhar-se no espelho, dizer assim: "Gosto desse cara, esse cara é bacana, direito, fez tudo na sua vida com legitimidade de propósito. Minha consciência mandou que eu fizesse isso. O mundo inteiro mandou que eu fizesse o contrário e eu não fiz, não me desviei daquilo que tinha que fazer." Então, "não conflite com a sua consciência."

São os princípios para a pessoa ser feliz. Para ser feliz, a primeira coisa é estar satisfeito consigo mesmo e o primeiro degrau para isso é: "Não conflite com a sua consciência." Os outros vêm depois. Ouve-se muito: "Ah! Mas eu não posso ser feliz porque estou sem dinheiro... Estou passando necessidade... Não tem jeito... Tenho problema de doença e tal", essas coisas podem impedir que se consiga alcançar aquele grau de felicidade almejado, mas você olha no espelho de novo e lá vê: "Gosto desse cara, ele é bacana, estou satisfeito comigo." Você está satisfeito, está feliz.

Coronel Carlos Augusto de Oliveira Lima*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, ingressou no Exército em 16 de abril de 1938. Pertence à turma de 1941, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, onde realizou, também, o Curso de Infantaria (Reg 45), de 1946 a 1949. Foi promovido ao posto de Aspirante-a-Oficial em 2 de maio de 1949; atingiu os postos de Capitão, em 25 de junho de 1954, e Coronel, em 30 de abril de 1975. Encontra-se na reserva. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. O Coronel Oliveira Lima freqüentou, até o 3º ano, a Faculdade de Medicina da Escola Nacional de Medicina, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Antes da guerra, foi subalterno do 2º Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro. Na guerra, exerceu as funções de Comandante de Pelotão da 1ª Companhia do I/1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio). Após a guerra, destacam-se as funções de Ajudante-de-Ordens do Comandante da ECEME, General Antônio José Coelho dos Reis, de Assistente do General Syzeno Sarmento, Ministro do STM, e a de Assistente do Marechal Mascarenhas de Morais. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 29 de novembro de 2000.

Ingressei no Exército pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), no curso de formação de oficiais da reserva que, naquela época, era feito em três anos. Era um pouco mais difícil do que hoje, porque o ano inteiro era de instrução, de seis às nove horas da manhã e os sábados e domingos eram passados no Campo de Instrução de Gericinó. Não havia remuneração, pelo contrário, até se pagava a matrícula, pela honra de estar servindo ao Exército e para sair Oficial da Reserva. Com isso aí saí Aspirante e fui convocado.

A instrução no CPOR era, a meu ver, completa. Havia bons instrutores que me ensinaram tudo, a ser um Oficial de Infantaria, Comandante de Pelotão e possivelmente Comandante de Companhia, caso fosse necessário, na guerra. A doutrina, na época, era oriunda da missão francesa. Os instrutores eram formados pela Escola Militar do Realengo. Assim, aprendi a conhecer o Exército.

No dia em que me apresentei para estagiar como Aspirante, após a reunião dos oficiais, cheguei à Companhia e o capitão me disse: "Olha, vai se preparando porque, depois de amanhã, vamos fazer uma marcha de 46 quilômetros."

Essa marcha saía da Vila Militar, ia até a Barra de Tijuca, depois, subia pela serra, com os soldados puxando as carroças, porque não havia viaturas na Unidade. Naquele tempo, no quartel, havia o carro do comandante, o caminhão do rancho e as demais eram viaturas coloniais, puxadas a burro. Era um Exército muito antigo, mas muito eficiente. Ali, no 2º RI, aprendi a ser militar.

Nesta Unidade fiz o meu estágio e fui promovido a 2º Tenente. Dias depois, li a minha convocação para a guerra – o Noticiário do Exército não existia; toda a história, a vida normal do militar, a gente lia em um jornal chamado *Diário de Notícias*. Ali, havia as partes do Exército, da Marinha, da Aeronáutica. Neste jornal tomei conhecimento de que fora convocado para o serviço ativo a fim de seguir para a guerra, no final de 1942. Apresentei-me no Regimento Sampaio, pronto para o que desse e viesse. Assumi a função de Comandante de Pelotão.

Parti para a Itália no segundo escalão da FEB, a bordo do navio *General Mann*. Nele seguiram o Regimento Sampaio, parte da Artilharia, todos os Serviços e parte da Engenharia. No outro navio, o *General Meighs*, seguiu um outro grupamento, com o 11º RI.

Os dois navios de transporte de tropas levavam cerca de cinco a seis mil homens cada e navegavam em cursos paralelos. À frente de cada um deles iam dois contratorpedeiros (destróier), navios especializados na guerra contra submarinos; ao lado, mais dois e ainda havia outros dois atrás de cada um deles. Entre os transportes havia três encouraçados, que tinham a capacidade de lançar aeronave de reconhecimento, por meio de catapulta. Havia, ainda, um cruzador que, segundo se

dizia, era brasileiro. Enquanto o transporte de tropas navegava em linha reta, esse cruzador ia em velocidade muito maior, fazendo ziguezagues, quase na linha do horizonte. Ele acompanhou o comboio até o Estreito de Gibraltar.

Todos os dias havia treinamento para o caso de ataque de submarino. O alarme era chamado de "general" (*general alarm* – alarme geral, em inglês). Cada um de nós tinha um local de posto de combate, e dali a gente deveria desembarcar – não se sabia como – mediante ordem pelo sistema de alto-falantes, que se ouvia em todo o navio.

Certo dia, eu estava sentado olhando o mar e, de repente, o alarme geral soou. Os alto-falantes informaram que não se tratava de um exercício e que todos tinham que se colocar no seu posto de combate, dessa vez era para valer mesmo. O que vi foi o seguinte: o navio que ia à direita do meu transporte se adiantou mais, aumentou a velocidade e se colocou à nossa frente a uma distância muito grande. Os contratorpedeiros que estavam na frente e ao lado começaram a lançar cargas de profundidade anti-submarino, os detrás não reparei, mas deveriam estar fazendo o mesmo. O ataque durou horas. Naquela hora eu estava com o meu salva-vidas, abotoei-o e fiquei quieto, esperando a ordem de desembarcar, que, finalmente, não veio. Um dos cruzadores soltou dois aviões com a catapulta.

Um dirigível (*blimp*) norte-americano nos acompanhava. Vinha de manhã, passeava lá por cima, andava para lá e para cá, depois voltava para o litoral. A disciplina a bordo era rigorosa. Era obrigatório andar com o colete salva-vidas. Além de ter que vesti-lo sempre que fosse a algum lugar, tinha que dormir com aquilo pendurado na cama. O camarote em que eu ficava era de tenente; eram 16 oficiais.

O navio ancorou em Nápoles e ali saltei juntamente com todos os demais e fomos para as barcaças de desembarque. Essas barcaças eram diferentes das que se costuma ver, daquelas que abrem a frente quando chegam à praia. Era um pequeno navio, apresentando dos lados estruturas semelhantes a duas pontes. Quando a barcaça chegava à praia essas estruturas avançavam e os soldados corriam pelos lados e desciam. A sua sigla, em inglês, era LCI, que diziam significar barcaça de desembarque de infantaria. Saímos de Nápoles para Livorno, nessas barcaças grandes de fundo chato. Elas eram empregadas porque os torpedos não tinham efeito contra as mesmas, por serem de fundo bem chato. Nelas cabia cerca de quatrocentos homens. Dispunham de camarote e porão; eram pequenos navios. Havia comida em profusão, em contraste com o navio, onde não dava para comer como desejávamos por causa dos horários. A cozinha começava a funcionar às três horas da manhã e acabava à meia-noite, para limpeza. Ocorria um revezamento: alguns soldados começavam o café da manhã às quatro horas. Era difícil. Os que estavam em serviço comiam três refeições por dia e os demais só duas, porque não dava tempo. Assim, todos chega-

ram à barcaça com fome. O movimento da barcaça, porém, tornava difícil comer qualquer coisa, causando enjôo. Enfrentamos até uma tempestade com ciclone durante essa viagem.

A tropa chegou a Livorno e, a partir da tarde, iniciou o deslocamento, concluído na manhã do outro dia, para um acampamento, em *San Rossore*, montado pelos norte-americanos. Eles eram muito eficientes na logística, encontramos tudo muito organizado, cada coisa no seu lugar. Os banheiros prontos, as privadas prontas, as barracas armadas, as camas postas. Uma coisa incrível.

O acampamento ficava perto da cidade de Pisa. Quando dava uma folga eu aproveitava e fazia um pouco de turismo. Cheguei a subir na Torre de Pisa. Havia lá, sempre, alguns velhinhos italianos cobrando dos turistas: para subir na torre eram três liras; chegando lá em cima eram mais quatro liras. Eu hoje conto para os meus netos que bati no sino da Torre de Pisa e é bom.

Nesse acampamento começou o treinamento pesado para o combate. Os instrutores eram brasileiros, mas usavam fichas de instrução que os norte-americanos forneciam. Havia grande realidade nessa instrução. A Força brasileira recebeu, também, o material. Nada foi levado do Brasil. Todo o material recebido no Brasil ficou aqui.

Devo lembrar, voltando à época de minha chegada ao Sampaio, que este já estava designado como unidade da FEB. E a instrução no Regimento era um treinamento para guerra. Rolamos e ralamos no chão por debaixo de arame farpado inúmeras vezes, tornando-nos familiarizados com o treinamento. Essa preparação foi muito útil depois. Havia a formatura normal; eu, tenente, formava com o meu Pelotão. Quando a mesma terminava ninguém ia para o alojamento: havia uma corrida. Começamos com duzentos metros. Mais tarde, a corrida foi ampliada: tocava acelerado, a banda ficava no quartel e a tropa saía com o subcomandante na frente. Inicialmente, ia-se até a estação ferroviária da Vila Militar, depois foi aumentando, indo na direção de Deodoro. O uniforme era o de educação física ou o de instrução, com coturno, quando a tropa estava armada. Esse preparo físico já era visando à guerra. Havia outras atividades, incluindo até mesmo o pessoal da cozinha, que também se deslocou para a Itália. Cada Companhia possuía a sua.

O treinamento foi essencial. O soldado deve saber poucas coisas importantes: ele tem que atirar muito bem e saber aproveitar o terreno para progredir e observar. São coisas simples, mas que devem ser muito treinadas para entrar no subconsciente.

Como eu ia dizendo, quando chegamos, os norte-americanos nos deram uns dias, antes de sermos deslocados para a zona de frente, mas não houve muita diferença. Treinamos, violentamente, com tiro real de metralhadora, por debaixo de arame farpado. Isso nós já fazíamos no Brasil antes de ir pra lá. Às vezes, ouço uma

pessoa ou outra dizer que a tropa foi sem treinamento, mas é uma mentira absurda. Eu fico com raiva quando dizem que os brasileiros foram para a Itália sem treinamento adequado. A nossa foi muito bem treinada. Pelo menos no que eu observei.

Em cada regimento havia um oficial americano de ligação, de acordo com o enquadramento do regulamento americano. De resto, a mudança de material não causou nenhum problema para os brasileiros. O armamento era semelhante, e eu, como tenente, recebi uma carabina .30, uma arma muito boa. A pistola era nossa, uma Colt 45. Eu perdi a minha lá e, posteriormente, recebi outra.

Iria, pela primeira vez, participar de um combate; seria o meu batismo de fogo. Foi no dia 29 de novembro de 1944, exatamente há cinqüenta e seis anos atrás.

Fui para a frente de combate, em Casa de Guanella, onde já havia uma tropa do 6º RI. A chegada à posição foi muito difícil. Mesmo com o equipamento mais leve de oficial, sofremos com o terreno, que tinha sido arado em toda a região e, para piorar, havia chovido muito. A gente enterrava a perna até o joelho para progredir naquelas colinas a fim de chegar à Companhia que seria substituída, para atacar no dia seguinte. Foi dura a marcha, mesmo sem mochila. Eu e o outro tenente chegamos três dias antes da tropa e ficamos esperando. Até foi bom, descansamos, vimos a frente toda, a localização de Belvedere, do Castelo – que ainda não tinha a fama, um morro como outro qualquer –, pois já sabíamos que era para lá que iríamos. A Companhia chegou, atravessando as mesmas dificuldades, à noite, por causa do sigilo, e, ainda, com chuva. Os soldados enterravam-se na lama até o joelho, era muito difícil de andar, mas tinha que ser à noite. A substituição da tropa do 6º RI ocorreu, desse modo, na véspera do ataque, não havendo tempo para descanso como se desejava.

De qualquer forma, ficamos prontos para o ataque, prontos para sermos batizados pelo fogo inimigo. Aliás, ninguém pensava que era batismo de fogo, isso é muito bom para contar história, mas a gente sabia que ia entrar em ação e não tinha visto, ainda, a cara do inimigo. Sabíamos que, no dia seguinte, a ação ia acontecer, de verdade. Eu deitei e dormi. Naquela situação fiquei assim... A gente se preocupa, mas em dez minutos esquece a preocupação. Muitas vezes fui escalado para fazer uma patrulha: escolhi o pessoal que ia comigo, deitava-me e dormia; não ficava preocupado com os apertos do dia seguinte. Não se pensa mais nisso. É um benefício que Deus nos dá. A gente esquece, só pensa no momento e acabou.

O meu Comandante de Companhia era o então Capitão, hoje falecido, General Everaldo José da Silva, grande comandante admirado por todos nós. Ele inspirava muita confiança em suas ordens e isso é que fazia o soldado cumpri-las. O soldado tinha que acreditar que o tenente não estava "embromando", que tinha capacidade para dar aquela ordem e confiar que ele não o estava levando gratuitamente para o

perigo. Eu nunca tive esse problema. Ali era força moral e confiança. Como se diz: "A confiança não se impõe, adquire-se". Eu nunca dei ordens diretamente para os soldados do Pelotão, sempre fiz questão de dar ordens para os comandantes de Grupo de Combate e eles as transmitiam para os soldados. Agindo assim, eu podia controlar o Pelotão que, em combate, dispersava-se no terreno em uma frente e profundidade de uns duzentos metros. O Comandante do Grupo de Combate fazia cumprir as minhas ordens. A ordem diretamente dada a um soldado era um caso muito excepcional. Junto comigo ficavam o Grupo de Comando, dois mensageiros, o sargento-auxiliar e o sargento-orientador, uma inovação que surgiu lá, que era, também, um substituto de Comandante de Grupo.

O Monte Castelo parecia ser uma espécie de ponto de honra para os nossos escalões superiores. Tínhamos que tomar o objetivo. Ouvi histórias, depois, de que os norte-americanos já tinham estado lá perto, até que tinham alcançado o topo e depois o alemão os desalojou com um contra-ataque. Havia, também, o Belvedere que era uma montanha muito mais alta – uma cordilheira – que estava nas mãos dos alemães, e era impossível de se conquistar. A tropa, porém, não sabia de nada. Sabia, apenas, que tinha que ir e subir naquele morro.

Desse modo, no dia 29, o Comandante da Companhia chegou, tomou conhecimento de tudo e distribuiu as frentes. Eu estava em um dos pelotões, naquela formação clássica de um triângulo: dois na frente e um atrás. O meu Pelotão era o da esquerda, um outro tenente estava no da direita e outro, atrás. O Comandante definiu os objetivos muito claramente. A ordem era a seguinte: a hora do ataque é oito horas da manhã. O primeiro objetivo (O1), C. Vitelline, estava situado cerca de oitocentos metros da linha de partida, era uma elevação pequena que tinha uma dobra de terreno diferente. Mais à frente havia outra pequena elevação, no contraforte do morro, em seguida uma descida e depois é que se subia para o Monte Castelo. E nós ficamos esperando a hora H. Todos acertaram os relógios.

Estava previsto que quarenta minutos antes das oito horas a Artilharia do nosso lado atiraria. No horário certo, começou aquela trovoada violentíssima, cobrindo tudo, até o Monte Castelo – a cinqüenta metros de distância não se via nada. Foi uma coisa fantástica, como eu nunca tinha visto! Cobriu o morro de poeira, uma coisa incrível. Só vi isso outra vez quando o II Batalhão mais o 11º RI atacaram Montese. Só que lá a preparação durou três dias sem parar, dia e noite, uma coisa incrível; foi uma beleza. Esperávamos nossa hora de avançar, a partir da linha de partida, comentando com os companheiros sobre a preparação da Artilharia. O momento do ataque chegou. Às oito horas em ponto, eu virei e fiz sinal para os dois sargentos que estavam me olhando e vinham atrás. Eu ficava mais ou

menos no meio, entre os três Grupos de Combate. Quando a nossa Artilharia cessou fogo, a Artilharia alemã começou a atirar sobre a nossa linha de partida. Aí nós rompemos e eu vi o Pelotão prosseguir rastejando – o mato era ralo, não havia muita coisa, nem macega, uma árvore aqui, outra ali, uma dobra de terreno aqui, outra ali e um caminho por onde só passava uma pessoa e era arriscado passar por ali, também – o meu Grupo de Combate da direita progredia, rastejando, rolando, ficando colado o mais possível no chão para não ser apanhado por bala deles e, também, não ser visto. De repente, o Grupo da direita parou, o da esquerda já estava adiante dele. Mandei parar o Grupo que estava atrás e cheguei mais ou menos ao alinhamento do que estava parado. Chamei o sargento-orientador e ordenei: “Edmar, vai lá e diz para o Monçores avançar com o Grupo dele, mostra para ele, manda-o avançar.”

O Edmar era um desses camaradas magros que só tem pele e osso, mas com uma força terrível. Ele disse assim: “Tá bom, Tenente, é isso aí.” Passou o fuzil que estava a tiracolo para trás, pegou a mochila e “se arrancou”, rápido. Devia ser uns duzentos metros de distância de onde estávamos. Ele chegou lá e, daqui a pouco, vi o Grupo avançar, e, assim, fomos até esse ponto, C. Vitelline. Está lá, na carta; há até um livro que reproduziu essa carta. Aí, veio o Edmar e me disse: “Tenente, o Monçores morreu. Morreram ele, o fuzileiro atirador e os dois remuniciadores.” Eu me aproximei e vi o que acontecia: todo mundo chorando, chocados com a morte dos companheiros. O Edmar havia pegado a metralhadora . 30 refrigerada a ar, dispôs a munição, de dois cunhetes, em volta de si, e comandou: “Pelo outro lado, Grupo, comigo!” E se arrancou. Assim que ele chegou a C. Vitelline, o Grupo o acompanhou. Ele se mostrou para o Grupo de Combate, tomou a iniciativa. Foi um chefe, um sargento de grande valor.

Quando a tropa avançava, as metralhadoras inimigas começavam a atirar de dentro de casamatas muito bem preparadas com concreto. Os alemães são muito bons soldados. O cruzamento de fogo que eles faziam com as metralhadoras era uma coisa incrível, não dava para passar de jeito algum. As posições de tiro se apoiavam e criavam uma barreira de fogo. As casamatas tinham seteiras, janelas pequenas, de onde os alemães atiravam. Cada posição defendia a outra e para sobreviver a esse fogo tinha que se conhecer, em detalhe, como tirar proveito do terreno, no chão mesmo.

O Capitão Everaldo se aproximou de nós, porque havíamos parado eu e todo o meu pelotão, por causa do fogo das metralhadoras. O outro pelotão do ataque também havia parado. Nisso, vi um carro de combate norte-americano vir na direção do meu pelotão – eu não sabia, mas havia atrás de nós um Pelotão de Carros de Combate norte-americano. O carro de combate é bom por um lado, pelo apoio de fogo, mas,

por outro, atrai o tiro da artilharia inimiga. Passou a cerca de uns trinta metros de mim e parou um pouco na frente sem saber o que fazer. Mostrei a situação ao Capitão Everaldo:

– Capitão, olha aí, o Pelotão está detido, não dá para avançar. Quem levantar a cabeça está morto.

– O Hermes também está parado lá... Não dá. Eu vou manobrar com o 3º Pelotão que está aí atrás. Agüenta aí.

Interessante como a gente não esquece, foi há cinqüenta e cinco anos atrás e a gente não esquece.

– Capitão, parece que estou vendo uma seteira naquela casamata. O senhor não está vendo?

Era uma distância de uns duzentos ou trezentos metros; a seteira era bem pequena, atrás de um barranco. Eu tentei sinalizar, mostrar para ele, perto de uma árvore pequena.

– Eu estou vendo, Carlos Augusto. Fica quieto aí que vou falar com o tanque – respondeu.

O carro de combate tinha um telefone na parte de trás, para comunicação com a guarnição. Eu não entendia de carros de combate, mas sabia que o mesmo podia dar um tiro na casamata. O Capitão correu na direção do carro e ficou atrás dele, abaixado, tirou o telefone e falou em inglês com a guarnição. A guarnição do carro virou o canhão, apontou e perguntou para ele se podia atirar. Ele falou: “Pode atirar. O tiro vai sair mais alto, mais do lado.” O carro, que podia usar munição explosiva e perfurante, atirou com o seu canhão calibre 75mm. O Capitão Everaldo virou e disse assim – eu me lembro como se fosse hoje – em inglês: “*Two fingers left!*” Isto é, dois dedos à esquerda.

A gente não esquece isso. O canhão tornou a virar, baixou mais um pouco e atirou. Foi uma coisa incrível, parecia um pequeno vulcão, voou madeira e pedaço de gente, porque pegou no oco da casamata. Em seguida, o Pelotão arrancou, sem esperar minha ordem. Foi um avanço geral. O Grupo de Combate que vinha atrás avançou também e todos passaram por sobre as casamatas – que não eram cobertas. Foi uma mortandade. Morreu um pouco de tropa alemã ali, na hora. E o Pelotão avançou mais, passou por C. Vitelline, desceu uma dobra, e subiu naquele contraforte do outro morro. Ali parou também, porque havia outra linha de defesa alemã.

O 3º Pelotão, que o Capitão havia manobrado, veio pelo lado e passou cortando para a frente. Muitos morreram. Meu Pelotão, pela manhã, tinha quarenta e três homens no efetivo, quando chegou a noite estava com vinte e cinco, contando comigo; havia dezoito baixas, entre mortos e feridos. Mas era normal que em um

ataque acontecesse isso. Quando anoiteceu, faltava um quilômetro e meio de subida para se chegar ao Castelo, não havia condições para prosseguir e ficamos ali, começando a cavar, visando ao preparo de uma posição defensiva. Entretanto, veio ordem do Comandante da Infantaria Divisionária – General Zenóbio da Costa – grande chefe, muito corajoso, ordenando o retraimento porque já estava anoitecendo. O alemão iria montar um contra-ataque, percebeu o E3 da Divisão, Coronel Castello Branco, que acompanhava toda a operação.

Já de noite, chamei os Comandantes de Grupo e orientei o retraimento. Permaneci até que os três retraíssem. Ao chegarmos à linha de partida, vi andando, para um lado e para o outro e muito aborrecido, o General Zenóbio e ouvi-o dizendo: "Puxa, tive que retrair vocês, que foram tão bem, mas esse tempo... Agora já está anoitecendo." Ele reclamava do tempo ruim.

Assim foi o meu batismo de fogo. Morreu o meu sargento Jorge Monçores, um grande sargento, um grande Comandante de Grupo. Era mineiro, bom mateiro, o que logo percebi nos exercícios. No Campo de Instrução de Gericinó, ele entrava em um bosque, com uma tropa, e saía do outro lado na direção certa; não se perdia.

Quando os brasileiros retraíram, os alemães reocuparam as casamatas. A 12 de dezembro de 1944 foi realizado novo ataque pelos II e III Batalhões do Sampaio. Também não foi bem sucedido. Belvedere era uma região dominante sobre Monte Castelo. Para conquistar este último era necessário atuar sobre Belvedere, onde os alemães estavam bem instalados defensivamente. O Sampaio atacou a primeira vez, não deu; a segunda vez, não deu; pois, então, havia algum problema. Os comandos das nossas Unidades informavam aos escalões superiores que não era possível conquistar Monte Castelo porque os alemães atiravam de Belvedere sobre a gente. Havia erro na nossa manobra. O escalão superior subestimou a potência de fogo alemã existente lá na frente. Sem eliminar os fogos de Belvedere, não dava para chegar ao Castelo. Acho que o Comandante do IV Corpo de Exército não havia percebido isso. Era o General Crittenberger. Ele deveria ter percebido isso.

No ataque vitorioso, a Décima Divisão de Montanha norte-americana, tropa de elite do Exército, participou com uma incursão noturna sobre Belvedere, iniciando à meia-noite do dia 19 de fevereiro. Nós começamos a atacar, em 21 de fevereiro, mais ou menos às 6h da manhã. Dias depois, a minha Companhia substituiu uma Companhia da Décima de Montanha. Verifiquei, então, que o Pelotão que eu substituía estava com o efetivo de apenas doze homens, com um tenente. O resto tinha morrido. Os norte-americanos eram muito decididos no ataque. Eram valentes e bons no combate. A Décima de Montanha era uma tropa especializada e se apegou a nós. Eles gostavam de atacar com a FEB do lado. Com certeza confiavam na Força brasilei-

ra, porque viram como atuávamos. Os norte-americanos confiavam na gente, porque sabiam que “mandou, vai”.

Eu cheguei ao topo de Monte Castelo. Na parte baixa, havia aquelas ondulações – não eram ravinas. Eram buracos, ondulações pequenas, colinas miudinhas – e depois a subida. Antes de chegar no alto da elevação, havia a última linha de defesa dos alemães, onde fizemos quinze prisioneiros. Ali já era uma terceira linha de defesa que eles usavam, também, como observatório. No terço inferior do morro devia haver alguns alemães que correram e, bem embaixo do Monte Castelo, na meia encosta, um efetivo maior. Existia até uma posição que usava umas casas – era comum vermos habitações, porque na Itália a região agrícola é diferente da nossa – eram, na maioria, granjas. Quando a tarde começava a cair, estávamos no contraforte, avançando, sem retraimento dessa vez. O nosso Pelotão chegou a um bosque. Os alemães lançaram uma cortina de fumaça que cobriu Monte Castelo. Percebemos que estavam retraindo. Os elementos das primeiras linhas não retraíram, caíram prisioneiros, agora, os demais, onde estava o grosso do efetivo, retraíram todos. Então, o Comandante de Companhia disse: “Vamos aproveitar essa neblina e vamos pra valer! Vamos pra valer!” Antes dessa investida ninguém da tropa brasileira havia, ainda, conseguido chegar ao topo de Monte Castelo. Os que vieram bordejando o Monte Belvedere, pelo flanco, conseguiram, mas somente no ataque final vitorioso, quando nós também já estávamos chegando, depois da cortina de fumaça.

Um fato a registrar foi a surpresa proporcionada pela logística norte-americana, no dia de Natal. Eu estava numa posição voltada, inteiramente, para o inimigo. O inverno chegara. O dia 24 de dezembro amanheceu nevando. Foi a coisa mais linda que eu já vi na minha vida. À noite, forneceram peru com farofa e vinho para toda a tropa na Itália. Isso foi um apoio moral especial, porque era Natal e para nós um Natal longe da família. Nesse dia ocorreu uma espécie de trégua: os alemães ficaram quietos e nós também.

Gostaria de mencionar um episódio que teve a participação direta do Tenente Paiva, hoje General, comandante do Pelotão de Canhões Anticarro que estava à disposição do Batalhão. Nós tínhamos uma grande amizade, porque quando ele chegou ao Regimento eu já estava lá. Ele era Segundo-Tenente e eu, Primeiro. Logo que ele se apresentou, o Major virou e disse-me assim: “Carlos Augusto, ele está chegando ao Batalhão, não sabe de nada ainda, vai, leva-o ao dormitório, porque ele é solteiro e vai dormir lá.” Dei ao Paiva todo o apoio, desde o primeiro dia, e daí em diante ficamos muito amigos, como irmãos. Tenho grande prazer em dizer que somos irmãos de guerra. O canhão 57mm de seu Pelotão era empregado contra carros de combate e, atirava como um revólver, porque seu tiro era tenso, com grande potência, violentíssimo. Esse

modelo não era autopropulsado, mas auto-rebocado por uma caminhonete Dodge. O canhão, engatado atrás da viatura, posiciona-se nos locais onde ela consegue chegar. Nela vai, também, a guarnição do canhão com o seu Comandante.

Infelizmente, a gente nem sempre pode escolher a melhor posição em combate. A minha era na encosta voltada para o inimigo de tal maneira que nós, às vezes, só podíamos nos mexer de noite. Estávamos no primeiro terço da elevação, embaixo passava o Rio Marano. A posição era um saliente na linha de contato, penetrando no território inimigo e, praticamente, deixando Monte Castelo atrás de nós. Até a comida chegava de noite. Para nossa sorte havia uma casa bem dentro da nossa linha na qual caváramos uma trincheira para chegar ao porão, onde fazíamos as refeições. Os alemães atiravam com o canhão de carro de combate. Escondidos, podíamos vê-los atirando da região de Pietra Colora, distante uns dois quilômetros de nós e servida por uma auto-estrada. Sabíamos que era um carro de combate que ia lá, de noite, e atirava na gente, fazendo baixas. De dia eles não atiravam, porque estávamos escondidos, seguros, nos abrigos ou atrás da casa. Durante o inverno, usávamos uniformes camuflados, brancos, para a neve, inclusive uma camuflagem para o capacete. Um italiano morador do local levava tiros também, porque ele não saía do lugar, por não ter para onde ir.

O Pelotão Anticarro era orgânico do Batalhão, sendo empregado por ordem do Comandante do mesmo. Então, ele comentou o problema e o Paiva – que me chamava de Carlinhos e, porque eu morava na Penha, de Penha também ou de Carlos Augusto – ofereceu-se para auxiliar-nos:

– Major, dá licença! Eu vou dar conta desse canhão.

– Mas você vai lá como, rapaz? – indagou com curiosidade o Comandante do Batalhão.

– Eu dou um jeito, o senhor dá a permissão e eu vou lá.

Foi iniciativa dele, com pena de mim. Ele me ligou – usávamos um telefone sem campainha, de magneto – e disse:

– Eu vou aí. Um dia ainda vou levar um canhão, vou acabar com esse tanque.

– Mas como é que você vem? – perguntei.

Passaram-se uns dias. Ele me ligou e travamos o seguinte diálogo:

– Já cheguei.

– Como é que você chegou?

– Eu peguei dois bois e trouxe.

Fiquei impressionado. Imaginei como foi difícil, com aquele terreno, todo arado, naquele frio e com chuva. Acredito que para chegar lá em cima ele levou uns dois dias. Colocou a sua peça na contra-encosta, abrigada dos tiros alemães. Anoite-

ceu, o alemão atirou uma vez – já esperávamos e nos escondemos, mas sempre pegava um ou outro. O Paiva me ligou pelo telefone:

– Como é Carlinhos, está vendo? Carlinhos! Como é que é?!

– Você não tá vendo não?

– Eu estou vendo sim – respondeu ele.

– É lá mesmo, é aquele mesmo, rapaz – disse, confirmando a identificação do canhão.

– Espera aí que você já vai ver.

Lá pelas tantas o carro de combate alemão atirou. O Paiva fez a pontaria na luz do canhão e respondeu ao fogo – o canhão anticarro tinha mais potência do que o do carro. Foi só um tiro; surgiu um clarão terrível no lugar de onde os alemães atiravam e o carro alemão se calou. O carro de combate alemão nunca mais apareceu.

O Paiva permaneceu na posição até o Batalhão sair dali e dormia no Pelotão conosco, abrindo mão do conforto e da segurança da contra-encosta, onde podia até armar uma barraca.

Outro acontecimento que gostaria de contar ocorreu com o sargento Monçores, na véspera do ataque em que ele veio a falecer. Foi algo inexplicável. O sargento Monçores era uma pessoa muito séria. Era um excelente militar, cumpridor de missões e com apurado senso de orientação. Na véspera do ataque, no dia 28 de novembro de 1944, à tarde, ele me procurou, com uns papéis dobrados na mão, e o diálogo entre nós dois foi assim:

– Tenente, tenho um pedido para lhe fazer. Aqui estão as cartas da minha noiva que guardo comigo. Eu queria que o senhor as entregasse para ela, porque amanhã vou morrer, não quero ficar com isso e ser enterrado com elas. Voltando para ela é um consolo que eu tenho.

– Escute, Monçores. Como é que você sabe que é você quem vai morrer e não sou eu? Nós somos de carne e osso, somos o que somos, a bala não escolhe ninguém não. Como é que você prova isso, como é que você tem certeza disso?

– Não sei, mas eu vou morrer e o senhor não vai, porque, eu não sei.

– Tá bom, me dá as cartas aqui. Quer dizer que se você não morrer amanhã eu as devolvo?

– Devolve.

Foi o primeiro tiro, uma granada que o pegou. Pegou-o, o fuzileiro atirador, o municiador... Cinco do Grupo de Combate.

Quando ocorria um evento triste como esse, aparecia o Pelotão de Sepultamento. Eles entravam no campo de batalha – uniformizados – quando ocorria aquele intervalo de paz temporária. Os alemães sabiam que era o Pelotão de Sepultamento

e o respeitavam – não atiravam neles. O pelotão trabalhava na terra de ninguém e nada acontecia, pegavam os corpos e os levavam para serem enterrados. A guerra da Europa era mais civilizada, pelo menos foi o que eu vi.

Sobre o relacionamento dos brasileiros com a população local, devo dizer que não houve problemas. O brasileiro era muito parecido com o italiano. Havia muito respeito da nossa parte. Houve oficial do nosso Regimento que se casou lá, ou seja, voltou lá para casar e trouxe a esposa. As italianas eram iguais às brasileiras, muito bonitas e com o mesmo jeito das brasileiras. Uma vez eu estava de folga e conversava com outros tenentes. Aí passou uma menina, de bicicleta, e o pessoal ficou olhando, achando-a bonitinha. Então ela nos olhou e disse: "Vocês nunca me viram não?" Jeito típico de brasileiro.

No tocante ao aspecto liderança, predominava a força moral porque não havia cadeia. Nunca precisei repetir ordem para soldado. Eu seguia a cadeia de comando, lógico, como Comandante de Pelotão não me cabia comandar o Grupo de Combate. Eu comandava o sargento e respeitava aquele que comandava abaixo de mim. Nunca vi, também, qualquer sargento discutir com soldado. É lógico que todo mundo tem medo. Nem sempre dava para o tenente confortar o seu pessoal. Por exemplo, logo no primeiro ataque houve baixas num Grupo de Combate – o sargento morreu. Naquele momento de choque não foi possível para o tenente confortar o pessoal porque ficamos meio isolados uns dos outros. Eu nem fui ao Grupo. O Edmar assumiu e liderou a fração. Nós somos humanos e, como tal, eu tinha vontade de sentar no chão e chorar, mas o que o tenente faz, o soldado faz mais. Tenho um problema de saúde, descoberto pelo meu irmão que era médico. A minha pressão varia de modo desordenado e essa doença é resultado da neurose de guerra, do esforço que a gente faz para fingir que não está com pavor, com medo. Então, você tem que demonstrar frieza, porque se você fraquejar, o que acontece? O soldado começa a chorar e vai embora, porque ele imita o chefe. Há uma história sobre o comandante que saiu com outros oficiais para fazer um reconhecimento no *front*, a cavalo. Lá pelas tantas, ele estava tremendo em cima do cavalo e disse aquela frase que é clássica: "Treme, velha carcaça e muito mais tremerias se soubesses onde te vou levar."

Deve ser ressaltado que as tropas de defesa das nossas costas, como a guarnição de Fernando de Noronha – a cinco horas de Dakar, a qualquer momento o alemão poderia chegar lá –, sofreram muito mais do que nós. Nós tínhamos tudo. Eu acho que cada um tem o seu destino traçado. O meu foi comandar Pelotão e entrar na guerra. Ninguém é superior a ninguém.

A viagem de regresso foi feita sem escolta; não havia mais guerra, não havia mais nada. Tive notícia de que um cruzador nosso explodiu mesmo após o fim da guerra. Provavelmente, o comandante do submarino não sabia que ela tinha termina-

do. A FEB foi recebida de volta ao Brasil com muitas palmas do povo. Nós chegamos ao cais do porto do Rio de Janeiro, descemos com a tralha toda, jogamos a nossa bagagem nos caminhões que já estavam designados, entramos em forma e desfilamos pela Avenida Rio Branco, sob aplausos, com banda de música. Foi muito bacana, o povo vibrou conosco. O desfile começou com a formação de seis ou nove colunas e acabou em uma porque o pessoal entrou no meio do desfile para abraçar os parentes. Foi uma beleza!

Posteriormente, aconteceu o seguinte: cheguei, fui para o Sampaio e, de repente, me vi transferido para Aracaju, Sergipe. Outros oficiais da FEB também foram transferidos pelo Brasil afora. O comandante do Regimento mandou me chamar e me falou em tom de gozação:

– Carlos Augusto, você pediu para sair? Você pediu para sair do Regimento? Que é isso! Acho que você devia se sentir à vontade aqui.

– Não, não coronel! Não quero sair daqui não!

– Olha, Carlos Augusto, eu não vou poder segurar você aqui não. Você está transferido, agora lhe posso segurar aqui no Rio.

– Muito obrigado, Coronel. Eu queria que o senhor fizesse isso para mim.

– Então você vai aqui para o Regimento Escola de Infantaria (REsI), onde serve o Coronel Duray. A classificação para lá é através do Grupamento de Unidades-Escola – GUES. Eles podem propor o seu nome para você ficar aqui. Vai lá pedir que eles te transferem e retificam a sua transferência de Aracaju para o REsI.

Assim consegui ficar no Rio de Janeiro. Mas a maioria dos oficiais da FEB foi distribuída pelo Brasil.

Eu fui à guerra. Fui consciente, não pedi, mas como me escalaram, não fugi, graças a Deus. Acho que havia necessidade de o Brasil reagir. O meu irmão era médico do Lloyd Brasileiro, a companhia de navegação estatal. Ele passou por três naufrágios e não morreu porque não era seu destino. Os navios em que ele estava foram afundados por submarinos: o *Bagé*, o *Afonso Pena* e um outro cujo nome não me recordo. Eram navios mercantes que não tinham sequer um revólver de armamento, mas os submarinos vinham e afundavam impunemente. Eram italianos porque lançavam o torpedo, o navio afundava, o pessoal ficava na água, eles vinham à tona e ficavam com os faróis iluminando as pessoas, falando com elas em italiano. Perguntavam o nome do navio. O meu irmão me relatou essas desventuras.

As paredes do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, estão repletas dos nomes dos que foram vitimados pela guerra. O sacrifício deles não foi em vão. Precisávamos defender o País, que se via invadido em suas costas marítimas e era ameaçado pela proximidade com a África.

Fui à guerra e fui com a cabeça erguida.

Coronel Nestor da Silva*

Nascido a 13 de julho de 1917 em Lagoa Santa, Minas Gerais, é praça de 2 de março de 1938. Promoções: foi promovido a 2º-Tenente por ato de bravura. Em 1939, teve sua primeira promoção a cabo, início da sua carreira militar, cujo encerramento se deu em 1969 no posto de Tenente-Coronel. Possui os cursos militares de formação de praça e oficial (Curso para Oficiais da Reserva – COR). Concluiu, também, com aproveitamento cursos de especialização e aperfeiçoamento. É bacharel em Administração de Empresas.

Durante a guerra, foi sargento auxiliar do 3º Pelotão da 2ª Companhia do 11º RI, o Pelotão do Tenente Iporan e Comandante do 2º Pelotão da 2ª Companhia do I/11º RI, após ser promovido ao posto de 2º Tenente, "por ter-se conduzido de maneira excepcional nas diversas ações de combate em que tomou parte e revelado alta capacidade de comando" – palavras do General Mascarenhas de Morais, comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Após a guerra, exerceu as funções inerentes aos postos de 2º Tenente ao de Tenente-Coronel. Foi comandante e subcomandante de batalhões de Infantaria na Brigada Pára-Quedista. É autor de dois trabalhos selecionados e publicados pela Secretaria Geral do Exército. O primeiro é denominado *Depoimento de um Ex-expedicionário sobre O Poder da Oração na Guerra* e o segundo, *Uma Patrulha Dentre Tantas Outras*. Por seu desempenho na Segunda Guerra Mundial, recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate – 1ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Sargento Auxiliar do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 3 de abril de 2001.

Vamos iniciar citando um escritor alemão que emitiu duas opiniões sobre a Guerra Mundial. No primeira, disse o seguinte: “O anjo da paz foi morto, assassinado de maneira consciente e deliberada exatamente em 1939.” Na outra, disse: “A guerra de Hitler não seria um nome ruim para a Segunda Guerra Mundial, pois foi ele o seu arquiteto.” Pois bem, ao eclodir, na Europa, a Segunda Guerra Mundial, exatamente no dia 1º de setembro de 1939, inicialmente com a invasão da Polônia que foi ocupada em 18 dias pela Alemanha, não foi, sem dúvida, o moral polonês que fracassou, os poloneses simplesmente não eram suficientemente fortes para enfrentarem a Alemanha. A Europa jamais presenciara uma guerra relâmpago desse tipo, desde que Napoleão derrotou a Prússia em Ien. O novo conceito de guerra relâmpago, a *Blitzkrieg* em alemão, significa surpresa, velocidade e pavor. A surpresa foi conseguida pelos alemães, parcialmente, por meio da ação da Quinta-Coluna, que atuava em todos os países do mundo.

A opinião dos demais países sobre o rompimento das hostilidades ficou dividida, face à surpresa adotada pela Alemanha na invasão relâmpago da Polônia, sem uma devida declaração de guerra. No Brasil, como aconteceu na Europa, surgiram três linhas de opinião: a dos simpatizantes germanófilos; outra daqueles que não toleravam que a Alemanha ocupasse e dominasse o mundo e, principalmente, os países de outras raças, porque ele se julgava raça pura; e uma terceira linha, a dos simpatizantes do comunismo. Essa terceira linha era liderada por Luís Carlos Prestes, que chegou, mais tarde, ao disparate impatriótico de dizer que, “se o Brasil fosse invadido pela Rússia, ele, Carlos Prestes, ficaria ao lado dos comunistas.” Lamentável. O Brasil naquela época vivia praticamente da monocultura do café que exportava para a Europa. Mantinha boas relações diplomáticas, comerciais e políticas com os países europeus e, principalmente, com a Inglaterra, inimiga potencial da Alemanha desde outras eras. A guerra entre 1939 e 1940 forçou os aliados a retirarem, gradativamente, seus navios do transporte marítimo. Então a Marinha Mercante Brasileira passou a ser, praticamente, a única a fazer as linhas nas rotas para os Estados Unidos, Europa e Ásia. Entre fevereiro e outubro de 1942, a Marinha Mercante Brasileira, inclusive o Lóide, chegou a perder cerca de 31 navios, além das numerosas e pranteadas mortes dos nossos irmãos brasileiros, não só civis, tripulantes, como também de militares do Exército. Tais afrontas ao nosso povo fizeram crescer a onda de indignação popular que conduziu o governo a declarar guerra à Alemanha e Itália, aliadas desde 22 de agosto de 1942. Esse era o ambiente no Brasil diante da eclosão da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1939, 1940, com evolução até 1942.

O Brasil sempre foi um país pacífico e, por isso, neutro. Acontece que com os afundamentos dos navios e a conseqüente perda de vidas preciosas de brasileiros –

provocando a falência do transporte marítimo pela falta de embarcações –, a indignação do povo fez com que o Brasil se posicionasse contra as ações bélicas da Alemanha, após a invasão da Polônia. O povo, indignado, saiu às ruas e pediu vingança, não só a declaração de guerra, mas, se necessário, o envio de uma tropa expedicionária à Europa para vingar as vidas dos brasileiros, perdidas durante os afundamentos dos navios.

Esse foi exatamente o germe que provocou a entrada do Brasil, efetivamente, nas operações da Segunda Guerra Mundial na Europa, no Teatro de Operações (TO) italiano. A partir daí, então, o Brasil começou a prepara-se, adotando algumas providências. Passou a guarnecer seu litoral e, com a evolução dos fatos, iniciou a organização de uma Força Expedicionária.

Com a ocupação do Norte da África pelo Exército alemão comandado pelo General Rommel, surgiu a ameaça de desembarque no litoral do Nordeste, do Norte e do Sul do País, de tropas alemãs vindas do continente africano. Entretanto, com a sua expulsão daquele continente pelo VIII Exército inglês, comandado pelo General Montgomery, diminuiu a ameaça ao nosso País. Chegou-se a montar lá no Nordeste quase que um TO, prevendo o desembarque nazista. Depois que o VIII Exército inglês ocupou o Norte da África e expulsou as tropas alemãs para a Itália, a situação do Nordeste melhorou. Entretanto, todas as operações de guerra prosseguiram naquela área, porque o Brasil passou a colaborar na defesa do continente americano. Materializando acordo com o Governo brasileiro, os Estados Unidos instalaram no Nordeste – principalmente em Natal, a capital do Rio Grande do Norte – e em várias outras localidades da região bases militares.

Quando os norte-americanos instalaram essas bases, o Governo brasileiro nomeou uma comissão de três representantes – um do Exército, que era o General Leitão de Carvalho; um da Marinha, o Almirante Álvaro Vasconcelos; e um da Aeronáutica, Coronel-Aviador Vasco Alves Seco. Esta comissão se juntaria a uma outra, nos Estados Unidos, formando a Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. Paralelamente a esse acontecimento, o Ministro da Guerra, General Eurico Dutra, fez uma visita aos Estados Unidos para estudar a possibilidade da formação de uma Força, não só para defender o continente americano, mas, dentro dela, formar uma Divisão de Expedicionários nos moldes das divisões norte-americanas.

Inicialmente, foi prevista a organização de três Divisões, ou um Corpo de Exército a três Divisões e, dessas três Divisões, uma seria expedicionária; as outras duas ficariam incumbidas da segurança do litoral.

Oficiais norte-americanos vieram para o Brasil e oficiais do Brasil foram para os Estados Unidos, a fim de se ajustarem à doutrina norte-americana e garantir a formação

da Força Expedicionária Brasileira. Até então, nós seguíamos a doutrina francesa, com organização completamente diferente. Tudo passou a ser feito – organização, instrução etc. – dentro da doutrina norte-americana. Os Estados Unidos forneciam materiais para o nosso País. Esta comissão mista se deslocou dos Estados Unidos para o Brasil, a fim de receber 50% do material que os norte-americanos iam oferecer para a Força Expedicionária Brasileira. Por que 50%? Porque 50% seriam destinados à instrução e treinamento da Força Expedicionária Brasileira, aqui no Brasil e isso aconteceu. Oficiais do Corpo Expedicionário e instrutores de Escolas e Centros de Instrução do Exército iriam estagiar em Unidades norte-americanas, enquanto oficiais dos EUA viriam estudar a situação aqui no Brasil, tudo tendo em vista a formação rápida das três Divisões.

O esforço principal, contudo, passou a ser só na primeira DIE. A organização da 1ª DIE foi uma verdadeira guerra sem tiro, porque tivemos grandes problemas, não só da mudança da doutrina que adotávamos para a norte-americana, mas, principalmente, pelo recrutamento do pessoal para formar os três Regimentos que a comporiam. Foi uma verdadeira luta para alcançar esse propósito. À medida que a gente ia completando o efetivo, o “camarada” baixava o hospital... tinha isso, tinha aquilo e por isso demoramos muito tempo no recrutamento.

Eu pertencia ao 10º Regimento de Infantaria, de Belo Horizonte. Logo que o Brasil declarou guerra à Alemanha, em 22 de agosto de 1942, começou a seleção. A seleção de pessoal deveria ser feita na 1ª Região Militar, do Rio de Janeiro, na 2ª, de São Paulo, e na 4ª, de Minas Gerais – que eram os três Estados mais desenvolvidos, com mais capacidade e mais populosos. Foram designados, no Rio, o 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio; em São Paulo, o 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava; e, em Minas Gerais, o 11º RI de São João Del Rei, Regimento Tiradentes.

Em Belo Horizonte, todo o Regimento, o 10º RI, foi submetido à inspeção de saúde rigorosa e exame de todas as formas, de todas as especialidades; e os examinados se dividiram em três grupos: o grupo de selecionados especiais, um 2º grupo de capazes e o 3º grupo de incapazes. Eu fui incluído, graças a Deus, no grupo dos selecionados especiais. Eu e mais outros companheiros do 10º RI. Em dezembro, isto em 1943, nos deslocamos para São João Del Rei, transferidos, para integrar o 11º. Em São João Del Rei fui designado para o 3º Pelotão da 2ª Companhia do I/11º RI. Fomos, a seguir, de São João Del Rei para o Rio de Janeiro a fim de, reunindo-nos lá, caracterizar a formação da 1ª DIE. O 1º Regimento, Sampaio, estava no seu quartel. O 6º RI foi para o antigo quartel do 2º RI e o 11º Regimento de Infantaria, que veio por último, ficou acantonado num quartel improvisado, feito de tábuas, no morro do Capistrano.

Iniciei minha participação na Força Expedicionária Brasileira no 3º Pelotão da 2ª Companhia do 1º Batalhão. Essa Companhia, a que pertenci do início até o fim da

guerra, teve três comandantes durante o conflito. O primeiro foi o Capitão Schleder. A 1ª Companhia foi comandada pelo Capitão Cotrim. Eles eram amigos. Estou dizendo isso porque ocorreu um fato com eles dois que, mais à frente, narrarei. Naquela época, na Escola Militar, alguns cadetes eram reprovados no 3º ano. Eles eram, então, mandados para o corpo de tropa como 2º sargentos. Ficavam um ano e depois voltavam para a Escola Militar do Realengo. Aconteceu isso com eles e, por isso, eram amicíssimos.

Quando chegamos ao Rio de Janeiro, ficamos sabendo que a 1ª DIE seria dividida em dois escalões. Um escalão iria embarcar para a Europa, tão logo estivesse pronto. "Pronto" deveria incluir treinamento, recebimento de armamento, material, mas tudo foi feito com muita pressa, porque os norte-americanos estavam exigindo a presença das tropas brasileiras e necessitando mesmo delas.

O 1º escalão foi constituído pelo 6º RI e por um Grupo de Artilharia de São Cristóvão. Para o embarque, mantiveram rigoroso sigilo. Na véspera, os três Regimentos foram acampar. O 1º RI foi para as bandas de Santa Cruz; o meu Regimento, o 11º, foi acampar no Recreio dos Bandeirantes e o 6º RI ficou aquartelado, mas nenhum sabia a situação do outro. Sabia-se que um ia embarcar. Depois de três dias de acampamento voltamos à Vila Militar, aquartelamos e ficamos sabendo o que 6º RI tinha embarcado, exatamente, em julho de 1944.

Com o embarque do 1º escalão, deixou de ser cogitada a formação das outras duas Divisões, planejadas anteriormente, porque já se sentia que os alemães estavam, praticamente, retraindo em todas as frentes, em virtude da invasão da Normandia pelas tropas aliadas; o Exército francês cortando o Norte da Itália; o VIII Exército inglês costeando o Mar Adriático e o V Exército, ao qual pertencíamos – o IV Corpo do V Exército – pressionando para o norte; fomos espremendo os alemães e aí já não havia mais necessidade das outras duas Divisões. Finalmente, veio o embarque do 2º escalão – 1º e 11º RI mais a Artilharia e todas as outras tropas que integravam a DI. Nós levamos 15 dias na viagem do Brasil à Itália.

Saímos em setembro de 44 e chegamos na Itália dia 10, no início de outubro, em Nápoles. Nesta cidade não havia nem porto de desembarque. Existia um navio posto a pique pelos alemães; nós descíamos do nosso navio em cima do casco daquele navio, para chegar à terra.

Inicialmente, desembarcados em Nápoles, fomos para um lugar chamado Bagnoli. Ficamos um dia em Bagnoli e, daí, pegamos aquelas barcas de desembarque, o que foi, para nós, quase uma outra guerra. Porque desde o oficial de mais alto posto que comandava o 2º escalão até o soldadinho, todos enjoaram. Além de estarem ameaçados pela aviação alemã. Nós atravessamos o Mar Tirreno e fomos em direção a Livorno. Levamos cerca de oito horas, todo mundo vomitando. O camarada

enjoado é um homem inútil para qualquer ação. A disciplina não atua, a hierarquia também não prevalece, de forma que o 11º RI sofreu mais esta peripécia na guerra. Chegando a Livorno, seguimos para San Rossore, Pisa, em comboios de caminhões. Em San Rossore paramos bastante tempo, recebemos material, a visita do Ministro da Guerra do Brasil e de oficiais norte-americanos.

Depois, fomos deslocados de San Rossore para Filettole. Em Filettole nos empenhamos em treinamento intensivo, quase real. Permanecemos de 10 a 15 dias. Voltamos e dali já seguimos para a frente de combate. Lá pelo dia 1º de dezembro.

O 11º foi mandado para frente de Gaggio Montano ou, mais precisamente, para Três Casas de Guanela. Para chegar lá, fomos até uns 10km da linha de contato, de viatura e, dali para diante, a pé e debaixo de uma chuva tremenda, misturada com neve, tudo ao mesmo tempo. Quando chegamos ao *front* propriamente, o Batalhão estava esfacelado. Isso aconteceu do dia 30 de novembro para 1º de dezembro. O 1º RI passaria para nós as posições, como passou. Passou, mas da maneira seguinte: o 1º RI se retirou e nós ficamos no lugar dele. Não recebemos informação nenhuma do que estava acontecendo. Não havia construção de *fox hole*. Chegamos à noite, ocupamos as posições. Noite que deveria ser ocupada na construção dos abrigos para a tropa permanecer na defensiva. Ao mesmo tempo, esperava-se que o resto do Batalhão fosse chegando, porque muita gente se atrasou devido à chuva, enxurrada, com frio terrível, pois o inverno estava se tornando pior. Tratava-se de uma frente muito grande para o efetivo de um Batalhão. Isso na região de Gaggio Montano, que fica entesta Monte Castelo. Quando amanheceu o dia, o alemão percebeu que estava havendo substituição de tropa, mas eles não deram um tiro, a não ser de artilharia, sobre nossa retaguarda; e a nossa Artilharia respondia. O brasileiro, que não recebera treinamento adequado, estranhava. “Poxa! Isso é o *front* da guerra? Não se ouve tiro.” Daí surgiu aquela célebre frase “deu sopa na crista”. Os brasileiros começaram “a dar sopa na crista”, a andar de dia, em frente a Monte Castelo. Deixa que o alemão estava esperando a hora aprazada para fazer um ataque às nossas posições. Resultado: quando veio a noite, uma grande patrulha alemã, com efetivo superior ao de uma Companhia, fez uma incursão nas nossas linhas.

Estavam duas Companhias em primeiro escalão. A primeira, comandada pelo Capitão Cotrim, e a minha, comandada pelo Capitão Schleder. O PC do Batalhão ficava perto da 1ª Companhia. Quem comandava o Batalhão era o Major Jacy Guimarães. Com essa incursão alemã, houve uma desorganização na 1ª Companhia. Quando entrávamos na linha de frente, a obrigação do Comandante do Batalhão era prever uma linha à retaguarda, para o caso de um insucesso. Seria realizado um retraimento organizado e um contra-ataque para retomar a posição, onde o alemão houvesse se infiltrado. Nada disso foi feito. Houve, então, como que uma retirada desorganizada da 1ª Companhia.

Quando chegou na 2ª Companhia, a minha Companhia, a ordem para retrair, o Capitão Schleder estava com uma bazuca no ombro dando “bazucadas” na direção da patrulha alemã e a Companhia toda empenhada, atirando. Quando chegou a ordem, minha Subunidade demorou a retrair. Chegou a ponto de permanecerem uns elementos que não abandonaram as posições. O Comandante do Batalhão, por sua vez, pegou o seu sargento e o pessoal do Comando do Batalhão e retraiu também. Tudo desorganizado. Havia um rio logo atrás na nossa retaguarda que estava completamente gelado. O pessoal, alucinado, atravessou o rio de qualquer maneira, passando por cima do gelo, furava, caía, saía e fomos para uns 2km atrás, na retaguarda. Depois nos reorganizamos e, após dois dias, voltamos para as mesmas posições, porque, enquanto estávamos na retaguarda, um outro Batalhão do 6º RI as havia ocupado.

O incidente atingiu o Batalhão inteiro, infelizmente. Nós, até, ganhamos um apelido de “Laurindo desce o morro”; era aquele negócio. O efeito psicólogico atingiu toda a tropa, foi terrivelmente sentido por todos e queríamos voltar. O Batalhão inteiro desejava retornar, de qualquer maneira, para frente, para não ficar desmoralizado. Nesse episódio o meu Comandante de Companhia foi substituído pelo Capitão Meira Mattos, nosso conhecido hoje, e o Capitão Cotrim pelo Capitão Bueno que, mortalmente ferido, foi depois também substituído pelo Capitão Darcy Lázaro, este, mais tarde, General.

Ali passamos praticamente todo o inverno, na defensiva, realizando ações de patrulha e com potente emprego da Artilharia. Eu mesmo comandei 28 patrulhas durante aquele período e participei do ataque do dia 12 de dezembro a Monte Castelo.

Monte Castelo é uma elevação de porte e tinha comandamento sobre toda nossa posição. Já havia sido atacado antes, de frente, mas o 11º não participou. No dia 12 de dezembro atacamos pela segunda vez. Fomos malsucedidos, porque o ataque a Monte Castelo não poderia ser de frente, segundo o que nós ficamos sabendo. Deveria ser abordado pelos flancos.

Em fevereiro, que foi o mês da vitória, da conquista de Monte Castelo, o meu Pelotão foi designado para apoiar o 6º RI. A Divisão de Montanha norte-americana tinha atacado Belvedere pela esquerda e progrediu pela linha de crista. O Monte Castelo ficava um pouco avançado, como se fosse um Y com a perna voltada para frente, na direção da nossa tropa. A parte maior do Y é representada por Belvedere e a outra parte ficava à direita. Já estava na mão dos alemães. Enquanto a Divisão de Montanha atacava Belvedere, o 6º RI atacava Soprassasso. E, apoiando, o Tenente Iporan, eu e o nosso Pelotão chegamos até o pé do Soprassasso. Quando a Divisão de Montanha conquistou Belvedere, o 6º conquistou La Serra.

Monte Castelo foi uma das grandes vitórias, aliás, a primeira vitória da FEB no Teatro de Operações da Itália. Não foi uma grande vitória somente pelo fato de ter

sido atacado quatro vezes – só na 4ª vez é que nós obtivemos a vitória. O Monte Castelo era uma posição fortificada e dominante, todo ele furado por dentro. Tinha depósito de munição, de mantimento, tudo dentro do Monte Castelo. Depois é que fomos saber disso. Os canhões e as metralhadoras atiravam de dentro do Monte Castelo, aparecia só o cano e ninguém era capaz de localizar uma metralhadora ou um canhão, porque eles atiravam e recuavam para dentro do abrigo. Quando a Divisão de Montanha atingiu quase a retaguarda do Monte Castelo, porque ele era um pouco avançado, o 6º RI já estava praticamente no objetivo.

No primeiro ataque a Monte Castelo, a minha Companhia perdeu cerca de 18 homens. No dia 21 de fevereiro ocorreu a vitória final.

O I/11º RI havia ficado numa situação de inferioridade por causa do insucesso que tivemos – que não se deu por culpa da tropa, nem dos oficiais subalternos – foi um mal-entendido, uma precipitação, porque, ao retrairmos, o alemão também se retirou para suas linhas. Eles estavam apenas fustigando. Este foi o primeiro insucesso.

O I/11º RI estava, então, devendo uma revanche e a fomos obter exatamente no ataque à cidade de Montese. Coube ao Iº Batalhão do 11º RI atacar Montese. Por sorte, Montese é considerada a maior batalha da FEB na Itália, que exigiu os maiores sacrifícios e onde o alemão, como se tratava de seu último baluarte, descarregou toda a munição e violência possível sobre os atacantes.

Como todos sabem, a nossa organização é ternária. A Companhia, normalmente, ataca com dois Pelotões em primeiro escalão e um Pelotão na reserva. Em Montese, fizemos diferente. Atacamos com três Pelotões na frente e a 3ª Companhia ficou fazendo papel de reserva. Então, a minha Companhia atacou com três Pelotões. O 1º Pelotão, comandado por um oficial R/2 chamado Malheiros, atacou a célebre colina 808, à esquerda de Montese. Esse Tenente Malheiros foi ferido antes de atingir ao objetivo e, quando voltou para o Brasil, no naufrágio de um barco, na Baía de Guanabara, sucumbiu e se afogou. Deixou de morrer na guerra e faleceu na Baía de Guanabara, depois da guerra. Bem, ele atacou à esquerda. À direita atacou o Pelotão do Tenente Ary Rauen, oficial R/2, catarinense bravo e inteligente. Sua missão era agredir uma posição alemã fortificada, dentro do cemitério de Montese, mas, infelizmente, antes de atingir o cemitério, foi ferido mortalmente. O 3º Pelotão, ao qual eu pertencia, Pelotão comandado pelo Tenente Iporan, atacou Montese frontalmente. Fizemos um ataque contrariando certas regras, porque o normal é a Artilharia desencadear uma concentração para amaciar as posições inimigas, e, em seguida, a Infantaria avançar. Lá procedemos de outra forma. Saímos ao mesmo tempo em que caíam os tiros da Artilharia e surpreendemos os alemães. Eles estavam sabendo: “A Artilharia está atirando agora, daqui a pouco vem a Infantaria”, mas

nós chegamos juntos. E eles, utilizando uma forte barragem de metralhadoras e morteiros – os alemães eram mestres no emprego de morteiros e também, o canhão 88, em cima do Pelotão do Tenente Iporan, de quem eu era o 2º sargento auxiliar, fez com que ficássemos divididos em duas frações. Dois grupos de combate permaneceram com o Tenente Iporan à esquerda, uma lombada entre mim e ele e eu com outro grupo, à direita, além do grupo de comando. Este estava formado com remuniciadores, telefonistas, pessoal do rádio, de apoio. Nós já nos encontrávamos bem perto da igreja, já havíamos conquistado dois terços de Montese; o 3º Pelotão, por incrível que pareça, sozinho. E existia uma cratera de bomba de avião, perto da igreja, talvez lançada pelos alemães. O certo é que essa cratera, com a forma de um cone e do tamanho de uma sala, me foi muito útil, porque eu estava com 16 homens e fiz 18 prisioneiros alemães. Cada brutamontes de homem, dava dois de minha altura. Eles tinham verdadeiro pavor de brasileiros, porque os oficiais deles os instruíam dizendo que brasileiro era índio, que furava o olho do sujeito, que comia orelha, então eles tinham um verdadeiro pavor. Quando se entregavam a nós, era uma rendição física e moral. No meio deles havia italianos, com quem a gente podia conversar. Quando fiz assim, todo mundo baixou a guarda e fui passar a revista. Eles vieram desarmados, se entregaram desarmados, mas mantinham os canivetes, umas coisas, umas facas de cozinha etc. no bolso. Eu peguei aquilo tudo – guardei até o canivete que tenho até hoje – e os ia empurrando, um a um, para dentro da cratera. Eu tinha um cabo que, durante o ataque, fora ferido levemente na testa, com um tiro de metralhadora, só pegou a pele, estava sangrando e um outro que ficou com a perna meio amolecida – lá na Itália chamavam *paura*, aqui é medo. Coloquei os dois tomando conta dos 18 dentro do buraco. Falei assim: “Oh! todo mundo com duas granadas de mão, puxa os grampos da granada até a pontinha e deixa no chão, se algum deles quiser subir, aí vocês não tenham complacência, joguem as duas granadas aí dentro e temos conversado, porque não vou tomar conta, não posso tomar conta.” Porque nós estávamos atacando.

Aí fizemos a defesa em 360º. O Iporan fez à esquerda e eu à direita. Nós nos encontrávamos separados um do outro, cerca de cem metros mais ou menos. Já o dia avançava, começando a escurecer, me apavorei por não saber notícia nem do Tenente Iporan que estava perto de mim. Fui procurar, então, o soldado da RAD 100, o *Hand Talk*. Cheguei lá e ele tinha levado um estilhaço de granada no peito, morrera. Era um mato-grossense. Peguei o rádio, puxei a antena, apertei o botão e coloquei no ouvido. Comecei a ouvir um sargento do Pelotão do Tenente Ary Rauen falando com o Capitão Sidney Álvares Teixeira, um grande herói, Comandante da minha Companhia, falando que o Tenente Ary tinha morrido, que o Pelotão estava esfacelado, muita gente ferida, que pedia ordem para retirada e tal. Aí, em um intervalo, entrei na conversa. Falei:

– Capitão, Capitão, Sargento Nestor.

– Nestor, onde é que vocês estão? Cadê o Iporan?

– Está aqui perto de mim, mas não posso falar com ele. Aí ele disse:

– Onde vocês estão? Respondi:

– Nós estamos junto da Igreja... Igreja semidestruída. Ele continuou:

– Pois eu vou para aí, vou ficar com vocês.

Reuniu homens, corneteiro, cozinheiro, ordenança, o que ele tinha de resto, juntou. Só não levou sargento e subtenente e progrediu direitinho até o lugar que eu tinha indicado. Quando chegou lá, contei a história para ele. Há 18 homens aqui presos, prisioneiros. Tenho dois... um homem ferido, tomando conta, tem outro também tomando conta, o Tenente Iporan se encontra à minha esquerda. Ele falou assim – eu faço questão de frisar isso –, ele falou comigo assim:

– Nestor, vem comigo para fazermos um contato com a tropa da direita.

Não era com a tropa da esquerda, era com a tropa da direita, do 6º RI, se não me engano, que atacou Serretto, Monte Serretto e Buffone à nossa direita, à direita de Montese. Aí, saí com ele. Passei o comando da minha fração ao sargento Rubens que estava comigo; era comandante de grupo. Eu disse:

– Olha, vou sair com o capitão.

Então, juntos, eu e o Capitão Sidney... Ele a gritar: "Brasileiro, Brasileiro!" E ninguém respondia no meio da escuridão, sob forte bombardeio. Toda vez que vinha o sibilar da granada, ameaçando cair onde estávamos, eu deitava e o capitão não. Eu disse:

– Capitão, quando o senhor ouvir o sibilar da granada, o senhor deita, porque o senhor corre menos perigo. Ele virou para mim e falou assim:

– Nestor, a granada que vai me matar ainda não foi fabricada.

A partir desse momento também não deitei mais e voltamos, debaixo do bombardeio, até o Pelotão, de onde tínhamos saído. Ele não conseguiu fazer o contato à noite. Só na madrugada do dia seguinte. É que eles atacaram à nossa direita e não conseguiram atingir o objetivo. A tropa do 6º, só no fim da noite, conseguiu ocupar Paravento e Monte Buffone e todas as outras elevações para a direita, a fim de se situar paralelamente a Montese. Caso contrário, ficaríamos muito avançados e com a retaguarda desguarnecida – já estávamos recebendo fogo do alemão na retaguarda, tiros de metralhadora, porque os nossos dois Pelotões não tinham progredido. Nós não sabíamos. Conseguimos a falar com o Iporan. O Capitão recompletou o nosso Pelotão com aquele pessoalzinho que ele trouxe, sem prática nenhuma de tiro nem nada. Ele voltou para o PC da Companhia e ficamos em Montese até a madrugada.

Na madrugada de 14 para 15, o telefone tocou. Aquele telefone de manivela, antigo; a todo momento um tiro de artilharia cortava o fio e era preciso mandar

o telefonista localizar o ponto onde havia rompido. Mas eu sempre joguei com muita sorte: quando o telefone tocou, queriam falar com o Tenente Nestor. Eu atendi e disse: “Olha, não é hora de brincadeira, estamos aqui, vou colocar o telefone para fora do abrigo para vocês escutarem a barulheira.” “Não, Nestor, aqui quem fala é o Comandante do Batalhão, Major Lisboa” – que saiu General e comandou a Vila Militar depois. “Não! Acaba de vir uma ordem da DI te promovendo a 2º Tenente. Honra as suas estrelas como você honrou as divisas.” Exclamei: “Meu Deus do Céu…” – mas fiquei assim na dúvida. Aí o Iporan também ficou sabendo e o pessoal do Pelotão também que eu fora promovido. Disseram ainda que, na noite seguinte, eu deveria ir ao PC do Batalhão para apresentar-me ao Major Comandante e ao General Mascarenhas de Morais que viria até o PC do Batalhão. Sair da frente de combate é mais difícil do que ficar lá. Eu teria que enfrentar terreno minado, aquela coisa toda… Ele falou: “Há um jipe na estradinha lá em baixo, com lanterna vermelha acesa. Você desce e diz...” Chamei um soldado paranaense e falei assim: Você vai comigo, inicialmente, até o meio do caminho. Vai na frente; se eu ou você pisar em uma mina, o que tiver atrás volta e conta o caso.” Mas tivemos muita sorte, fomos e não pisamos em mina. Descobrimos o jipe e nos deslocamos até o PC. Lá me encontrei com o Capitão Sidney, com o Major Lisboa e com o General Mascarenhas – um pouquinho menor do que eu, que já sou bem baixinho. Abraços, e não sei o quê e tal. Nessa hora o Major repetiu o que havia dito e eu falei: “Bem, lá agora estão pensando que eu sou um cara muito valente, vão me dar missões horrorosas, vou empacotar como o Ary empacotou.”

Ele, então, concluiu: “Agora você volta.” Voltei, peguei o jipe, fui até o mesmo lugarzinho. Para chegar lá onde estava a tropa era mais difícil, porque eles tinham que gritar. Havia a senha, mas ninguém obedecia. Tinha que gritar que era brasileiro, Fulano de Tal. Aí eles reconheciam para deixar entrar, porque se não… Eu que não tinha sido morto por tiros alemães, acabaria sendo por tiro de companheiro meu! Passei pelo Esquadrão Mecanizado. Enquanto estávamos em Montese, ele se lançou à frente. Lançou-se e foi ótimo para nós, mas correram um grande perigo, porque o alemão também estava retraindo e podia pegar o Esquadrão de mau jeito. Paralelamente, os “tanques” norte-americanos também ajudaram a consolidar a conquista de Montese e depois o Esquadrão voltou, se manteve lá na frente e nós acabamos de ocupar a localidade. Após minha promoção, transferiram-me para o Pelotão do Tenente Ary Rauen que estava sem comando. Ficamos lá mais dois dias, depois fomos rocados para o Rio Panaro, na direção de Turim e Milão. Por isso, o 11º RI, rocado para esquerda, em outra direção, não tomou parte na rendição da 148ª Divisão. Não fomos para região de Colecchio e Fornovo onde houve a rendição.

Não participamos, portanto, da rendição da Divisão 148. Coube, parece, ao 2º do 6º RI, o Batalhão que deu de frente com a Divisão e ela já estava "fechada", cercada. O Comandante do Batalhão entregou um *ultimatum* dizendo que a Divisão deveria render-se incondicionalmente, uma vez que ela estava sitiada. Deu um prazo de 24 horas para a rendição. No dia seguinte, enviaram um mensageiro para saber a resposta. Vieram os oficiais alemães e houve a rendição. Nesse ínterim, o Estado-Maior da FEB juntou-se lá para participar da rendição e nós prosseguimos, fomos até Milão – o 11º RI de uma maneira geral.

No dia 28 de abril soubemos que a guerra na Itália havia acabado, que o alemão tinha se rendido. Todo mundo jogou o capacete para cima, de alegria, mas a guerra continuava ainda na França, nos países da Europa. Os alemães só foram se entregar, finalmente, no dia 8 de maio, que é o Dia da Vitória, que comemoramos todo ano, com muita alegria e entusiasmo.

Com isto a FEB escreveu páginas gloriosas na história militar do Brasil, apesar das dificuldades encontradas na sua organização, nos seus treinamentos etc. O brasileiro bem armado e bem treinado não fica devendo nada a nenhum soldado do mundo. Isso eu tenho certeza, porque eu participei e vivi a guerra de perto. É isso.

Terminada a guerra, organizada a rendição, dado destino aos prisioneiros e ao armamento usado por eles, veio a ordem para regressarmos à cidade de Alessandria. O 1º escalão, constituído pelo 6º e que tinha ido primeiro, voltou logo. O 2º escalão deixou a Itália no fim de setembro de 1945; chegamos ao Rio de Janeiro, um ano depois de termos saído.

Nunca houve no Brasil uma recepção tão estrondosa sobre fatos acontecidos em uma guerra fora do País, desde a da Tríplice Aliança, a Guerra do Paraguai. O povo do Rio de Janeiro, em peso, foi para a rua e fomos recebidos com o maior carinho, com beijos e abraços, o povo misturando-se à tropa que marchava. Fomos para a Vila Militar. Da Vila Militar, cada Regimento, cada Unidade de tropa regressou à sua Unidade primitiva. Nós fomos para São João Del Rei, sede do 11º RI.

Até hoje perguntamos: por que a desmobilização das tropas brasileiras numa velocidade tão grande?

Ainda governava o Brasil o Presidente Getúlio Vargas – ditador – que, com certeza, ficou temeroso de que a FEB desse um golpe de Estado para mudar, porque, sem dúvida, a sua chegada causou uma mudança geral no Brasil. Provocou a queda da ditadura e a imposição da democracia com eleições diretas – que elegeu o General Eurico Gaspar Dutra Presidente da República. O Brasil mudou, para melhor.

O Estado-Maior da DI rapidamente desfeito, cada Unidade para sua cidade de origem, desmobilização da tropa. Eu, por exemplo, fui para o 11º RI. Aí entramos em

férias de dois meses, viajei para Belo Horizonte, para minha antiga Unidade, passei por lá e visitei a minha família. Depois veio a ordem para requerermos matrícula na Escola Militar de Resende. Iríamos passar por um “carro de fogo” para saber quem poderia permanecer. Foram matriculados sargentos, 2os Tenentes, 1os Tenentes e até Capitães R/2 que tinham participado da guerra. Durante seis meses fizemos a revisão de toda a parte do curso científico (naquela época o currículo escolar incluía curso ginasial e científico). Éramos 492 alunos. Depois do “carro de fogo” restaram 250 e, no final, apenas 200 e pouco. O curso foi realizado no CPOR do Rio de Janeiro, com o mesmo regime da Escola Militar de Resende e com os professores da antiga Escola Militar do Realengo. Durou os três anos normais, passamos pelos mesmos ensinamentos sobre grupos de combate, nós que já éramos praticamente “doutores” naquela organização militar, mas, enfim, aquilo fazia parte do programa. Terminado o curso, fomos declarados oficiais da ativa e classificados nas Unidades. Fui servir na cidade de Lapa, Paraná, na 1ª do 15º BC – ainda era Infantaria. Enquanto permanecíamos lá, houve a mudança para Artilharia e eu tenho a honra de ter nas minhas alterações uma folha assinada pelo Comandante da Artilharia, porque fui mantido lá a fim de passar o acervo da Unidade para a outra OM.

Para finalizar, vou só comentar sobre uma patrulha que fizemos: Às 5 horas da tarde, diariamente, na defensiva, o telefone tocava, procurando o Tenente. Era a escala de patrulha para noite. Nós éramos, no Pelotão, quatro sargentos. O Tenente também, de vez em quando, ia na patrulha, o Iporan. A gente fazia o rodízio, tipo escala de serviço. Eu tinha feito patrulha dois dias antes, então ainda tinha dois na minha frente, mas, quando chegou a ordem do escalão superior para escalar a patrulha – nós estávamos ainda em Montese – o Tenente Iporan falou: “Nestor, vem cá!” Eu fui. “Você vai comandar a patrulha hoje”. “Mas Tenente, há dois na minha frente”. “É você porque a responsabilidade é muito grande.” Então, eu fui comandar essa patrulha.

A patrulha tinha como missão aprisionar, destruir ou impedir que uma patrulha alemã, que vinha, sistematicamente, à meia-noite, à “terra de ninguém” para hostilizar nossas posições; ficávamos sem poder sair, andar de um lugar para outro. Ele continuou: “Olha, como eles atiram em nós a partir da meia-noite, você tem que chegar lá no máximo às 11 horas da noite.” Escolhi os soldados – a gente podia escolher os soldados de confiança, porque não se pode comandar a patrulha em voz alta. Então andava dez passos, parava todo mundo, reconhecia, dava mais dez passos, e assim a gente ia chegando. Preparei os homens e falei: “sete horas patrulha pronta.”

O Iporan, quando chegou a hora, alertou: “Nestor, está muito cedo, você não pode ir agora.” Eu falei: “Não, eu vou agora. Vou agora porque já é noite. Vou agora porque no terreno minado os imprevistos acontecem, como a gente “dar de cara” com a patrulha alemã”, como de fato aconteceu.

Aí acrescentei: “Vou partir agora.” Às 7h30min iniciei o deslocamento e, às 9h30min, cheguei ao local. Dispus a minha patrulha em forma de ferradura com a abertura voltada para uma ravina e fiquei com as costas para o lugar que os alemães ocupavam, costumeiramente. Assim, eles só teriam aquele caminho por dentro da ravina. E fiquei na ponta da patrulha, com um soldado mato-grossense, atrás de um arbusto grande. Naquele dia o alemão contrariou também o seu hábito e chegou às 11 horas. Eu havia chegado às 9h30min; se fosse às 11 horas, não sobrava ninguém para contar história.

Resultado: o ponta da patrulha deles veio de quatro – eram manhosos – e fazendo aquele barulho nas folhas secas até chegar a um passo da moita onde nós dois estávamos. Aí o soldado disse: “Vamos atirar?” Eu falei: “Não dê um tiro. Vamos pegar o fuzil e dar uma coronhada na cara dele, você dá a coronhada e eu vou em cima, tapo a boca para não gritar, nem gemer” – para não alertar o restante da patrulha que vinha cerca de oitenta metros atrás.

E aconteceu. Quando fiz aquele prisioneiro, “agora vem a patrulha”, pedi o tiro da Artilharia. Quando a gente sai para uma patrulha importante, a artilharia “amarra” o tiro. Pedi e a Artilharia colocou a granada como se tivesse colocando com a mão no lugar em que indiquei, em cima do grosso da patrulha. O tiro esfacelou a patrulha – se morreram, não sei. Eles correram, muitos correram, gritavam. E eu peguei o soldado, esse prisioneiro, às 2h da madrugada retraímos para a nossa posição... Com a missão cumprida.

Deixo uma mensagem final: se o mundo tivesse liberdade de escolher hoje, friso, faria minhas as palavras do nosso lendário General Osório, Marquês do Herval, quando afirmou que o dia mais feliz da sua vida seria aquele em que todos os povos da terra queimassem seus arsenais e vivessem numa harmonia eterna. Infelizmente isso hoje é uma total utopia, não há condições. Vivemos a era da globalização e na globalização todos sabemos que a independência política dos países é relativa. É quase uma sombra. Porque um país no mundo se arvorou – nós que falamos tanto em patrulha aqui – a ser patrulha do planeta; mas prossigo fazendo minha a mensagem do General Osório: acabar com as guerras. A violência não resolve os problemas. Os problemas mundiais devem ser resolvidos à base do diálogo, da diplomacia e não de guerra. Esta é a mensagem que deixo para as gerações futuras.

Sinto-me bem por ter esta oportunidade de relatar minha experiência de guerra. Uma colaboração singela, porque já estou com 83 anos, sou do dia 13 de julho de 1917, dia da 3ª aparição da Virgem de Fátima. Sou um homem feliz, realizado, e agradeço a Deus por todas as lutas que tive, sempre saí vitorioso.

Tenente-Coronel Mario Raphael Vanutelli*

Nascido em 27 de julho de 1918, em São Paulo, Estado de São Paulo, o Tenente Coronel Vanutelli ingressou no Exército em julho de 1943. Foi promovido a Aspirante em 2 de maio de 1949, galgou todos os postos e chegou ao posto de Tenente Coronel de Artilharia em 1968. Dos cursos militares que realizou destacam-se: o do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Artilharia, em 1941; Motomecanização, em 1942; Formação de Oficiais, da Escola Militar, em 1949, Defesa Antiaérea, em 1954; Artilharia da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1960. Durante a guerra, atuou como Oficial de Manutenção da 2ª Bateria de Obuses do II Grupo, Grupo Da Camino. Foi, também, Oficial de Munições do Destacamento FEB e Observador Avançado do Grupo junto ao 6º RI. Após a guerra, no âmbito militar, exerceu diversas funções em Unidades de Artilharia do Exército, e foi Instrutor de Oficiais na Escola de Defesa Antiaérea, no período de 1957 a 1958.

No âmbito civil, ocupou cargos no setor de transportes e na área administrativa, bem como exerceu funções de assessoria e direção em diversas empresas públicas. Possui o curso de Administração de Empresas e é bacharel em Direito.

O Tenente Coronel Vanutelli, por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Campanha da FEB e Medalha de Guerra.

---

* Oficial de Manutenção da 2ª Bateria do II Grupo da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 20 de março de 2001.

Transcorria o ano de 1937. Eu era aluno do 5º ano do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e tinha vontade tirar de logo o meu Certificado de Reservista, porque estava fazendo o curso complementar para o vestibular da Escola de Engenharia, no Largo de São Francisco. Entretanto, em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha invadiu a Polônia em 1º de setembro de 1939.

Terminado o meu curso, em 1941, fui fazer estágio no 1º Regimento de Artilharia Antiaérea, com sede em Deodoro, durante seis meses. Após o estágio, fui convocado para o serviço ativo e designado para fazer o curso da Escola de Motomecanização, instalada em Deodoro.

Ao término do curso, já estava formado o Corpo Expedicionário. Fui designado para integrar o II Grupo de Obuses, aquartelado em Campinho, classificado como Oficial de Manutenção da 2ª Bateria de Obuses.

Fizemos toda a preparação, na Vila Militar, no Campo de Instrução de Gericinó e mesmo no quartel, já com material norte-americano, que havia chegado a tempo para fins de treinamento. Já possuíamos os jipes, as viaturas 3/4, viaturas comando, caminhões de duas e meia toneladas (GMC) e os obuses 105mm.

Antes da guerra, o governo havia designado certo número de oficiais para freqüentarem cursos nos Estados Unidos. Com isso, difundiram novos conhecimentos para o emprego da Artilharia, cujo principal exemplo era a técnica de tiro. Antes utilizávamos os métodos da Escola Francesa. Nesta, a técnica de tiro era conduzida de forma diferente. Os norte-americanos introduziram a central de tiro que facilitou muito os procedimentos. Praticamos bastante com os Oficiais que foram aprender aquelas técnicas nos Estados Unidos e as aplicamos em Gericinó. Pelo que, sendo a Artilharia, uma Arma mais técnica e diferente da Arma-base, quando fomos para a Itália não advieram muitos problemas em relação à nossa preparação. Os problemas maiores surgiram na Infantaria.

Estudamos, também, a organização da Divisão de Infantaria que seguiu os moldes da organização norte-americana, inclusive em nossos Regimentos que receberam uma Companhia de Obuses – eram canhões 105mm iguais aos que tínhamos no Grupo. Essa organização obedecia em tudo os moldes norte-americanos, segundo os quais tínhamos realizado treinamentos no Rio de Janeiro.

O embarque para a Itália foi demorado, houve muito contratempo, a política influiu nisso. O governo do Presidente Getúlio Vargas era ditatorial e havia simpatia significativa para com as potências do Eixo, Alemanha e Itália. Além disso, a corrente germanófila procurava, sempre, retardar o nosso embarque.

As Unidades de Artilharia – o meu II Grupo, o I Grupo de São Cristóvão, comandado pelo Coronel Levi Cardoso e o III Grupo, do Coronel Souza Carvalho, que veio de São Paulo, faziam manobras na região de Campo Grande e Barra da Tijuca.

Até que um dia nós recebemos uma ordem de sobreaviso, confidencial, informando que, de um momento para o outro, poderíamos embarcar para Itália. À noite foi simulado um exercício na Restinga de Marambaia, junto com outras Unidades, mas a ordem foi de permanecer no quartel e aguardar o embarque no transporte de guerra norte-americano que se encontrava no cais do porto – o *General W. A. Mann*. Isso aconteceu do dia 28 para 29 de junho. À meia-noite, embarcamos no trem, fomos pela orla marítima até o cais do porto e o nosso Grupo foi colocado dentro do transporte de guerra. Lá ficamos dois dias e no dia 2 o navio saiu do cais do porto, de manhã, bem cedinho, rumo ao Teatro de Operações da Itália.

O transporte de guerra *General Mann* tinha o número 112 e era artilhado com canhões 90mm antiaéreos. Os próprios elementos que faziam o serviço de bordo também compunham as guarnições dos canhões. O navio zarpou no dia 2 de julho de 1944, pela manhã, passando pelo Pão-de-Açúcar, Fortaleza da Laje e todos no tombadilho, estibordo do navio, estavam apreciando a paisagem e dando adeus ao Rio de Janeiro e ao Cristo Redentor; era um dia, aliás, muito bonito. Esse navio foi escoltado por três contra-torpedeiros da nossa Marinha de Guerra, o *Greenhalgh*, o *Marcílio Dias* e o *Mariz e Barros*. Rumamos em ziguezague, próximo à nossa costa; de vez em quando apareciam aviões daquela esquadrilha que operava junto com a flotilha norte-americana e que sobrevoava o navio para dar cobertura ao transporte de guerra.

A bordo do transporte, o regime era muito rígido, a disciplina bastante rigorosa. O navio transportava da ordem de cinco mil novecentos e poucos homens. Nele viajaram o meu Grupo – o II, o 6º RI e frações do Esquadrão de Reconhecimento, do 9º Batalhão de Engenharia, da Companhia Leve de Manutenção, da Companhia de Intendência, constituindo, então, um destacamento designado, na ocasião, *Combat Team*.

Depois de 15 dias de viagem, “penávamos” no navio – a refrigeração não funcionava dentro dos beliches. Muito calor, suava-se bastante; era grande o receio de que um submarino alemão torpedeasse o navio e, à noite, entrávamos em completo *blackout*, ninguém podia sair, fumar e jogar; nada fora do navio, nem uma ponta de cigarro, tudo proibido. Chegamos a Nápoles. Perto de Gibraltar, o cruzador norte-americano *Roma* reforçou a escolta. Ao entrar em Gibraltar, a idéia era de que iríamos desembarcar em Oran, norte da África. Isso constituiu um sigilo muito rigoroso. Até que um dia, entrando pelo Mediterrâneo, a BBC de Londres transmitiu a notícia de que estava a caminho de Nápoles um Corpo Expedicionário do Brasil, que iria desembarcar na Itália, muito breve. Então, a partir desse dia, não houve mais mistério.

Chegamos a Nápoles na manhã de 16 de julho de 1945. Nos deparamos com a cidade quase toda devastada pelos bombardeios aéreos da própria aviação aliada. Quando o Exército norte-americano saiu do Norte da África, invadiu a Sicília e con-

tinuou avançando, as fortalezas voadoras B-29 arrasavam os objetivos militares. A cidade de Pisa, na Itália, sofreu um bombardeio muito forte em que morreram perto de cem mil pessoas. A cidade de Pisa é dividida pelo Rio Arno. A parte onde passava a estrada de ferro desapareceu. Morreu muita gente lá. Na cidade de Nápoles, no porto, havia muitos navios afundados, alguns até emborcados com o casco para cima e estava até difícil para o nosso transporte de guerra atracar. Quando chegamos, procuramos tomar o nosso café, mas já não havia mais. Não havia, também, mantimentos nem água a bordo, foi a conta certa.

Desembarcamos com aqueles sacos pesados, sacos A e B, depois de mais de 3 horas de espera a bordo. Reuniram no porto todo o pessoal do Grupo de Artilharia, do 6º RI e das demais Unidades que constituíam o escalão avançado e, dali, fomos de trem para um acampamento situado em Agnaro, pequena localidade próxima a Bagnoli, subúrbio de Nápoles. Lá chegando, à tarde, muito cansados e sem alimentação, não encontramos nem as barracas armadas. A maioria jogou no chão os sacos que levava. Cheguei lá à tarde, junto com a minha Bateria, e foi só encostar a cabeça num daqueles sacos; quando acordei, já era manhã do dia seguinte, não tinha visto mais nada. Então, com calma, arrumamos todo o acampamento e retornamos às nossas atividades de instrução.

Ficamos 15 dias acampados em Bagnoli, em instrução, mas sem qualquer armamento – nós não trouxéramos para a Itália armamento; nem máquina fotográfica podia levar, pois era proibido.

Embarcamos na estação de Nápoles, num trem constituído de uma locomotiva a vapor e vagões de carga. Os norte-americanos haviam trazido essa locomotiva dos Estados Unidos para Itália, porque todas as ferrovias do país, que eram eletrificadas, estavam destruídas pelos alemães. Durante a retirada, destruíam tudo: trilhos, dormentes e pontes. Pegamos o trem – o nosso Grupo embarcou junto com mais algumas Unidades. Fomos viajando pela costa da Itália e no trajeto vimos cidades destruídas, bombardeadas e cemitérios. Passando em Anzio e Netuno vimos um grande cemitério de norte-americanos e outro de alemães, de perder de vista. À tarde, chegamos a Littoria, uma antiga base aérea, onde existia o maior número de aviões da Forca Aérea italiana. Naquele tempo a Itália fora uma potência bélica e tinha uma Força Aérea muito grande. Embarcamos em um comboio de viaturas do Exército norte-americano, dirigido por motoristas negros – muito bons motoristas – rumo à cidade de Tarquinia, a chamada “cidade dos etruscos”, situada ao norte de Roma. Chegamos à área destinada ao nosso acampamento, no dia seguinte, às 4 horas da manhã. Desembarcamos todo o material e permanecemos em Tarquinia durante um certo tempo.

As nossas atividades nos primeiros dias em Tarquinia eram de instrução, educação física etc.; de manhã, o Comandante da DIE, o General Zenóbio da Costa,

reunia o 6º Regimento de Infantaria, a minha Unidade o II Grupo de Artilharia e demais frações – de Manutenção, Esquadrão de Reconhecimento e de Engenharia – e cantávamos sempre o "Deus Salve a América"; havia uns oficiais norte-americanos que estavam observando. Até que um dia resolveram distribuir o armamento.

Nós, artilheiros, recebemos as viaturas, canhões e armas automáticas; os infantes, também, receberam todo o armamento da sua dotação: morteiros, obuses 105mm – porque os Regimentos possuíam uma Companhia de Obuses 105mm – as metralhadoras e as viaturas. Em matéria de viatura e de armamento, não era material novo, era já material usado e recuperado. Nós tínhamos que ir todo dia ao porto de Civitavecchia, que ficava próximo, e nós mesmos montávamos nossas viaturas, auxiliados por técnicos norte-americanos: jipes, Dodge de 3/4, Dodge Comando, viatura GMC de duas e meia toneladas.

Após essa tarefa bastante árdua, recebemos ordem para nos deslocarmos em direção ao acampamento de Vada, mais à frente. Durante uma noite o nosso Grupo deslocou-se de Tarquinia para Vada.

Lá acampou toda a tropa pertencente ao Destacamento da FEB, denominada pelos norte-americanos de *Combat Team*. Realizamos mais exercícios com armas automáticas, incluindo a metralhadora .50. De Artilharia não pudemos realizar, mas ficou estabelecido que o nosso Destacamento iria fazer uma demonstração para o então Comandante do V Exército, General Mark Clark. A FEB (1ª DIE) integrou o IV Corpo, cujo Comandante era o General Crittenberger, orgânico do V Exército Norte-Americano.

Com a presença de oficiais norte-americanos atuando como árbitros, nos deslocamos para a localidade de Riparbela de manhã muito cedo e fizemos exercícios de Artilharia e de Infantaria. No final do dia, encerrados os trabalhos, o General Mark Clark reuniu-se com o General Mascarenhas, nosso Comandante, e pronunciou-se a respeito. Declarou que estava muito satisfeito com os resultados, que não tinha nada a dizer, que em breve a nossa Unidade seria engajada na frente e teceu outros elogios.

Posteriormente, nos deslocamos para região de Vecchiano. Lá o nosso Grupo recebeu ordem, assim como o 6º RI, de engajar-se na frente, em área já determinada pelo Comandante do IV Corpo. O II Grupo, comandado pelo Coronel da Camino, ocupou posição vizinha ao Monte Bastione – depois da guerra, essa Unidade foi denominada Grupo Monte Bastione. Lá disparou o primeiro tiro, com a Primeira Bateria do Capitão Mário Lobato Vale. O Capitão Mário Lobato Vale era daqueles Capitães que já haviam cursado a EsAO. Muitos dos Capitães que foram, não só para o meu como para outros Grupos, eram Primeiros-Tenentes comissionados como Capitães, boa parte não tinha feito EsAO, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. E isso é muito importante. Mas o Capitão Mário Lobato já havia cursado a EsAO e coube à

Primeira Bateria dar o primeiro tiro, no Vale do Sercchio, fato glorioso para a Artilharia brasileira, a fim de apoiar as ações do 6º RI na captura de várias localidades importantes como Barga, Massarosa, Galicano e tantas outras.

O 2º Escalão da FEB chegou a Nápoles e foi, de lá para Livorno, em LCI, barcaças de desembarque na praia. Acontece que, durante mais de doze horas de viagem de LCI, o 2º Escalão pegou uma tempestade no Mar Tirreno; quase todos enjoaram. Foi uma coisa impressionante, muito difícil mesmo.

Desembarcando em Livorno, o 2º Escalão seguiu para Pisa. Era composto do Regimento Sampaio, do Rio, do 11º RI, de São João Del Rei e de outras Unidades, como o I Grupo de Artilharia, que era comandado pelo Tenente-Coronel Valdemar Levi Cardoso.

Cabe, aqui, uma referência: nesse Grupo estava o meu irmão, 2º Tenente Antônio Vanutelli. Era subalterno da Bateria Comando do I Grupo, oficial de manutenção da subunidade e recebia muitos elogios nessa função. O Comandante da Bateria Comando, Capitão Odemar Ferreira Garcia, que mais tarde, chegaria a General, gostava muito do meu irmão. É uma referência que faço porque ele e eu, únicos filhos, saímos de casa, no Rio de Janeiro, deixando os pais, e seguimos para Itália, para a guerra, eu no 1º e meu irmão no 2º Escalão. Essa homenagem eu faço porque meu irmão faleceu. Era o irmão mais novo e faleceu. Toquei nesse assunto como homenagem ao meu irmão.

O I Grupo estacionou em San Rossore, cidade de Pisa, onde, mais tarde, juntou-se toda a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. As Unidades não tinham a experiência já adquirida pela tropa do 6º RI, que já estava sendo considerada veterana.

Com isso, o Destacamento FEB que viajou no1º Escalão teve que fazer uma rocada do Vale do Sercchio para a do Vale do Reno. No Vale do Reno, iniciou-se a outra fase das operações da FEB na Itália. Lutou lado a lado com a 10º Divisão de Montanha. Esta Divisão, recentemente vinda dos Estados Unidos e que chegou depois de nós tomarmos posição naquela área do Vale do Reno, ficou treinando nas Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos, durante dois anos. Eram homens escolhidos, tropa de elite do Exército norte-americano. Nem as tropas que invadiram a Normandia, que entraram na França e prosseguiram depois para a Alemanha, estavam tão preparadas quanto a 10ª Divisão de Montanha.

Ocupando uma frente de 14km, a nossa Divisão, junto com a 10ª Divisão de Montanha, tentou vários ataques a Monte Castelo, já próximo do inverno. O primeiro ataque – já havia neve, muita lama – fracassou. Mais tarde, em dezembro, também muito frio, muita neve, o soldado brasileiro saíra de um clima tropical para, de repente, pegar um inverno rigoroso na Itália – na ocasião em que eu cheguei a

montanha, a temperatura oscilava em torno de 20 graus abaixo de zero. Tivemos que receber um material especializado antes que entrasse o inverno rigoroso. Coturnos especiais, capotes, cama rolo, equipamento para caminhar na neve. As patrulhas se deslocavam com equipamento de neve, dotado de patins.

Com isso, a própria 10ª Divisão de Montanha, que ocupava a frente num maciço de elevações formado por Monte Belvedere, Mazzancana, Monte della Torraccia, Monte Castelo, onde o alemão se encontrava – como se diz – plantado e rechaçando todos os ataques, também não pôde progredir.

Passamos o inverno mantendo as posições em que nos encontrávamos. Quando as condições atmosféricas melhoraram, inclusive o terreno, foi dada ordem pelo Comandante do IV Corpo para uma ofensiva geral naquela frente. Nessa ocasião, a nossa Artilharia teve muito trabalho, atiramos muito. O Grupo de Caça da FAB que estava na Itália nos ajudou, cumpriu várias missões de bombardeio sobre as posições alemãs na área e com isso conseguimos conquistar toda aquela cadeia de montes. A nossa Divisão tomou a La Serra e Montese – o combate foi muito forte em Montese. O 11º RI teve um desempenho elogiável naquele combate – tomou-se Zocca mais adiante.

O II Batalhão do 1º RI, do Major Syseno Sarmento, também teve uma atuação destacada naquela ocasião. A 6ª Companhia do Batalhão do Major Syseno conseguiu tomar a La Serra. La Serra tinha uma cota, a 958, de onde os alemães impediam a progressão das Companhias e Pelotões da 10ª Divisão de Montanha. Mas aí destacou-se – e quero, aqui, prestar minha homenagem – um tenente que, com seu Pelotão, conseguiu neutralizar o fogo dos alemães naquela cota 958 e, com isso, colaborou com a 10ª de Montanha para que pudesse prosseguir no ataque. O Tenente Apollo Miguel Resk, já condecorado com a Cruz de Combate – 1ª Classe, Medalha de Sangue – porque fora ferido em outra ocasião – recebeu, então, a *Silver Star* e, mais adiante, o Comandante do IV Corpo propôs, para esse valoroso oficial, a "Cruz de Serviços Distintos" do Exército dos Estados Unidos, uma das maiores condecorações do Exército daquele país; condecoração que um Oficial do Exército Brasileiro recebeu.

Terminada a operação naquela frente, na ofensiva de abril, nossa Unidade prosseguiu rumo ao Vale do Pó, sabendo que vinha do sul, a 148ª Divisão do exército alemão, com remanescentes da 90º Divisão Panzer e da Divisão italiana *Monterosa* , no propósito de atravessar os rios Pó e Panaro e prosseguir para o Norte. Houve, no início, uma refrega, porquanto os brasileiros perceberam, através da ação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, que o inimigo pretendia furar o cerco. Houve tiro de Artilharia e ação da Infantaria. Como estavam com muitos feridos, resolveram prosseguir com os entendimentos junto ao nosso Comando para que se procedesse a rendição. Esta, afinal, deu muito trabalho, pelo que pude perceber, já que estive presente ao evento.

Passamos duas noites na região de Fornovo e Collecchio, porque os alemães, quando se renderam, estavam armados, não tinham entregue as armas ainda, mas se deslocavam num comboio muito grande, unidades de Infantaria, Artilharia e Cavalaria. Possuíam perto de duas mil e poucas viaturas, se bem que a maioria delas civis que haviam sido requisitadas, porque as viaturas militares já estavam praticamente acabadas. Faltavam, também, combustível e alimentos. Tudo isso contribuiu para que a rendição fosse realizada. Perto de 20 mil homens foram feitos prisioneiros. O comandante dessa Divisão Alemã era o General Otto Fretter Pico e seu Chefe de Estado-Maior era o Major W. Kuhn, considerado um oficial de elite, naquela época. Tudo foi encaminhado no melhor sentido possível.

Depois da rendição, aquela tropa toda deveria ser evacuada da área e ir para a retaguarda, para o campo de prisioneiros que os norte-americanos organizaram ao norte de Nápoles. E, com isso, presentearam-me 150 prisioneiros para conduzir à Cidade de Fidenza, mais atrás, perto de Parma, num comboio de algumas viaturas GMC de duas e meia toneladas. Levei os prisioneiros alemães para uma antiga fábrica de queijo “parmegiano” desativada. Havia boas instalações. Ficaram lá acantonados. Eram muito disciplinados. O alemão tinha disso. Depois de prisioneiros, era a coisa mais disciplinada que existia, não havia problema nenhum. Fiz o que pude, dei alimentação, dormiram lá. No dia seguinte, foram embarcados novamente e seguiram, sob responsabilidade de norte-americanos, para o campo de prisioneiros de guerra da Itália.

Abrindo um parêntese sobre a rendição dessa 148ª Divisão alemã, o Coronel Franco Ferreira, um oficial de Estado-Maior, de Cavalaria, que tinha sido adido militar na Alemanha antes da guerra. Ele falava muito bem alemão chamou-me eu estava ali perto dele e disse: “Tenente Fulano, pegue uma viatura, essa Dodge aí com motorista, e infiltre daqui, em sentido contrário, até a retaguarda dessa coluna que está na estrada e verifique como é que está a situação”. “Muito bem, senhor Coronel, vamos embora”. Eu estava armado só com a pistola 45 que usava sempre. Peguei o motorista e a viatura, uma Dodge 3/4, e fui em sentido contrário ao da coluna das divisões alemã e italiana. E, devagar, fui rodando, me aprofundando. Como já tinha iniciado isso lá pelas 3 ou 4 horas da tarde, já escurecendo, com o decorrer do tempo, notei que aquela tropa ainda estava de posse de seu armamento, leve e pesado. Essa coluna era constituída de algumas viaturas militares, viaturas civis requisitadas, carroças, artilharia hipomóvel, artilharia montada – eles tinham muita artilharia montada. Disse, então, ao motorista: “Fulano, é bom pararmos aqui. Vamos fazer a manobra na estrada e regressar, porque está escurecendo, esses homens estão armados e alguns se encontram alcoolizados”. Desci da viatura e aí um grupo de soldados e cabos alemães nos cercou; um vinha com uma pistola na mão, era uma *Walther*, e encenava que queria

dar um tiro na própria cabeça. Cheguei perto, peguei o braço dele, e tirei a arma da sua cabeça. Vieram os outros alemães, ninguém entendia nada. Aí eu disse: “Olha, vamos dar a volta”. Pegamos algumas armas e binóculos daquele pessoal, fiz sinal de que eles deveriam colocar as armas na viatura. Alguns desmontaram as suas armas, pistolas e fuzis e jogaram determinadas peças no mato, entregando-as sem condições de atirar. Era um recurso que estavam usando. Outros não queriam entregar as suas armas em perfeito estado. “Então vamos voltar”. E assim fizemos. Quando retornei à testa da coluna já era noite e fiz um relato ao Coronel Franco Ferreira. Ele disse: “Está muito bem e tal, tem aí algumas armas, binóculos, pistolas, sabres e outras coisas”... E acrescentou: “Isso tudo será... Todo esse material vai ser recolhido de hoje para manhã e talvez até mais em outro dia. Você pode se retirar”. Fui até lá, apanhei umas pistolas P-38, pistola de guerra alemã muito bonita e dei de presente para alguns oficiais que estavam ali próximos – nossos oficiais – e eles agradeceram, ficaram satisfeitos. Ao Ajudante de Ordens do Marechal Mascarenhas eu dei uma Bereta – tinha Bereta também – e ficou por isso mesmo.

Sobre o apoio logístico à FEB, todo ele vinha dos Estados Unidos. Não foi um apoio logístico do vulto de um Exército e de uma nação rica como os Estados Unidos e isso porque a frente da Itália, que era considerada de prioridade 1, passou à prioridade 2 e, com o tempo, à prioridade 3.

Na época em que estávamos ainda acampados em Tarquinia, havia uma base aérea militar perto, alguns quilômetros. Durante certa noite, começamos a observar a decolagem de aviões aliados transportando planadores rebocados. De três em três minutos decolava um avião, com planador, e isso entrou pela noite adentro e madrugada. Nós estávamos em uma elevação de onde se podia divisar a pista desse aeroporto. Um curioso que estava lá disse que mais ou menos 250 aviões tinham levantado vôo com planadores. Esses aviões, mais tarde vim a saber, estavam se dirigindo para o Sul da França, onde havia uma nova frente. Tropas norte-americanas e francesas iam ocupar a Cidade de Marselha e parte ia para a frente da Normandia, para Brest no Norte da França. Isso afetou o nosso suprimento na Itália, porque com a saída de alguns milhares de homens para essas frentes, deixamos de receber suprimentos com mais intensidade do que havia antes. A FEB consumia perto de trezentas a quatrocentas toneladas de suprimento, de um modo geral, por dia.

Houve escassez não só de materiais e munições como também de alimentos e de fardamentos. Tivemos que fazer muita economia por causa disso. Basta dizer que na nossa frente, se não me engano, no Batalhão do Major Uzeda já não havia mais munição do morteiro 60mm. Ele reclamava muito disso. A solução foi usar um grande estoque que os italianos tinham abandonado em um depósito perto da cidade de

Porreta. Nós recolhemos aquela munição e mandamos para determinados batalhões; eles acharam a munição boa e, com isso, supriu-se aquela falha.

Havia desperdício, também. Por exemplo, cada Unidade, de Infantaria principalmente, tinha o seu pequeno depósito de munição. Quando havia deslocamentos rápidos, às vezes, os Regimentos tinham que deixar essa munição abandonada naquele depósito e seguir para frente, porque não havia tempo de carregá-la nas suas viaturas e prosseguir. Essa munição seria apanhada mais tarde, mas isso acarretava, por outro lado, muitos problemas. Os norte-americanos igualmente eram responsáveis por notados desperdícios. Eram fartos em tudo, mas como recebiam bastante suprimento, também jogavam muita coisa fora.

Agora, algumas observações sobre o retorno ao Brasil e a desmobilização da FEB. Terminada a guerra, primeiramente fomos para os campos de Francolise, perto de Nápoles. Lá havia cozinhas para alimentar a tropa e barracas armadas, tudo feito por ex-prisioneiros alemães que trabalhavam mesmo dentro do nosso acampamento. Até que chegou o dia do nosso retorno ao Brasil.

Nos preparamos, vieram as viaturas do serviço norte-americano e fomos deslocados para o navio transporte de tropa, que era igual ao que trouxe o 1º Escalão, o General *Meighs*. Todas as Unidades do 1º Escalão, 6º RI, o Grupo de Artilharia, o 9º BE completo, a Companhia Leve de Manutenção, uma fração do Esquadrão de Reconhecimento do Capitão Pitaluga e alguns aviadores do Grupo de Caça viajaram neste navio.

Guerra terminada, na altura das Ilhas Canárias, recebemos o comunicado de que o cruzador Bahia, que estava navegando na costa do Brasil, tinha explodido e que a maior parte da sua tripulação tinha morrido. A princípio pensou-se até que tivesse sido algum submarino alemão remanescente que o tivesse torpedeado, mas não foi isso que aconteceu. O Bahia fazia exercícios com metralhadoras antiaéreas e na sua popa havia cargas de profundidade anti-submarinas. Num desses exercícios, aconteceu alguma coisa com uma metralhadora, essa arma desgarrou, o tiro pegou essas minas de profundidade e explodiu tudo.

Chegamos ao Brasil depois de 15 dias de viagem, numa bela manhã, já na costa do Rio de Janeiro. A primeira ilha que divisamos foi a Rasa. O nosso navio passou por ela e depois entrou na baía, agora escoltado por milhares de embarcações, apitando, fazendo ruidosa e alegre manifestação pelo regresso do 1º Escalão da FEB. Mais tarde, o navio atracou no cais da Avenida Venezuela, no armazém número 8 – se não me falha a memória.

Recebemos a visita do Presidente da República, Getúlio Vargas. Foram reunidos todos os oficiais num salão do navio, Getúlio falou algumas palavras, agradecendo o apoio e outras coisas mais, pelo êxito da FEB na Itália e depois se retirou.

E aí chegou a hora do desembarque. Havia comboios esperando no cais e já passava do meio-dia quando entramos nas viaturas designadas para cada Unidade. Iniciou-se o deslocamento no meio da multidão reunida ali perto, na Praça Mauá, na Avenida Rio Branco e em toda a cidade. Foi a maior multidão que nós já havíamos visto em nossa vida. A manifestação foi impressionante. Junto com nosso Escalão, veio um Pelotão de elite do Exército dos Estados Unidos. Eram os *Rangers*. Esses *Rangers* também desfilaram junto com a gente. Nós nos dirigimos, depois de atravessar vários trechos da cidade, para Jacarepaguá. Em Jacarepaguá, paramos na Praça Seca, a tropa ficou formada lá, prestamos uma homenagem naquele local, embarcamos novamente e fomos para o nosso antigo quartel.

Ficou estabelecido que, no dia seguinte, deveríamos estar lá para entregar determinado armamento, como pistolas, e outros materiais. A surpresa veio depois. Ordens superiores determinavam a desmobilização da FEB. Dias mais tarde já estaria todo desmobilizado o 1º Escalão da FEB.

Essa desmobilização trouxe um impacto muito grande, porque muitos já não sabiam nem mais o que fazer. Pensavam que iam receber ordens, orientações, mas não aconteceu isso. Foi uma desmobilização muito rápida. Para nós oficiais deram dois meses de férias. Para os outros um prazo para decidir. Quem não estivesse lá iria ficar engajado e quem desejasse poderia voltar para casa. Tinha gente de São Paulo, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Paraná e eles estavam muito ansiosos para regressar a seus lares e rever suas famílias. E com isso foi desmobilizada, falando de um modo geral, a FEB.

Eu passei dois meses em férias. Terminados os dois meses, fui classificado na Fortaleza de Santa Cruz. Justamente no dia em que Getúlio foi deposto, fui me apresentar. Encontrei toda a tropa de prontidão e permaneci 3 meses na OM. De lá me mandaram para Santa Catarina, para o 12º GMAC, em Ibituba, onde havia uma Bateria de canhões 152.4mm para a defesa da costa. O pessoal da FEB foi todo transferido.

Como mensagem final, diria que a ida da FEB para o Teatro de Operações da Itália ajudou a criar uma imagem muito positiva do Brasil, no exterior. Naquela ocasião, o nosso País era muito pouco conhecido lá fora. A pequenina FEB, apesar de todas as dificuldades que encontrou, ajudou a elevar bem alto, perante as outras potências beligerantes, o nome e o respeito deles ao nosso Exército, o Exército Brasileiro.

Abdias de Souza*

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 20 de março de 1921. Ingressou no Exército, como praça, em sua cidade natal, tendo sido incorporado à 2ª Companhia do 23º Batalhão de Caçadores (23º BC), onde fez o serviço militar inicial e, a seguir, freqüentou o Curso de Formação de Cabos, com aproveitamento. Permaneceu nessa Unidade até o início de 1944, quando ingressou na Companhia, composta somente por voluntários, que estava sendo organizada a fim de ser deslocada para o Rio de Janeiro. Desse modo, em 1944, foi transferido, como voluntário, para o 2º Regimento de Infantaria (2º RI), no Rio de Janeiro. Participou da Força Expedicionária Brasileira como soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria. Após a guerra, licenciado do 11º RI, no Rio de Janeiro, retornou a Fortaleza e foi trabalhar no Departamento de Correios e Telégrafos. Foi condecorado com a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Soldado da 1ª Companhia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 22 de novembro de 2000.

Na sociedade, em Fortaleza, não havia opinião formada em relação à guerra. Falava-se, apenas, que o Brasil tinha declarado guerra ao Eixo, em 1942. Quando saímos de Fortaleza, como voluntários, não havia a idéia de que íamos para a Itália. Oficialmente íamos para o Rio de Janeiro. A viagem de Fortaleza para o Rio foi feita de navio, no *Baependi*, passando por Recife, Salvador e Cabo Frio.

No Rio de Janeiro, a Companhia oriunda do 23º Batalhão de Caçadores (23º BC) ficou aquartelada no 2º Regimento de Infantaria (2º RI) esperando pela inspeção de saúde, a fim de embarcar para a Itália. Essa inspeção de saúde teve detalhes interessantes. O exame de sangue era uma coisa desastrosa. Para fazer o exame, cada soldado deveria encher um frasco branco, de um litro. A agulha enfiada e o homem em pé, caminhando lá na areia, até que o enfermeiro chegasse para tirá-la. Além desse, foi feito exame de sistema nervoso. O paciente fazia diversos movimentos com a cabeça, e, a fim de saber se os nervos estavam normais, passavam uma escova cheia de alfinetes no solado dos pés. Houve, também, tratamento dentário e correção da cava do pé. Além do exame de saúde, fizemos, no 2º RI, algum treinamento, eminentemente prático, baseado, ainda, na doutrina francesa da Primeira Guerra Mundial, como cavar abrigos defensivos. O treinamento real e atualizado foi feito já na Itália.

Tudo era feito confidencialmente, ninguém sabia por que estava se submetendo a esses exames. Surgiram vários boatos dizendo que a tropa iria para Fernando de Noronha. Quanto a ir para a Itália, nada se ouvia e ninguém sabia.

O embarque foi realizado à noite, na Praça Quinze, no navio transporte de tropa *General Meighs*. Lá, soubemos que nosso destino era a Itália. A bordo do navio, a tropa foi distribuída pelos alojamentos, cada um com dez beliches, comportando dez homens. Não havia comunicação entre os soldados de alojamentos diferentes, a não ser na hora das refeições. O café da manhã começava às três da manhã e ia até as oito e às nove já começava o almoço. Para as refeições, o pessoal deslocava-se em coluna, cada alojamento sucedendo a outro. A comida era boa, mas alguns soldados enjoaram devido ao cheiro do mar e ao balanço do navio. Apesar disso, o moral era bom.

Após 18 dias de viagem, o navio aportou em Livorno. A seguir, em caminhões, fomos conduzidos para uma área próxima da cidade de Pisa. Na chegada, o pessoal foi distribuído pelas Companhias e Pelotões. Eu fui designado para a 1ª Companhia do 11º RI. Aos poucos foi sendo recebido o material necessário ao aparelhamento da tropa. Recebemos fardamento americano todo novo, incluindo meias, luvas, capote – que pesava cerca de seis quilos – ceroula de lã, jaqueta para o frio e um *combat-boot*, de excelente qualidade. O fardamento e a bota recebidos no Brasil eram muito frágeis. Esse fardamento permitiu enfrentar o inverno, senão teríamos morrido congelados ou como diziam os quintas-colunas: iam morrer todos. Houve

um período de instrução com munição real e administrada pelos americanos no começo. Depois, os brasileiros os substituíram. Diziam que a munição era de festim, mas houve alguns que se feriram nesse treinamento. Acho que havia munição real misturada com festim.

Na segunda quinzena de outubro, o General Mark Clark visitou rapidamente o acampamento e dirigiu algumas perguntas ao capitão que não sabia falar inglês. Um soldado, do Rio Grande do Sul, pediu licença ao capitão para responder em inglês. Ele era negro. Depois souberam que seu pai era alemão e a mãe, italiana, pais de criação, e que fora educado em bons colégios. O nome dele era George.

Quando criaram as instalações de retaguarda para descanso, uma parte da tropa ia para frente, depois voltava e ia outra. Havia um revezamento. Ficamos nessa situação inicial até a chegada do inverno, quando ocupamos pontos estratégicos para patrulha. Havia dois tipos: a patrulha de reconhecimento e a de combate. A primeira, basicamente, para reconhecer o terreno, mas, também, para fazer prisioneiros. Já a outra era para combater mesmo – matar ou morrer.

Enfrentei umas quatro situações de combate, mas a que me comoveu foi Montese. Eu sentia aquele arrepio, mas depois Deus me deu coragem. Mas, relaxei mesmo em Montese. Fazia parte do pelotão comandado pelo Tenente Iporan Nunes de Oliveira. Nós éramos 44 homens. Ele nos deu coragem e fomos para a frente. O combate começou no dia 14 de abril de 1945 às 15h30min.

Montese era uma localidade. Mais precisamente, um conjunto com três localidades: Monte Buffone, Serreto e Paravento. Os alemães tiveram tempo de minar toda a encosta da serra. Essa Divisão que estava em Montese era de elite e estava aferrada ao terreno. E nós, no começo, fomos surpreendidos. A 1ª Companhia do 11º RI entrou, bem calmamente, sem reação, sem nada. Aí o combate iniciou. Começou no dia 14, entrou pela noite, nos dias 15, 16 e 17 foi só pó e fumaça. E eu ali no meio com dois colegas cujos nomes não me lembro. Uma granada de morteiro caiu em cima deles, ocasionando-lhes a morte.

O combate durou de três a quatro dias, terminou no dia 17. Quando entramos na cidade, não havia nada, e, de repente, caiu a Artilharia em cima. Para qualquer lado que se corresse vinha granada. A reação foi todo mundo agir, virar-se como pudesse. Aí o grosso da tropa avançou. Não houve recuo. O alemão bateu logo para trás. Então, o grosso da tropa entrou. Do lado de lá, no flanco direito, havia ajuda dos americanos da 10ª Divisão de Montanha.

Os alemães que estavam em Montese eram corajosos e se defendiam bem. O avanço da tropa se fazia difícil. Era mais de assalto e rastejando, com fuzil, com mochila, com tudo. O fuzil era o *Springfield*. Para entrar nas casas, lançava-se, antes,

uma granada. A granada é fácil, todo mundo sabe, é só tirar o pino e jogar. A gente lançava uma granada e ultrapassava a posição, mas tinha de olhar para trás. Se ficasse só olhando para a frente, sem saber o que havia atrás, corria-se o risco de sofrer reação dos alemães que estavam entocados dentro das casas. Os alemães foram encurralados em Montese mesmo, no vale, e depois quem tomou conta deles foram os norte-americanos, que os levaram para o campo de prisioneiros.

Após Montese, a operação acabou. Já no dia 18 de abril foi só a atividade de apanhar os presos, os feridos, muitos feridos para levar às enfermarias. Vimos que os alemães já estavam meio frágeis, havia muita gente doente. Disse-me um colega que encontrou um alemão falando mal português, porque o pai dele já havia morado na região Sul do Brasil. Ele só pediu cigarro. A missão terminou em Montese. Ficou uma resistência aqui, outra lá, mas eles não tinham mais força.

Esse ataque ia começar no dia 12 de abril, mas foi adiado para o dia 14, a fim de haver mais tempo para preparação. O nosso tenente tinha um bom mapa, que ele mostrava primeiro para os dois sargentos e depois transmitiam para a tropa. Davam ordem ali, no local: toca para lá, toca para cá e rápido.

De Montese não gosto nem de lembrar. Foi um lugar onde só se viu desgraça e miséria, parecia que o mundo estava pegando fogo e a gente não sabia para onde correr. Era granada caindo de todo lado. Era só morteiro e canhão e mina enterrada no chão.

Em combate, a ração era levada na mochila. Nesses dias em que estivemos lá – do dia 14 a 17 – não chegou comida alguma. Durante três dias só comemos ração, só bolacha, chocolate. O jipe não podia levar o camburão de comida, pois havia mina para todo lado. A Engenharia só estava nos rios, nas montanhas. Nesse lugar em que estávamos havia os caçadores de minas – cuja missão era abrir brechas em campos minados –, mas eram poucos. Vi diversas minas: havia aquela grande, que destrói tudo; a mina circular que o alemão fez para pular do chão, na altura da pessoa. O raio de ação dela – até onde iam os estilhaços – era de um metro e setenta, faziam escalpo. Houve muita gente ferida. O pessoal de Engenharia chamava aquela mina de "quebra-canela" porque ela detonava uma carga de explosivo suficiente para arrancar o pé do combatente e atingi-lo até o terço inferior da perna. De um metro e setenta para baixo ela destruía tudo. Houve até um soldado que foi capado.

O comandante do pelotão, o tenente, era a maior autoridade para o soldado. Em segundo lugar, vinham os dois sargentos e os cabos, mas eram todos amigos. Havia muito respeito entre os companheiros. À medida que as coisas iam acontecendo, esse respeito aumentou lentamente. Cada um tomando sua responsabilidade, de seu setor, de seu trabalho e com cuidado para com o tenente e os companheiros. Como o tenente

tinha cuidado conosco, nós tínhamos cuidado com ele também e não podíamos perder o líder. Nós, sem ele, estávamos perdidos. Ficava tudo na mão dele.

A palavra do nosso tenente dá a dimensão da bravura do Pelotão. Era o Tenente Iporan Nunes de Oliveira: a 1ª Companhia do nosso 11º Regimento de Infantaria Expedicionária penetrou na cidade como vitoriosa, mas – palavras dele – "sob o jugo das perdas, do sacrifício", porque nesse meu pelotão eram 44 homens, pracinhas, quando terminou o combate só restavam 27, portanto houve baixas e outros foram acidentados. Sobraram só 27 homens. Houve 17 baixas e o Tenente esteve sempre junto a seus soldados. Os sargentos também. Havia uma grande confiança e solidariedade entre todos. Confiança total. Só em um caso não foi possível socorrer o irmão ferido ali na hora. Teve que ser deixado para o Pelotão de Saúde, e seguimos em frente.

Lá no *front* os soldados só conheciam o tenente e os sargentos. Esse era o pessoal do *front*. O tenente recebia ordens do capitão pelo rádio. O soldado não via seu capitão. Não havia contato entre os pelotões. Na guerra, quando a gente está atravessando um rio, o nosso problema é procurar sair do outro lado. Não se quer saber o que se está, passando por lá nem para cá. Você recebe um objetivo e parte para ele. Não quer saber o que está acontecendo, nem de um lado nem de outro. Era fazer o assalto e escolher: matar ou morrer. Não morreu, começa tudo de novo. Graças a Deus, todos tinham a idade na faixa dos vinte. Dentro do pelotão havia um moral muito forte. Havia muito silêncio, muito respeito. Não se proseava um com o outro. Todos eram iguais. A atitude e a ação do tenente contribuíram para essa união do pelotão. Ele animava os soldados e se preocupava muito. Os feridos ficavam pra lá, o negócio da gente era pra frente. Ficou ferido, fica pra trás. E, atrás, logo vinham os padioleiros pegando os feridos.

Éramos 44. Quando regressamos estávamos com 27. Nem isso a gente notava a falta. Pensava que o companheiro estava escondido ou estava para outro lado. Quando perdíamos um companheiro, fazíamos de conta que ele tinha ido para o outro lado. E como chorei. Eu vi aqueles dois amigos queimados. Estivemos juntos, assim como nós estamos aqui. No pelotão, nenhum soldado se destacou em alguma missão, pela iniciativa própria. Todo mundo cumpria as ordens do tenente. E o tenente, digamos assim, coordenava tudo. Nós nos deslocávamos como o formato de uma barata. O tenente era a cabeça da barata, ele ia na frente. Os dois sargentos da frente eram as barbas da barata e nós, as pernas. E havia gente que vinha caminhando já como no rabo da barata, porém mais de costas do que virado para a frente. Para cobrir a retaguarda.

Não vi, da parte das nossas tropas, nenhum excesso contra os prisioneiros. Não, não vi não. Nós preferimos prender a matar. O preso era bem tratado. Nós não

tínhamos campo de concentração. O preso era encaminhado para os norte-americanos. Um tenente com quem eu trabalhei também dizia: "É melhor um preso do que um morto. O preso pode dar alguma saída para a gente, contar alguma coisa."

Depois que terminou a guerra, as forças brasileiras foram para Francolise e ali aguardaram o navio de retorno ao Brasil. Não arrumei nenhuma namorada lá na Itália, aliás, mulher bonita havia muito. A cidade de mulher bonita da Itália é Firenze. Só dá mulher bonita. Para ir à cidade tinha que se conseguir uma licença, controlada por número, com hora de sair e de voltar e, caso se chegasse bêbado, ia para o xadrez. Xadrez não, porque estávamos lá no mato, apenas não podíamos sair. A cidade estava bem arrasada, não havia nada, só pobreza, nada.

Houve uma ajuda norte-americana. Depois que saiu o primeiro contingente para o Brasil, os norte-americanos mandaram distribuir uma ajuda para os italianos, mas a cantina ficou aos cuidados da tropa brasileira. Os brasileiros iriam distribuir, mas deveriam exigir qualquer serviço do italiano. Não se podia dar nada de graça. A filosofia era pagar. Aí vinham aquelas mulheres lavar roupa. Recebiam um crachá para entrar e vinham mostrando e passando pelos sentinelas até chegar ao acampamento, a uma barraca, para pegar uma gandola e uma calça para lavar. Elas levavam até a cantina e tiravam o alimento para as famílias. Levavam macarrão, chocolate, até toalhas de banho para fazer vestido. Depois traziam a roupa passada e iam entregar, sempre escoltadas.

Ficamos nessa situação – sob um Sol danado – por cerca de três meses para chegar a vez de irmos embora.

Eu acho que o italiano não se queixou do brasileiro, porque tínhamos uma segurança tão grande, um respeito, uma ordem de ninguém se aproximar das mulheres. Inventaram até um boato que o cara que corresse atrás de uma mulher ia para o saco de areia. Não sei se aconteceu isso. Era um saco de areia mesmo de cinqüenta quilos nas costas do soldado. Era o castigo. Você ficava lá no Sol com aquele saco pendurado nas costas.

Se o soldado quisesse casar com uma italiana poderia, mas somente depois que terminasse a guerra. Alguns ficaram visitando as italianas, e elas morrendo de fome, doidas para vir embora, sair daquela miséria. Nós tínhamos a fama de rico. Eu tinha dois colegas dos quais lhes tirei da cabeça a idéia de casar com as italianas. Mulheres lindas. Eram bonitas demais para eles. Os brasileiros tratavam muito bem os italianos, levando-lhes cestas de comida. Quando acabou a guerra, saíam por dentro daqueles matos e ficavam na pista – não entravam no acampamento, não podiam entrar –, ficavam lá na pista. O brasileiro não é travesso, é humilde, é amigo. Disso os norte-americanos tinham inveja. Os italianos não iam para o acampamento

deles, só para o brasileiro. Eles diziam que os americanos batiam neles e o brasileiro, não. A gente, com a comida dentro da marmita, recebendo das panelas e ali mesmo jogava por trás, na sacola deles. O americano tinha inveja da gentileza brasileira. O italiano dizia assim: "*brasiliani, andare bianco com nigro*". Entre os norte-americanos, havia a separação entre brancos e negros naquela época. Entre os brasileiros, se alguém bebia muito vinho nas casas dos italianos, vinha um branco puxando um preto até arranjar uma carona de caminhão para voltar ao acampamento. Não havia diferença, eles ficavam com inveja e os italianos percebiam isso também.

Terminada a guerra, houve o retorno ao Rio de Janeiro. A viagem de volta foi ótima, diferente. A tropa já podia subir para o convés do navio, já tinha direito até de assistir a um filmezinho. Aí já era veraneio e o pessoal só pensando na hora de chegar. Chegando ao Rio de Janeiro, os soldados voltaram para os quartéis e, em alguns dias, foram para o banco receber o dinheiro que foi pago todo de uma vez.

Não trouxemos liras porque não levamos dinheiro daqui. Esse é um ponto ruim nosso, do qual a gente tinha vergonha.

Os cigarros norte-americanos que eram distribuídos como suprimento, a gente vendia para os italianos e eles vendiam para os alemães. Quando a gente tomava a posição do alemão observava que estava cheio de cigarro americano. Isso envergonha. Os norte-americanos vendiam também. Havia muito comércio, quem não fumava vendia o cigarro e ele, naquela época, era mercadoria escassa. A Souza Cruz mandava cigarro para a Força Expedicionária, mas o cigarro não seguia. O cigarro que a Souza Cruz mandava, o Elmo, era um cigarro caro, era o cigarro da moda, na época. Na alfândega brasileira eles trocavam o cigarro bom pelo ruim. Embarcavam o cigarro Sinhô. O Sinhô era um "racha peito" que o sujeito fumava e tossia a noite toda. Graças a Deus o norte-americano passou a distribuir os seus cigarros, porque chamaria a atenção dos alemães, com todo mundo tossindo na serra à noite!

Chegamos ao Rio de Janeiro. Perguntaram quem queria engajar ou dar baixa: a maioria preferiu dar baixa. Aqueles que eram de outro estado que não o Rio tinham o seu transporte pago pela Nação até a terra deles. Eu voltei para o Ceará, de navio até a Bahia.

Os feitos da Força Expedicionária Brasileira não podem ficar no esquecimento e os jovens precisam conhecer bem essa página de nossa história. Foram 239 dias passados na frente de combate, quatro deles marcados pela sangrenta batalha de Montese, de 14 a 17 de abril de 1945, no início da primavera.

Valdemiro da Costa Pimentel*

Nascido no Rio de Janeiro, em 4 de maio de 1920. Praça de agosto de 1942, convocado como soldado, foi promovido a cabo em Fernando de Noronha e a sargento na Itália. Possui os Cursos de Aperfeiçoamento para Cabos e Sargentos.

Foi Presidente da Associação dos Veteranos da FEB e Relações-Públicas da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, sede Brasília.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha da Guerra.

---

* Sargento integrante do Serviço Especial do QG/1ª DIE da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 20 de março de 2001.

Embora tendo muito respeito pelas Forças Armadas e achar que vivi uma grande experiência, na ocasião em que fui convocado para servir ao Exército, durante a Segunda Guerra Mundial, fiquei um pouco revoltado por ser o único chamado de uma família muito grande. Apresentei-me no Grupo Auto-Rebocado em São Cristóvão e, dali, segui para a Vila Militar. O Brasil já tinha declarado guerra à Alemanha e minha convocação se deu logo após àquele ato, junto com muitos companheiros. Eu me dirigi à Vila Militar e para lá fui transportado de caminhão.

Na Vila Militar, eu e os demais fizemos uma série de testes, exames e fomos vacinados. No dia seguinte, recebemos o uniforme e no outro embarcamos sem saber para onde. Fomos para Recife, onde permanecemos de dois a três meses.

A viagem do Rio para Recife foi realizada num navio mercante comum. Todo tempo em comboio, com escolta de navios de guerra. Não havia muito conforto. Os soldados dormiam, geralmente, no interior do navio e alguns no convés, mas a viagem, afinal, não foi tão ruim. Naquele navio, por exemplo, houve oportunidade até de pescar. Tenho fotografias de um peixe enorme que fisgamos e, assim, começamos a ter muita intimidade com a tripulação. Eu não sei a quantidade de soldados a bordo naquela vez, mas calculo que tenham viajado cerca de cem a cento e poucos soldados.

Permanecemos em Recife cerca de dois a três meses, sempre em treinamento. A gente marchava e tal, ali na Praça 13 de Maio, e também fazia os trabalhos de vigilância na praia de Olinda que, naquele tempo, era um areal.

A praia de Olinda começava perto do cais, onde fica o forte e se estendia até quase a entrada do porto de Recife. E nós ficávamos em alerta, fiscalizando o litoral. Utlizávamos uma luneta, não me recordo por quanto tempo, creio que por meia hora cada. Permanecíamos quase que imóveis, olhando para o horizonte todo. A luneta permitia vigiar de cinco a dez quilômetros. Em outros lugares existiam outros postos, estendendo a vigilância a todo o litoral. Era assim dia e noite, mas havia períodos de descanso.

Dormíamos em barracas, porque existia um braço de mar que era necessário atravessar de canoa. Um dia, perdi a hora e quando cheguei no local já não havia embarcação para nos conduzir. Uma canoa estava na praia e nós resolvemos dormir dentro dela. Quando a maré encheu, a canoa se desgarrou e acabamos sendo descobertos. Fomos presos, mas não houve nada – “saímos bonitinhos” –, é coisa de soldado. A oficialidade era muito boa também.

Eu era de Artilharia, tinha freqüentado um curso. Pertencia ao 4º Grupo Móvel de Artilharia de Costa, o 4º GMAC, que, ao final desse período de dois a três meses, foi deslocado para Fernando de Noronha.

Em Fernando de Noronha a situação não era de ociosidade. Havia treinamentos diários e observação constante do litoral, em volta da ilha, porque corriam notícias de que os submarinos alemães poderiam abordá-la. Estávamos sempre alertas, particularmente quando de serviço, guarnecendo as praias e em constante movimento.

Havia, lógico, a hora de lazer. Toda quarta-feira uma Unidade mandava o pessoal, os soldados, a um cinema na Praça dos Remédios.

Assim, em Fernando de Noronha não se vivia na ociosidade, os oficiais não eram vistos dormindo. Era, realmente, uma situação de alerta. Claro, os burocratas ficavam no quartel, no QG, e o pessoal de tropa, em constantes exercícios, sempre prontos para entrar em posição em qualquer eventualidade, se houvesse um desembarque, ou outro movimento suspeito qualquer. Desembarcar de submarino, em Fernando de Noronha, era difícil porque estávamos bem preparados. Havia Artilharia Antiaérea, Artilharia de Costa e o 30º BC. O Batalhão de Caçadores representava a Infantaria e ficava bem distante da Vila dos Remédios. Sempre havia os elementos de serviço e os que estavam de folga. Era normal isso.

Nesses momentos de folga, trocávamos idéias com o pessoal da ilha. Ali havia um presídio, com prisioneiros perigosos, como os asseclas do Lampião, por exemplo, o tal de Águia Negra com quem conversei bastante. Existia um barbeiro, vou contar isso porque vale a pena: ele era muito simpático, bem falante, e eu ia de vez em quando à barbearia fazer a barba. Um dia, não sei por que, ele disse que estava sentindo cheiro do continente. “Por quê?” – indaguei. “Porque tenho que cumprir trinta anos, mas já estou com 18, já está quase perto.” Aí, fiquei curioso e olhei para a navalha na sua mão e perguntei: “Mas vem cá, afinal de contas por que você está aqui?” Respondeu: “Só porque matei oito pessoas, matei meu sogro, meu cunhado, a mulher, a sogra não sei o quê, só por isso.”

E ele com aquela navalha na mão. E já estava sentindo cheiro do continente, veja só. Aí eu desconversei, ele terminou de fazer a minha barba e nunca mais voltei lá.

Servi em Fernando de Noronha por 11 meses e 20 dias, pedi transferência para o Rio e consegui, apesar do Capitão ter dito que só autorizava a transferência se fizesse Curso de Cabo.

Eu respondi que não queria ser militar. Queria sair, porque já estava com princípio de beribéri, doença corriqueira em Fernando de Noronha. Na primeira oportunidade inscrevi-me no Curso de Cabo e, assim que terminei, mesmo sem ter sido promovido ainda, enviei um radiograma para o Capitão Costa - lembro-me como se fosse hoje – e ele providenciou a minha transferência –, que saiu em uma semana. Fui para Natal. Nesse dia, o avião sofreu uma pane, um problema muito sério; tive calma para controlar os companheiros que também estavam sendo transferidos e fui

até elogiado pelo comandante da aeronave. Era um avião bimotor e, ao chegar a Natal, encontrou a guarnição de Bombeiros esperando. Felizmente não houve nada de grave e aterramos bem. De Natal fui para Recife, onde embarquei em um navio para o Rio de Janeiro. Eu fora transferido para a Bateria do Forte Barão do Rio Branco, em Jurujuba, Niterói. Ainda não era cabo, mas quando o Capitão viu que eu tinha o curso e como a Unidade estivesse necessitada de cabos, fui promovido e na manhã seguinte entrei de serviço.

Permaneci de dois e três meses no Barão do Rio Branco, quando a Unidade recebeu um pedido de voluntariado para determinado número de oficiais, sargentos e cabos, a fim de seguir para Itália. Fui relacionado e, então, transferido, para a Vila Militar, cujas Unidades começaram a fazer exercícios no Campo de Instrução, na Serra de Gericinó e, também, na praia da Barra da Tijuca, na época, totalmente deserta. Depois de uns poucos meses de exercícios puxados, embarquei, com a minha Unidade, para a Itália, em agosto de 1944, no 4º escalão da FEB.

Quando o 1º e o 2º escalão foram enviados para a Europa, eu ainda estava em Fernando de Noronha. Depois foi o 3º, eu já estava indo para o Rio de Janeiro. Eu viajei com o 4º escalão.

O deslocamento foi realizado no navio transporte de tropas *General Meighs*. A viagem, feita com muita preocupação por causa dos submarinos alemães. De vez em quando, havia um treinamento de alarme, no qual tínhamos que, em determinado tempo, ocupar uma balsa. Cada soldado sabia a balsa para a qual fora previsto. A minha, por azar, era a última e ficava na proa. Eu tinha que correr um bocado para chegar até ela. E havia os “tropeiros”, uma escada estreita e ruim de subir, e até chegar à nossa balsa, o navio já poderia ter sido afundado.

Apesar da viagem muito tensa, o ambiente a bordo era muito bom. Por ocasião do embarque, os soldados não sabiam para onde iam, mas no decorrer da viagem e das conversas a bordo, ficou claro que estávamos navegando para a Itália, mas sem saber para que lugar. Havia cerca de 5.200 soldados a bordo. Para tomar café, por exemplo, não era fácil. O beliche era quádruplo e, como soldado gosta de brincar, aquele que ficava em cima sofria, pois o debaixo dava uma joelhada nele por brincadeira. Houve torneio de xadrez e os oficiais tomavam parte junto com os praças, em um ambiente muito bom.

O nosso efetivo na Itália era 25.394, quer dizer, cada navio levava em média cinco mil homens. Alguns oficiais foram fazer curso nos Estados Unidos para depois seguir para lá, mas uma grande parte ia conosco no navio.

A chegada foi em Nápoles. O clima era de guerra. No porto havia muitos navios torpedeados, emborcados. Ali tivemos que deixar o navio e fomos transferidos para

umas embarcações de desembarque em praia. Cada lancha daquelas levava em média duzentos homens. Navegamos até Livorno. Levamos um dia e uma noite mais ou menos. Houve até um momento em que a aviação alemã atacou nosso comboio, mas não houve nada demais e nós não vimos porque estávamos alojados na parte inferior da lancha. Lá em cima só ficava a tripulação que era norte-americana.

A chegada a Livorno foi uma coisa impressionante. Vimos alguns balões de barragem, usados para evitar ataques de avião. Já estava começando a esfriar, era final de novembro. Dali, fomos de caminhão até Pisa e de lá para um campo, muito grande, de caça à raposa – disseram que aquele campo pertencia ao Rei.

Começamos a fazer os preparativos para os exercícios. Dormíamos três soldados em cada barraca. Isso permitia usar duas lonas para armar a barraca e uma outra servia de forro. Teve início o recebimento de armas e equipamentos, inclusive uniformes adequados para a época do inverno, porque os que levamos não eram apropriados.

Fomos para o chamado Depósito de Pessoal. Era uma organização importante para todos os setores, pois era responsável pelo recompletamento. O pessoal lotado no Depósito se destinava a substituir as baixas havidas na linha de frente e, por isso, devia estar bem treinado.

Quando cheguei lá, encontrei o pessoal que já passara pelos treinamentos, aqueles que iriam para a linha de frente e os que já estavam aptos para a guerra. Nós ficamos no campo de “concentração”(reunião), em um local mais adiante, de cujo nome não me recordo; dali iríamos para a linha de frente.

Chamavam o Depósito de Pessoal de “Batalhão suicida”. Porque o treino era muito puxado. Era melhor ficar na linha de frente do que ficar fazendo o treinamento, que era muito duro mesmo.

O treinamento era semelhante ao que houve no Rio, antes do embarque, que também foi muito difícil. Voltando um pouco no tempo, quando chegamos àquele lugar, todos os militares tiveram que fazer uma espécie de ficha do conhecimento que tinham: motoristas, enfermeiros etc. Por esses dados, íamos sendo selecionados.

Quando comecei a servir na Artilharia, em Fernando de Noronha, como artilheiro, também era qualificado como datilógrafo. Após o remanejamento, fui para a linha de frente, para o II Grupo de Artilharia; me dei bem, logo no começo, pois servi sob as ordens do Tenente Monção Soares – mais tarde, General – Comandante da 2ª Bateria de Artilharia.

Fiquei na linha de frente de 15 a 20 dias, quando foi publicada, no boletim, a minha transferência para o QG. Foi uma alegria enorme! No QG! Justamente baseado no que nós informamos anteriormente, porque havia prova de motorista, de datilógrafo, e como eu era, também, motorista, já naquela época, fui transferi-

do para o QG. Até o pessoal dizia: “Puxa Pimentel, você tem uma sorte enorme”, logo assim no início.

Naqueles 15 dias que passei na frente, cheguei a entrar em combate. Participei de uma coisa muito importante e da qual pouco se fala. Havia um piloto, cujo nome não me vem à memória agora. O seu apelido era “Olho Nele”. Ele pilotava aqueles aviões “teco-teco”, muito lentos. Iam à linha de frente e observavam o movimento de tropas inimigas e comunicavam à retaguarda. Num desses dias – eu me admiro que a história não conte isso –, ele viu uma ambulância alemã subindo a montanha, para o pico de Monte Castelo, mas percebeu que havia mais ou menos oito ou dez cavalos puxando o veículo. Os alemães usavam muitos cavalos lá na Itália. Ele observou, justamente, que havia muita dificuldade daquela ambulância ser rebocada pelos cavalos e considerou muito estranho porque aquela quantidade de cavalos deveria levar a ambulância com facilidade. Transmitida a mensagem, dada a ordem, houve um único tiro de artilharia que, por sorte, pegou na ambulância, porque geralmente era difícil o primeiro tiro acertar no objetivo. Para um tiro certeiro era sempre necessário uma ajustagem. Mas aquele pegou de primeira e o que havia na ambulância era, na verdade, munição. Tivemos certeza de que o tiro acertou porque houve uma explosão enorme. Quer dizer, foi bom ter atirado. Nessa ocasião Monte Castelo ainda não tinha sido tomado.

Quando estava no grupo houve um acidente, uma explosão, que me acarretou um problema no ouvido. Dali fui evacuado para a retaguarda. Foi quando saiu a minha transferência para o QG e me classificaram na seção especial, como datilógrafo. Ao chegar ao QG fiz um teste de direção e verifiquei que era o único que dirigia naquela ocasião.

Lá no QG não fiquei à toa. Ia sempre à linha de frente, com os correspondentes de guerra Joel Silveira, Egydio Squeff, Rubem Braga e Raul Brandão – o Joel Silveira era do *Globo* e o Raul Brandão do *Correio da Manhã* – ou com aquele cinegrafista Fernando Stamato que agora mora na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O Stamato era sargento naquela ocasião e filmava aquelas passagens para o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda. Normalmente ele filmava, quando a situação já estava um pouco melhor, porque antes era difícil chegar.

Geralmente, quando havia qualquer coisa importante para acontecer, eles comunicavam aos repórteres e eu os levava. Nem sempre era eu. Às vezes não havia motorista presente, então eu era escalado para a tarefa.

Depois que Monte Castelo caiu, avançamos muito. Havia a 10ª Divisão de Montanha norte-americana que ficava num flanco e nós no outro. Mas os brasileiros estavam incumbidos de conquistar Monte Castelo e a Divisão de Montanha faria

outra ação coordenada conosco. Conseguimos tomar Monte Castelo e continuamos o ataque. A Divisão de Montanha ficou parada, não pôde transpor as forças nazistas, só o conseguindo mais tarde, quando La Serra caiu.

Depois veio Montese. Lá houve um fato que não foi citado ou comentado até hoje. Desapareceu dos arquivos e nunca mais se teve notícia. Quando Montese caiu, havia um carro blindado se deslocando e um alemão encostado numa parede. Nós estávamos longe do lugar – observando com luneta e o Stamato filmou essa cena. O carro de combate devia levar uns três tripulantes, talvez, e eles haviam deixado a escotilha superior aberta. O alemão estava encostado na parede – naquela época lá na Itália, as paredes eram grossas, tinham mais de meio metro de espessura –, então ele jogou uma granada, que caiu dentro do carro, explodindo e matando os tripulantes. Houve aquele estampido muito surdo, mas o carro continuou na velocidade em que estava e chocou-se com a parede, imprensando o alemão. Nunca ouvi comentário sobre esse fato aqui. A Quinta Coluna aqui do Brasil fazia tudo o que podia para depreciar o nosso trabalho. Essa é uma das fotos que nunca apareceram, jamais alguém viu.

Quando foi tomada Montese, o Stamato filmou tudo, inclusive aquela passagem que narrei sobre o carro blindado. Naquele dia, o nosso jipe foi atingido. Nós tivemos, depois, que ir para a estrada a fim de pegar condução e voltar para o quartel, em Pistóia. Foi um momento importante.

Depois disso continuei acompanhando nossa tropa, trabalhando no QG e fazendo o serviço de comunicação social.

Certa ocasião, em Pavana, uma localidade antes de Porreta Terme, recebi a missão de ir a Firense (é Florença), a fim de levar uma mensagem, entreguei-a (vejam a coincidência) ao oficial-de-ligação, justamente, hoje, o meu patrão no Banco Boa Vista, Roberto Boa Vista.

Fiquei no QG até o final da guerra e acompanhei as operações, inclusive em Monte Castelo, porque o QG ia avançando e nós tínhamos que acompanhar o movimento, inclusive o pessoal da reportagem. Eles ficavam na seção especial da FEB, na Seção de Comando. Qualquer ordem, qualquer coisa dava-se conhecimento a eles para poderem fazer a reportagem. É certo que quando a reportagem seguia as coisas já estavam mais amenas, eles não iriam se meter no fogo. E era difícil mesmo. Muitas pessoas que vêem filmes sobre a FEB, perguntam por que não houve combate corpo a corpo. Realmente não houve, salvo em Montese. Em um filme que possuo aparecem os brasileiros correndo atrás de alemães, mas aí já estávamos quase no fim da guerra.

Depois de Montese as coisas se tornaram mais fáceis. Nossas forças foram avançando, o alemão sempre fugindo e chegamos a Fornovo (6º RI), quando houve o término da guerra.

Vou dizer uma coisa que não sei se os companheiros concordam, mas a história às vezes não conta determinados fatos. Participamos, decisivamente, com a atuação da FEB, para derrotar os alemães na Itália. A própria captura de uma Divisão alemã, a 148ª Divisão, o atesta. Ela contava com mais uns remanescentes de uma Divisão italiana. Conseguimos cercar aquela Divisão. Eles resistiram bastante, mas depois resolveram se entregar. Quando um oficial brasileiro foi de encontro aos alemães para combinar a rendição, eles pediram – me consta – meia hora. Primeiro fizeram outras exigências, com as quais o nosso Comando não concordou. Depois, então, conseguiram essa meia hora. Nessa meia hora aqueles fanáticos nazistas, oficiais – alguns, não todos – se prepararam, limparam o armamento e se entregaram um a um às nossas tropas. Foram 16 mil soldados que nós prendemos e, no dia seguinte, a guerra acabou na Itália. Quer dizer, essa glória é nossa.

É, por isso, que fiquei revoltado ao ler o comentário do tal cineasta que passou aquele filme, em Brasília, quando eu era o Presidente da Associação.

Nós conseguimos falar com o Comando que nos deu toda cobertura. Fomos ao Governador do Distrito Federal. Embora concordando conosco, ele achou que nós não deveríamos fazer uma campanha de publicidade contra o filme porque iria chamar atenção e, talvez, ficasse pior. Muita gente assistiria o filme, justamente por causa da campanha. Seria melhor fazer a campanha nas filas que eram enormes. Foi o que decidi. Fomos lá, uma turma de companheiros da Associação de Veteranos e da Associação de Ex-Combatentes. Acompanharam-nos, também, diversos oficiais nossos, mas à paisana. Eu me lembro muito bem e minha esposa estava junto comigo, ela me acompanhou distribuindo os prospectos. Passamos ao longo daquela fila enorme distribuindo e eles gozando a gente. Alguns estudantes disseram:

– O senhor foi à guerra porque quis...

– Não, eu fui à guerra por ter sido convocado e cumpri minha obrigação. Eu era estudante, era bancário...

– É, você foi à guerra porque quis.

Tinha que falar com todo mundo:

– Não, você está enganado...

Bem, resultado: fizemos a campanha, distribuímos os prospectos e, quando chegou lá dentro, fiquei num lugar situado mais ou menos umas quatro filas atrás dos repórteres que iriam fazer a crítica do filme. Eu, como Presidente da Associação. Estava, também, o Major Ferreira, que era Presidente da outra Associação e que também se empenhou bastante. Por iniciativa do então Governador, Joaquim Roriz, houve uma providência muito boa. Foi exibido na tela, em letras maiúsculas, passando devagar, justamente o nosso apelo para que o povo não acreditasse

em tudo aquilo que o filme apresentava, porque estavam querendo depreciar a nossa atuação na Itália.

O filme, logo no início, caiu em contradição, ao contar que o nosso uniforme era mais ou menos parecido com o do alemão e que o americano atirou na gente porque pensou que fosse alemão. Era mentira. O próprio filme, quando começou, tinha dito que, ao chegarmos na Itália, receberamos fardamento novo, fardamento de acordo com a guerra, armamento, tudo. O filme é falado em português. Mostra o General Clark nos recebendo, em Nápoles. Ele estaria dizendo: “Vocês vão ter um tratamento bom, uma morte boa, uma alimentação boa e uma morte bem boa.”

Agora, sobre isso, desejo comentar. A Rádio Auriverde era uma estação alemã que fazia propaganda contra nós, inclusive usava a Margarida Richter, espiã e brasileira. Ela trabalhava contra nós. Não sei se era contra vontade ou não, mas o caso é que ela trabalhava. Então, nós procurávamos neutralizar aquela campanha que faziam, usando até megafone. Diziam que o Brasil estava sendo ocupado pelas tropas norte-americanas. Segundo eles, enquanto a gente estava lutando na Itália, os norte-americanos estavam tomando conta do Brasil, do Nordeste, e, justamente, de Natal e Recife onde eles construíam a Base para aquela ponte aérea de Natal para África. No dia em que apareceu o filme, lembramos da rádio Auriverde.

Quando fomos para Itália, levamos dois sacos. Um ia com a gente, era o saco A, e outro, que ficava no depósito, era o saco B. Nesse saco B até roupa paisana a gente levava, às vezes. Certa ocasião, até me vesti, mas por ordem, para poder fazer fiscalização, em virtude da possibilidade de espionagem. Assim, levava-se muita tralha no saco B. Eram as coisas mais supérfluas, das quais a gente não tinha tanta necessidade. O saco A levava as peças mais necessárias. Havia, então, aquela brincadeira da Infantaria que chamava a Artilharia de saco B, quando eles passavam de caminhão: “Aí saco B!” Era um brincadeira boa, coisa saudável. Tenho guardado até hoje o saco B. O saco A ficou no mar.

Eu tenho uma caixa sobre a qual tenho o prazer de citar. Quando fomos para Alessandria, paramos em Vignola e lá passamos uns dias. Quando chegamos, começamos a procurar lugares para estabelecer o QG. Entramos numa sala e havia uma caixa no canto. Eu não tinha a experiência que tenho hoje. Fui correndo para pegar a caixa, mas o sargento me disse: “Oh! Pimentel, não mexe aí.” Ele foi, então, com uma vareta – um detector de minas – que carregava quando ia a qualquer lugar. (O alemão espalhava armadilhas, *boobytraps*, como os norte-americanos chamavam, por todo lugar.) Ele detectou que havia explosivo lá dentro e a desarmou. Tinha uma granada armada para estourar quando alguém abrisse ou tirasse a caixa do lugar. Aí eu a apanhei e não deixei mais ninguém ficar com ela; peguei e trouxe comigo.

Toda a correspondência nossa, desde que fomos para Recife, desde que estourou a guerra e o Brasil entrou, começou ser censurada. Guardo várias cartas. Uma delas é censurada pela própria FEB. Foi na época do retorno, eu escrevendo para o meu pai. Nela se vê, claramente, o carimbo da correspondência censurada. Exatamente, censurada. De outra vez, eu recebi uma carta que dizia: "Querido filho..." aquela carta não era para ser entregue a mim, porque foi toda censurada. Alguém deve ter levado um carão por causa disso, porque não era para ter chegado às minhas mãos. Foi pior ainda. Quando eu voltei para o Brasil, fiquei sabendo que minha mãe tinha passado muito mal, estava quase à morte, felizmente não morreu.

Interessante, a canção da FEB diz assim: "Você sabe de onde eu venho? Venho do morro do Engenho." Quando foi constituída a FEB, embora não planejado, o Brasil foi representado por todos os Estados inclusive por uma região que viria no futuro pertencer a Brasília. Nós temos um companheiro nascido em Planaltina e era o único representante da cidade. Consegui botar o nome dele na rua onde morou. A esposa dele, Araci, aquela enfermeira, a Elza Cansanção, e a minha esposa vieram especialmente para a cerimônia.

Como mensagem final asseguro ser favorável a que todo brasileiro faça o serviço militar, porque acredito que o Exército é uma casa de ensino, de patriotismo e eu, por exemplo, não tendo permanecido na Força, mantive muita ligação, sempre estive em contato com o Exército e com as demais Forças Armadas. Então é um apelo que faço a todos os jovens que procurem cumprir seu dever. É lógico que o Exército não pode abrigar todo mundo. Alguns recebem o certificado de isenção, porque não há lugar para todos. Mas se o jovem puder, poderá verificar e constatar como é o tratamento, o entrosamento entre os cabos, suboficiais, subtenentes soldados, oficiais e sargentos, aprender como lutar, caso necessário, em favor da Pátria.

Coronel Capelão Militar Alberto da Costa Reis*

Natural da cidade de Maceió, Alagoas, onde foi ordenado padre em fevereiro de 1942. Foi professor de filosofia e psicologia experimental. Mudando-se com sua família para o Rio de Janeiro, em 1944 integrou voluntariamente a Força Expedicionária Brasileira e embarcou no 1º escalão como Capelão do II Grupo de Obuses – Grupo Da Camino –, tomando parte nas operações militares dos vales dos rios Serchio, Reno e Pó. Dentre as funções exercidas destacam-se as de Capelão do Batalhão Suez, Capelão-chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Exército e Capelão-chefe das Forças Armadas. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra. Em 1984 passou para a reserva no posto de Coronel.

---

* Capelão do II Grupo de Obuses da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 6 de março de 2000.

Não fui convocado. Eu me apresentei voluntariamente ao comando da FEB, na Rua São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, onde estava o QG do General Mascarenhas de Moraes. Para tanto, pedi permissão ao meu superior eclesiástico, Dom Ranulfo da Silva Farias, Arcebispo de Maceió.

Realizei os exames médicos e físicos previstos e fui aprovado. Gericinó foi a minha "Escola Militar do Realengo": subir em escada de cordas, exercícios, marchas... Foram três a quatro meses de treinamento, mas sob completo segredo, ninguém sabia para onde e nem quando iria.

Um dia, recebi em minha casa um envelope ultra-secreto, do gabinete do ministro: tal dia, tal hora, no aeroporto Santos Dumont, destino Norte da África.

Nada de avião, nada de embarque...

Lendo o livro de Manoel Thomaz Castello Branco, *O Brasil na II Grande Guerra*, constata-se que o Brasil ia, realmente, como tropa de ocupação para o Norte da África; então, aquele ofício tinha fundamento.

O tempo passava quando, em determinada data, o Major Luiz Guimarães Regadas, de Engenharia, disse-me: "Prepare-se porque dentro de poucos dias você vai viajar." E, após algum tempo, avisou-me: "Amanhã às quatro horas, Padre Alberto, passarei em sua casa para apanhá-lo."

Na casa "Festas", onde todo cadete fazia seus uniformes, na Rua da Carioca, havia o melhor alfaiate. Meus uniformes foram feitos lá.

Embarcamos no dia 29 de junho de 1944, às cinco horas da tarde. Quando o major foi me apanhar em casa, já trazia os capelães Padre Noé Pereira, carioca, e Padre João Pheeney de Camargo e Silva, Capelão-chefe, um paulista; fomos três, no 1º escalão. Eu tive essa honra, Deus e a Pátria me deram essa honra: a de integrar o 1º escalão, com o nosso querido Ayrosa.

Minha mãe me perguntou:

– Meu filho, você vai para onde? – olha que pergunta embaraçosa.

– Mamãe – respondi – nós vamos para Recife, para treinarmos no campo de instrução.

– Meu filho, não engane a sua mãe!

Deu um nó na garganta.

– Mãe, é para Recife, a gente vai para o exercício, depois a gente volta!

E eu, sabendo que estava mentindo, que ia para a guerra, não podia dizer, mataria minha mãe...

De carro fomos ao gabinete do Ministro, 9º andar, sendo recebidos pelo Coronel José Bina Machado que nos levou ao General Eurico Gaspar Dutra, baixinho, cabeça redonda, cabelo prateado.

– Sr. Ministro, aqui os três capelães que vão acompanhar os nossos soldados na FEB.

– Que Deus os abençoe! – disse o Ministro e apertou a mão de cada um.

No cais do porto, no armazém dez, aquele monstro de cor cinza, marinheiros americanos, fuzileiro naval... Alguém disse: "Quando chegarem no meio da escada olhem para a popa, está a Bandeira americana: façam continência."

Quando embarcamos, fui designado para atender as Unidades que estavam no navio: II Grupo de Obuses; 6º Regimento de Infantaria; Pelotão de Reconhecimento (do Tenente Bellarmino Jayme Ribeiro Mendonça); Pelotão de Manutenção (do Tenente Confucio Danton de Paula Avelino), Pelotão de Saúde e o Pelotão de Sepultamento (do Tenente Nilo Manso).

Seguimos sem posto hierárquico porque quando se organizou o Serviço Religioso para a FEB alguns oficiais achavam que não devíamos ter postos: pertencíamos ao Estado-Maior da Unidade, ganhávamos como 1º tenente, mas sem posto. Já na Itália, os 26 capelães – sendo dois protestantes: o Juvenal Ernesto da Silva, metodista, e o João Soren, batista – tivemos uma reunião com o Capelão-chefe do V Exército, Coronel Ryan, católico, padre; ele demonstrou sua admiração, a mesma reação do Capelão do IV Corpo – nascido em Juiz de Fora, falava bem o português e se chamava Madox – porque não tínhamos postos: "Até os alemães têm posto, o canadense, o indiano, o inglês, o americano, menos os brasileiros!" E, completando, virou-se para o Padre Pheeney, nosso Capelão-chefe, e disse: "À hora do almoço vou falar com o General Mascarenhas para dar postos aos senhores."

E recebemos! O chefe, tenente-coronel; o adjunto, major - um alagoano, Frei Gil Maria; capelães de Batalhão, como o Cavalcanti, o Frei Orlando, capitão; capelães de Grupo, 1º tenente. Eu pertenci ao II Grupo de Obuses ou Grupo Da Camino, como ficou conhecido, porque o nosso Comandante se chamava Geraldo Da Camino, um gaúcho de Caxias do Sul.

No alojamento dos capelães, no navio transporte, estavam o Capitão Sylvio de Mello Caú – comandou a polícia em Pernambuco – o Capitão Heleno Soares Castellar, o Tenente Bellarmino, o Capitão Celso de Azevedo Daltro Santos e o Capitão John, americano, de Comunicações, que passava o dia de cuecas, sapato e meia, lendo livro de bolso; eu era "derrancho"[1] do Major Malvino Reis Netto, que foi Secretário de Segurança em Pernambuco.

À meia-noite chegou o Doutor Getúlio Vargas com o General Dutra para se despedir da FEB; o General Mascarenhas e o General Zenóbio foram receber o

[1] Vocábulo castrense tradicional que define o companheiro de barraca nos acampamentos.

Presidente – ele costumava colocar as mãos para trás – e o comandante do navio foi mostrar-lhe o primeiro andar. Quando entramos numa sala grande, onde estavam uns pães de forma – eu estava exatamente atrás do Doutor Getúlio – o Coronel Bina disse:

– Presidente, aqui estão os três capelães que vão acompanhar a nossa FEB.

Ele se virou, deu de cara comigo e perguntou:

– Capelão, qual é a arma que o senhor leva para a guerra?

Puxei do bolso o meu terço.

– Muito bem! – respondeu.

No navio, muito rigor, colete salva-vida... Foram 14 dias de viagem. Chegamos a Nápoles – ninguém tinha idéia sobre o nosso destino, a não ser o comandante do navio e o General Mascarenhas; nem o General Zenóbio sabia – no dia 16 de julho de 1944, às nove horas da manhã; à medida que se ia chegando ao cais, vi a imagem da guerra em toda a sua crueza: uma estátua eqüestre de bronze do Rei Vitor Emanuel estava no chão; os navios só com os mastros fora d'água e uma porção de *blimps*, balões cativos para proteção aérea, porque o alemão para bombardear não custava.

À uma hora da tarde desembarcamos com o saco "A" nas costas. Esse saco acompanhava o homem para onde quer que ele fosse, levava o necessário, enquanto o saco "B" ficava na retaguarda, longe da guerra. O "soldadinho levado da breca" apelidou os que estavam na frente, infante, artilheiro, engenheiro etc de "saco A"; quem ficava no Banco do Brasil, no Serviço de Correio, Depósito etc era "saco B". O pessoal não gostava. Era pejorativo.

Marchamos uns dois quilômetros por Nápoles, era um dia de domingo, os italianos – era tragicômico – diziam: "Os alemães! Os alemães!" O nosso uniforme era tal e qual o do alemão, na cor, um verde-oliva escuro, a bota Natal – botinha usada pelos aviadores, em Natal, RN, na base aérea americana. Os italianos pensavam que éramos prisioneiros.

Uma mulher dizia: *Poverini!* – pobrezinho.

De trem fomos para Bagnoli. Não havia alguma barraca armada, e o General Zenóbio ficou indignado com o americano. Montadas as mesmas, um calor medonho; à noite um avião alemão veio sobrevoar o nosso acampamento e assistimos a um espetáculo pirotécnico belíssimo: as baterias antiaéreas inglesas atirando balas traçantes e os projetores enquadrando o alemão!

O meu batismo de fogo foi assim: Uma manhã, dez horas, o meu Comandante de Bateria, Capitão Paulo Teixeira da Silva, aproximou-se de mim e disse:

– Alberto, depois do almoço nós vamos visitar a Bateria do Almir – 2ª Bateria, do Capitão Almir Velloso Soeiro, baiano.

– Por que, Paulo? – perguntei, curioso.

– Porque a Bateria está sendo batida diariamente pelos alemães da Linha Gótica[2], em Barga – nós estávamos nessa cidade.

Depois do almoço, peguei o capacete – está comigo, de relíquia –, coloquei na cabeça, também o Tenente Alexandre Espíndola Franco, entramos numa viatura ¾t e fomos pela estrada. No meio do caminho uns soldados pedindo carona ao Capitão; Paulo parou a viatura, o sargento se apresentou, pertencia ao 6º RI. Eu, que não era nem tenente, um "pica-fumo"[3], fiquei lá atrás – Espíndola era 1º Tenente – enquanto o Capitão era o motorista. Entraram os soldados do 6º e eu comecei a conversar, eles já tarimbados na guerra, o 6º RI, bravo – sem desmerecer o Sampaio e o 11º RI, que se agigantaram – foi o precursor, como se diz, o "boi-de-piranha" que vai na frente para se sacrificar. Então, eles distinguiam o tiro do canhão alemão do tiro americano. Lá para as tantas, o meio da estrada cheio de vidro e estilhaços, o Capitão perguntou:

– O que foi isso aí?

O sargento que ia ao lado do Capitão, segurando no pneu sobressalente, respondeu:

– Capitão, foram os alemães ontem à noite; bombardearam o PC do 6º – onde estava o Capelão Joaquim de Jesus Dourado, cearense, escritor, ele era Capelão de Fortaleza.

Seguimos. Chegamos perto de uma ponte para ir à Bateria do Almir, era estreita – o soldado brasileiro botou o nome de "ponte do Diabo", porque o alemão bombardeava aquela ponte diariamente –; os ingleses já estavam construindo uma outra com botes de borracha ao lado da "ponte do Diabo", de cimento armado, já prevenindo.

Quando o Paulo chegou à cabeceira da ponte vinha um jipe; só passava uma viatura. Após, um policial militar, com um lenço vermelho no pescoço, disse:

– Capitão, pode seguir!

Nisso vinha um caminhão de 2,5t.

– A gente não sai daqui hoje, não é? – perguntou, algo contrariado, o Capitão.

– Capitão, só pode passar um!

Daqui a pouco o caminhão passa, desce a rampa, Paulo liga o motor... Um jipe!

O capitão ficou aborrecido – e o alemão está lá na Linha Gótica vendo tudo, naquele paredão – passa o jipe.

---

[2] Extensa linha de fortificações construída pelos alemães, sobre as montanhas, para conter o avanço das tropas aliadas no Teatro de Operações da Itália.

[3] Nome popular dado ao oficial subalterno, geralmente Aspirante ou 2º Tenente.

– Nós não vamos sair daqui hoje, não? – Exclama o Capitão Almir Jansen, de Cavalaria, que foi no 1º escalão e tinha chegado ao local; era do QG do General Mascarenhas.

Quando o jipe passou, o Capitão ligou o motor e eu nunca me esqueço do que o sargento disse: "Capitão! É eles!" Aquele erro gramatical nunca mais me saiu dos ouvidos. Alguém gritou: "Desce todo mundo!"

Descemos correndo, eu não sabia para onde ir, seguia atrás dos outros. Como era recruta, fiz do Espíndola o meu anjo da guarda, colava nele. "Deita todo mundo": deitou o Capitão, Espíndola, eu, o Tenente do 6º RI, o sargento, os soldados, deitamo-nos todos no campo enorme, recentemente com o trigo segado.

Aí veio a granada, assobiando, eu estava deitado ali, não sabia de nada, não tinha tido instrução, perguntei ao Tenente:

– Espíndola, por que a gente se deita?

Ele era o meu anjo da guarda, deu-me uma aula.

– Eu vou repetir: deita porque quando a granada cai, arrebenta, o estilhaço sai em leque, mata, deixa a gente aleijado!

– E como é que a gente sabe que ela está chegando?

– É um assobio. Quando ela está chegando perto, o assobio vai morrendo.

Em fração de segundos ela arrebentou, 30m à retaguarda, fez areia para tudo que era canto. O Capitão Paulo disse: "Levanta e corre! Outra corrida, outro lance, outra parada, eu ao lado do Espíndola, que era o meu anjo da guarda:

– Espíndola, quer dizer que deita, é? E por que a gente se deita?

– Para evitar que os estilhaços nos matem, nos cortem, nos aleijem!

– E se ela cair nas costas?

– Azar!

Nunca me esqueço! Os alemães a dar o segundo tiro, eu na expectativa de morrer e quem disser que não tem medo de morrer, soldado, ex-combatente, até general, quem disser que não tem medo da morte está mentindo ou está doido, porque medo a gente tem.

Eu nem diria bem medo, diria saudades da vida, sabe por quê? Porque quando o alemão da Linha Gótica deu o segundo tiro a primeira imagem que se apresentou diante de mim foi a da minha mãe e eu pedi para não morrer.

"Se eu morrer a minha mãe morre!"

Eu queria chegar, como cheguei, abraçá-la, fiquei rezando, vi toda a minha vida passar num átimo de tempo. Desde criança no grupo Diegues Júnior, a Dona Chiquinha vendendo farinha de milho, amendoim torrado e tapioquinha de leite, a quitanda do Seu Domingos, ele vendendo coco "quitara", Colégio Diocesano, seminário, vi tudo na hora, passa numa fração de segundo.

Dizem que quando a pessoa está perto da morte ela tem uma visão global de toda a vida. Eu tive!

Quando o segundo tiro arrebentou eu desejei um buraco para me enterrar, a areia me cobrindo para não me pegarem, desejei tudo para poder escapar da morte. Atiraram, a granada arrebentou mais longe de nós; “corre” – gritaram – e eu vi uma casa de pedra, abandonada, tendo uma árvore na frente. Os soldados ficaram de fora e eu, paisano, meti o coturno na janela de tábua de caixote e deparei-me com um salão onde o italiano guardava o gado durante o inverno. Preparava-me para entrar, com a perna direita na janela, quando a turma toda, numa só voz, gritou: “Saia daí, Capelão! É alvo!”

Eu não sabia, veja só, paisano... O Capitão fala assim:

– Alberto, você quer morrer, então fica aí dentro!

– Por quê?

– Porque uma casa é um alvo!

Fiquei do lado de fora com a turma.

Foi quando eu vi passar dois aviões *Spitfire* – “cospe fogo” – da Real Força Aérea inglesa, monomotores, debaixo das asas um círculo vermelho, branco e azul, as cores da bandeira inglesa: passaram por nós como um raio e foram lá para a Linha Gótica silenciar os alemães. Eles se calaram diante de um poder mais alto que se alevantava.

Cessado os tiros, entramos na viatura, eu com medo, no meio da ponte. Se os alemães atirassem eu morreria afogado...

Mas passamos, chegamos à Bateria, o Capitão estava muito preocupado, os soldados com o moral abatido porque quando eles iam para o rancho o alemão atirava: tinha que ir um de cada vez. O Capitão reuniu a Bateria e pediu que eu falasse para os soldados. Dei uma injeção de ânimo neles. Graças a Deus tudo resolvido, voltamos.

Eu não estava presente no momento da ação heróica. Atos de heroísmo foram tantos por parte do nosso soldado, que é o herói, que é um indômito; só o fato desses rapazes, desses soldados, muitos deles vindos do Norte, lá da Amazônia, um calor medonho, do Nordeste, da caatinga nordestina, esses homens suportarem um frio – eu suportei 26 graus abaixo de zero – carregando a carabina automática ou a metralhadora, o cantil, o *combat-boot*, a galocha, o casaco para o frio, escalar montanhas, as mãos ficam enregeladas. Para mim esses eram atos heróicos, isso é heroísmo.

De heroísmos, eu trouxe destaques.

Capitão Ernani Ayrosa da Silva; Capitão Atratino Côrtes Coutinho, Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 6º RI; o Tenente José Maria Pinto Duarte; o Tenente Appollo Miguel Rezk fez a guerra no Sampaio, que eu casei no Rio, quando ele servia no Batalhão de Guardas; Aspirante Francisco

Mega, o grande Mega, ninguém o igualou, podem ter chegado perto dele mas igual, a meu ver, ninguém.

Mega, Aspirante Helio Amorim Gonçalves, Aspirante Theodoro Guerra de Oliveira, esses foram colegas de turma na Escola Militar do Realengo; os três, quando terminaram o curso em 1944, apresentaram-se voluntariamente à FEB.

Um detalhe: o Mega pagou do próprio bolso parte dos seus uniformes, tal era a vontade de ir! Comandava o 3º Pelotão da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º RI, Sampaio; Comandante do Batalhão, o grande Major Syzeno Sarmento, que foi o meu comandante lá em Suez. Ele recebeu a missão de dar apoio a um Batalhão do 11º RI. No meio do caminho, ele com o "pelotãozinho" dele, os alemães mandaram tiro, metralhadora, granada, tudo. Alguns soldados se deitaram, uns dois feridos, inclusive o Mega, mas eles não notaram, o Mega ficou atrás, levantaram-se e foram embora.

Mas um deu por falta do Aspirante, voltaram, ele estava caído: uma granada arrebentou todo o tórax. Esvaindo-se em sangue ainda chamou o sargento e deu-lhe a missão - para ele cumprir a missão que ele, Mega, iria cumprir. A carta dele estava empapada de sangue, pede a do sargento e mostra o objetivo a ser atingido. Feito isso ele se desfaz dos seus haveres e os dá para alguns soldados. O ordenança começou a chorar e ele se irritou: "Não chore! Quando eu vim para aqui sabia que isso poderia acontecer." Ato contínuo, tirou do dedo um anel com o retrato da senhora mãe dele, já falecida – ele morava com o pai, na Rua Barão de Mesquita – chamou o sargento e disse: "Entregue esse anel para o meu pai."

Sabia que ia morrer. Puxou do bolso o terço, começou a rezar com o seu Pelotão e foi rezando que o Mega morreu!

Foi agraciado com a Medalha Cruz de Combate 1ª Classe, Medalha de Sangue do Brasil e o elogio do comando da DIE, General Mascarenhas, à bravura do Aspirante Mega, que chegou até a pagar do seu bolso parte dos seus uniformes, tal sua vontade de ir para a guerra defender a Pátria.

Essa é a história do Mega.

Entre os nomes que eu destaquei faço ainda uma referência especial ao Capitão Atratino, moreno, carioca...

O Atratino era Comandante da CPP1. O subalterno dele era o Tenente José Maria Pinto Duarte; se não me falha a memória o Clube Militar do Rio de Janeiro tem um salão Tenente Pinto Duarte. Esse tenente, o Capitão Atratino e mais outros oficiais avançavam em direção a uma posição inimiga lá em Barga, perto da Linha Gótica.

Em uma casa, eles entraram e no que entraram, os alemães mandaram os "presentes", granadas, canhão, tudo. Alguns saíram pelos fundos da casa, menos o Tenente José Maria Pinto Duarte: estava ferido na perna e se esvaindo em sangue. O

Capitão Atratino fez ainda um garrote com o cinto, pegaram o Pinto Duarte, botaram num monte de feno, já estava escurecendo e eles não podiam carregá-lo, ele era um atleta, forte, espadaúdo, deixaram-no lá, com a promessa: "Nós viremos buscá-lo, não sai daí!"

Saíram, a noite cai, o Capitão Atratino não se conformava em ter deixado o seu subalterno lá atrás, sozinho: voltou enfrentando as batidas alemães, procura aqui, procura acolá, o José Pinto Duarte tinha saído do lugar onde estava, foi se deslocando e ele não o achou. Voltou frustrado; é como o pastor, uma ovelha se desgarra, uma ovelha ferida, ele quer trazê-la nos seus ombros, para cuidar dela. Guardadas as proporções, era Atratino com Pinto Duarte.

Não o encontraram, a guerra continua... Vem o inverno rigoroso... O Atratino já estava mais longe daquele ponto, mas não se conformava. Voltou com um soldado da Companhia dele para procurar o Pinto Duarte, encontraram-no debaixo da neve, trouxeram-no para dar sepultura a ele.

Acho esse gesto como o de um pai. Eu sempre digo, o Comandante de Subunidade, da Companhia, da Bateria, do Esquadrão, deve ser um pai do soldado, um irmão mais velho que se interessa, que se desvela, que se desdobra, que se sacrifica pelos seus homens. Esse é um exemplo de chefe e ele o deu por amor ao seu subordinado.

Direcionando em nível superior, em nível de comando, eu vou transmitir o que me foi contado por um vice-chefe meu, do Departamento Geral de Pessoal (DGP). Ele era Tenente da Companhia de Canhões Anticarro do Regimento Sampaio. Chegou a Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), General Paulo Campos Paiva, lá de Niterói, de Infantaria. Ele me contou o seguinte: Estava em posição, quando chega o General Mascarenhas de Moraes com o Coronel Caiado de Castro, Comandante do 1º RI. Acompanhavam o Comandante da FEB seus ajudantes-de-ordens: o Capitão Paulo Ferreira Pará, genro do General, e o Capitão José Maria Romaguera. Naquela ocasião, o General foi visitar a frente, nas barbas do alemão, e perguntou ao Tenente Paiva:

– Onde está o inimigo, Tenente?

– Está ali, logo adiante.

– Onde? Eu quero ir mais adiante.

O Coronel Caiado interveio:

– General, não convém, é arriscado.

– Mas eu vou! – e foi, acompanhado pelo Tenente Paiva.

O General visitava o homem lá na frente, era um pai no sentido mais lídimo da palavra, um pai, interessava–se pelos seus homens, não olhava o perigo; não era temerário mas não tinha medo do perigo quando a sua presença se fazia

necessária para dar ânimo. O chefe dando o exemplo, o subordinado faz o que ele quer: "vai ali" e ele vai...

As palavras voam, desaparecem, mas os exemplos ficam e foi isso o que o General Mascarenhas nos deu: o exemplo de renúncia, de abnegação, de sacrifício, de coragem. Era um homem que se mortificava o tempo todo, lá em Porreta Terme; o QG dele era num hotel, o pessoal aproveitava a carona e, ele deixava, tomava banho com água sulfurosa. Eu tomei banho; a gente vinha do *front*, com uma roupinha limpa.

Onde é que ele dormia?

No carro dele, aquele reboque ali encostado no paredão atrás do hotel, era o QG, ali ele morava, mesmo dispondo de aposentos confortáveis, dormia no reboque.

Liderança?

Ele dava o exemplo! Numa das minhas idas àquele hotel de Porreta Terme, para tomar aquele banho gostoso, cheirando a enxofre – a gente saía com a pele lisa, corado – quando termino o banho e boto no bornal a roupa usada, encontro, no corredor, o General Mascarenhas, trajando roupa de lã – era inverno – um gorro de lã, fiz a continência...

A Revista do Exército Brasileiro iria publicar um número especial, para comemorar o centenário do General. O Celso de Azevedo Daltro Santos, já na reserva, muito amigo dele, com quem serviu no QG, pediu a alguns companheiros um artigo sobre o estimado chefe e eu tive a honra de ser um dos escolhidos.

Eu o conheci em frente ao Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), em Maceió, em 1942; ele comandava a 7ª Região Militar e foi a Maceió fazer inspeção nas Unidades da Guarnição Federal: havia em Maceió o 20º BC, o 22º BC, o II/4º RAM, o NPOR e a Enfermaria Regimental. Eu, que ia pelo corredor, parei para fazer a continência e ele disse:

– Como vai, Capelão?

– Bem, obrigado, General e o senhor?

– Eu vou bem – respondeu e, a seguir, me chamou:

– Capelão, venha cá!

Entrei, era uma sala grande, gabinete, ele fechou a porta. Eu era 1º Tenente, 28 anos, e ele com aqueles bordados de General de três estrelas... Naquele tempo era uma coisa rara, um general parecia um deus – hoje é general a toda hora – fiquei deste tamanhinho. Não foi confissão sacramental, senão eu não diria, foi um desabafo de um chefe a um padre, embora com a minha pouca idade, que mais me emocionou e me honrou: "Eu não estou vendo no senhor o tenente, estou vendo no senhor o padre e é como padre que eu vou conversar com o senhor". Contou o que ele vinha sofrendo.

Todo chefe é vítima de incompreensões!

A respeito desse assunto, houve confusão, quando o General Floriano de Lima Brayner publicou o seu livro *A Verdade sobre a FEB*. Eu gostava do General Brayner, era meu amigo, artilheiro; mas o General Brayner era amicíssimo do General Zenóbio; o Zenóbio para ele era tudo. No livro há assim um pouquinho de desamor pelo General Mascarenhas e de loas ao General Zenóbio, tanto que iam lançar um protesto assinado por vários oficiais lá do I Exército; o Syzeno comandava o I Exército. Perguntaram-me se eu não ia assinar este protesto. Embora amigo do General Brayner, eu era da Divisão do General Mascarenhas, ele era o meu comandante, meu chefe...

Então, ele – o General Mascarenhas – sofria com isso, essas incompreensões, o primeiro fracasso, o primeiro ataque a Monte Castelo em novembro de 1944, o segundo fracasso, as críticas...

Mas ele não era o Comandante do V Exército!

O Comandante do V Exército era o General Mark Clark; o Comandante do IV Corpo de Exército, ao qual ele estava subordinado, era o General Crittenberger; ele ali era independente, é claro, mas seguia as normas, não queriam compreender isso, meu Deus do céu...

Ele sofria e se isolava e então desabafou comigo. Pensei: "O que é que eu vou dizer, Senhor – eu me sentia deste tamanhinho diante daquela figura – mas eu sou padre, se ele confiou em mim, desabafando-se comigo, eu tenho que dizer algo em troca."

– Capelão, eu sou católico, vou à missa aos domingos com a minha esposa, a dona Adda e comungo...

– General, eu estou falando a um católico. O senhor conhece aquela passagem do Evangelho, o Oficial de Cafarnaum; Nosso Senhor disse: "Eu nunca vi tanta fé como naquele homem." Então o Oficial disse: "Senhor, eu não sou digno de que entreis na minha casa, basta que digais uma palavra." O senhor é para mim aquele Oficial de Cafarnaum. Com a sua fé o senhor está vencendo as suas dificuldades, agradeça a Deus por essa fé, General!

Publiquei isso naquela Revista. Para mim ele foi um herói, herói sem atirar, porque deu o exemplo, exemplo em tudo, em carinho, interesse, abnegação, sacrifício, tudo ele deu!

Sobre o Orlando – Frei Orlando – ele foi no 2º escalão, era do Batalhão Ramagem, II Batalhão do 11º RI, sob o comando do Major Orlando Gomes Ramagem. Era um tipo alegre, fumava cachimbo e tinha uma gaitinha de boca, ia lá para a frente, perto dos *fox hole*, ficar junto do soldado. O combatente treinado para a guerra, vendo o capelão ao lado dele, tocando gaitinha para animá-lo, pensava: "Se esse

homem está aqui e não tem nada com a história, do que eu vou ter medo?" Ele era patriota, amava a Igreja, era um homem fora do comum. Não pertencia a este mundo. Era um franciscano, mineiro de São João Del Rey. Orlando via longe.

Morreu no dia 20 de fevereiro de 1945, com trinta e dois anos. Monte Castelo caiu a 21. Nesse dia 20 ele visitara todas as Companhias que já estavam em posição para o ataque no dia seguinte. Faltava a 5ª. Não admitia a possibilidade de deixar de ir. Dizia: "Não podem entrar em combate sem a minha palavra, tenho que lhes dar ânimo."

Foi ao Major Ramagem pedir uma viatura.

– Eu preciso de uma viatura para me levar perto de Abetaia.

– Capelão, as viaturas estão empenhadas. Não tenho viatura para lhe dar.

Orlando pega o bornal, bota os Santos Óleos, a estola branca e roxa – roxa quando confessava e branca para celebrar – e vai a pé pela estrada. Passa um jipe com o Capitão Ruas Santos, que lhe oferece uma carona. Orlando entrou atrás onde estava um italiano, *partigiani*, da resistência. Lá adiante o jipe empaca numa pedra, salta todo mundo e estupidamente o italiano tenta removê-la com a coronha da arma. A mesma percute a bala que foi no coração do Orlando.

– Minha Nossa Senhora, estou ferido! Foram suas primeiras palavras.

O italiano entrou a chorar, quase enlouqueceu, o Ruas e o motorista puseram o Orlando na beira da estrada na esperança de levarem-no a um hospital. Orlando bota a mão no bolso do casaco, tira o terço e morre rezando, como o Mega. Esse era o Orlando.

Os capelães militares eram reunidos pelo Capelão-chefe, Padre Pheeney, para uma revisão, troca de experiências, seguidas de uma missa e um almoço na casa do vigário. A gente levava macarrão, açúcar, manteiga e o vigário entrava com a casa e o vinho. No último encontro eu fiquei ao lado do Orlando e na nossa frente o Pastor Juvenal, metodista, muito ligado a nós; na cabeceira da mesa o Capelão-chefe. Orlando contava a história do dentista do Batalhão dele que era um pouco desbocado, contava anedotas ruins. Juvenal, gordo, ouvia atento. Orlando falava alto: "Um dia eu acabo com essa história!" E, continuou contando: "Até que um dia eu não agüentei e quando o tenente veio com anedotas imorais eu dei um soco na mesa..." e imitou!

Foi um soco tão forte que tudo quanto foi copo de vinho foi por água abaixo. O Capelão Juvenal saiu para não se molhar, todo mundo riu...

Terminada a história e o almoço só quem tinha viatura era o Capelão-chefe e Orlando disse:

– Alberto, eu quero ir embora mas não tenho carro.

– Peça ao Pheeney o jipe dele, que eu dirijo.

O Pheeney tinha um certo respeito pelo Orlando.

– Padre Pheeney! O senhor podia emprestar o jipe para me levar até Gaggio Montano?

– Quem vai dirigindo? Alberto, você sabe dirigir?

Fomos. No caminho ficamos conversando sobre a capelania, a nossa juventude, o ambiente em que nós estávamos, bem diferente do nosso ambiente de seminário. Chegamos perto da ponte de Silla, muito perigosa porque era batida diariamente pelo alemão para cortar a ligação da retaguarda com a frente. Ela era vital, sobretudo para nós, onde estava o meu PC. De tanto ser batida, havia uma ordem do V Exército: passar a toda, correr mesmo.

Os ingleses estavam preparando uma cortina de fumaça, não matava mas incomodava. Quando chegamos à cabeceira da ponte eu não via mais a minha mão. Disse ao Orlando: "Orlando, reze para que a gente não caia no rio! Não enxergo nem as minhas mãos." Fui dirigindo mais pelo tino e quando saímos daquela fumaceira demos "Graças a Deus!"

Na frente do PC do II Batalhão do 11º RI, Batalhão Ramagem, perguntei:

– Orlando, onde é o teu PC?

– Aquela casa ali.

Era uma casa de pedra, eu parei, lembro-me bem, quis dar uma de americano:

– *Good luck for you!*

– *Thank you very much!*

Foram as últimas palavras que ouvi dele. Apertou minha mão... Foi a última vez!

Quinze dias depois chegou a notícia que morrera um capelão. Ninguém sabia dizer o nome. Às duas da tarde pára na porta da minha Bateria, em C. Gadelle, o Capelão do 9º BE, Nilo Kollet, meu colega de turma em São Leopoldo, gaúcho.

– Nilo, quem foi que morreu?

– O Orlando!

Foi um choque.

– Queres ir ver o corpo?

Falei com o Capitão Paulo Teixeira da Silva e fui com o Nilo, de jipe. No Posto de Coleta de mortos paramos, cadáveres no chão cobertos com uma manta americana; o sargento veio nos atender.

– O corpo do Capelão Frei Orlando está aqui?

– Até agora não chegou – levantou as mantas, um era alemão da SS[4], tinha uma caveira na gola, dois eram brasileiros.

---

[4] Abreviatura da expressão alemã "*Schutzstaffel*". Correspondia a um tipo de combatente germânico arrogante, nazista, fanatizado.

Saímos em direção ao local onde Frei Orlando fora velado; ali estava um Pelotão do 9º BE. Veio um tenente e disse:

– Capelão, o corpo de Frei Orlando já foi para Pistóia.

Entramos na igreja grande, só a "luzinha" do Santíssimo acesa, rezamos, a noite já caindo. Fomos embora. Entramos no jipe, daí a pouco o *very light* clareou tudo.

– Corre, rapaz!

O motorista botou o pé no acelerador, o alemão jogou outro *very light*, desceu-se uma ribanceira, não sei como o jipe não capotou!

O Orlando foi nomeado Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.

Terminada a guerra, em 8 de maio de 1945, nunca me saem da memória as cenas que eu vi, os americanos passavam por nós no jipe, jogando bonezinho de lã para cima, vivas, os sinos das capelinhas repicando, a guerra terminou! Disse a mim mesmo: agora eu vou voltar vivo para a minha terra, para perto da minha mãe!

O meu Grupo ficou em Estradela, uma cidade até bonita, grande; o 6º RI ficou perto, em Alessandria, Norte da Itália; outros, mais adiante. Cada cidade tinha um governador e o de Estradela era o meu comandante, que já não era mais o Da Camino, nem o Segadas, do 6º RI, porque no meio do caminho – é outra história que eu não posso contar aqui – foram trocados os comandantes. Vieram para o Brasil o Geraldo Da Camino e o João de Segadas Vianna, do 6º RI; assumiu o Regimento o Nelson de Mello e o meu Grupo, o Coronel Emílio Maurel Filho. Ele, então, foi nomeado, pelo General Mascarenhas de Moraes, governador da cidade de Estradela.

Enquanto isso, houve várias "tochas", antes de embarcar para o Brasil. "Tocha" era sair para visitar Paris sem avisar a ninguém. Eu fui ao Lago de Como, com autorização do meu comandante, acompanhado do Tenente Carlos Coloneze, da 2ª Bateria; túnica, gravata, almoçamos num bom restaurante. Houve, então, um interregno entre o término e o regresso, uma espécie de repouso do guerreiro; e como repousaram...

De Estradela, longe de Nápoles, dirigimo-nos para Francolise. Foi um andar de jipe, de caminhão, passamos por Bologna, Costa Azurra italiana, bonita, castelos, paisagens lindas, mas as costas doendo de tanto andar em viaturas incômodas, até que chegamos a Francolise; acampamento com muita areia, muito pó. Decorridos dez dias, em 6 de julho de 1945, embarcamos no navio *General Meighs*, da mesma linha do *General Mann*, que nos levou para a Itália, e iniciamos a viagem de volta ao Brasil.

Acho que até queriam nos desmobilizar "ontem"!

Por que fomos à Itália? Com o objetivo de derrubar uma ditadura.

Por que desmobilizar a FEB tão rapidamente?

Combatemos uma ditadura e, quando voltamos, estávamos numa ditadura, a do Getúlio. Eu admirava o Getúlio porque o Serviço Religioso das Forças Armadas deve-se a duas pessoas: Dom Jaime de Barros Câmara e Dr. Getúlio Dornelles Vargas.

Cada um se perguntava: se eu estou numa ditadura, se a minha terra é uma ditadura, por que eu vou lutar contra a ditadura?

Chego à minha terra, estou sem liberdade de falar, porque havia o DIP, havia a PE e por aí afora... Então, mais do que depressa, o Governo brasileiro desmobilizou a FEB!

Nós estávamos na Vila Militar, num aquartelamento, foi às carreiras, soldado assinando, recebendo a carteirinha, com medo...

O que é que eu fui fazer lá? O nosso chefe desmobilizou a FEB rapidamente, em minutos espalhou gente em tudo que era canto do Brasil: os Mamede, Syzeno, os Serpa, os Segadas Vianna, cada um tomou um destino, é o que dizem.

Na desmobilização fiquei no Rio. O General Dutra, Ministro, queria saber o que pensavam os chefes militares do Serviço Religioso, se fora frutuoso na Campanha da Itália. Todos os chefes: Caiado de Castro, Nelson de Mello, Emílio Maurel Filho, comandantes daquelas Unidades, o Levy Cardoso, do I Grupo, todos disseram que prestamos um grande serviço e que deveríamos continuar.

Cabe observar que o Serviço Religioso sempre existiu no Brasil, no Exército: na Guerra do Paraguai havia um Corpo de Capelães. O Duque de Caxias, nosso patrono, tinha um capelão, um capuchinho: Caxias acampava, o capelão estava do lado dele. Com o advento da República, 15 de novembro de 1889, reinava o positivismo de Augusto Comte: na própria Escola Militar o ambiente era positivista, me contou o General Juarez Távora. E Benjamim Constant era a figura de proa do positivismo. Então, foi extinto o Serviço Religioso com o advento da República.

Em 1944, no dia 24 de maio, dia da nossa Infantaria, na Avenida Rio Branco houve o primeiro desfile da FEB sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, assistido pelo Presidente Getúlio Vargas, o Almirante Aristides Guilhem, Ministro da Marinha, o General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra e Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica – recém-criado, era o único paisano ministro. Dom Jaime de Barros Câmara – cardeal ele foi depois da guerra, nomeado pelo Papa Pio XII e foi buscar o chapéu cardinalício em 1945 – estava ao lado do Dr. Getúlio Vargas. O desfile mereceu emocionantes e entusiásticas palmas da população carioca.

Quando terminou o desfile, os cerra-filas eram as enfermeiras. Passou a última enfermeira, Getúlio – isso o Cardeal me contou porque eu fui Capelão-chefe e Vigário Geral das Forças Armadas; ele me queria como a um filho e eu o queria como a um pai – se volta para ele e diz:

– Gostou do desfile, senhor Arcebispo?

– Gostei, Sr. Presidente, mas faltou alguém ali.

– Quem? – indagou o Presidente.

– O Capelão Militar!

Getúlio imediatamente disse: "Amanhã, Sr. Arcebispo, sairá um decreto criando o Serviço Religioso.

O desfile foi no dia 24 de maio e a 26 saiu um decreto no Diário Oficial criando o SAR – Serviço de Assistência Religiosa.

Major José Maria da Costa Menezes*

Natural da cidade de Recife, Pernambuco, onde sentou praça na 2ª Companhia de Guardas, em 1942. Em 1944, incorporou-se voluntariamente à Força Expedicionária Brasileira, sendo transferido para o 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio, com parada no Rio de Janeiro. Tomou parte em dois ataques ao Monte Castelo, nos dias 12 de dezembro de 1944 e 21 de fevereiro de 1945, sendo o primeiro brasileiro a atingir o cume da elevação. Regressando ao Brasil, matriculou-se na Escola de Motomecanização do Exército em 1947 e em 1966, ao ser promovido a Major, passou para a reserva. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Presidente da Seção Regional da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, em Recife.

---

* Comandante de Grupo de Combate da 7ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 23 de maio de 2000.

Narro a experiência vivida por um jovem de dezenove anos, Terceiro-Sargento Comandante de Grupo de combate[1], integrante da 7ª Companhia de Fuzileiros do Regimento Sampaio, que enfrentava o rigor de uma missão decisiva para o êxito da nossa expedição.

E o faço sem o cuidado técnico de um especialista e sem a erudição de um historiador: faço um relato sucinto dedicado especialmente aos jovens que neste momento exercem suas funções na caserna.

A tomada de Monte Castelo já foi muitas vezes analisada e infinitamente mais bem descrita. Neste momento quem fala é o combatente, entre os muitos que lá estiveram mas que, igual a todos que viveram aquele episódio, fala sempre com emoção e profundo respeito pelos que deram a vida bravamente em favor da liberdade.

Castelo não era apenas mais um obstáculo que se contrapunha às necessidades e interesses das tropas aliadas na Itália. Era uma posição de defesa bastante fortificada com casamatas de concreto encravadas morro adentro que dispunham até de beliches e fogões; significava para os alemães o seu ponto de defesa mais importante, pois estrategicamente dominava toda uma região e praticamente fechava a porta de passagem em direção ao Norte e ao Vale do Pó. Sua perda representava o encurtamento da permanência alemã na Itália, com a inevitável expulsão de suas tropas do solo italiano; e eles sabiam disso.

Para o comando do V Exército americano, do qual éramos parte integrante, a conquista de Castelo representava menores dificuldades na consecução das futuras operações, cujo objetivo maior era a ocupação da região Norte do Vale do Pó, com o conseqüente aniquilamento das tropas alemãs.

Para a Força Expedicionária Brasileira, Castelo vinha-se convertendo num tabu e sua conquista se tornara uma questão de honra.

Em 24 de novembro de 1944 tropas brasileiras e americanas realizavam o primeiro ataque a Castelo sem obter êxito. No dia seguinte, após o reajustamento, a mesma tropa retorna ao ataque, novamente sem êxito.

Em 29 de novembro, sob o comando do General Zenóbio da Costa, tropas constituídas por elementos do 1º e do 11º Regimento de Infantaria (RI) – e o 6º RI como reserva –, apoiadas por tanques americanos, Artilharia Divisionária e elementos de Engenharia e Transmissões, realizavam novas investidas, após um dia de intenso combate em terreno encharcado e lamacento que nos dava pouca mobilidade, assim mesmo progredindo e ocupando objetivos intermediários.

---

[1] A menor fração de tropa da Infantaria, para emprego tático.

Com a chegada da noite – ia-se a meio caminho do objetivo principal – recebemos ordem de regressar ao ponto de partida e o fizemos com pesadas baixas, principalmente no Primeiro Batalhão do Sampaio.

Em 12 de dezembro, ainda sob o comando do General Zenóbio da Costa, realizou-se novo ataque e a tropa se constituiu de dois Batalhões do Sampaio, I e III, elementos do 11º RI como reserva, apoio da Artilharia Divisionária, do 9º Batalhão de Engenharia e da 1ª Companhia de Transmissões.

As condições do terreno continuavam desfavoráveis e agravadas por intensa neblina que tornava a progressão difícil e a regulação dos tiros de Artilharia praticamente impossível.

O início do ataque fora previsto para as seis horas, mas a Artilharia começa os seus tiros meia hora antes, quebrando o sigilo da operação.

Iniciado o ataque, passamos a enfrentar as dificuldades do terreno e o implacável bombardeio de Artilharia e morteiros; lenta e progressivamente, aproveitando as crateras das granadas como abrigo, começamos a atingir o sopé de Castelo.

Em face das dificuldades encontradas pela tropa da direita, o III Batalhão – especialmente a 7ª Companhia – passa a ser o alvo visado pelo fogo de metralhadoras vindo da nossa retaguarda.

Finalmente às 15h40min, após longas e exaustivas horas de combate intenso, recebemos ordens de regressar às bases de partida: o Regimento Sampaio contava agora com inúmeras baixas entre mortos, feridos e prisioneiros.

Embora sofrendo reveses, o espírito combativo do nosso "pracinha" não se deixava abater. Prova disso foi a atitude do 2º Tenente Manoel Genito do Carmo, oficial de meia idade, casado, comandante de um dos Pelotões da nossa Companhia. Atingido por uma rajada de metralhadora, a famosa "lurdinha", teve o seu uniforme dilacerado e o capacete de aço perfurado na altura da testa, cujo ferimento lhe perturbava a visão pelo sangue que lhe corria no rosto. Assim mesmo não abandonou a luta, permanecendo à frente de seus homens como se nada lhe houvesse acontecido, o que demonstra um alto senso de responsabilidade e fazendo com que todos nós, assistindo ao episódio, passássemos, quando em dificuldades, a tomar como exemplo o seu dignificante gesto de bravura.

No dia seguinte, 13 de dezembro, organizamos uma patrulha de voluntários para resgatar os nossos companheiros mortos, o que fizemos com relativo êxito.

Não nos cabe presumir responsáveis pelos insucessos ocorridos: eles devem ser creditados à realidade da guerra. Afinal lutávamos contra o exército mais bem preparado da época, cujo objetivo era o domínio mundial e que em Monte Castelo estava em vantagem, aferrado a uma elevação cuidadosamente fortificada e tenaz-

mente defendida, cuja tropa era constituída por um Regimento do *Afrika Korps*, Unidade de elite.

Este ataque de 12 de dezembro de 1944 foi a minha primeira experiência em Monte Castelo.

Durante o período de 15 de dezembro a 20 de fevereiro permanecemos em atividades defensivas, enfrentando um rigoroso inverno onde, não raras vezes, o termômetro marcava 18º negativos, ora em abrigos individuais cavados nos terrenos nevados e lamacentos, em missões de patrulhas de observação e manutenção do contato, e outras vezes em postos avançados na "terra de ninguém"[2] – só ocupados durante a noite e por toda a madrugada – e ainda nos postos de vigilância de nossas posições; eis as duras tarefas defensivas que tínhamos que exercer com o permanente cuidado de não congelar os pés e as mãos, o que significava estar sempre em movimento.

Finalmente em 20 de fevereiro de 1945 a Força Expedicionária Brasileira é distinguida com nova missão: atacar Monte Castelo!

Cabe ao Regimento Sampaio a honrosa missão e desta vez contaria com todo o seu efetivo; ficara acertado que tomaríamos posições nas bases de partida às 20h, nesse mesmo dia.

Dispositivo para o ataque: o I Batalhão pelo flanco esquerdo, o III Batalhão pela parte frontal e o II Batalhão pelo flanco direito.

À esquerda do I Batalhão lutava a 10ª Divisão de Montanha do Exército americano atacando os montes Belvedere e Della Torracia, que eram vizinhos a Castelo; essa tropa era constituída por soldados de avantajado porte físico, todos com mais de um metro e oitenta de altura, que faziam sua estréia.

Tínhamos como apoio a Artilharia Divisionária, o 9º Batalhão de Engenharia, os Órgãos de Transmissão e o 1º Grupo de Aviação de Caça.

Antes de começar o ataque previsto para as 6h30min do dia 21 de fevereiro de 1945, foram executadas diversas missões de patrulhas para manutenção do contato; na hora determinada deu-se início à ofensiva e a nossa Companhia partiu com toda a garra.

Transpondo terreno minado, vencendo tenaz e poderosa resistência, suportando intenso bombardeio de Artilharia e morteiro partido de Castelo e de elevações vizinhas, o Regimento Sampaio, embora lentamente, vai conquistando com pertinácia e ardor combativos os sucessivos obstáculos obstinadamente defendidos pelos alemães que, ante a nossa determinação, fugiram para a retaguarda e passaram a ser nossos prisioneiros.

---

[2] Faixa de terra entre a nossa posição e a do inimigo.

Aproximadamente às 17h30min, após 12 horas de exaustivo esforço e com o sacrifício de muitos companheiros que tombaram mortos e outros que, embora vivos, derramaram o seu precioso e generoso sangue, a Cota 977, cume do Monte Castelo, é alcançada pelo nosso Grupo de Combate que instantes depois confraternizava com elementos do I Batalhão.

Dominado o famoso reduto nazista, passamos a nos ocupar do sistema de defesa e limpeza do terreno, ou seja, a eliminação dos pequenos focos remanescentes.

Nessa operação de limpeza tivemos a oportunidade de aprisionar 23 alemães, inclusive dois oficiais médicos; tombava assim diante do glorioso Regimento Sampaio o portentoso baluarte nazista, responsável pelo maior índice de baixas da Força Expedicionária Brasileira.

A reação dos alemães não tardou e o nosso Regimento suportou implacável bombardeio, repelindo qualquer tentativa de retomada.

Castelo era nosso e eles sentiram a dureza e a determinação das nossas forças; o apoio da Artilharia foi dos mais eficientes e preciosos; o 1º Grupo de Aviação de Caça nos ajudou de forma decisiva, eliminando focos de resistência; o 9º Batalhão de Engenharia, em sua nobre missão de preparar a passarela para o infante, reconstruiu pontes e estradas sob o fogo inimigo, não poupando sacrifícios para nos apoiar; os Órgãos de Transmissões, sempre eficientes, proporcionaram-nos as comunicações tão essenciais nessas ocasiões.

A honrosa atuação do Regimento Sampaio encheu de orgulho o nosso povo, glorificou a nossa FEB e foi motivo de satisfação para o comando do V Exército americano que compreendia perfeitamente o significado estratégico do nosso feito.

Durante toda a campanha da Itália ficaram patentes a bravura, a coragem e a generosidade dos nossos “pracinhas”.

Por ocasião de um dos ataques a Monte Castelo, o soldado Francisco de Paula Moura Neto, aos gritos de “Vamos agarrar esses alemães”, estimulava os seus companheiros de luta quando foi atingido mortalmente. O sargento Luna Freire, seu Comandante de Grupo, aproxima-se para prestar-lhe os primeiros socorros.

Moura Neto, dedo em riste apontado para Monte Castelo, recusa o atendimento e grita: “Eu já estou perdido, sargento, continue o ataque!” Era o bravo que aceitava a morte mas não admitia a derrota.

Monte Castelo foi palco de inúmeras cenas em que o “pracinha” brasileiro demonstrou do quanto era capaz.

Em 12 de dezembro, o soldado José Dias Toledo, da nossa Companhia, em plena operação é surpreendido por uma rajada de metralhadora vinda de uma casamata

próxima e que lhe atinge as pernas: embora caído, Toledo dispara o seu fuzil e elimina o atirador alemão.

Dois outros inimigos, diante de tanta determinação, saem da casamata elevando os braços e gritando o famoso "*kamerade*". Os companheiros de Toledo Dias aceitam suas rendições: fica demonstrada a generosidade dos nossos "pracinhas" que respeitavam o direito à vida.

Éramos combatentes e não cangaceiros!

A guerra, embora desumana e absurda, proporciona ao homem a oportunidade de união, de respeitar os companheiros e de firmar uma amizade que nada pode destruir.

À frente da 7ª Companhia de Fuzileiros do Regimento Sampaio, estava um jovem Capitão; com bom senso, calma e compreensão soube, com muita sabedoria, diálogo franco e coragem, conduzir-nos de forma simples e eficiente, tornando-se merecedor da nossa amizade, confiança e respeito.

Refiro-me ao atual General-de-Exército Heitor Furtado Arnizaut de Mattos, em quem todos os integrantes da 7ª Companhia do Regimento Sampaio reconhecem um verdadeiro amigo.

A vitória brasileira em Monte Castelo tem para mim duplo significado: em primeiro lugar eleva o prestígio do nosso Exército e o valor do nosso soldado; em segundo lugar, significado pessoal, mais do que outro episódio na campanha da Itália, Castelo significa para mim a compreensão da verdadeira coragem que é dominar o medo e realizar o que o dever reclama.

Tal devotamento só se consegue quando a causa é justa: a liberdade deve ser a maior missão do homem e sem democracia não se alcança liberdade.

A paz é essencial mas para preservá-la de verdade o homem deve enfrentar até os horrores da guerra como nós fizemos, e eu, neste momento, reafirmo que valeu a pena.

Na realidade eu não fui convocado.

Servia no 15º RI como 3º sargento; houve uma formatura da Companhia onde o Capitão comandante nos falou sobre a possível formação de uma Força Expedicionária. E solicitou aos desejosos de participar que dessem um passo a frente: eu fiz isso!

Integrei a FEB com 19 anos, 3º sargento fuzileiro da 7ª Companhia do Regimento de Sampaio, como comandante de Grupo de Combate.

O treinamento que nós tivemos no Brasil foi realizado uma parte aqui, no Centro de Instrução Militar de Engenho Aldeia, e outra parte em Gericinó: maneabilidade, formação de combate e marcha, principalmente isso.

Na parte do treinamento aqui em Aldeia não assisti a companheiros se mutilarem. Tenho conhecimento, por fontes fidedignas de pessoas da minha convivência, que não se mutilaram mas colocaram produtos na uretra para simular doença

venérea e com isso não serem convocados. No grupamento que seguiu para a Itália, acredito que havia muitos voluntários mas não posso de forma alguma, conscientemente, especificar quantos eram ou qual o percentual.

No embarque da tropa brasileira, no Rio, ficamos de prontidão vários dias e sempre havia uma simulação: entrávamos no trem, portas fechadas, dava-se uma voltinha até o Méier, desembarcava-se, isso para despistar possíveis quintas-colunas[3].

E foi assim que nós conseguimos embarcar; ambiente bom, de camaradagem, sem aquele nervosismo de “para onde nós vamos”, “o que é que vai acontecer”...

Apenas conversávamos, batíamos papo, contávamos anedotas e nessa base, na Praça Mauá do Rio de Janeiro, à noite, fomos para o *General Mann*, um navio de transporte de tropa americano. Não houve tensão porque nós passávamos o dia dentro dos compartimentos, nos beliches, não podíamos sair para o convés, nem fumar; aí havia uma certa tensão, não tinha o que se fazer, jogávamos carta... Foram 14 dias.

O desembarque foi um pouco festivo porque fomos muito bem recebidos; não sei por que havia brasileiros do 6ª RI nos esperando.

O regresso se deu sem simulações, foi mais direto.

Nós estávamos acampados em Francolise, próximo do porto de Nápoles, e em determinada oportunidade fomos para o navio *Mariposa*, também americano. Foi um regresso mais tranqüilo do que a ida porque na ida havia a possibilidade de submarino e a Marinha ficava comboiando.

O meu batismo de fogo na Força Expedicionária Brasileira foi terrível, com a pouca idade que eu tinha e quase nenhuma experiência: saí dos bancos escolares para o Exército. Ele se deu em Torre de Nerone.

Era uma frente em forma de ferradura, nosso posicionamento era no centro e a tropa alemã em volta. A única posição que tinha comunicação com o comando da Companhia e o Batalhão era a do meu Grupo: dispúnhamos de um telefone. Essa região era muito bombardeada pelos morteiros, principalmente nas horas de refeição, e, em um desses bombardeios, eu tive o meu batismo.

A linha telefônica era exposta (o fio) e os estilhaços das granadas cortavam-no quase sempre. Sendo o homem que dava as informações através do telefone, eu era obrigado a sair do abrigo para emendar os fios e isso ocorreu inúmeras vezes, com um perigo tremendo: foi assim o meu batismo de fogo!

Pensei na minha família, minha mãe, meus irmãos...

Quanto ao comportamento do soldado brasileiro, seja nos relacionamentos com os seus superiores, seja no combate, seja no trato com os civis, no teatro de

---

[3] Apelido dado aos espiões simpatizantes do nazismo.

operações, era muito bom. O pessoal estava, não sei por que ou como, conscientizado da missão. O respeito era grande.

Não havia aquela disciplina de caserna de se ficar em posição de sentido, isso não: existia um respeito muito grande pelos superiores e uma atenção deles também muito grande para com os seus subordinados. Isso fez com que a tropa realmente se entrosasse e criasse uma amizade: eu não via no meu comandante de Companhia, no meu comandante de Pelotão, um superior que estava me dando ordem.... Não! Eu os via como pessoas que estavam nas mesmas condições que eu, apenas com responsabilidades maiores. A gente se entendia muito bem! Não havia nenhum tipo de indisciplina; casos raríssimos, oriundos de bebedeiras.

Com a população civil o entrosamento era muito bom, eles nos consideravam os libertadores e ao mesmo tempo precisavam dos nossos "favores", açúcar, manteiga, café, roupa, coturno, essas coisas que a gente passava para eles. Então além de nos respeitarem eles nos ajudavam muito, serviam de guias, os *partigiani*. Foram muito úteis.

Episódio marcante de heroísmo presenciei o do Tenente Genito do Carmo. Foi o mais empolgante: um homem já de seus 45 a 50 anos ter o comportamento que ele teve. Embora ferido, não gravemente, mas muito ferido, perdendo muito sangue, não se abalou da sua posição, incentivava seus comandados e dava um dignificante exemplo de valor pessoal! Considero o mais marcante a que eu assisti.

O apoio logístico prestado à tropa brasileira, no tocante a fardamento, foi péssimo: não tínhamos um fardamento adequado para o clima que nós estávamos enfrentando. Nosso fardamento era de brim. O americano, eu não sei por qual motivo, começou a nos fornecer um fardamento adequado, blusão, calça de inverno forrada com lã, meias e galocha contra água...

A alimentação, dadas as circunstâncias, era boa; bóia quente, dependia da ocasião. Muitas vezes almocei de madrugada, muitas vezes comi feijão em talhada, como doce de goiaba!

Nós dispúnhamos de um fogareiro à gasolina com o que aquecíamos a nossa marmita, mas a bóia vinha sempre gelada; não era falha da logística, era o tempo que conspirava contra. Na ração americana, sendo a mais famosa a ração "K", vinha queijo, chocolate, cigarro, goma de mascar, fumo para cachimbo e para mascar. Era ração completa, uma caixinha para cada refeição – café da manhã, almoço e jantar – como aquela caixinha da fita de vídeo K-7, um pouquinho maior. E bolachas que substituíam uma refeição, completamente vitaminadas, duras como um tijolo, mas que alimentavam.

O armamento que utilizamos nós o recebemos no acampamento, quando chegamos: era um fuzil *Springfield*, por sinal muito mais vagabundo que o Mauser, que era

uma arma mais consistente. Depois foram distribuídos a alguns elementos da tropa, dependendo da função, o fuzil Garand, semi-automático, nove tiros, e também a carabina .30, o morteiro 81mm, o morteiro 60mm e as armas da Artilharia, pistolas Colt...

O armamento não foi culpado de nenhum erro ou fracasso.

Sobre o armamento novo, o soldado tinha esporadicamente alguma instrução de tiro; mas aquele treinamento completo que é feito com os recrutas da tropa isso não houve. A munição era à vontade. Recordo-me de um oficial da nossa Companhia, o Tenente Joaquim Miranda Pessôa de Andrade, um cearense – como coronel, foi cassado pela Revolução, serviu aqui, em Recife, no CPOR –, foi o oficial mais "oficial" que eu conheci. Esse Tenente era Subcomandante da Companhia; pegava aqueles cunhetes de munição de fuzil, de granada, botava nas costas e subia o morro onde nós estávamos, principalmente o Belvedere, até a posição; cobertores, comida, ele fazia isso!

Só não podia ver um cantil com cachaça. Se visse, jogava fora, brigava! Mas tinha que ter, era necessária por causa do frio.

Companheiros – oficiais e praças – que se destacaram pelo destemor, pela serenidade no tempo de atuação da FEB, destaco o Tenente Genito, a quem eu já me referi, a ele tenho um respeito muito grande; o Tenente Miranda, que era o nosso Subcomandante da Companhia; o próprio Arnizaut, pessoa tranqüila, cordata, nunca tomou uma atitude, após receber uma missão, sem que reunisse os sargentos – não eram apenas os comandantes de Pelotão que ele reunia – porque é importante a nossa opinião, a nossa observação... Um comandante de Companhia ou de Pelotão, por mais responsável e aguerrido que fosse, não podia andar na linha de frente; então, ele reunia também os sargentos, pedia a opinião de cada um, fazia um levantamento das propostas, dava soluções e elegia as melhores.

Todos se conscientizavam de que eram pessoas, que tinham importância naquele grupo e, com isso, a gente se desempenhava melhor. Foi um grande exemplo que tive.

Há um cidadão aqui na Paraíba, Amós Santos Freitas, sargento, Comandante de Grupo, solteiro como eu era, com quem o Arnizaut contava para tudo quanto era tipo de trabalho, além do próprio Posto de Observação, que é a pior coisa que existe: ir para a "terra de ninguém", preparar uma posição e passar o dia lá, sem fumar, sem se mexer, na neve, porque o inimigo lá está de binóculo, observando toda a frente. Aquilo denunciava alguma coisa! Ele, e eu também, éramos escalados para as patrulhas porque a maioria dos sargentos eram casados.

"Se tem que morrer alguém, morre um que não deixa muita seqüela", seriam os solteiros; e voluntariamente não era obrigado a ir.

Sobre o estado psicológico do combatente brasileiro durante a guerra, houve uma conscientização da tropa, entenderam a missão e se dedicaram a cumpri-la.

E isso foi feito com o máximo de boa vontade.

Na minha Companhia houve o caso de um praça embriagado que se recusou a ir para o ataque; mas era o estado psicológico dele, ele estava sob efeito do álcool. Em nenhuma outra oportunidade houve uma recusa ou um retardo no cumprimento da missão.

O aspecto emocional, o tratamento psicológico, um psicólogo, uma pessoa assim apta a ajudar, não houve: a própria vivência fez-nos compreender o que nos esperava.

Na FEB havia um *slogan:* “Qual o caminho mais curto para voltar para casa? É ir para frente!” O pessoal tinha isso em mente: “Vamos para frente que a distância fica atrás, fica mais curta”; isso nos levou a tomar essas atitudes.

Nós vivíamos numa tensão muito grande, aquela expectativa de voltar para casa, de se lembrar da família. Eu pensava muito em minha mãe que sofreu bastante com a minha ida, em meus irmãos menores; isso nos deixava meio apreensivos.

Nos últimos dias da guerra, nossa Companhia estava ocupando uma cidade chamada Caorso e nós acantonamos em um grupo escolar; durante o dia só andávamos em grupo, era a recomendação, no mínimo três, para evitar qualquer represália fascista.

Estávamos num bar, vários companheiros bebendo, quando chegou um camarada dizendo que a guerra na Itália havia acabado: em vez de uma dose, nós passamos a tomar três, quatro, aumentou a farra, foi um alívio imenso.

A divulgação do término da guerra foi através das rádios locais.

Quando nós acantonamos em Caorso, nosso comandante, que hoje está na reserva como General-de-Exército, reuniu a Companhia e fez as recomendações sobre o comportamento que nós deveríamos ter na cidade. Foi uma meia hora ou mais de preleção e nesse dia a sociedade de Caorso, junto com o prefeito, resolveu nos homenagear com um baile, sem que houvesse qualquer discriminação.

Pela quantidade de pessoas, uma Companhia, era muita gente!

A mim coube o prêmio de ficar de serviço.

Lá para as três horas da manhã chega o jipe do comando com os oficiais, eles descem, pegam o companheiro – naquele momento eu não sabia quem era – e o carregam para dentro do acantonamento: era o próprio Comandante da Companhia que não se conteve, passou da conta!

Mas era normal acontecer, nós todos precisávamos disso.

O outro episódio que deu vontade de reagir, não só a mim, mas a todos que o assistiram, foi quando eu estava nesse bar a que me referi antes. Passaram vários

elementos e uma moça loura sendo arrastada. O prédio da Prefeitura era próximo, eles levaram a moça para a sacada, aquela gritaria, alto-falante... Não sei quem eram, se vereadores, polícia etc; um cidadão com a máquina de cortar cabelo pelou a moça bonita, loura. Ela estava sendo acusada de colaboracionismo com os alemães; depois de a achincalharem bastante, dirigiram-se para o cemitério e eu fui atrás para ver. Lá, cujo terreno era arenoso, não era muito consistente, entregaram uma pá àquela jovem e mandaram-na cavar uma vala; ela cavou a vala, eles ordenaram que ela entrasse e ali deram-lhe um tiro na cabeça!

Foi a "justiça" que eles fizeram com a colaboracionista; naturalmente ela deve ter feito muita coisa grave. Esse foi um episódio que ficou marcado, eu não me esqueço, estou vendo como se lá estivesse ainda.

Nós chamávamos de "tocha": pegávamos o jipe, roubado ou cedido pela Companhia – no jipe a chave de ignição era no próprio painel de instrumentos, era só entrar, ligar e sair – e de posse do jipe ia a turma organizada.

Fazíamos a "tocha".

Era uma fuga, uma excursão, nós íamos para Alessandria, Suíça, França, Montecatini, a gente ia se divertir, a gente não tinha o que fazer...

Fazer uma "tocha" era dar uma escapada!

Muita gente já me perguntou também e a algumas eu não tive como responder corretamente: por que "a cobra fumando". Uns dizem que isso se derivou dos campos de Gericinó, quando a granada caía e ficava fumaçando: "A cobra está fumando!" Outros dizem que isso partiu da "quinta-coluna": o Brasil só vai à guerra, só manda força para lutar se a cobra fumar – coisa inverossímil!

A cobra fumou: o Brasil foi à guerra!

No acampamento, já na volta, terminada a guerra, a turma se excedia e houve uma ocasião em que um soldado foi punido por estaqueamento.

Estaqueamento era um sujeito sem camisa ser amarrado a uma estaca.

Um soldado do meu grupo foi estaqueado!

Antes de procurar saber o motivo eu já desamarrei o camarada, porque aquilo era um tratamento desumano, não era uma punição, era um abuso. Eu a eliminei. Dessa forma, fui chamado à responsabilidade, disse o que devia dizer, ouvi o que não queria...

O regresso ao Brasil foi coberto de uma expectativa muito grande. Já estávamos em Nápoles e comentava-se que dali nós iríamos para outro local para pegar o navio; mas foi tranqüilo e em Nápoles mesmo embarcamos sem problema. Bem diferente de nossa viagem de ida, quando tivemos que prosseguir para Livorno em lanchas de desembarque, enfrentando o mar revolto, com todo mundo passando mal.

Viemos para o Rio, houve um desfile na Avenida Rio Branco do qual eu nunca mais vou me esquecer. Fizeram uma formação inicial em várias colunas, não me lembro quantas, mas eram de seis, talvez nove, e a multidão não respeitou o isolamento.

Aí aconteceu uma falha da nossa logística: esse emblema que nós usávamos no braço direito, da FEB – o americano usava o dele, do V Exército – devia ser bordado. Pegaram um pedaço de lata, recortaram-no e esmaltaram-no com quatro furos para a gente costurar na farda. No desfile, a multidão partiu para abraçar, beijar e muita gente se cortou, principalmente as moças. Esse negócio da lata foi uma falha imperdoável!

Após o desfile cada um seguiu o seu destino.

Eu tinha um compadre do meu pai – ele era construtor do Ministério do Exército, naquele tempo não havia Comissão de Obras, ele era contratado como construtor – que morava em Niterói, no Forte de Gragoatá.

Quando cheguei na estação das barcas – lembra do que fizeram com o Tostão, na Copa de Futebol de 1970? –, jogaram-me para cima, rasgaram a minha roupa, foi uma aflição tremenda, fiquei com medo, sozinho, até que consegui alcançar o Forte: foi uma recepção muito calorosa, mas muito mesmo!

Nós íamos ao restaurante fazer uma refeição, não pagávamos: o português vinha de lá e dizia "Senhor, já está pago!" Muita gente abusava disso. Principalmente na Rua Larga, na Marechal Floriano, ali havia uma série de restaurantes portugueses; nós nos servíamos. Aluguei um apartamento lá no Méier; havia um restaurante onde eu já não ia porque não pagava nada; ficava chato, eu tinha que ir sempre, refeição não se deixa para amanhã ou depois, tem que ser todo dia, naquele horário. E o português não recebia!

Parei de ir, fui para outro: a mesma coisa!

Isso foi um grande exemplo de gratidão do povo, reconhecimento do trabalho da Força Expedicionária na Itália.

A desmobilização foi uma coisa malfeita, sem planejamento, foi executada a toque de caixa: nós ainda estávamos dentro do navio e já recebendo o Certificado de Reservista.

Resolvi permanecer, não quis o meu: "Eu não tenho profissão, não sei fazer outra coisa, vou ficar no Rio de Janeiro, sozinho, trabalhar em quê?" Mais tarde, o Presidente Getúlio deu estabilidade aos sargentos que foram à guerra. Mas antes todo mundo foi mandado embora, sem amparo algum.

Posteriormente, com novas leis, vieram os benefícios, as reformas e aposentadorias, amparando de um modo geral.

Depois do desembarque fui com a Companhia para o Regimento Sampaio. O sargenteante estava relacionando quem iria engajar: foi minha escolha e me dei bem; criei a minha família.

O meu sacrifício por haver participado da campanha da FEB em parte foi reconhecido. Por exemplo, em 1975 pretendi comprar uma casa pela Caixa Econômica e me candidatei, preparei a documentação toda, havia um decreto-lei que dava aos ex-combatentes financiamento de cem por cento. Mas, lá na Caixa, o gerente da carteira imobiliária me disse: "Você tem direito mas não posso conceder; existem recomendações expressas para se dar 75%. Tive preferência da compra, mas não obtive os benefícios totais.

Nunca um filho meu estudou num colégio de graça, a não ser no primário; ginásio pago, científico pago, faculdade paga e eu tinha direito e continuo tendo, para mim e para os meus descendentes, está na Constituição Federal: mas nunca me deram isso!

Entrei soldado recruta, saí oficial, estou bem na minha vida, tenho uma casa, tenho um carro, tenho uma família, tenho os filhos formados; tudo isso como sargento...

Foi um reconhecimento, sem dúvida.

Mas eu quero citar o exemplo da América: o veterano tem tudo separado de todo mundo, hospital do veterano, casa do veterano, transportes para o veterano, compra de carro para veterano, o que ele quiser o governo facilita; não dá de graça, facilita.

A experiência de combate me proporcionou, em termos de comportamento pessoal, mais prudência, mais sensatez, amor à vida, pensar antes de fazer porque em combate se a gente não pensar antes, fica!

Capitão Severino Gomes de Souza*

Natural da cidade de Baixa Verde, Rio Grande do Norte, foi incorporado ao 31º Batalhão de Caçadores, transformado, em seguida, no 16º Regimento de Infantaria, na cidade de Natal, em 1941. Na Força Expedicionária Brasileira, serviu como Terceiro-Sargento no 1º Pelotão da 2ª Companhia do I Batalhão do Regimento Sampaio (1º RI). Participou do ataque a Monte Castelo do dia 29 de novembro de 1944, tendo desempenhado, nessa ocasião, as funções de Comandante de Grupo de Combate e a de Comandante de Pelotão. Na fase da Defensiva-Agressiva, na época do inverno, realizou patrulhas de combate e de reconhecimento tendo atuado, também, como Sargento-Orientador de Pelotão. Participou da ação que resultou na tomada de Monte Castelo. Passou para a reserva no posto de Capitão, em 1973. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Entrevista do Capitão SEVERINO GOMES DE SOUZA, Comandante de Grupo de Combate da 2ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 24 de maio de 2000.

Em 1941, ingressei como voluntário no Exército. Durante a seleção, realizada em Natal, quando foram convocados médicos civis para complementar a atividade dos médicos militares, fui qualificado na categoria Especial (E), portanto apto para participar da Força Expedicionária.

Havia, num formulário a ser preenchido, a seguinte pergunta: "Em caso de necessidade participaria de uma guerra?" A minha resposta foi afirmativa, daí ter sido incluído no Depósito da FEB e, posteriormente, no Regimento Sampaio, Unidade a que pertenci na campanha da Itália.

Em Natal, cheguei a vivenciar a Segunda Guerra, de 1941 a 1944, conseqüentemente, depois da declaração de guerra à Alemanha. A Guarnição de Natal deslocou-se para o litoral a fim de guarnecê-lo para evitar que nazistas desembarcassem e fizessem incursões de espionagem na Base Aérea de Parnamirim, que estava sendo construída pelos americanos para servir aos aviões que davam apoio à tropa da África.

Tivemos chance de ver, por exemplo, o combate de um submarino alemão com um Catalina[1], sediado em Natal; aquele submarino foi, posteriormente, torpedeado por aviões americanos.

Na Praça da Igreja Matriz, Praça Pio X, foram cavadas trincheiras para abrigo da população civil; alguns moradores da cidade construíram abrigos antiaéreos; havia com freqüência exercícios com artilharia antiaérea, inclusive, com holofotes procurando nos céus aviões e havia o *blackout* costumeiro que começava às 18 horas e só no dia seguinte era possível acenderem-se as luzes; a cidade permanecia totalmente às escuras.

A tropa foi proibida de usar uniformes de passeio[2] e andava pela cidade portando o equipamento de guerra com cantil e bornal. Havia uma recomendação especial do Comandante da Região, General Newton Cavalcanti, para que nenhum cantil fosse encontrado sem água.

Fui incorporado em 1941 e em agosto de 1942 fui promovido à graduação de 3º sargento; nessa graduação ingressei na FEB pelo Regimento Sampaio.

Todos os que foram incorporados nesse Regimento tiveram um treinamento mais do que intensivo no campo de Gericinó, no Rio de Janeiro, com simulações de combate que visavam a uma adaptação ao nosso novo equipamento.

Tínhamos recebido instruções provenientes da doutrina francesa, com a utilização de táticas e técnicas específicas, grupos de combates diferenciados com 13 homens em vez de 12, como o americano, formações de maneabilidade diferen-

[1] Tipo de avião anfíbio da época.

[2] De uso externo, diferente dos de instrução.

tes e sobretudo o armamento, equipamentos, mochilas etc, tudo diferente do que passamos a usar.

Fazia-se necessário um treinamento intensivo, uma vez que o tempo era curtíssimo entre a preparação e a adaptação da tropa ao uso do novo material. Também recebemos uma preparação física muito apurada porque muitas vezes se imagina romanticamente a guerra, tiro para lá, tiro para cá, e na realidade a guerra requer um esforço físico sobre-humano; dessa capacidade física depende muitas vezes o sucesso de uma missão, a resistência para deslocar-se a pé, nas marchas, passar-se, numa patrulha, quase toda a noite caminhando ou rastejando...

Ouvi falar de algumas pessoas que se contagiaram com doenças venéreas para não embarcar.

Certa vez, o Coronel Caiado de Castro pôs o Regimento em forma, mais ou menos nos dias que precederiam o embarque e perguntou se alguém não gostaria ou não desejaria ir para a Itália. No meu Pelotão, justo o meu Auxiliar-de-Pelotão, o 2º sargento Romão, deu um passo à frente e foi o único no Regimento a declarar, naquela oportunidade, que não iria para a Itália se possível fosse: era uma declaração inusitada, ninguém esperava naquele instante um ato daquela natureza. Na realidade, foi até um ato de coragem ante toda a tropa formada.

Os motivos pessoais eu os sabia: o sargento Romão era especializado em Comunicações, era radiotelegrafista, tinha passado toda a vida militar nessa especialidade e, de repente, mercê das coisas da guerra, da pressa da formação da tropa, ele se viu sargento-auxiliar de um Pelotão de Infantaria. Anteriormente, ele já me havia dito que faria qualquer guerra, desde que em sua especialidade. Assim, ele foi imediatamente transferido da Companhia.

Para mim foi uma surpresa muito grande quando depois da guerra – nós já estávamos aguardando o embarque de regresso – foi montada uma estação de rádio para transmitir para o Brasil mensagens para a família; na minha vez quem me entregou o microfone foi exatamente o sargento Romão que estava na Itália e era o chefe da Estação de Transmissões de Mensagens para o Brasil, em conexão com a Rádio Nacional.

O nosso embarque para a Itália foi demorado porque pegamos o trem na Vila Militar, passamos um dia praticamente dentro da composição, para em seguida chegarmos ao cais do porto, sacos pesados nas costas, aqueles chamados sacos “A” e “B”; passamos mais um dia na Baía de Guanabara.

Tudo isso provocava um misto de curiosidade, de nervosismo, de ansiedade, porque não sabíamos ainda qual o destino que tomaríamos nem quando o navio partiria. Era forte o boato sobre submarinos na área, por isso se recomendavam

precauções com luzes; em suma, foi um estado de tensão que passamos a viver já na saída da Baía de Guanabara. Durante o trajeto, viagem longa de quase 16 dias, o navio caminhava em ziguezague porque os aparelhos de pontaria – era sabido isso – dos submarinos demoravam sete minutos para se ajustar; então cada transporte de tropa, a cada sete minutos, mudava de rumo navegando em ziguezague para evitar um torpedo.

Quando chegamos perto de Gibraltar haviam sido tomadas as precauções para evitar um torpedeamento porque avistara-se na área um submarino alemão; um dos *destroyers* que nos acompanhava circundou todos os navios – eram dois navios de transportes de tropa – largando bombas de profundidade. O clima de perspectiva de torpedeamento nos excitou até certo ponto e quebrou a rotina da viagem, que era por demais monótona.

Nós estávamos situados num porão abaixo do nível do mar, fazia um calor intenso e ficávamos felizes quando tínhamos a oportunidade de ir ao convés por algum tempo, como distração, jogando um dominó, jogando uma dama...

O General Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia Divisionária, em determinado dia – nós estávamos conversando, brincando – passou pelo convés e todo mundo, alguns deitados, outros sentados, procurou, logicamente dentro da hierarquia, levantar-se e tomar a posição de sentido; o General ia acenando para que ninguém se levantasse, ninguém tomasse posição de sentido e ficasse à vontade. Foi quando um nordestino chega para outro, bem próximo a mim, e diz: "Isso é que é um general folgado!"

Chegamos a Nápoles e a mim causou um impacto fortíssimo o fato de ver muitos navios virados, os cascos emborcados; a baía estava coalhada de navios destruídos pelos bombardeios. Outra surpresa foi a fumaça do Vesúvio; jamais havia visto vulcão e de repente presenciei aquilo, um cachimbo gigante soltando fumaça. Após o desembarque, fomos transferidos para umas barcaças tipo LCI, de desembarque da Marinha dos Estados Unidos. Nessas embarcações – éramos cerca de duzentas pessoas, incluindo a guarnição –, navegando de Nápoles para Livorno, pegamos um temporal, e as LCI sacudiam mais do que nunca; todo mundo enjoou, com pouquíssimas exceções. Nosso comandante sumiu na hora do embarque e só veio aparecer na hora do desembarque: sofreu um enjôo fortíssimo!

No desembarque já tínhamos um comboio esperando, tudo perfeitamente preparado, colocaram-nos em caminhões-transporte e de lá fomos para os arredores de Pisa, onde acampamos. As barracas foram armadas por nós, barraca de duas praças e a área estava toda delimitada, a estrutura preparada, apta a nos receber sem maiores problemas.

A logística do V Exército, ao qual ficamos incorporados, funcionava muito bem, merecia nota dez. Em que pese a inexperiência de nossa Intendência – até se adaptar àquele ritmo de qualidade da Intendência americana –, aqui e ali pequenos pecados; no atacado teve acertos, no varejo, senões.

A temperatura estava amena quando chegamos, não havia ainda começado o inverno e ficamos acampados.

À noite ocorriam pequenas fugas do acampamento – estávamos num parque que pertencia à área de lazer da casa real, muita vegetação, bosques. Dei umas duas escapadas juntamente com alguns companheiros: o Kialdo de Azevedo Lemos, pernambucano, um dos heróis da FEB, o Silas de Aguiar Munguba, outro sargento. Kialdo estava ansioso para experimentar o vinho italiano. Saímos à noite – o parque estava todo minado e mesmo assim nós saímos – pé ante pé por dentro dos bosques, procurando alguma casa de italiano para experimentar o vinho; tivemos êxito parece que uma única vez, quando o Kialdo bebericou uma meia garrafa de vinho. A gente até brincava – sobre o caminhar entre as minas – dizendo que era treinamento para patrulhas futuras; era uma temeridade, em função da quantidade de minas que ainda havia no parque. Quando do curso de minas que nos foi proporcionado, alguns soldados morreram tentando limpar aquele mesmo campo onde nós, vez por outra, caminhávamos à noite!

A nossa tropa não foi bem recebida pela população civil porque os nossos uniformes tinham muita semelhança com o uniforme alemão; o povo confundia, achava até que nós éramos prisioneiros dos americanos porque o nosso fardamento era de lã cinza, da cor do fardamento alemão.

Vociferavam, gritavam, vaiavam e alguns até nos cuspiam…

Só muito depois é que eles foram, aos poucos, conhecendo a nossa tropa. O V Exército providenciou uma complementação do uniforme, passamos a usar jaquetas americanas de cor cáqui, aí acabou esse mal-estar.

Desse campo saímos algumas vezes para marchas, e, mais tarde, o Batalhão se deslocou para a localidade de Filetole, onde foram realizados os últimos exercícios, o último apronto para se entrar em campanha.

Recebemos, na ocasião, o nosso armamento.

Havia uma brincadeira aqui no Brasil: sempre que tocava reunir ou mandava-se colocar em forma a Companhia, o plantão da hora ou o sargento-de-dia dizia: “Vamos entrar em forma para receber relógio de pulso!” Na Itália, nessa oportunidade em que nós estávamos recebendo os equipamentos, mandaram-nos entrar em forma para receber relógio de pulso e… era verdade! A tropa americana era bem equipada e nós logicamente também o fomos: recebemos, os sargentos orientadores,

uma bússola, e os auxiliares de Pelotão, um relógio Mido para marcar os horários: o horário é importantíssimo nas partidas, nas chegadas, nos regressos, quer de patrulhas quer de ataques.

Depois de equipados, nos deslocamos para Gaggio Montano, o Batalhão inteiro; era uma cidadezinha pequena com algumas edificações danificadas pelos bombardeios, mas com casas ainda inteiras, edifícios de primeiro e segundo andares e ficamos acantonados na condição de tropa reserva de um ataque que o IV Corpo do Exército americano executava.

Durante a permanência em Gaggio Montano, havia uma proibição total de saída às ruas durante o dia porque éramos alvos de freqüentes bombardeios vindos de Monte Castelo. A tropa vivia dentro dos cômodos nos velhos edifícios já meio destruídos mas que ainda ofereciam segurança contra bombardeios.

Um dos nossos soldados, levado pela curiosidade e também pela presença de mulheres num chafariz de uma praça tirando água – durante o dia não havia bombardeios, só ao entardecer –, achou de encher o cantil: os alemães iniciaram um pequeno bombardeio e uma granada caiu um pouco atrás do soldado, dilacerou-lhe as costas e ele morreu. Foi a primeira perda da minha Companhia na Itália.

De 28 para 29 de novembro de 1944 deu-se o nosso primeiro ataque a Monte Castelo. Primeiro da minha Companhia, porque outros ataques já tinham sido feitos sem sucesso. Desta feita a minha Companhia entrou, juntamente com o Batalhão, para tomar Monte Castelo num ataque frontal, a uma distância considerável da base de partida que era nas proximidades de Casa Guanella. Realizamos, então, uma marcha estafante na lama, chovendo fino, atolávamos os pés quase acima do tornozelo e quando o meu Pelotão chegou à base de partida, cerca de 3h para 3h30min da madrugada de 29 de novembro, estávamos extenuados, conduzindo armamento, mochila, pá, o equipamento necessário ao combate.

Veio a ordem para cavarmos os abrigos individuais de onde partiríamos para o ataque a Monte Castelo. Hoje, vendo à distância, nós estávamos totalmente sob as vistas dos alemães, a distância era curta, estávamos num vale... Pode-se imaginar o barulho que poderia fazer uma tropa de pá em punho cavando um abrigo de um metro e cinqüenta para se enfiar dentro até partir para o ataque... O eco desse barulho no vale, como chegava aos ouvidos dos alemães, lá em cima, no Monte Castelo? Eles estavam, sabe Deus, achando graça no que estava acontecendo lá embaixo nessa madrugada!

Cavamos os abrigos, terminamos lá pelas quatro horas e ao amanhecer partimos para o ataque, Monte Castelo defronte. Alguns pelotões começaram logo a ser dizimados!

Acho que Dante quando descreveu o inferno não tinha visto o Monte Castelo de baixo, assim como nós víamos!

Caía granada – eu vi depois as estatísticas, mais de mil – de morteiros e de canhões em cima do Batalhão; só um milagre poderia nos salvar naquele instante! Conseguimos arrancar de dentro dos buracos – houve alguém que disse que sair da trincheira não é fácil! Efetivamente, sair do abrigo debaixo de um bombardeio intenso, já com feridos, mortos, gemidos, gritos, não é fácil. Era o meu batismo de fogo, estava completando 21 anos de idade, conduzindo um Grupo de Combate com a missão de levá-lo até o topo de Monte Castelo. Nessa ocasião, a gente esquece outras coisas e parte para o cumprimento do dever.

Conseguimos deslocar a Companhia, o meu Pelotão já saiu dos buracos dizimado e tentamos o dia inteiro avançar em direção a Monte Castelo: progredimos, talvez, uns trezentos, quatrocentos metros até C. Guanella e ali tivemos que parar barrados pelos morteiros, pelas metralhadoras alemãs e também porque o nosso efetivo já estava muitíssimo reduzido.

O meu Comandante de Companhia foi atingido por um deslocamento de ar de uma bomba que fulminou um atirador nosso, um soldado que conduzia a arma automática: caiu uma granada, estraçalhou o soldado e espalhou miolos e pedaços de carne! O sargento-auxiliar do meu Pelotão foi atingido e teve os intestinos à mostra, não pôde prosseguir; o sargento-orientador foi detido, ainda lá atrás, não pôde continuar; em suma, a Companhia estava dizimada ao entardecer do dia 29 de novembro.

Conseguimos nos abrigar dentro e nas imediações de C. Guanella; havia uns montes de feno, rações guardadas pelos italianos para alimentação dos animais. Abrigamo-nos ali na ilusão de que nos protegeríamos. Na realidade, o capim pouca proteção oferecia. Ficamos naquele local até a noite, levávamos a ração “K”, de combate, e de manhã até ao meio-dia eu consegui comer a metade de um queijo do tamanho de uma bolacha, todo mundo faminto e desorganizado.

Ao entardecer do dia 29 apareceu na minha posição o Capitão Hildebrando Góes Cardoso que era Oficial-de-Operações do Batalhão. Ele veio meio agachado, rastejando, chegou até a minha posição e disse: “Souza, você assuma o comando do Pelotão porque o Tenente Ovídio Souto da Silva – era o comandante – foi evacuado; o seu 2º sargento está ferido e foi evacuado também, e você, que é o Comandante do 1º Grupo de Combate, assuma o comando do Pelotão, tire o seu pessoal aqui desta posição, desloque para a esquerda e vá socorrer um outro Pelotão – lembro que era o sargento Ferraz – que está praticamente cercado pelos alemães e não pode se deslocar.”

Tentei reunir o Pelotão, avisei ao pessoal que estava no comando, mas só consegui o 2º Grupo que era então comandado pelo sargento Silas de Aguiar Munguba; ele conseguiu reunir o seu Grupo, eu reuni parte do meu e mais dois ou três soldados, deslocamo-nos para a esquerda e avançamos um pouco. As metralhadoras e os morteiros caíram sobre nós com uma intensidade nunca vista. Nós éramos o alvo preferido, uma vez que o resto da tropa estava mais ou menos abrigada em buracos; até nas próprias crateras das granadas o pessoal se protegia. De certo modo acredito que valeu a nossa impulsão porque os fogos se desviaram um pouco, o Grupo do sargento Ferraz se desvencilhou e conseguiu retrair.

Nós ficamos nessa posição do dia 29 para 30 e à noite, como era previsível, os alemães sempre faziam isso, contra-atacaram com uma patrulha; nós conseguimos resistir mas nessa oportunidade perdeu a vida o sargento Cybber Porto de Mendonça, atingido por uma granada. Emociona-me lembrar: ele ficou junto a um monte de feno, uma granada explodiu ao seu lado... Até os braços, arrancados, caíram fora, sangrentos!

Passamos então a noite, o dia seguinte e só no outro veio a tropa para substituição da nossa Companhia; retraímos para a região de Lustrola, mais ou menos perto de Granaglione, para recomposição dos efetivos. Minha Companhia estava dizimada, estava reduzida praticamente a dois pelotões e o meu comandante – Tenente Ovídio – não tinha retornado. Na primeira noite em que íamos dormir chega a ordem para nos deslocarmos imediatamente para Silla. Ocorrera um incidente no *front* que havíamos deixado: um Batalhão do 11º RI perdera momentaneamente as posições e nós fomos encarregados de recompor as linhas – segundo se pensava, os alemães teriam penetrado. Deslocamo-nos de madrugada e ao chegarmos a Silla, ao amanhecer, recebemos ordens para voltar porque já o 6º RI havia recomposto a linha.

Foi esse o meu batismo de fogo.

Acho que nós éramos loucos, uns loucos controlados, mercê dos treinamentos anteriores e também do incentivo que recebíamos, porque nunca se pensou tanto em Brasil, tanto em Pátria; só a ausência da Pátria eleva o amor que temos por esta terra.

Antes um pouco de sermos designados para essa missão de Monte Castelo, o Coronel reuniu o nosso Batalhão e disse as seguintes palavras: "Existe em nossa frente um cocuruto – ele usou a palavra cocuruto – que o americano já tentou tomar duas vezes e não conseguiu e nós fomos designados para tomar esse cocuruto. Eu gostaria de dizer aos senhores: o cocuruto é nosso"!

Com essa ênfase saímos para tomar o Monte Castelo com toda a gana, a certeza e a vontade de representar o Brasil muitíssimo bem, dentro das nossas forças, das nossas possibilidades.

Digo que éramos loucos porque talvez a mocidade inconseqüente – eu com vinte e um anos mal completos e a maioria estava nessa faixa de idade – tinha aquele destemor próprio da ignorância: éramos uma tropa sem maiores conhecimentos, a não ser os específicos para o combate.

Uma das maiores proezas da FEB foi pegar um soldado que saiu de um cabo de enxada ou saiu de um banco escolar rural e transformá-lo num soldado combatente da Segunda Guerra, competindo de igual para igual com a elite das tropas americanas – como foi a Divisão de Montanha –, guerreando contra tropas superexperimentadas e já curtidas por batalhas outras – como era a tropa alemã –, e, dentro de um efetivo de oitenta divisões que combatiam na Itália, ainda (fazer) aparecer em jornais, na imprensa, na mídia, o nome Brasil, Divisão brasileira!

Isso é um feito que merece a atenção dos historiadores, daqueles que fazem a história deste país e, muito particularmente, daqueles que fazem a história do Exército Brasileiro.

Houve o Antônio João, até hoje se fala na Guerra do Paraguai, a Retirada da Laguna... Por que não a FEB ser ensinada e explicada em todos os colégios?

Nós outros que participamos é que sabemos o quanto gostávamos desta terra e o quanto gostamos ainda.

Então era essa a nossa loucura!

Tínhamos entoado em nossas salas de aula, quando crianças, o Hino Nacional, o Hino à Bandeira, isso que motiva esse amor à Pátria; hoje já não se faz mais isso, caiu em desuso; hoje os modismos são outros...

Nós éramos semiloucos, pelo menos!

A nossa Companhia foi praticamente dizimada, não que morressem todos, não, porque o Serviço de Saúde funcionava primorosamente: aqueles que eram feridos e conseguiam ser evacuados sempre sobreviviam. O meu Comandante de Pelotão foi um dos primeiros a sofrer os efeitos dos bombardeios – eu estava coincidentemente muito próximo a ele porque era o Comandante do 1º GC, a gente tentando levantar para avançar, avançava cinco metros, as granadas caíam como chuva – e, aos poucos, notei que a fisionomia dele foi sofrendo alterações. Lá para as quatro ou cinco horas da tarde do dia 29, abrigados que estávamos perto de um tronco de árvore, ele se virou para mim e me pediu um pouco de água do meu cantil. Eu até estranhei, porque ele estava com o dele, não sei se tinha ou não água; ele me pediu um pouco d'água, tomou-a e me devolveu o cantil. Nessa oportunidade se aproximou o então sargento Silas, que era o Comandante do 2º GC, também estava mais ou menos próximo e aí ele se voltou para o sargento Silas e disse: "Souza me envenenou!" Fiquei boquiaberto, estarrecido! "Como, Tenente?"

Percebi que ele não estava no senso normal; não sei se foi o deslocamento de ar da bomba, não sei se foram os ruídos do combate, o fato é que ele perdeu o controle nervoso e conseqüentemente teve que ser evacuado.

Ele foi evacuado para o Brasil porque não tinha mais condições de participar da guerra.

Quanto ao malogro do ataque a Monte Castelo, na minha opinião pessoal, acho que o fogo da Artilharia não quebrou o sigilo, porque só o ruído de uma tropa, às três e meia da madrugada, no silêncio de um vale cavando buracos – são centenas de homens cavando, a pá batendo nos seixos –, é audível a uma longa distância, no silêncio da noite; acredito que os alemães até fixaram suas armas, apontaram suas metralhadoras, amarraram seus tiros de morteiros em cima da gente.

Não é segredo para nós outros que os alemães – até houve comentários de prisioneiros – percebiam as substituições que eram feitas sempre à noite; naturalmente uma tropa, pelo próprio efetivo, pela própria quantidade de pessoas a caminhar, não poderia manter assim um silêncio que não fosse audível a uma distância pequena, principalmente no alto, onde o eco ressoa.

No que diz respeito ao comportamento dos soldados brasileiros, seja no relacionamento com os seus superiores seja no trato com os civis no teatro de operações, foi o melhor possível. Como brasileiro e com alma de brasileiro, sempre simpático em relação à população, foi um sucesso a amizade que até hoje prende os italianos aos nossos soldados e à Força Expedicionária Brasileira.

O comportamento foi muito acima da expectativa que se era de esperar de um soldado que sai de um Regimento como o meu, que tinha uma única viatura de abastecimento de provisões de boca, para um semimotorizado ou para um armamento moderno, material de ponta, uso de capa de neve no inverno, galochas, em suma, todo o trato com essa pletora de material. É como pegar um limpador de mato e transformá-lo num motorista de jipe dentro de um curtíssimo espaço de tempo; quem tangia jerico de repente vai dirigir uma viatura de dez rodas, uma viatura com munição...

Nossos Pelotões dispunham de transmissões e eram todas feitas – até em patrulhas – por telefone: todo Pelotão tinha um soldado telefonista que se deslocava nas patrulhas, à noite, conduzindo um enorme carretel de fios, desdobrando-o à medida que a gente avançava para que o comando do Pelotão não perdesse o contato com a retaguarda. Pegar esse soldado do campo e transformá-lo num telefonista, lidar com aparelho de telefone, com rádio, só por isso acho que a nossa tropa superou a expectativa.

Não existiu problema de indisciplina; a nossa disciplina até sofreu uma evolução para melhor. Quando saímos do Brasil – e nós sabíamos, eu já era sargen-

to – o nosso relacionamento, quer dos sargentos com os oficiais, quer dos soldados com os sargentos, era de uma distância – que eu hoje classifico sem medo de dizer – desumana.

Não havia aquela consideração humana no trato, na hierarquia; era tão acentuada a diferença hierárquica, a barreira hierárquica, que era estanque a comunicação. No meu tempo, conforme a instrução que recebi, ao falarmos com o superior teríamos que permanecer com a mão na pala; se essa conversa fosse durar uma hora e não houvesse beneplácito do oficial de mandar baixar o braço, seria um exercício exagerado ficar com a mão na pala. Na época isso tinha sua razão de ser: o nosso soldado analfabeto, sem educação, sem formação adequada, não entenderia as razões do respeito devido à condição hierárquica do superior.

Na FEB houve uma transformação para melhor, extraordinária; de repente, quebrou-se a barreira hierárquica! Nenhuma posição de sentido deixou de ser tomada no momento oportuno, nenhuma continência deixou de ser praticada quando de direito, mas a comunicação se fazia e fluía normalmente de igual para igual em todas as circunstâncias.

Quando nós estávamos numa dessas oportunidades de intervalo, fora de posição, na frente, um dos soldados do Pelotão conseguiu uma namorada italiana, feito raro naquela ocasião; era uma vitória e ele foi parabenizado pelos companheiros do Pelotão. Mas, ele queria se encontrar com a namorada no anoitecer de um dia que havia combinado; nós tínhamos receio porque ele poderia cair numa emboscada. Em vista disso, o Comandante do Pelotão me requisitou e a um outro sargento e mais um cabo e nós fomos como anjos protetores do soldado para que ele tivesse o seu colóquio com a italiana, se desabafasse “entre aspas” e voltasse ao nosso convívio; imaginar que por causa disso esse soldado deixasse de tomar uma posição de sentido no momento oportuno seria um erro crasso. Era uma disciplina consciente, uma disciplina que se fundamentava na amizade, na confiança e no respeito que ali existia.

Então, houve um divisor de águas, e eu posso citar isso porque continuei na Ativa, no Exército, antes e depois da FEB.

Acho que heróis foram todos aqueles que daqui do Brasil saíram; enfrentamos circunstâncias adversas, mesmo o nosso saco “B”. Como registro, quando embarcamos recebemos dois sacos: um saco “A”, que era onde conduzíamos as coisas de primeira necessidade, barbeador, cuecas etc; e o saco “B”, que ficou entregue à Intendência e nele havia uniforme de passeio etc, coisas que não eram de uso imediato.

À guisa de brincadeira, durante a campanha, batizamos o pessoal do Depósito da FEB – pessoal de recompletamento – de saco “B”, porque ficava na retaguarda. Chamar de saco “B” era dizer que ele tinha ido à guerra, mas não teria ido à frente.

Mas até o nosso saco "B" é um herói porque quantos deles saíram de repente daquele Depósito, sem uma transição maior, para substituir um outro que morreu, que foi ferido, uma baixa de um Pelotão ou de uma Companhia! E ele vinha direto do Depósito para a frente, para uma posição avançada. São verdadeiros heróis, não tenho a menor dúvida.

Meu Pelotão foi muito empenhado e eu tive vários comandantes; no final há um que recebeu de nós o apelidozinho de "caçador de medalhas"... Tivemos o Tenente Célio Dalva Vieira Regueira, pernambucano, egresso da Escola Militar, esse foi um herói e lamentavelmente morreu no ostracismo; foi um dos heróis que eu admiro e cultuo até hoje. Ele comandava o meu Pelotão no espigão do Monte Belvedere onde substituímos uma tropa americana na contra-encosta, quer dizer, com a encosta voltada para as linhas alemãs. E os alemães costumavam, por distração ou prazer, suponho, atirar em cima da gente com tiros de tanques, ao entardecer. Eles levavam um tanque até a crista e antes de haver reação da nossa Artilharia despejavam vários tiros em cima das nossas posições; recolhiam o tanque e se mandavam.

Nosso Pelotão ocupava uma casa destruída por bombardeios, ficava abrigado no porão com as posições em volta da casa; esses porões davam o lado para as linhas alemãs. Numa dessas investidas de tanques eles visaram a base da residência, bem no porão mesmo – a casa era construída de argamassa e pedra, não era de tijolos e cimento. Com os tiros, foram abertos rombos no porão e caíram algumas pedras em cima do pessoal: uma dessas pedras, impulsionada pelo tiro do tanque, pegou na perna do tenente. Nós já tínhamos cavado anteriormente um túnel de saída para as posições e conseguimos escapar desses escombros do porão; o tenente foi evacuado e transferido do meu Pelotão.

Depois, ainda no comando de Pelotão, mas de outra Companhia, de outro Batalhão, ele levou uma rajada de metralhadora nas pernas e foi evacuado para o Brasil. Chegou ao posto de major, aqui no Recife. Como recompensa ou coisa que o valha, colocaram-no na direção de uma empresa: seu desempenho não foi satisfatório, ele foi afastado e conseqüentemente caiu num ostracismo de causar dó.

Primeiro erro, usá-lo numa função para a qual ele não estava em absoluto preparado; segundo, depois o condenaram por não ter apresentado um desempenho tão brilhante quanto o da Campanha, no combate.

Morreu semiparalítico, praticamente abandonado aqui no Recife. Esse é um dos meus heróis da FEB, com quem convivi.

Um outro que merece o meu destaque é o sargento Silas de Aguiar Munguba que hoje mora em Fortaleza e foi por muitos anos Diretor – ele é médico ginecologista – do Hospital Batista de Fortaleza. Foi meu companheiro no ataque a Monte

Castelo, onde foi ferido a alguns metros de mim no dia 20 para 21 de fevereiro de 1945, e também numa patrulha do meu Pelotão da qual ele participou no Vale do Rio Marano, na região de Oratório Della Sassane. Naquela época, um jornalzinho nosso, o *Estrela do Sul*, publicou uma reportagem sobre essa patrulha.

O sargento Silas, ao defrontar-se com posições alemãs, foi usar a metralhadora e o carregador da metralhadora havia congelado: conseqüentemente não houve disparo. Ele trocou a metralhadora por uma outra e ocorreu o mesmo fato; ele jogou uma granada e o Pelotão fez prisioneiro um outro alemão que ocupava aquela posição, justamente no momento em que os alemães (antes do ataque ou logo após o primeiro ataque) deram o alarme, ou seja, uma luz luminosa, um *very light*, desencadeando em cima da patrulha bombardeios de morteiros de 81mm e metralhadoras.

O sargento Silas, para mim, é um dos heróis da FEB entre tantos outros que pontificaram naquela campanha.

Destacado por ato de heroísmo, o Tenente Mauro Bolívar de Moura Carijó, do III Batalhão, era considerado um bravo. Era carismático! Nas patrulhas e nos ataques ele desprezava o capacete de aço, "adereço" do qual eu não abria mão, botava simplesmente um gorro e desafiava a Artilharia alemã, a metralhadora alemã! Não era só bazófia, não era empáfia: era a maneira de ele agir e sempre esteve à frente de muitas patrulhas.

O cabo Aires, um paraibano que morreu há pouco tempo em Campina Grande, e o soldado Quintiliano, ambos do meu Pelotão, foram valentes, bravos.

Lá na Itália, incorporados ao V Exército, a gente pode sentir o problema da cor do fardamento e da qualidade do tecido. Não sei por que cargas d'água se entende – ou se entendia na época – que o corpo de um tenente seria diferente de um corpo de um soldado, de um sargento, de um cabo. O oficial tinha o uniforme de uma lã mais pura e o soldado de uma lã mais ordinária; as cores também eram mais firmes nos fardamentos dos oficiais. Quando chegamos à Itália sentiu-se primeiro a diferença da cor; houve incidentes por causa do nosso fardamento. Um soldado nosso foi ferido por um americano num combate nas proximidades de Belvedere: estavam justapostas as tropas americanas e as brasileiras e, por equívoco, um americano atirou num soldado brasileiro pela cor do uniforme.

O V Exército procurou superar essa dificuldade fornecendo uniformes, jaquetas e até o que nós chamamos normalmente aqui no Brasil de "jardineiras" – macacões com suspensórios – para que nós usássemos como proteção durante o inverno.

Diminuiu a diferença.

No que tange à alimentação, acho que nós não temos restrições a fazer. Eu estive na linha de frente e nesse ataque a Monte Castelo no dia 30, pela madrugada,

debaixo das vistas e dos fogos alemães, chegou-me às mãos, para o Pelotão, um camburão de café quente com pão e manteiga.

Isso nas barbas do alemão!

Quer dizer: isso é algo a destacar em termos de dedicação, em termos de provisão, em termos de apoio logístico àqueles que estavam combatendo.

No Pelotão havia o fogareiro à gasolina, nós tínhamos na ração café, cigarro, um papelzinho higiênico. Tão logo estacionávamos, em qualquer situação, a alimentação já passava a ser feita no Pelotão ou na Companhia quase sempre com comida à brasileira; os ingredientes americanos, mas feita à brasileira por nossos cozinheiros. O meu cozinheiro de Pelotão, por exemplo – tinha o apelido de Giz, era um negrinho – fez no Natal um bolo do qual até hoje eu não me esqueço, com material americano, na própria Companhia.

O armamento era americano, e em nenhum momento houve falta de munição. Era de primeiríssima qualidade. No Brasil, trabalhávamos com o morteiro Brandt, que possuía um aparelho de pontaria complicadíssimo e lá passamos a usar outro mais simples, e que foi muitíssimo eficiente na cobertura; eu devo muito aos nossos Pelotões de Morteiros, quer da Companhia, quer do Batalhão, porque quando o infante arranca para o combate e recebe fogos é um alívio saber que houve o troco. Mesmo que não atinja o objetivo, o tiro amigo que partiu pelo menos dá aquela alegria na gente: o inimigo está recebendo o troco!

A propósito, nos ataques a Monte Castelo houve deficiência no planejamento do apoio de fogo. Os nossos morteiros de Batalhão e Companhia, inclusive o morteiro 60mm, em que pese a precariedade porque é um “morteirinho”, quase que de brinquedo, funcionaram até onde puderam, no limite. O apoio geral é que deixou a desejar.

O Tenente José Machuca, meu Subcomandante de Companhia, nunca perdeu a serenidade, nunca perdeu o bom humor, podia desabar o céu em cima. A missão do subcomandante também era árdua; ele coordenava o suprimento, a substituição do pessoal, era uma espécie de executivo da Companhia e jamais nos falhou em qualquer momento, em qualquer circunstância.

O comandante de Companhia, exceto quando a ação era desse nível, normalmente permanecia um pouco mais protegido dos tiros de metralhadora; recebia as cargas de morteiros, as de Artilharia, é lógico, ele estava numa guerra, mas nós estávamos mais próximos e ele mais distante. Eu poderia dizer que essa foi uma guerra de tenentes, sargentos e soldados, porque os tenentes se expunham até o limite onde nós, sargentos e soldados, poderíamos ir. Mas, por exemplo, o Capitão Edson Amâncio Ramalho – hoje é nome de rua e tive o prazer imenso de passar pela mesma com o nome do meu Comandante de Companhia na Itália, daquele que me

levou ao topo de Monte Castelo, com uma serenidade invulgar –, ele simplesmente, não sei, não dá para descrever o destemor, a despreocupação, como transmitia para os seus comandados aqueles exemplos.

O estado psicológico do combatente merece um capítulo à parte. Nós vivíamos, não só nos ataques mas nas patrulhas, na fase defensiva, na certeza de que no dia seguinte não existiríamos mais. Nós vivíamos aquele dia, e o fator psicológico era importantíssimo para manter essa idéia de sobrevivência que nos escapava a todo instante. Era comum a expressão "Bom amanhã... Vamos fazer isso agora, porque amanhã não estarei mais vivo!" Outro companheiro dizia: "Espera, pessoal, o que é isso, alguém vai sobrar nessa aqui e somos nós!"

Então, esse espírito de apoio e de solidariedade elevava o moral da tropa e a gente tinha sempre aquela confiança de que um Deus lá em cima nos protegia.

Mas, o estado psicológico era bom. Claro que em determinados momentos até os mais bravos tremiam. Acabei de citar um dos heróis, o soldado Quintiliano. Pois bem, uma vez estávamos numa posição e fomos bombardeados. Havia um túnel para sair da posição e ele, simplesmente, foi o primeiro a buscar a saída, destapando a boca do túnel. Mas, porque lá fora o bombardeio era pesado, ele teve receio de sair mesmo pela trincheira. Isso bloqueou o Pelotão quase todo, atrás dele.

Entretanto, mereceu a citação no nosso Jornal *Estrela do Sul*.

São os momentos de tensões, são os medos que atingem a todos nós: não tem valente que, em determinado momento, não sentisse receio porque era o instinto natural de conservação da vida que nos levava a procurar escapar.

Em patrulha foi o meu Pelotão comandado pelo então Tenente Fredímio Trotta, na Sexta-Feira da Paixão de 1945. Na nossa frente havia uns casarões e a suspeita de que durante o dia os alemães se serviam dessa casa como observatório para as nossas posições; ficavam nos espionando. O meu Pelotão foi designado para fazer uma verificação, à noite, e ver se havia ou não alemães, se estava ou não ocupada aquela casa; era uma casa de fazenda. E nós fomos.

Como era natural, quando saímos das nossas posições, todo mundo pé ante pé, não se dá uma palavra, um cochicho, é só por gesto, próximos uns dos outros, levam-se horas para percorrer quatrocentos, quinhentos metros andando desse modo, cuidando para que o companheiro não se desvie, se vem atrás, não está vendo o seguimento do caminho; leva-se um tempo extraordinário. Quando atingimos essas posições já passava da meia noite. Chegamos, cercamos essa casa, verificamos por dentro, encontramos uns gorros alemães, mas de alemão não havia nada.

Aí todo mundo foi-se comunicando, houve sinal para retrair, era uma estradinha carroçável coberta de grama, de arbustos. Fomos regressando, comunicação pelo

rádio "Não foi encontrado inimigo na posição tal" e, como é natural, ninguém pode evitar isso, no momento em que houve a verificação e não existia inimigo lá dentro, veio aquele suspiro, um relaxe. Quando tínhamos nos afastado uns 150 metros, as metralhadoras alemães, que estavam situadas num monturo a uma distância bem grande da casa – eles tinham postos posições de metralhadora "lurdinha" do lado de fora e nós examinamos tão – somente a casa –, despejaram bala e foram em cima do nosso Pelotão, em cheio.

Eles erraram os tiros de morteiros porque era uma distância maior, mas a metralhadora, eu acredito, passou entre as minhas pernas balas traçantes a três por dois; eu corri de um lado da estrada em que não havia valeta para o outro que escoava as águas da estradinha. Atravessei a estrada com as balas "comendo" nas minhas pernas, mas atravessei mesmo assim. Junto a mim, um soldado do meu Pelotão, o Joaquim, aqui do Nordeste: eu me joguei na valeta e ele junto. Esse soldado, a partir daí, começou a fazer uma chamada de santos, ele não pedia socorro "me ajude, me ajude...", ele só dizia assim: "São Severino, São João, São Joaquim, São Pedro", começou a desfiar um rosário de nomes de santos que até hoje eu não cheguei a saber se são realmente santos.

Logo após o término da guerra, determinaram que ficássemos como tropa de ocupação. Perto de Piacenza havia uma vila, São George de Piacenza, que era a sede do município e onde a minha Companhia permaneceu. Ocupamos um sobradão, um palacete de um conde – para ele era superconfortável, contudo, para nós, uma Companhia inteira, quase duzentos homens, até os sanitários eram escassos. Mas havia piscina.

Os patriotas italianos, os chamados *partigianis*, começaram a revanche em cima daqueles colaboradores dos alemães: moças que tinham namorado com soldados alemães, casas que tinham abrigado os soldados alemães... Então, veio a ordem do comando para que nós puséssemos um fim àqueles desmandos dos patriotas italianos, na maioria comunistas. Organizaram-se patrulhas, das quais algumas eu participei, para prender esses italianos. Numa dessas patrulhas, além de levar uma metralhadora, entendi de pedir emprestado a um companheiro uma pistola *Beretta* que ele havia escondido, arranjou não sei com quem; ele me deu a *Beretta* segurando-a pelo gatilho, puxei e em vez de vir a pistola veio a bala, varou o pulso e acabei sendo ferido depois da campanha. Fui parar num hospital.

Ao término da guerra houve incerteza. Enquanto, por exemplo, os Aliados, principalmente os americanos, não dissolveram de imediato as Unidades – eles dão um curso de preparação psicológica para poder desmobilizar o soldado –, nós fomos desmobilizados na Itália. Lá foram confeccionados os certificados de reservistas, parecia que até em caráter provisório; a DIE, a Divisão Expedicionária, voltou desmobilizada praticamente. Isto foi terrível, foi terrível.

Eu era sargento, fui consultado: “Deseja continuar?” Eu não tinha essas vontades todas porque queria fugir de armas, de soldados, não queria mais brincar de soldado. Mas e a incerteza do futuro? Achei que seria uma garantia permanecer no Exército e acho que foi uma decisão muitíssimo acertada porque já era casado. Havia um filho que nasceu quando eu estava na Itália, o meu filho mais velho. Então, tinha uma incerteza sobre o futuro e, como eu, uma maioria.

O pessoal ficou desnorteado e seria um capítulo à parte falar sobre o pós-guerra no Brasil, o retorno ao Brasil.

Monte Castelo, meu batismo de fogo, significou para mim a pior fase da campanha; as subseqüentes foram patrulhas, foi sempre o avanço da Companhia com exposição de perigo mas nunca tão intenso. Eu estive em Monte Castelo por duas vezes, integrando o escalão de ataque, nas jornadas de 29 de novembro e 21 de fevereiro.

Na véspera da tomada de Monte Castelo, no dia 20 de fevereiro de 1945, nós ocupamos a Ca de Fornacce, uma casa que fica no sopé da elevação. O meu Pelotão era comandado pelo Tenente Fredímio Trotta e o Comandante da Companhia era o Capitão Edson Amâncio Ramalho. Eles entenderam de mandar o meu Pelotão avançar para o Monte Castelo antes de se desencadear o ataque geral.

O comentário era o seguinte, na reunião de sargentos e tenentes: você vai avançando com a sua tropa para a Ca de Zolfo, que era um pouco mais acima, e de lá você vai caminhando em direção a Monte Castelo porque quando se desencadearem os fogos, logo após, você já vai estar mais ou menos próximo da crista e das posições alemãs para aproveitar o efeito da preparação de Artilharia.

Combinado isso, o nosso Pelotão saiu, avançamos noite a dentro por aquela mata e quando estávamos talvez a dois terços – como eu disse, a gente caminha muito devagar e leva muito tempo – da elevação do Monte Castelo, quatro horas da manhã, foi desencadeada a preparação de Artilharia. Só que eles desencadearam-na com a alça muito curta e exatamente em cima do meu Pelotão: ninguém, a não ser o comandante de Companhia e o comandante de Batalhão, sabia que o Pelotão estava lá. Como diz a turma na gíria “a cobra fumou” porque eu nunca – até fiquei com pena dos alemães – imaginei tamanho poder de fogo na nossa Artilharia; cada explosão abalava aquelas rochas de granito e foi o que nos valeu porque, às primeiras rajadas, nós nos entocamos, vamos dizer assim, enquanto o tenente tentava se comunicar pelo rádio com a Companhia.

Eu me lembro que o prefixo da Companhia era “galo”, o Primeiro Pelotão, “galo 1”, o Segundo Pelotão, “galo 2” etc. O Tenente Trotta, por sinal um dos bravos da FEB, não conseguia articular muito bem as palavras e dizia “alô, alô, galo 1, galo 1, ti, ti, ti, tilharia batendo na gente, ti ti ti tilharia batendo na gente!”

Demorou um certo tempo mas eles corrigiram a alça e a partir daí a Companhia veio se juntar a nós e fomos para cima do Monte Castelo, ultrapassando resistências de algumas casamatas. Encontrei alguns galões de vinho junto a cadáveres de alemães, muito bons.

Então chegamos e tomamos Monte Castelo.

Ocorreu um outro fato depois da conquista de Monte Castelo.

Eu tive uma visão de combate que seria talvez a maior aula que se pudesse ter, não há cinema que possa reproduzir isso. Eu, na crista de Monte Castelo, o Monte Della Torracia defronte, e a Divisão de Montanha americana progredindo da base do espigão para o centro, a fim de tomar o morro, isso ao entardecer do dia 21. A Companhia avançava e o alemão resistia, eles recuavam e avançavam novamente, mas tudo isso a passos de balé; soldado corria, deitava, o outro abria fogo, uma coordenação que só o cinema poderia fazer...

Só faltou mesmo o mocinho e a mocinha...

Eles conseguiram avançar até quase dois terços do Monte Della Torracia, durante o dia, até a tardinha e à noite os alemães rechaçaram. Amanheceu e quando procurei americano de manhãzinha, no café, eles estavam lá embaixo; haviam voltado. De vez em quando a gente via rolar lá de cima do morro um americano atingido. Della Torracia foi conquistada pela 10ª Divisão de Montanha na tarde de 24 de fevereiro.

Os combates se faziam nessa natureza.

Quando substituímos a tropa montanhesa, em Castel D'Aiano, uma posição semifortificada tomada com muitas perdas, eu vi o corpo de um americano decepado por uma granada, ele socado dentro do abrigo, sem a cabeça; muitos outros corpos ainda estavam quentes.

Então a gente saiu fazendo a limpeza.

Encontramos umas botas felpudas para conforto do oficial alemão e na mesma casamata um galão, desses de 18, 20 litros de combustível, cheio de vinho de primeiríssima qualidade. O cabo Emídio, como bom soldado, achou de primeiro experimentar o vinho antes de comunicar a descoberta.

Tomou uma porção, o sabor era bom, ele deu para o soldado que ia com ele, tomou outra, outra e lá para as tantas, à tardinha, chega o cabo Emídio comunicando a meu comandante de Pelotão o que tinha encontrado: "Tem um galão de vinho..."

Aí veio logo a ordem: "Não toca no vinho que pode estar envenenado; pode ser que eles tenham deixado *boobytrap*[3] no morro e pode estar envenenado o vinho!"

---

[3] Literalmente, armadilha para bobo, gíria. Armadilha (mina disfarçada no solo)

Quando se estava nessa confusão de vinho envenenado ou não envenenado, o cabo Emídio deu um gemido enorme e caiu a fio comprido no chão. Todo mundo ficou assustado: “Puxa! Esse vinho estava envenenado mesmo e o cabo vai morrer!”

Pega o cabo, bota numa padiola e desce para o posto de evacuação.

E, nada mais nada menos, o cabo apenas tinha tomado um pileque, tomou vinho que não acabou mais!

Naturalmente o vinho foi distribuído entre o Pelotão em doses parcimoniosas; mas o susto do cabo Emídio foi enorme.

Nosso regresso não poderia ter sido melhor, primeiro, porque estávamos vindo para o Brasil, saudade imensa, lembrança da Pátria, porque só quem se afasta é capaz de aquilatar o quanto essa terra nos deixa saudades.

Ainda hoje eu sinto um nó na garganta quando lembro, na viagem de ida, lá em Gibraltar, os navios que nos comboiavam hastearam a Bandeira Nacional e tocaram o Hino Nacional; naquela ocasião nós estávamos indo para lá, foi uma emoção que eu nunca imaginei sentir.

Imagine-se essa emoção sabendo-se que é de regresso: foi o que nós sentimos!

A viagem decorreu sem grandes problemas e em metade do tempo que nós gastamos para ir porque dessa feita o navio *SS Mariposa*, que não era um transporte de tropa, não tinha necessidade mais de navegar em ziguezague: foi uma viagem direta.

O desembarque no Rio foi uma apoteose!

A dificuldade foi que a tropa não teve como manter a formação, porque mal começou o desfile a população carioca nos aplaudia e há um pequeno detalhe a ser mencionado depois dessa recepção apoteótica. Moças, principalmente aquelas normalistas, todo mundo queria chegar perto e falar e confraternizar com os soldados, foi-se espremendo o dispositivo que de coluna por seis passou para quatro, foi diminuindo e terminou em fila indiana: para tomar o trem de volta para a Vila Militar, na Marechal Floriano, já a tropa estava toda em coluna por um, não se tinha como refazer a formação.

Então, foi aquela alegria geral, liberdade, licenças...

Como fiquei na Ativa iria entrar de férias.

O pessoal que já estava licenciado começou a ser conduzido aos transportes e eu tenho o relato do sargento Silas, de quem acabei de falar, que é daqui de Pernambuco, ele é filho desse Pastor Munguba Sobrinho, construtor da Igreja Batista da Capunga.

O Silas me contou depois.

Pegaram um navio cargueiro, amontoaram um bocado de soldados, todo mundo ali pelo convés, pelos porões, distribuíram para cada um deles um prato de alumínio, a alimentação era servida e nem os “sem-terra” de hoje comem tão ruim quanto aquele

pessoal. Então, depois de ter passado Cabo Frio, já nas águas da Bahia, o pessoal da FEB iniciou uma revolta devido à má alimentação e às péssimas condições a bordo.

Esses homens desembarcaram aqui no Recife, jogados assim sem maior assistência. É aquilo que eu disse no necrológio do Major Frazão: “Herói no campo da Itália, pária aqui no torrão natal!” Nós que ficamos na Ativa ainda tínhamos a certeza de um amanhã, embora tivéssemos também os nossos percalços. Sofremos um certo despeito, não fomos muito bem recebidos.

Eu vim de férias para Natal e, depois, resolvi não voltar: consegui transferência do Regimento Sampaio para um Batalhão de Canhões Anticarro sediado nessa cidade. Na época, comandava-o o Capitão Francisco Gomes da Costa. Como ainda envergava o fardamento da FEB, tive que mandar fazer o uniforme normal de uso. No terceiro dia depois que me apresentei no Batalhão foi-me chamada atenção pelo Subcomandante do Batalhão nos seguintes termos: “Esse negócio de FEB é muito bonito, esse negócio de herói – com um sorriso irônico –, mas, o senhor tem que botar o seu fardamento, não pode ficar a vida inteira com esse fardamento.” E, até me deu um prazo. Na realidade o alfaiate não tinha ainda conseguido fazê-lo, eu pedi com antecedência mas ele extrapolou o prazo e eu não pude me fardar como os demais. Para minha sorte, veio ser subcomandante um tenente egresso da FEB, o Tenente Omar Dantas Moura; aí a minha vida se normalizou no Batalhão.

Como eu, outros sofreram reações idênticas noutros Batalhões, noutros Regimentos, noutros lugares aonde foram servir. Eu até hoje não sei bem o porquê dessas reações. São humanas e naturais mas é um fato que a gente não pode negar: ocorreram.

Entre o pessoal licenciado, havia alguns sargentos que decidiram sair. Outros, como eu, ainda chegaram a pensar em dar baixa. Numa fase em que a economia de guerra se desmobilizava, as fábricas botavam gente para fora, começava a diminuir o faturamento, conseguir um emprego era coisa rara em Natal. No Círculo Militar reuniram todos os “febianos” que já tinham chegado a Natal, num esforço da Legião Brasileira de Assistência a fim de tentar colocar o pessoal nos empregos. Apareceram uns três ou quatro comerciantes, alguns até nossos conhecidos. Eu me fingi de desempregado, vestido à paisana, fiquei sentado, quando chegou um rapaz e me ofereceu um emprego.

– Nós estamos botando gente para fora, mas como exceção nós podemos lhe colocar lá na firma. Quais são as suas qualificações?

– Tenho o ginásio, o 1º científico! – respondi.

– Não é coisa pesada, é coisa leve, nós temos uma vaga para arrumador no nosso depósito.

Agradeci o interesse dele.

Para um outro que tivesse menos ainda qualificação, rústico, de trabalho braçal, conseguia-se; mas vinha o lado psicológico que eu acabei de falar, que é a não preparação para a desmobilização. De repente, a pessoa chegava à firma, quando conseguia o emprego, vinha um chefe de turma qualquer mandar com desdém, dando grito...

O ex-combatente acabou de ser recepcionado como herói no Rio de Janeiro, encontra um chefe arrogante, dando ordens, faça isso, varra aquilo...

A maioria não demorava mais de três dias no emprego.

Novamente desempregado, novamente necessitado, novamente desassistência a esse pessoal: é lamentável!

Aqui em Recife houve uma comissão formada pelo Padre João Barbalho Uchoa Cavalcanti Sobrinho, que foi um dos Capelães da FEB, esse Silas Munguba, que na época era estudante aqui, Jecely Farias e uns outros: era uma comissão que suava de manhã à noite, nas indústrias, no comércio, buscando emprego para esse pessoal.

E eu cito esses fatos para que sirvam de orientação porque guerra sempre vai existir; mudam as maneiras, os combates, os bombardeios, mas ainda é a Infantaria que lá permanece.

Então, necessária se faz uma preparação porque, ao contrário do nosso pessoal, os americanos fizeram o seguinte: o indivíduo que chegava da guerra, o veterano, tinha uma bolsa de estudos. Imaginemos que ele fosse analfabeto: ele tinha uma bolsa de estudos, da alfabetização ao curso superior. A única condição era ele não ser reprovado nos períodos. Desde que desse continuidade aos estudos ele saía doutor, de anel no dedo e de diploma na mão, às expensas do Exército, com uma bolsa de manutenção, inclusive, ao contrário do nosso pessoal.

E tudo isso serve porque ainda hoje remanescem, de certo modo, seqüelas dessa desmobilização feita a toque de caixa, feita assim sem maiores preparações.

Nós temos um diploma de membros honorários do V Exército; se eu chegar aos Estados Unidos vou ter as facilidades de permanência e as facilidades dos veteranos dos Estados Unidos, tamanha é a gratidão dos americanos pelo fato de termos combatido junto com eles na Itália. Quer dizer: valorizam o soldado brasileiro que lutou ao lado deles na Itália pela democracia.

Sobre os nossos vencimentos na FEB, eles eram divididos em três partes: uma era entregue à família aqui no Brasil, uma outra parte era paga lá na Itália ao próprio soldado e a terceira, à guisa de poupança, era depositada no Banco do Brasil. Quando regressamos, encontramos lá no Banco do Brasil, embora sem maiores correções, aquilo que foi depositado.

Mas o principal depósito, a principal assistência, não seria esse dinheiro: seria a formação, seria a preparação do homem para pegá-lo porque a maioria, 90% do pessoal, foi imediatamente ao Banco do Brasil, retirou o dinheiro e dali foi direto para o baixo meretrício – isso dependendo do nível de cada um deles – e "derretia-o" em bebidas e farras ou gastaram em passeios, até em fazendas.

Aquele dinheiro terminava em nada!

Em vez de dinheiro depositado, se o tivessem empregado em uma formação nós teríamos talvez um outro Brasil porque foi muita gente que voltou.

Havia uma determinação da Presidência da República para que o primeiro "febiano", o primeiro ex-combatente, a chegar num município o prefeito seria obrigado a fazer uma festa, para homenageá-lo, uma pequena recepção, um coquetel...

Eu morava em Natal e tinha umas tias morando em Macaíba; saí sem maiores preocupações, peguei a minha mulher e fui passar o dia em Macaíba com as tias. Eu estava muito bem posto quando, às 6 horas, chegou uma comissão, o juiz de Direito, o padre e o delegado – não podia faltar o delegado – convidando-me para ir à prefeitura onde estava sendo preparada a homenagem para mim. Em lá chegando, ao entrarmos na sala, foi uma chuva de pétalas de rosas, os bancos e cadeiras superlotados e a mesa composta pelos graduados da cidade. Havia um conhecido meu, Aguinaldo Tinoco, em Macaíba; ele era o orador oficial da cidade e esse pessoal começou a falar. Começou o orador, depois o padre, depois o juiz, aí se volta o cara e me diz: "Agora você tem que responder."

Se ele me tivesse avisado antes eu teria procurado alguém de maiores conhecimentos, eu nunca havia falado em público a não ser para soldados, posição de sentido ou coisa semelhante. O Exército ainda hoje me deve uma medalha por esse discurso que eu fiz, de quatro palavras, tamanho o aperto que passei.

Quando voltei da FEB, eu tinha economizado lá na Itália todo o meu ordenado; meu pessoal pouco havia gasto do que ficou, pois deixei minha mulher e filho na casa de meus pais. Peguei o dinheiro do Banco do Brasil, mais o que eu trouxe, comprei uma casa, a minha primeira casa: aos 21 anos, quase 22, comprei a primeira residência própria com o dinheiro da FEB.

Para mim isso foi um consolo, o fato de eu ter conseguido que meu segundo filho já nascesse na minha casa própria.

O espaço de tempo entre maio e agosto de 1945, lá na Itália, foi bem interessante porque, como eu falei antes, nós ficamos uma boa parte do tempo, que foi a oficialização do término da guerra, como tropa de ocupação.

Depois houve aquele acidente, eu baixei hospital, fui para o 34º Hospital de Evacuação, e, enquanto estava baixado ao hospital em Salsomaggiore, a minha Com-

panhia se deslocou de São George de Piacenza para Francolise, que seria o local de concentração da tropa para o regresso ao país. Depois que tive alta do hospital, apresentei-me ao QG. Assim, desloquei-me do Norte da Itália para o Sul num comboio do QG e até desfrutei de um conforto fora do comum porque eu vim num carro comando, aquele “jipão”.

O general já havia ido embora.

A Engenharia do V Exército funcionava maravilhosamente: todas as barracas construídas, cama de campanha para todo mundo, mosquiteiro para todos. O nosso soldado veio ver mosquiteiro pela primeira vez, havia um em cada cama, barraca para doze praças, foi recolhido o armamento e nós ficamos então aguardando o regresso.

Era uma fase difícil porque não havia uma preparação de lazer para a tropa. O Regimento inteiro concentrado naquele acampamento sem maiores afazeres, não havia instrução porque não tinha sentido, formaturas pouquíssimas porque também não fazia mais sentido, era um relaxar geral, mas um relaxar sem uma preparação antecipada, sem lugar para um bilhar, sem um teatro, sem um cinema, em suma; houve nessa ocasião a possibilidade de mandarmos para o Brasil, através da Rádio Nacional, mensagens para os familiares, estávamos bem etc.

O que ocorreu? O pessoal começou a fazer escapadas chamadas de “tochas”. Acender a “tocha”, a exemplo da tocha olímpica, era sair às escondidas e se mandar para um passeio. Mas tamanha era a disciplina, tão consciente, que ninguém se estendia muito tempo nessas “tochas” para não comprometer o seu comandante de Pelotão, o seu comandante de Companhia.

Havia umas dispensas oficiais e elas eram dadas assim meio escondidas; não podia haver um incidente com qualquer um de nós fora do acampamento.

Houve uma demonstração cabal, patente, da disciplina consciente da qual nós estávamos imbuídos. Fazíamos a “tocha”, dois, três dias, regressávamos. “Como é que está a situação? Está boa?” Vamos para uma outra!

Numa dessas “tochas”, eu acompanhado dos sargentos Kialdo Lemos, Silas Mungaba e Vital Loureiro – a gente saía sem transporte, ia pela estrada e aplicava o dedo para pegar carona, quer fosse transporte americano quer fossem carros civis, ônibus até , passei por Nápoles, fiz uma visita, muito grata para mim, às ruínas de Pompéia, Torre Anunciata – que também foi uma cidade destruída pelo Vesúvio – e de lá demos uma esticada até o balneário de Salerno, cidade então controlada e ocupada pelos soldados ingleses.

Uma das coisas notáveis na FEB, principalmente no pós-guerra, era a comunicação, era a variedade de idiomas que se afinavam no italiano, num italiano estropiado, mas que todo mundo entendia.

Tanto é que nessa Salerno ocupada por tropas inglesas, onde havia inclusive uma ordem severa de não beber depois das dez horas da noite, nós fomos – éramos quatro brasileiros – para uma espécie de boate, superlotada, sargentos ingleses, cabos etc.

De repente, não se sabe como, um dos quatro sargentos que estavam numa mesa nos ofereceu uma garrafa de bebida, nós devolvemos a cortesia, foi-se estreitando assim uma camaradagem e daqui a pouco eu, que não bebia, com duas doses já estava naquela base, cantando *Lili Marlene* que hoje – 24 de maio –, para minha surpresa, nas comemorações do Dia da Vitória, a banda tocou como dobrado. Era uma música alemã e eu fiquei feliz ao ouvir. Como dizia, estávamos nós com os ingleses cantando *Lili Marlene*, meio italiano, eles meio inglês, a gente meio português... aquela confraternização. E isso ocorria em restaurantes, ocorria onde quer que nós fôssemos, essa integração da tropa brasileira com os Aliados.

Com os italianos, habitantes da terra, então nem se fala, eles nos veneram até hoje.

Mandaram para a Itália enfermeiras, umas efetivamente preparadas, nomeadas e cursadas e outras feitas nos cursos de emergência, as chamadas Ana Nery, nome da Escola de Enfermagem, mas mandaram-nas como soldados; os americanos, que preparavam as suas enfermeiras, todas elas eram no mínimo 2º tenentes. De repente, chegam lá as nossas enfermeiras inferiorizadas hierarquicamente para servir no hospital; surgiu o problema, desde o alojamento e tudo enfim, um problema hierárquico, de integração. Às pressas promoveram todas a 2º tenente, inclusive Virgínia Leite que ainda hoje é uma das enfermeiras mais queridas da FEB, mora em Curitiba, dedicadíssima; quem passou pelas mãos dela nos hospitais não esquece jamais.

Foi assim que as nossas enfermeiras se integraram ao Corpo de Saúde americano e aos métodos americanos.

Lá no hospital em que estive baixado só havia uma enfermeira brasileira, sequer eu me lembro o nome, raramente eu a via; fui tratado por enfermeiras americanas, por dentista americano – precisei fazer uma obturação –, de modo que, sobre enfermeira, não tenho maiores detalhes. Sei hoje que a Virgínia ostenta um sem número de medalhas, naturalmente ela as mereceu de algum modo.

Ainda hoje, repito, existem as seqüelas da desmobilização e da desassistência.

O Serviço de Saúde não nos dá nenhum apoio.

Nós estamos na fase de carecer de médicos, remédios, assistência; estamos atingindo uma fase em que todo mundo tem mazela, pela própria idade, pelas conseqüências, pelas neuroses que afloram a qualquer momento; eu me emocionei bas-

tante ao falar sobre Monte Castelo. Essas neuroses contidas e retidas no nosso organismo há tanto tempo afloram agora, quando a gente fala a respeito.

Na desmobilização, a maioria dos soldados foi de imediato embarcado, já como civil, para o seu destino; o nordestino que servia nas Unidades da FEB, logicamente, dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio, veio para Recife, Natal etc., como reservista da FEB.

O governo reconheceu apenas parcialmente o sacrifício da campanha da FEB.

Hoje, tenho o curso de Administração de Empresas, mas feito a custo de muito e muito sacrifício e em detrimento até, sejamos francos, das necessidades caseiras, dos estudos dos filhos e da educação deles.

Eu aprendi a respeitar Antônio João e a admirar Taunay pela Retirada da Laguna, pelo que ele escreveu.

Por que o povo, os nossos alunos, a nossa juventude de hoje não aprende a admirar o Exército Brasileiro pelo que a FEB fez na Itália? Nós fomos defender uma idéia implantada depois aqui no Brasil com o nosso retorno. Serviu de mola propulsora para a volta daquilo que nós aspiramos tanto, que são as liberdades: esse foi o nosso ideal básico.

Hoje, se há um desfile, os alunos riem, eles não entendem, "olhem aqueles velhinhos desfilando!", achando graça na boina, eles não sabem quem são aqueles, eles não têm a menor idéia do sacrifício que o próprio país fez, a fim de que fôssemos para lá.

Muita gente aqui se sacrificou, muitas mães perderam os filhos, muitos perderam os pais na Itália; no Dia da Vitória, com exceção daquela solenidade no Quartel-General, salvo engano da minha parte, não foi comentado nenhum assunto nos jornais, a mídia escrita sequer se pronunciou a respeito, porque lá nós tínhamos patriotismo!

Capitão Cleantho Homem de Siqueira*

Natural do Estado do Rio Grande do Norte. Concluiu o Curso de Formação de Sargentos em 1942, no 16º RI, em Natal. Na guerra exerceu as funções de Chefe de peça de canhão anticarro 57mm do II Batalhão do 11º RI. Passou para a reserva em 1973, no posto de Capitão. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Presidente da Seção Regional da Associação dos Veteranos da FEB, em Natal.

---

* Chefe de peça de canhão anticarro da Companhia Comando do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 26 de setembro de 2000.

Fui convocado para servir no 16º Regimento de Infantaria, na cidade de Natal, RN. Em 1944, integrei o pequeno contingente de 21 graduados daquele Regimento que, enviado para Recife, PE, juntou-se a outros de João Pessoa e Maceió; seguimos para o Rio de Janeiro onde fomos distribuídos entre os três Regimentos da recém-criada Força Expedicionária Brasileira.

Com a graduação de 3º sargento fui incluído no 11º RI, no II Batalhão, Companhia de Comando, na função de Chefe de peça de canhão anticarro; minha nova Unidade era originária de São João del Rei, MG e estava acantonada no Morro do Capistrano, nas proximidades da Vila Militar, onde também ficaram aquartelados os outros dois Regimentos: o 1º RI (Regimento Sampaio) e o 6º RI.

.Não havendo tempo suficiente, optou-se por um treinamento de emergência com maior ênfase no preparo físico. Esses treinamentos foram retomados imediatamente na Itália, visando à adaptação dos combatentes ao terreno montanhoso, ao clima e aos variados tipos de armamentos que nos eram totalmente desconhecidos: a *bazuca* era uma arma nova que estava aparecendo na época da guerra; do canhão anticarro 37mm passou-se para o 57mm...

O deslocamento da FEB foi feito em cinco escalões; no 1º escalão o 6º RI seguiu para a Itália no dia dois de julho; o 2º e o 3º no dia 22 de setembro de 1944; o 4º e o 5º no dia 22 de novembro e 8 de fevereiro, respectivamente.

O 11º RI, embarcado no transporte de tropa norte-americano *AP 116 General Meighs*, deixou o porto do Rio de Janeiro sem que a tropa soubesse qual era o seu destino. O efetivo embarcado atingia pouco mais de 5.200 homens, além da tripulação. A viagem era considerada de alto risco, em face dos torpedeamentos em toda a costa brasileira. Por isso, fomos comboiados até Gibraltar por navios da Marinha de Guerra do Brasil e, a partir dali, pela Marinha inglesa. Felizmente, porém, tudo transcorreu de forma tranqüila nos 14 dias em que durou.

No dia 6 de outubro o comboio chegou ao porto de Nápoles, permanecendo a tropa embarcada até o dia 9, quando reembarcou em grandes barcaças *Landing Craft Infantry* (LCI) da Marinha americana, que a transportaria ao porto de Livorno e dali, em caminhões, para o acampamento instalado em San Rossore, nas proximidades de Pisa. Essas barcaças não tinham cobertura de escolta; a viagem foi feita à noite sob intenso temporal, muito frio e o pessoal enjoou muito.

O meu batismo de fogo aconteceu na madrugada de 2 de dezembro de 1944, na substituição do I Batalhão do 11º RI na região de Guanella, na frente do Monte Castelo. Essa tropa foi obrigada a um retraimento debaixo de forte bombardeio da Artilharia alemã; mas realizou-o de modo ordenado e o nosso Batalhão assumiu as posições.

Um fato pouco divulgado aconteceu nas vésperas do combate de Montese, quando o comando alemão, naturalmente antevendo a crueza da luta pela disputa da pequena e estratégica vila, promoveu a completa evacuação dos seus habitantes, os quais – anciãos, mulheres e crianças – dirigiram-se às posições das forças brasileiras, humilhados, doentes e famintos; recolhidos e conduzidos à retaguarda, aguardava-os um tratamento condigno.

Dentre os muitos episódios que vivi, lembro-me que durante um bombardeio da Artilharia em Silla, localidade que ficava um pouco à retaguarda, em 22 de janeiro de 1945, perdi dois preciosos companheiros: o cabo Vicente José de Almeida e o soldado João Batista Botelo. Havia nessa vila uma ponte sobre o rio de mesmo nome, na estrada 64, muito usada pela cadeia logística Aliada; tinha cerca de oitenta metros de extensão, antiga e bem construída. Os alemães, constantemente, desencadeavam bombardeios sobre a mesma, que era protegida da observação inimiga por uma cortina de fumaça – e nós ocupamos um prédio nas proximidades dessa ponte; o Monte Castelo dominava todo aquele vale e, na madrugada daquele dia, fomos surpreendidos por terrível bombardeio inimigo.

Um fato heróico e digno de registro presenciei no combate de Collechio, o último combate da FEB.

Estávamos fazendo a cobertura de um Pelotão da 5ª Companhia comandada pelo Tenente Antônio Alves da Rocha Loures; vimos quando ele foi ferido e o sargento Judson, assumindo o comando do Pelotão, deu prosseguimento à ação, pondo em fuga os alemães que defendiam um depósito de armamento e munições. Esse sargento foi um homem de destaque na FEB. Nas ações sobre Castelnuovo perdeu todo o seu Grupo de Combate e conduziu para a retaguarda, ele próprio, os seus feridos.

No que diz respeito à suprimento, nada faltou à tropa em todo o período da luta; a alimentação variada e de boa qualidade sempre chegava às mais difíceis posições de combate. E, até por isso, destaco, também, o desempenho dos motoristas nas estradas congeladas, frio de 23 graus negativos, com o objetivo de manter em funcionamento a cadeia de suprimento, às vezes, com um soldado indo adiante da viatura, fazendo sinais, para evitar acidentes.

Heróis? Sim, tivemos muitos, na FEB.

Cito o meu Comandante de Companhia, Capitão Luiz Gonzaga Pereira da Cunha, carioca, dedicação extraordinária à tropa nos momentos mais difíceis; Frei Orlando, o Capitão Capelão, sempre levando conforto e até alegria aos soldados; sargento Max Wolf Filho, mineiro, mortalmente ferido em patrulha; sargento Nilo de Moraes Pinheiro, que morreu com um estilhaço de granada no peito!

O espírito de corpo, a confiança nas lideranças e a crença em Deus se tornaram fatores decisivos no estabelecimento do equilíbrio emocional da tropa.

Nós tínhamos um código para a correspondência que vinha da família, no Brasil: o nome, um número, FEB. Através desse número era localizado o destinatário. Os soldados analfabetos eram ajudados tanto na leitura como na escrita das cartas que iam e vinham.

A notícia do fim da guerra nos chegou em Alessandria, onde ocupávamos um velho quartel do Exército italiano. Além da perspectiva do encontro com a família, preocupava-nos o futuro, como reorganizar a vida.

O mesmo navio que nos levou à Itália nos conduziu de volta ao Brasil, havendo ficado enterrados em Pistóia mais de 450 brasileiros. A desmobilização da FEB foi feita dentro do navio, sem que ainda hoje tenha sido dada uma explicação sobre esse estranho procedimento do governo. No desembarque no Rio de Janeiro, a tropa foi recolhida aos quartéis da Vila Militar, onde fez a entrega do material, recebendo uma ordem de saque do fundo de previdência que lhe era devido. O dinheiro era curto. Os vencimentos eram divididos em três partes: uma parte a família recebia aqui; outra parte era recebida na Itália por nós; uma terceira era depositada nesse fundo de previdência.

Na Itália não tínhamos em que gastar e quem quisesse depositava o dinheiro no Banco do Brasil: era assinado um documento autorizando isso.

Muitos companheiros foram mandados para casa acometidos de problemas neurológicos e outras doenças adquiridas durante o período em que estiveram na guerra; em Natal, por exemplo, esse número foi estimado em 80% do efetivo que regressou.

Eu era convocado e, como tal, deveria ser licenciado como os demais, conforme as determinações recebidas pela FEB. Mas, o Comandante da minha Companhia, em face das perspectivas negativas do retorno à vida civil depois de quatro anos e considerando meu gosto pela vida militar, autorizou que o meu nome fosse retirado da relação dos licenciados; eu era 3º sargento.

Não tenho conhecimento de nenhuma ação direta do governo reconhecendo o sacrifício dos brasileiros que participaram da campanha da Itália. Algumas vantagens que hoje desfrutam os veteranos da FEB, como a pensão especial – que é também concedida aos militares que participaram da vigilância do litoral –, tiveram origem entre os próprios ex-combatentes que acionaram os políticos do poder legislativo: o governo apenas executou o projeto.

Poderíamos ter um plano de saúde!

Em Natal, por pura bondade e visão patriótica e até humanística, o general mandou que o diretor do hospital militar atendesse com uma consulta os companheiros licenciados pela FEB.

Do pitoresco da guerra posso me lembrar de que no dia 6 de abril de 1945 fui contemplado, num sorteio organizado pelo Serviço Especial da FEB, para um período de repouso durante seis dias, em Roma e em Florença. Vivíamos num buraco aberto no talude de uma pequena elevação, sem roupa, sem dinheiro e em precárias condições de saúde; pensei em desistir do sorteio. Estimulado pelos companheiros, decidi, porém, aproveitar a rara chance de conhecer Roma. Meu uniforme de passeio se encontrava no saco “B”, em Silla, e foi mandado às pressas para a minha posição. E que decepção: a roupa toda amarrotada e com cheiro de mofo! Todos queriam ajudar, o uniforme foi alisado por vinte mãos e cada um contribuiu com uns “trocados”, o que me rendeu um empréstimo de duzentas liras, na realidade quase nada: mas o passeio valeu a pena.

Nós estávamos numa situação deplorável, imundos, cabeludos, não havia água para nada, 23 dias sem banho, escovávamos os dentes com *grape-fruit*. Viemos para a retaguarda a fim de tomar banho em Porreta Terme, onde ficava o quartel-general.

Mas eu fui a Roma!

Chegamos à Montecatini, onde se reunia o pessoal sorteado, ingleses, americanos, poloneses...

Já em Roma recebemos um saco plástico – o pessoal olhava aquilo espantado, nunca vira plástico antes – onde se punha sabonete, escova de dente, pasta, cuecão, toalha e dali havia fila para cortar o cabelo, tipo “Jack Dempsey” ou “Príncipe Danilo”, fila para fazer barba, bateria de chuveiros e no fim saímos num bar imenso para fazer um lanche, uma cervejinha, chocolate, biscoitos; dali fomos conduzidos para o alojamento dos brasileiros.

Depois passei quase um dia inteiro no Vaticano, onde tive a sorte de participar de uma audiência. O Papa era o Pio XII. Chegamos ao Coliseu, estávamos por ali olhando as ruínas quando um soldado gritou: “Sargento, estão batendo ali num aliado!”

Um inglês vinha numa motocicleta e atrás dele uma caminhonete com uns italianos: abalroaram a motocicleta, derrubaram o rapaz e desceram para bater nele. O Cantarelli, que era um cara forte, pegou o italiano grandão, eu peguei um “coroa”, quando chegou a PE americana. Agarraram-me pelos fundilhos e aos outros e nos jogaram na caminhonete deles. Fomos para a chefatura, um capitão se dirigiu a mim em inglês sem que eu o entendesse e quem salvou a situação foi o próprio inglês que explicou tudo; os dois italianos foram recolhidos e nós fomos mandados embora.

Mas, houve casos muito tristes.

Dois soldados nossos estupraram uma moça, o pai veio em socorro da filha e foi assassinado. Eles foram condenados à morte, a pena foi comutada para trinta

anos de prisão, voltaram para o Brasil e a pena caiu mais ainda e depois veio a anistia... Entretanto, um americano, certa ocasião, veio com uma granada e, bêbado, jogou-a numa casa onde se realizava uma festinha. Dias depois, veio um ofício para o comando brasileiro e o Major Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, que era o Subcomandante do III Batalhão – o Comandante do meu Batalhão era o Major Orlando Gomes Ramagem – foi assistir ao fuzilamento desse sargento americano em Pistóia.

Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães*

Natural de Olinda, Pernambuco (PE), foi incorporado em 1941, no 14º RI, em Socorro, Jaboatão dos Guararapes, PE. Serviu no 30º BC, sediado em Fernando de Noronha, no Contingente do Quartel-General, no 1º Grupo Independente de Artilharia, ainda em Fernando de Noronha, e no 9º Batalhão de Engenharia, com parada em Três Rios, Estado do Rio de Janeiro. Serviu no 7º Batalhão de Engenharia, em Recife, PE. Narra, de maneira pitoresca, como foi incorporado à FEB e a sua participação no evento.

Foi para a Itália no posto de cabo, integrando a 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia. Foi promovido a 3º sargento durante a guerra. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Integrante da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 3 de maio de 2001.

Eu servia na Companhia Quadro quando transformou-se na 3ª Companhia do 14º RI, por causa do estado de guerra.

Veio uma ordem para que todos os graduados fossem para Fernando de Noronha, porque existia um "zum-zum-zum" de que o alemão iria atacar o litoral; havia um cuidado permanente do Exército em guarnecer a Ilha de Fernando de Noronha, que se tornou a sentinela avançada do País. Assim, do 14º RI fui transferido para o 30º BC, com sede naquela ilha.

Como era datilógrafo e tinha prática de contadoria, fui trabalhar na tesouraria.

Foi implementado no 1º GIA, 1º Grupo Independente de Artilharia, que estava sediado na Ilha, um curso de sargento e eu me apresentei. Fiz o curso, e, antes de terminá-lo, veio ordem transferindo o 1º GIA para Vila Velha, no Espírito Santo. Viajei a bordo do navio *Santarém*, em 1942, rumando para Recife, mas tivemos que retornar a Fernando de Noronha por causa dos submarinos alemães que estavam nos ameaçando; quando conseguimos sair da Ilha foi preciso arribar para Natal, também por causa dos submarinos; de Natal para Cabedelo, prosseguimos no navio *Bandeirantes*.

De Cabedelo tomamos o rumo para Recife, onde permanecemos no prédio que era de Pessoa de Queiroz, Praça Chora Menino, na Boa Vista; ficamos acantonados, esperando o comboio que seguiria para o Espírito Santo.

O comboio era misto, com navios americanos e brasileiros.

O *Raul Soares*, um transatlântico bom e possante, era velho, mas um navio bonito. Coube nele todo o Grupo de Artilharia, com material e munição. Saímos para Vitória e o *Raul Soares* não agüentou a velocidade do comboio: explodiu a caldeira, já perto de Salvador, na Bahia.

Naquela explosão todo mundo se assustou, querendo se atirar ao mar, pensando que era um torpedo: ficamos "ao Deus dará"...

O comboio foi embora e nós permanecemos ali, à deriva.

Lembro que faziam parte do comboio o *Bauru*, o *Afonso Pena*, o *Rodrigues Alves*, o *Cruzador Bahia* e outros, num total de oito ou nove navios.

O meu ficou para trás e a gente sem saber o que iria acontecer; não poderíamos mandar sequer um radiograma, porque o alemão interceptaria. Na costa brasileira havia os "quinta-colunas" que irradiavam todo movimento do Exército, das tropas, por terra ou por mar; eis porque era proibido pedir socorro.

Por felicidade nossa, já que explodira a caldeira do *Raul Soares*, o barco ficou imobilizado: o restante do comboio sofreu torpedeamento lá para os lados dos Abrolhos e alguns navios foram para o fundo do mar; os navios americanos mais importantes desapareceram. Não escutei, até hoje, alguém falar que algum

daqueles navios americanos tivesse sido torpedeados Eu só tive conhecimento de navios brasileiros. Os corpos, as vítimas foram chegando na praia, em cima de caixas de madeira e de bagagens.

Ficamos ali no *Raul Soares*, até que veio um destróier da Bahia a fim de nos comboiar para Salvador e assistimos aquela história... joga o cabo..., *atrela* no navio..., o navio muito pesado partiu o cabo, não dava para rebocar...

Quando fui para Fernando de Noronha, já sabendo que ali era o caminho de uma guerra, eu que possuía, também, a veia artística de cantor, desejoso de ir para rádio, teatro, fiz um samba que falava de despedida, de adeus, vou para a guerra malvada, não sei se vou voltar... Sempre gostei de me aventurar, descobrir o que se passava depois do Recife, pelo mar afora, para chegar em outras terras, respirar novos ares, ver outra gente, lutar por algo melhor...

Em Salvador passamos mais ou menos trinta dias no navio, esperando chegar outro, coisa difícil naquela época de guerra pois era pequeno o tráfego de navios na costa brasileira. Veio o *Itaquera* nos pegar, um navio pequeno que tinha de navegar, costeando. Jogava muito, a água entrava na proa do navio e saía na popa, todo mundo nos camarotes, não se podia transitar no convés e nos corredores, em virtude da água. Ele foi costeando, justamente por segurança, conduzindo a nossa tropa até Vila Velha. No Espírito Santo, acampamos na praia de Vila Velha. O Grupo de Artilharia ficou esperando um quartel, novas instalações, instalar-se, "tomar pé".

Em dado momento chegou um radiograma pedindo para transferir um cabo com o curso de sargento, que fosse datilógrafo. Quem preenchia aqueles requisitos era eu! Esse telegrama passou por todos os cabos da Unidade, para que fosse colocado o nome de quem desejava ser transferido para o 9º Batalhão de Engenharia, agora aquartelado em Três Rios, entre Minas e Rio: ninguém quis. Quando a mensagem chegou às minhas mãos, eu, pernambucano, com vontade de voltar para minha casa, para minha terra, disse:

– Eu quero! Fica onde?

– Fica em Pernambuco (mas em Pernambuco, ficava a cidade de Entre Rios).

"Um engano da peste."

Assinaram, eu assinei também e fizeram a minha transferência para o 9º Batalhão de Engenharia.

Pego minha mala, meus pertences todos, vou-me embora para a estação, feliz de voltar para casa, para Pernambuco, para o seio da minha família.

Perguntei ao chefe da estação, quantos dias se levava para chegar em Pernambuco! Ele olhou e disse: "O senhor não vai para Pernambuco. O senhor está indo para Três Rios, no Rio de Janeiro!"

Perguntei: "Que diabo eu vou fazer lá, se eu estou querendo voltar para casa? O que é que eu vou fazer nessa cidade?"

Mas eu estava transferido... Entro no trem, sozinho, três dias de viagem.

Eu, que era de Infantaria, fiz o curso de sargento na Artilharia, colhendo novas amizades, acabo indo para a Engenharia, sem conhecer ninguém, fossem oficiais ou praças.

Quando chego na estação, o trem vai encostando, eu não sabia nem o que era FEB, nem Itália, nem guerra, nada disso.

Aí eu vejo, desenhado na gandola[1] do pessoal que estava ali, a cobra fumando: FEB!

– Estou na Força Expedicionária! Deus, o que é que eu vou fazer?

Quando desembarquei, um militar, pareceu-me que era cabo também, me disse:"Companheiro, o que você está fazendo aqui? Veio para o 9º BE? Ih, rapaz, estou encaixotando tudo para ir para a guerra!"

Estava ali, em volta de mim, a vontade de Deus.

Fui me apresentar ao Comandante do Batalhão e, por ordem dele, ao comandante da Companhia, o Capitão Raul da Cruz Lima Junior.

Ele tinha mais ou menos uns quarenta anos, esguio, de bota, uma "chibatazinha" batendo na bota, muito destemido, de cara trancada, eu me apresentei, dizendo que estava indo para a 2ª Companhia do 9º BE.

– Você só pode ser um mau elemento, não é?

– Como assim, Capitão?

– Você, transferido para ir à guerra, é porque não vale nada. Não presta, não é?

Fui para a guerra com medo; quem é que vai para a guerra sem medo? E não desertei com medo também, para não ser covarde.

O 9º Batalhão de Engenharia embarcou na cidade de Três Rios, fez vários treinamentos, embora nenhum deles para a guerra, a não ser o treinamento de embarque.

Para a guerra foi, segundo vi, um punhado de civis apanhados em São Paulo, Rio Grande do Sul, Aquidauana e Rio de Janeiro. Aquele pessoal todo reunido entre estudantes, "verdinhos", para formar a tropa da Força Expedicionária, especificamente do 9º Batalhão de Engenharia. Os graduados, cabos, sargentos já tinham o treinamento militar normal, da vida de quartel.

Embarquei no segundo escalão, em setembro de 1944, no navio *General Mann*, fundeado no porto do Rio de Janeiro.

---

[1] Camisa verde-oliva usada na instrução diária.

Resultado daquelas instruções recebidas, lá em Três Rios, já sabíamos como embarcar. Chegar ao navio, ver aquela espécie de ponte que saía do cais do porto para o navio, a escada, os oficiais na cabeça da ponte, outros lá no fim e, afinal, você embarca com os sacos "A" e "B".

Ao transpor a ponte, já havia um outro oficial que fazia o controle e anotações para verificar se alguém desertara; geralmente encontravam um razoável número de desertores. Fugiam durante a madrugada, pulavam a cerca e iam embora pela estrada, isso em Três Rios.

Nós fazíamos treinamento durante a madrugada, ninguém dormia, estava de um jeito que a gente pedia para ir logo. E tudo parecia proposital, para irmos perdendo aquela impressão de medo e cairmos na realidade.

Até que um dia, de manhã, sol quente, bonito, veio a ordem de treinamento novamente. Se o embarque era de noite, tudo camuflado, ninguém podia abrir a janela, ninguém podia fumar, quem é que vai embarcar numa hora dessa com todo o Rio de Janeiro acordado? Fomos cantando samba e brincando, uma batucada medonha, o povo dando adeus... e ninguém parou, não!

A gente viu o *General Mann* pronto, era a realidade, embarcamos mesmo, com "quinta-coluna", sem "quinta-coluna"...

Meu pai, minha mãe, minha família não sabiam nada do que estava se passando comigo.

Um soldado me disse:

– Vá na grade do cais do porto!

Era proibido, ninguém podia se afastar de jeito algum. Os soldados que não iam embarcar estavam de baioneta, de metralhadora, para ninguém fugir, para ninguém correr, estávamos encurralados.

– Ali na grade há uma senhora dizendo que é sua tia e quer falar com você!

Fui. Era realmente uma irmã do meu pai, tia Alzira; ela morava em Pernambuco, mas foi ao Rio e fez tudo para se avistar comigo.

Após a saída do Rio de Janeiro, não sabíamos que estávamos no alto-mar, porque ficávamos somente nos compartimentos; o meu era o 402, lá no fundo do navio, normalmente subíamos para o convés na hora da sesta.

Só fazíamos duas refeições, café da manhã e o jantar; não dava para se fazer três; no intervalo entre uma refeição e outra, íamos ao convés, onde havia jogos, cigarros que o americano nos dava.

Acredito, que no nosso navio, tenham embarcado o 1º RI e uma Unidade que não de Infantaria e frações de outras Armas e Serviços.

Durante a viagem realizaram exercícios, dizendo-nos que eram submarinos rondando ali perto; chamavam a gente para assistir o bombardeio, executar o treina-

mento para embarcar na baleeira, em caso de necessidade, aquilo tudo muito bem orientado pelo americano.

Nós éramos do Exército Brasileiro e fizemos a guerra com o V Exército americano: foi uma modificação de comportamentos, de hábitos, de evolução, de tratamento, clima, tudo.

Nós saímos com uniforme normal, túnica com seis botões, que era o uniforme de passeio e as camisas; o uniforme a bordo geralmente era calção e camiseta. Ao desembarcarmos, começamos a receber tudo do V Exército, cobertor, botas, uniforme grosso de lã etc.

Em Nápoles pegamos as barcas LCI e fomos para Livorno, onde acampamos nos arredores de Pisa, com toda a tropa.

Fizemos aquelas avenidas de barracas, ficou lindo, lindo, mas contraproducente. O General Mark Clark fez uma visita ao acampamento e quando viu aquela barraquinha, deitou-se: quando cobria a cabeça as pernas ficavam do lado de fora!

Ele disse:

– Isso aí não é barraca para quem vai fazer uma guerra!

Mandou trocar tudo por barracas grandes, com assoalho, cortinado, tudo.

Eu tive vários batismos de fogo.

O povo brasileiro é um povo bem-humorado, alegre, não encara, talvez, a realidade dos fatos. Você observava o instinto alegre, parecia que estávamos num piquenique, num passeio, realmente, turismo, e aquilo até animava mesmo a gente, embora fosse situação de guerra. Não sabíamos ainda bem o que era a guerra.

A tropa brasileira alojava-se nas casas, acantonava.

Os oficiais, os superiores escolhiam o melhor lugar, a melhor colina, as mais bonitas, a paisagem mais aconchegante, as casas mais cômodas. Escolheram uma, bonita, cujo telhado ficava ao nível da estrada. Ali, colocaram o carro-cozinha, reboque de água e havia uma escada em volta, por onde se tinha acesso à casa, de onde se olhava para o vale.

Parece que lá ficou o Comando da Companhia. No terraço da casa, era a hora do almoço, as marmitas, aquelas prateadas com talheres articulados, faca, garfo e colher, você com aquilo ali, brincando e cantando; no reboque da água estavam um cabo do rancho, o taifeiro, que também era barbeiro e, incrível como possa parecer, paraguaio.

Ele apoiou o espelho no carro-reboque para fazer a barba do cabo e quando estava naquele sol quente, bonito, tudo brilhando, querendo-se a "bóia", vem o primeiro tiro de artilharia, que arrebentou na estrada.

Não sabíamos se era alemão.

"É o americano treinando, não é nada não!"

A turma aquietou-se um pouquinho. Daí a pouco veio o segundo, que foi em cima de todo mundo!

Foram os primeiros companheiros brasileiros mortos!

Houve alguém que disse:

– Vamos pegar pá, picareta, enxada, o que houver, para ir atrás desses inimigos, eles mataram nossos brasileiros!

– Fulano, não é assim, não! Isso aí é guerra, ninguém vai brigar com pá e picareta, não!

Fui escolhido, por ter sido "mau elemento", para o curso de minas, tendo praticado com os americanos, na Itália, em campo minado. O companheiro, mostrando uma coisa afastada, dizia assim, em linguajar típico: "*Visto*? *Visto* aquilo ali? *Visto* a crista (do monte)? *Visto* aqueles animais mortos, inchados, aquelas ovelhas? Aqueles animais pisaram em minas e vocês vão até lá neutralizar aquelas minas!

Então comecei a viver a minha vida no Batalhão de Engenharia, especificamente lidando com as minas. Neutralizava os engenhos alemães e colocava as nossas minas. Neutralizava a do alemão, tirava tudo, com gelo ou sem gelo, porque começou a cair a neve e o campo ficou gelado. Aquilo foi uma tortura, você cavando com a mão *aquilo*, para poder segurar a mina, tê-la em sua mão, flutuante, para não ter perigo para você e seus companheiros.

Arma e munição, tudo foi fornecido pelo V Exército, abundantemente; nós tivemos tudo, fomos muito bem assistidos pelo V Exército americano, até com coquetel de uísque com ovo, para poder passar o frio, cigarro, tudo fornecido por eles.

Eu sempre era protegido pelos companheiros que ficavam cobrindo a nossa missão. A gente ia avançando, abrindo caminho para que a tropa do 11º RI passasse. Chegando naquele trecho da encruzilhada, fiquei sem saber se ia para a frente ou para o lado, para onde é que se devia ir. Estava comandando o restante da tropa e tinha uma responsabilidade fora do comum. Como era noite, tudo ficava mais difícil e eu mais receioso. Comecei a ouvir falatórios, gritos e luzes, como se fossem viaturas vindo ao nosso encontro, de onde me veio a certeza que nós tínhamos caído na mão do inimigo.

Eu me desesperei mas felizmente, como o idioma italiano já era fácil de entender, ouvi que os italianos diziam: *Finita la guerra!*

Como? Aquilo ali era o fim da guerra?

Eles estavam vibrando, gritando que era o fim da guerra, já se ouviam ao longe alguns sinos da igreja tocando, carro buzinando e atirando aqueles fogos de sinalização...

Foi uma comemoração inesperada!

Havia sido assinado o tratado pelos aliados para o término da guerra e a notícia pegou a gente ali, em pleno combate, ainda naquele alvoroço!

Quanto ao apoio logístico na campanha, no que toca à alimentação, eles eram impecáveis, não tenho crítica a fazer; a refeição nem sempre chegava a tempo e à hora por causa dos bombardeios, dos combates; às vezes mandavam-na para determinado lugar e nós já estávamos em outro.

Eram caixas, como caixas de sabonete, ali havia um tablete, a sopa (era um pacotinho parecido com sonrisal); você abria, aquele *pozinho* era *colocado* numa caneca com água do cantil, tudo misturado e, afinal, tomava-se sopa de legumes.

Uma latinha pequenininha com o queijo; a outra com carne americana; o café da manhã do mesmo jeito, você fazia o café e tomava. Havia biscoitos, dois, três cigarros, fósforos de papelão e até o papel higiênico, dobradinho, lá dentro da caixa. Tinha chocolate com muita vitamina e que tirava todo o apetite: comendo-o você não tinha mais fome.

Você era bem alimentado mas ai de quem perdesse aquela ração.

Aconteceu comigo mesmo, várias vezes. Travava-se um combate daqueles, caía uma bomba, eu jogava tudo para o ar, caía no chão para me proteger e a caixinha da ração se perdia. Toca a esperar até que chegasse a outra.

Não conheci arma alguma usada na guerra que não fosse americana; o fuzil que a gente levou era obsoleto e foi encostado.

Não se pode dizer que a mentalidade da gente, na guerra, era a mesma daqui. Em tempo de paz, no nosso País, quando se ia para o exercício de tiro, após os disparos, juntavam-se as cápsulas deflagradas para prestar contas. Na guerra a gente chegou com essa vontade de prestar conta de cada tiro que dava. Mas a realidade mudou completamente.

Em campanha, usei o "bastão de prova e o detector de minas". O bastão de provas era como uma bengala pontuda, você ia furando o terreno à procura de corpo estranho. Quando tocava em algo mais sólido, você dizia: "Mina!" Os meus companheiros recuavam sessenta metros ou mais, você com o sabre, que era sua arma, cavava, ia inspecionar aquilo ali para saber se realmente era uma mina, uma pedra ou outro corpo estranho qualquer. Já o detector tinha uma bateria a tiracolo, ponteiro e emitia um som. Íamos avançando para o campo minado, escutávamos aquele som, a mina estava longe, você já avisava: "Mina!"

À proporção que o som ia aumentando e o ponteiro chegava ao zero, você alertava os companheiros e assumia o comando. Aí não tinha para onde apelar, era realmente uma mina; para neutralizá-la cavávamos pelos lados até ficarmos com

ela "flutuante". Nós empregávamos minas americanas; o próprio americano nos ensinou a prática.

Houve companheiros que ficaram com a mão gelada, queriam abrir o dedo e não conseguiam. Tínhamos luva que usávamos, quando podíamos, porque era preciso utilizar o tato, era preciso sentir a mina no lugar. E aquecer bem as mãos.

Um colega pegou no guincho de uma viatura para atrelar a um caminhão, a fim de tirá-lo do caminho, num terreno que estava minado, o caminhão foi chegando e ele queria abrir o dedo e não podia porque o dedo congelou junto com o guincho, só soltou a mão quando houve o impacto.

O final da guerra foi bastante desarticulado. As Unidades estavam bem distanciadas uma das outras e o Batalhão de Engenharia ficou na sua área. Nós permanecíamos na cidade de Pontecurone, no Vale do Rio Pó, já chegando nos Alpes. Nessa cidade de Pontecurone, festejamos o término da guerra com os italianos, porque nessa hora éramos todos irmãos.

O 9º BE fez prisioneiros alemães, capitão, major, muitos soldados, inclusive os próximos de linha telefônica, quando faziam sabotagem nos cabos de transmissão, para captar mensagens do italiano para o alemão: recebemos muitas mensagens do alemão pedindo para nos bandearmos para o seu lado.

Alguns italianos agiram de forma solerte e criminosa. A Itália é uma terra bonita, boa, língua parecida com a nossa e por isso nós nos envolvemos muito, particularmente pela facilidade de idioma. A camaradagem do brasileiro com qualquer pessoa foi abrindo oportunidade para que alguns poucos entrassem no acampamento, a fim de apanhar comida, cigarros, e muitos soldados nossos foram assassinados pelos italianos quando de sentinela no acampamento. Os *partigianis* matavam porque eram fascistas, isso em plena guerra.

Nós passávamos por aquelas cidades e encontrávamos italianas ajoelhadas no chão, pedindo ajuda a Deus, dizendo que o filho e o marido estavam no *front*, levados pelos alemães. Nós agradávamos a italiana, fazíamos com que ela saísse daquele medo, daquele pavor, com carinho, com delicadeza e, apesar de todo esse conforto, éramos barbaramente atraiçoados no acampamento e no *front*. Não podíamos nos descuidar com aqueles italianos desviados.. Mas foi uma minoria, produto da própria guerra.

Terminada a guerra, fizemos uma homenagem à cidade, ofertando a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi do Brasil para lá com muitas flores. Uma festa religiosa muito bonita, com banda de música, para comemorar a vitória. E à noite fizemos o carnaval da vitória no cinema. Como não havia clube carnavalesco, as casas públicas que tinham aqueles "negócios" roxo, dourado, preto, aproveitaram o material

e fizeram baianas e transformaram no carnaval da vitória. Só entrava italiana para termos com quem dançar; ao italiano dávamos uma carteira de cigarro, uma comida.

Nós voltamos do Norte da Itália. Lá é diferente do Brasil, o Norte da Itália é progresso, cidades grandes, comércio, indústria e havia fartura, apesar de muita cidade bombardeada como Bolonha, Lucas...

No Vaticano, onde tivemos audiência com o Papa Pio XII, recebemos a bênção papal dirigida a toda a tropa expedicionária.

Comprei, por doze liras cada, a benção para mim e para toda a família.

Viemos novamente até Nápoles para o retorno ao Brasil. Lá em Nápoles, embarcamos no *Pedro II*, porque era o navio que estava encarregado de trazer uma parte do 9º BE, para desfilar em Recife. Outro pessoal, que viajou no *Duque de Caxias*, foi desfilar em Lisboa. Chegamos a Recife e ficamos a bordo. Na cidade tive uma festa lindíssima, vivi novas emoções. O navio não podia receber todos os convidados. Fomos festejados desde o alto-mar por navios de guerra, lanchas, tudo buzinando. Os outros já estavam desfilando em outro canto para nos encontrarmos em determinado lugar, a fim de, posteriormente, desfilarmos todos, toda a FEB, no Rio de Janeiro.

Em Recife, o comandante do navio não pôde arriar a escada porque todo aquele povo que estava no cais, caso subisse, faria o navio adernar. Ele pediu desculpas, mas como trazia um pernambucano a bordo, que era eu, iria fazer uma homenagem ao pernambucano, descendo aquela escadinha de corda pela proa do navio, para homenagear os conterrâneos.

Meu pai, mãe, meus irmãos, a família toda estava lá, mas não vi ninguém. Fui uma “bola de ping-pong” na mão de todo mundo, rasgaram divisa, quépi e eu fui parar no armazém de açúcar, em cima dos sacos, de onde peguei um táxi e segui para casa do meu pai que estava me esperando com um banquete.

Depois prosseguimos para o Rio de Janeiro. Chegando lá, fizemos aquele grande desfile muito bonito, onde vivi as minhas emoções e a dos outros companheiros. Ali estava eu no meio de todos, cariocas, paulistas, todo mundo, vivendo intensa emoção. Desfilamos, saímos depois em coluna por um, carregados também pelo povo para a estação e dali para Deodoro.

Em Deodoro, Vila Militar, fomos desmobilizados. Houve a concentração e dias depois o comandante geral da tropa disse assim:

- Vocês cumpriram com seu dever com a Pátria. Até logo, muito obrigado.

Nós sabíamos que tínhamos três salários: um que recebíamos na Itália e que não tínhamos como gastar; outro estava no Banco do Brasil, no caso de nossa morte e o outro ficava com os pais, que também não gastaram. Esses três

salários, que ficaram guardados, me mantiveram. Quando fui licenciado do Exército, fiquei no Rio de Janeiro, gastando todo o meu dinheiro. Até para o Quitandinha eu fui, não morri na guerra, então queria gozar minha vida no Rio, com as meninas. Quando me vi sem nenhum tostão e tinha de voltar para Pernambuco; sabendo que meu pai era durão, pensei como seria, depois de uma guerra, eu desempregado e sem dinheiro?

Fui ao General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que era Ministro da Guerra, alagoano, disse que era ex-combatente e ele me recebeu com carinho.

– General, estou voltando para casa desempregado, nessas condições... (eu tinha quinhentos reis no bolso, já estava comendo pão com café no aeroporto Santos Dumont, às vezes até pago pelos outros).

O General Góes Monteiro mandou me reincluir, perguntou onde eu queria servir e eu respondi: "Em Pernambuco." Como eu era de Engenharia, me lotou no 7º BE, em Casa Forte, Recife.

Deu a passagem do navio e eu voltei para o Exército como sargento.

E continuei servindo onde esperava seguir a minha carreira até o fim. Não tinha mais outros horizontes. Voltei para o 7º BE e fui trabalhar na Casa das Ordens, na preparação do boletim. Era datilógrafo e escrevia com os dez dedos. Esperava sair tudo direitinho, tudo certo, não tive nenhuma punição, a não ser na guerra. Aliás, a punição da guerra foi uma leviandade minha e uma arbitrariedade do superior: chovia muito no acampamento de Pisa e estávamos com a roupa toda molhada, eu e o meu companheiro que perdeu a perna. Ele disse:

– Ayrton, você que já tirou o curso de minas, fica aí, desmonta a barraca e estende essa roupa no sol. Vou para a instrução porque estou com medo, tenho pouco conhecimento e vou fazer uma missão de minas.

Desmontei a barraca e quando estou estendendo a roupa chega o tenente com uma patrulha, todo armado, e pergunta o que é que eu estava fazendo no acampamento.

Contei o que tinha acontecido e ele chutou os paus das barracas, jogou tudo no chão e disse:

– Deixa esta porcaria aí, você está preso e multado!

Quando ele chutou aquilo tudo no chão e vi o material do Exército esparramado, em plena guerra, eu disse:

– Isso não é porcaria, não. É material da Nação e não vim aqui para defender Pátria coisa nenhuma, nem para pegar cadeia sua e nem das suas "negas!"

Ele me prendeu. Aquilo era uma agressão em campo de combate, em tempo de guerra: ia me levar para um campo de concentração.

O Capelão Padre Nilo Kollet foi quem me salvou, a mim e ao Almeida, meu companheiro.

Ele disse:

– Por esse aqui eu ponho minha mão no fogo. É um menino fino, um rapaz de família, é um rapaz muito educado, colabora muito comigo, assumo a responsabilidade, se ele fizer outra eu pago por ele!

O Coronel José Machado Lopes disse:

– Eu lhe prendo e você vai no lugar dele!

Felizmente a punição foi anulada com a visita de Dutra. A cadeia que seria de oito dias e a multa foram anuladas.

Sargento Fernando Leopoldo dos Santos Miranda*

É natural do Recife, Pernambuco. Sentou praça no 14º Regimento de Infantaria sediado em Socorro, Jaboatão, PE. Passou a integrar, como Cabo, o 1º RI – Regimento Sampaio, no Rio de Janeiro, dali seguindo para o Teatro de Operações da Itália no 2º Escalão da FEB. Sofreu ferimento grave no combate de 12 de dezembro de 1944, em Monte Castelo. Recolhido pelos alemães, foi internado em um hospital italiano e, em seguida, remetido para um campo de concentração de prisioneiros na Áustria. Liberado, com o fim da guerra, foi tratado em Nova Orleans, EUA, e reformou-se na graduação de 2º sargento. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Medalha Sangue do Brasil e Medalha de Campanha.

---

* Cabo Fuzileiro da 6ª Cia do II Batalhão do 1º RI – foi prisioneiro de guerra dos alemães, entrevistado em 14 de junho de 2001.

Eu era funcionário público quando fui convocado para servir ao Exército; incorporado ao 14º RI, servi na 9ª Companhia daquele Regimento, destacada em Olinda-PE e, depois, em Engenho da Aldeia (nas cercanias do Recife).

Transferido para o Regimento Sampaio, na Vila Militar, Rio, tive treinamento especial antes de ir para a Itália, já como integrante da, 6ª Companhia do 1º RI.

Embarcamos à tarde, no *General Meighs*, navio-transporte americano; atravessando o Atlântico, tenho lembrança da festa, ao cruzarmos a linha do Equador.

Doze de dezembro de 1944, esta foi a data do meu primeiro e único combate. Naquele dia recebi o batismo de fogo, em Monte Castelo: estávamos dormindo em uma estrebaria, recebemos ordem e partimos de madrugada, com o Batalhão, para o ataque. Não consigo me lembrar do nome do meu sargento comandante do grupo de combate. O alemão lá de cima do morro e a gente cá em baixo. O primeiro tiro me pegou, senti uma frieza quando a bala bateu em mim – não sabia se de metralhadora, mas foram quatro ferimentos: um em cada perna, um na mão e outro no lado esquerdo, na costela. Fiquei estendido na neve e penso que, por isso, escapei de morrer; o gelo estancou o meu sangue. Olhei para o relógio, eram oito horas e trinta minutos da manhã e eu continuava caído sobre a neve. Havia sangrado mas sem sentir dor.

Ao ser ferido, permanecendo inerte daquele jeito, imaginei que os alemães iriam me matar. Muitos feridos morreram porque reagiram à aproximação dos alemães. Eles pertenciam a um grupo de combate inimigo, mas deles não tenho nenhuma queixa.

Ao clarear o dia, os alemães desceram para apanhar os feridos (éramos quatro brasileiros, os outros três eram soldados), colocaram-nos em padiolas e nos levaram para um hospital italiano.

Fomos muito bem tratados pelos enfermeiros alemães; mesmo sem entender nada do que eles falavam – eu não perdi a consciência em momento algum –, me lembro até que, quando estava na padiola, puseram em cima de mim o apetrecho que a gente levava para as refeições e nos levaram direto para o hospital.

Na sala do hospital havia mais seis feridos; as enfermeiras vinham e nos tratavam muito bem; levavam-nos para urinar e defecar.

Lá no hospital italiano, lembro-me que tanto os alemães como os italianos mandavam alimentação e cigarros que os americanos jogavam de pára-quedas no campo. Recolhiam e entregavam à gente. Passamos pouco tempo no hospital e depois fomos transferidos para um campo de concentração de prisioneiros na Áustria – não era daqueles campos de concentração para judeus –, onde permanecemos cerca de quatro meses; naquela altura eu já conseguia andar com o auxílio de uma muleta ou com a ajuda de alguém me apoiando.

Na minha sala havia quatro prisioneiros, mas o campo era grande. Recebíamos atendimento de médicos alemães ou italianos, havia enfermeiras à noite, não existiam medicamentos mas elas sempre mudavam os curativos da gente.

Quando terminou a guerra, fui libertado pelos ingleses; eles desceram de pára-quedas e nos levaram para Livorno, de avião, juntamente com os feridos alemães. De lá fomos transferidos para Casablanca, onde passamos uns dois dias, e finalmente para os Estados Unidos, em Baltimore, onde me demorei por mais uns quatros meses.

Lá havia mais feridos brasileiros, em tratamento, que tinham chegado antes de mim; depois fomos todos para Nova Orleans, onde existia um hospital muito grande. Ali, por cerca de seis meses, fiquei aguardando a minha reforma.

Apesar do tratamento, nunca me recuperei dos ferimentos que recebi. Vim para o Hospital Central do Exército, no Rio, e depois me apresentei no 14º RI, aqui no Recife, mesmo caminhando com auxílio de muleta.

Eu era cabo e não tive promoção nenhuma até passar pela Junta de Saúde e ser reformado no posto de 2º sargento; o General Lott foi quem me deu o soldo de 1º sargento e agora, sob outra lei, recebo o soldo de 2º tenente.

Nesse benefício entrou todo mundo, soldado, cabo, quem foi para a guerra e quem não foi e eu não sei que justiça é essa: fui ferido em combate e ganho a mesma coisa de quem ficou aqui no Brasil!

A minha impressão é a de que há um esquecimento dessas coisas, principalmente por parte das Forças Armadas.

O meu acesso, por exemplo, ao Serviço de Saúde do Exército é igual ao dos outros, minha família tem de ir marcar cartão de visita médica no meio de muita gente.

A Associação de Veteranos da FEB não tem me ajudado em nada, só tem havido preocupação com comemorações e festividades.

O Exército me ensinou uma noção de disciplina muito grande e essa noção eu repassei para os meus filhos.

Antônio dos Santos Silva*

Natural de Recife-Pernambuco. Foi convocado e incluído, em maio de 1943, na 2ª Companhia de Guardas, naquela cidade.

Aprovado no Curso Regional de Sargentos e promovido a cabo, foi transferido para o 15º RI, em João Pessoa-Paraíba. Nessa ocasião, fez o curso de minas e explosivos.

Movimentado para o Rio de Janeiro, em abril de 1944, foi incluído, sucessivamente, nos 2º e 1º RI – Regimento Sampaio, em reestruturação para integrar a Força Expedicionária Brasileira. No 1º RI, pertenceu ao Pelotão de Sapadores-Mineiros da Companhia Comando do Batalhão Uzeda – I/1º RI.

Recebeu a Medalha de Campanha, por sua participação na Força Expedicionária Brasileira.

---

* Cabo sapador-mineiro do Pelotão de Minas da Companhia Comando do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 3 de maio de 2001.

Antes de ser convocado para integrar a FEB, deu-se uma publicação na imprensa local, convidando jovens a se inscreverem na Companhia de Infantaria de Guardas, para fazer o Curso de Sargentos. Eu me apresentei, porque tinha vontade de ser militar.

Depois dos exames médicos, esperei que fosse chamado; nesse tempo estudava na Faculdade de Ciências Econômicas, num curso de grau médio.

Fui reprovado porque a relação peso/altura não tinha sido atingida, isso um ano ou meses depois de ter perdido a primeira turma de sargentos, promovida logo depois do curso.

O comandante da Região Militar era o General Mascarenhas de Moraes que posteriormente foi comandante da FEB.

Mais tarde, fui chamado para fazer a segunda turma; aprovado, promoveram-me a cabo. Queria ser militar, até seguir a carreira.

Eu servia no 15º RI, em João Pessoa, para onde havia sido transferido após minha promoção, quando estavam sendo recrutados soldados, cabos e sargentos para se incorporarem à FEB, no Rio de Janeiro.

Viajei no navio *Almirante Jaceguai*; tinha sido voluntário, embora tivesse direito de recusa porque era filho único de viúva.

Quando fui incluído na FEB (na vaga de um que não foi), era cabo.

No Exército sempre desfrutei de alguma facilidade, talvez por ser comunicativo, gostando das coisas corretas; gozava de certo privilégio com as pessoas que lidavam comigo.

No Rio, fui para o 2º RI, mas por pouco tempo. Como o efetivo da Divisão tinha que aumentar – havia oficiais que foram convocados do CPOR, por exemplo – e os graduados não existiam, o General Mascarenhas de Moraes criou aquele Curso de Sargentos e levou, daqui (do Nordeste), quatrocentos graduados, cabos e sargentos.

"Encostado"[1] no 2º RI, fui, depois, transferido para o 1º RI, Regimento Sampaio, na Vila Militar, que era comandado pelo Coronel Caiado de Castro.

Começamos a nos preparar para ir para a Itália; todos os dias de manhã havia exercícios físicos. Fizemos também manobras em Gericinó.

Considerados prontos, entregaram uniformes e peças de roupas, bem como os dois sacos, "A" e "B", mas nenhuma arma; treinamos com o fuzil Garand, mas só recebemos armamento na Itália.

Estávamos na Vila Militar, com o cuidado de evitar os "quinta-colunas". Usávamos o despistamento: treinávamos o embarque às escuras, com todo o material e

[1] No linguajar militar, cedido a outra Unidade ou Subunidade.

em noites alternadas íamos e voltávamos, até que numa noite embarcamos mesmo. Era setembro de 1944 e fazíamos parte do 2ª escalão da FEB.

Seguimos para a Itália no navio *General Mann*, o mesmo que levara o 1º escalão. Na minha vez de embarcar foram dois navios o *General Meighs* e o *General Mann*, um Regimento em cada navio.

Aqueles navios eram transatlânticos adaptados para transporte de tropa. Uma viagem excelente. A comida, a partir do embarque, era totalmente americana.

Como chegamos lá em 6 de outubro, a viagem durou 14 dias.

Na primeira etapa da viagem fomos acompanhados por destróieres e zarpamos direto até a África.

Todas as noites subíamos ao convés – ficávamos em baixo, dormíamos em beliches –, não chegamos a entrar nas baleeiras, mas treinávamos correr para as posições; não sabíamos bem se era treinamento ou não.

Chegando à costa africana, fomos margeando, atingimos o Estreito de Gibraltar para entrar no Mediterrâneo e aí perdemos a proteção do comboio: os navios navegavam sozinhos.

Só fazíamos duas refeições; a quantidade de homens era muito grande, cinco mil, não permitindo servir três refeições. De manhã às 8h, 9h e à tarde lá para as 5h, 6h, 7h ou 8h; era nutritiva, saudável e substancial.

No desembarque houve um fato curioso, interessante: todo mundo já sentia falta da comida brasileira e eles serviram café, bem nosso, em canecas grandes, à vontade, e salsichas vienenses. Eram "salgadinhas", porque a comida americana é doce e aquilo foi uma beleza.

A nossa passagem, em Nápoles, foi muito rápida porque saímos do navio *General Mann* e seguimos em barcos menores para Livorno: foi a primeira grande batalha que nós travamos. Naquela ocasião, o Tirreno sofreu uma das maiores turbulências das que ocorriam à época e o barco dava a impressão de que iria emborcar, porque as ondas eram tão violentas que levantavam a proa e se sentia quando ele perdia altura, com violência.

Viajamos 36 horas para desembarcar em Livorno, cujo porto não suportava o calado do navio transporte. Havia muitas embarcações afundadas, com os cascos virados e que não permitiam a entrada no porto.

Em Livorno, fomos para um sítio chamado San Rossore, uma propriedade real ou qualquer coisa assim, onde acampamos com barraca de duas praças; os oficiais tinham barracas maiores.

Numa dessas noites houve até um treinamento de defesa antiaérea da cidade, as balas traçantes passando, mas só exercício.

Mesmo acampados, realizamos treinamentos iguais aos de Gericinó. Fizemos uma manobra que, se dizia, era com tiro real e iniciamos a marcha de aproximação até Lustrola, mais próxima da frente; foi a última posição.

Essa aproximação, não sei precisar de quantos dias, não demorou muito, pois fomos transportados.

Lustrola era uma cidade pequena, lá em cima do morro, mas foi muito importante durante a guerra.

Ficamos acantonados numa casa, juntos com as famílias residentes; todo o meu grupo permaneceu lá. Dali partimos para Silla que já era vista diretamente de Monte Castelo.

Isso se passou em outubro, novembro, já estava terminando o outono, muita lama, chuva. Essa marcha foi a pé, com todo o equipamento, tudo preparado, mesmo porque aquela área era coberta por uma cortina de fumaça.

Em Livorno, tivemos pouco contato com a população civil mas eu estive até em Florença. Em Lustrola passamos pouco tempo, mas, nos poucos dias, consegui até uma namorada; entretanto não tinha muito contato com as mulheres. Já entendíamos um pouco a língua e até terminei me despedindo da cidade com um discurso em italiano; a namorada ficou em Lustrola.

Até ali a gente estava naturalmente vivendo uma aventura, mas a aproximação da perspectiva da guerra, do combate, fez com que gradativamente aumentasse a tensão e os nervos tendessem a se descontrolar. Comecei a sentir um odor de éter, de remédio, como se estivesse num hospital... Até hoje me lembro disso.

A minha impressão era de que estava caminhando no meio da rua; Silla me deixou essa impressão, a de que eu estava indo para um hospital...

Mas continuava na minha posição, com o meu Comandante. Eu pertencia à Companhia de Comando do Batalhão Uzêda e o Comandante do Regimento era o Coronel Caiado de Castro.

Chegamos à cidade de Guanella, totalmente à frente de Monte Castelo; mas estávamos cobertos e protegidos.

Isso foi no dia 28 de novembro de 1944, nessa cidade que suponho ter sido Guanella; eu era cabo e não estava com o mapa na mão, apenas ouvia falar. Tinha dúvida se era Abetaia.

Nesse local a 1ª Companhia tomou posição, lá na frente.

Permaneci no posto de remuniciamento da 1ª Companhia. Como estava "encostado", a minha missão era proporcionar proteção contra minas Tanto desativava, como ativava minas, essa era a minha função e também prestava serviço complementar, levando munição para as posições de metralhadoras .50.

De 28 para 29, à noite, nossa Artilharia bateu as posições que seriam atacadas que, pode-se dizer, fazia parte dos procedimentos usuais nessas situações – durante a noite inteira, com aquele bombardeio permanente, persistente, sobre Monte Castelo que era o nosso objetivo.

Só houve apoio de aviação no último ataque a Monte Castelo.

Você ouvia o tiro de nossa Artilharia na sua retaguarda, ouvia a granada passar zunindo sobre sua cabeça; eles respondiam de lá, aquela sensação cada vez mais perto, era o enquadramento da Artilharia, era um duelo, a tropa no meio.

Ficamos ali toda a noite de 28 para 29.

Às oito horas da manhã começou o ataque com toda tropa, e começamos a sentir o efeito de uma arma perigosa na mão do inimigo, o canhão 88 alemão, de grande cadência de tiro, que vinha sendo empregado contra pessoal e mantinha a tropa aferrada ao terreno. Às vezes parecia tratar-se de um morteiro especial com dois tubos e cadência de tiro superior à dos nossos.

À tardinha, quase noite, começou o trabalho de remuniciamento. Enquanto nos deslocávamos passamos por muitos feridos, inclusive companheiros do meu grupo, como o sargento Kialdo de Azevedo Lemos; sofremos muitas baixas e o inimigo continuava bombardeando.

Permanecemos ali cerca de três dias e toda noite eles contra-atacavam, enquanto permanecíamos na posição. Dava a impressão, do ponto em que me encontrava, que eles estavam tentando abordar a nossa posição. O I Batalhão foi substituído pelo I/11º RI.

O I Batalhão recuou para Lustrola, mas como eu era desembaraçado e faltou substituto para minha posição, o comandante pediu-me que permanecesse e assim virei outra noite, já numa posição mais recuada porque saíra da posição da Companhia para a do Batalhão; embora ainda fosse uma posição avançada.

Consegui dormir a primeira noite, depois desses três dias. Curioso, conseguir permanecer tranqüilo para dormir. Fiquei tomando conta e esperando que a turma do I/11º RI me substituísse, mas eles não sustentaram a posição.

Já estava descansando, tinha deixado pessoal de guarda, quando um soldado me acordou, desci até a posição do Tenente-Coronel Subcomandante. Na verdade, não sei como cheguei lá.

Ele me perguntou:

– O que é que você está fazendo aqui?

– Eu fiquei, porque me pediram para ficar, na posição que agora está sendo batida!

Ele chamou o motorista e determinou que me levasse embora.

Quando chego a Lustrola, minha tropa já estava pronta para regressar de volta à posição e eu desci na mesma hora; retomamos a posição e o meu Batalhão passou à condição de apoio.

No segundo ataque a Monte Castelo – 12 de dezembro de 1944 – não foi mais o meu Batalhão que fez o ataque principal.

Mais tarde, participei do último ataque a Monte Castelo – 21 de fevereiro de 1945 – e fui um dos primeiros que chegaram lá.

Mas, antes, irrompeu o inverno, muita neve; nos organizamos defensivamente, e fui privilegiado com uma posição mais tranqüila, para tomar conta de um posto, já próximo do comando do Regimento.

Os uniformes que possuíamos não eram suficientes para o frio reinante, mas tínhamos muita roupa, vestíamos uma por cima da outra; o frio, em dezembro, dia de Natal e véspera de Natal, atingiu 18 graus abaixo de zero.

Foi um dia trágico para mim porque estava tomando conta de uma área de remuniciamento, na estrada que ligava Silla a Porreta Terme; era um convento de franciscanos, todo destruído e aconteceu um fato que me trouxe muita mágoa. Aqueles companheiros que fizeram comigo o Curso de Sargento, que faziam parte do meu Pelotão, ficaram encarregados de fazer o lançamento de campo de minas à frente do nosso Batalhão, e um deles, infelizmente, morreu nessa operação.

As minas eram muito sensíveis, era preciso muito cuidado em seu manuseio. Funcionavam quando você amarrava um fio no grampo e a outra extremidade em alguma coisa, uma árvore, arbusto, em qualquer lugar: quando alguém passasse, acionava o petardo. E foi numa dessas que ele morreu, na véspera do Natal, José Gomes de Barros, pernambucano, meu companheiro.

As patrulhas eram realizadas com o objetivo de inquietar ou manter contato com o inimigo e eram normalmente realizadas à noite, mas eu participei de uma patrulha realizada durante o dia. Existia uma casa em cima de um morro à frente, bem destacada, na qual se observava um movimento muito intenso, de ambulância etc. Supunha-se ser um posto de saúde e recebemos instrução para ir até lá. Era uma casa no campo, lá em cima do morro.

Formou-se uma patrulha grande, com o objetivo de verificar se aquele posto estava abandonado; não era o meu grupo, eu apenas acompanhava.

Subimos o morro e quando descemos a encosta recebemos uma “saraivada” terrível de metralhadora, da conhecida “Lurdinha”, batendo tudo!

Não tínhamos comunicação. Fiquei junto do tenente.

“Sair daqui vai ser meio difícil!”

Ele ordenou:

– Você fica aí e eu vou chamar o pessoal!

Por sorte havia uma estrada e as estradas da Itália, já naquele tempo, mesmo sem pavimentação, tinham escoamento de águas. Consegui me deitar dentro de uma vala e aquilo foi a nossa sorte, escapamos todos por ali.

No último ataque a Monte Castelo, estava novamente no Primeiro Grupo da 1ª Companhia. O ataque frontal, se não me engano, foi realizado pelo III Batalhão do Sampaio.

Recebemos fogo desde às oito horas da manhã e às dezoito horas, pontualmente, estávamos em cima do morro; cheguei cansadíssimo, era uma subida terrível, caí dentro de um abrigo deles, um buraco, e fiquei nele durante a noite. E nessa noite houve o maior bombardeio possível da Artilharia alemã. Uma das granadas caiu dentro do poço onde estava um tenente!

Eu não conhecia bem o pessoal.

De madrugada chegou comida quente, mas eu comi a conhecida ração “K” que continha algumas coisas boas, chocolate, por exemplo.

Conquistado o Monte Castelo, tive que voltar com o meu grupo. Começou a Fase da Perseguição, da qual participei e nos empenhamos em uns pequenos combates.

A partir desse ponto, o inimigo procurava conter o avanço da nossa tropa e ocupava posições melhores para poder resistir e retardar o nosso avanço. Oferecia alguma resistência, mas não sustentava a posição.

Eles estavam se agrupando em algum lugar.

Finda a guerra, pudemos tomar banho termal e fui à Roma, como prêmio por ter combatido.

Escrevia cartas para casa, como também recebia, tenho uma quantidade imensa de correspondência de minha família, de amigos e até de pessoas que eu não conhecia.

Entre as boas lembranças, recordo as chamadas “madrinhas”. Tratava-se de um movimento, no Brasil, para que as moças escrevessem. Ia ao ar um “especial” do Carlos Frias, na Rádio Nacional daquele tempo, que transmitia um programa chamado “Boa Noite Expedicionário do Brasil”. Nesse “Boa noite”, os expedicionários falavam para o Brasil. O programa vinha da Itália para o nosso País. Falei nele, também e confesso que gostavam muito da minha voz. Acho que eles distribuíam aqui os nomes dos expedicionários e me lembro de duas moças, uma de Campina Grande, PB, e uma do Rio, que me escreviam, mandavam presentes, suéteres etc. Chegava tudo direitinho; o correio funcionava bem.

A logística era boa. O uniforme, inicialmente distribuído à FEB, era parecido com o do Exército alemão e houve até incidentes, um deles exatamente naquele

combate em Monte Castelo, no dia 21 de fevereiro: os americanos nos confundiram com alemães, eles que estavam apoiando o nosso ataque e por isso houve até uma paralisação das ações.

Fui ao Vaticano, em Roma, e lá alguns integrantes da tropa brasileira foram recebidos pelo Papa Pio XII, dentro da Basílica.

Sobre a Campanha, ainda, participei dela intensamente: em patrulhas; nos dois ataques a Monte Castelo – no segundo (21 de fevereiro) eu subi, cheguei às 18h lá em cima; no Vale do Rio Pó, em Piacenza, tomei parte na Perseguição.

Durante toda a campanha a população teve para conosco uma conduta amistosa, nosso relacionamento era muito bom.

Combatemos com os americanos, ao lado da Divisão de Montanha e com a Divisão Búfalo, que era de negros e pertencia ao V Exército.

Atingida Piacenza, passamos alguns dias, depois voltamos a Nápoles, de viatura. Embarcamos no navio transporte *SS Mariposa* e voltamos direto para o Rio de Janeiro; mas houve outra tropa que foi para Lisboa.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, na Vila Militar, recebemos a informação de que nós, cabos e soldados, seríamos desincorporados.

O soldo era dividido, não era muito, mas deu para alguma coisa. Um cabo, como eu, recebia em torno dois mil cruzeiros, sendo que quinhentos cruzeiros eram pagos na Itália, quinhentos cruzeiros entregues à minha mãe e mil cruzeiros foram depositados no banco.

Gastei todo o dinheiro: um rapaz com 21 anos, chegando ao Brasil, vindo de uma situação de conflito, agora no Rio de Janeiro, a vida novamente à frente, com algum dinheiro no bolso, não iria comprar uma casa e, creio, nem daria para isso.

Quando fui convocado, trabalhava numa companhia de seguros, tinha 18 anos. Havia uma lei que obrigava o empregador a receber de volta o pessoal convocado para a guerra. Voltei e fui muito bem recebido, até pelo presidente da companhia e fiquei, lá em Recife, um mês e pouco.

Em seguida me ofereceram lugar em uma empresa de cinema.

Até 1960, mais ou menos, não houve lei que protegesse o expedicionário. Em 1960, a Lei 4.242, de João Goulart, permitiu o amparo àqueles que tivessem combatido, mas depois essa lei foi ampliada.

Mais tarde, a Constituição de 1988 estabeleceu uma pensão correspondente a deixada por 2º tenente para todos os expedicionários, mesmo os soldados.

Essa lei foi ampliada, considerando-nos não expedicionários mas ex-combatentes, incluindo os que ficaram no litoral, além do aumento do benefício para um soldo de 2º tenente.

Nunca pertenci à Associação dos Veteranos da FEB, não porque não quisesse, mas as circunstâncias nunca me levaram a ela. Quando cheguei ao Brasil, tive que reassumir a vida civil e não foi fácil, tive que lutar, trabalhei em Recife, em Salvador, viajava e isso me distanciou um pouco da turma.

E depois que a gente está distante, fica meio acanhado de voltar.

Eram quatrocentos companheiros aqui do Nordeste, há alguns que conheço, embarcaram comigo. Um, muito amigo, faleceu. Com ele havia mantido alguma aproximação; os outros se dispersaram.

Foi um tempo que se encaixou bem na minha vida. Para um jovem que foi levado a uma situação tão difícil e que conseguiu superar as dificuldades, restou assim a sensação de confiança e isso me permitiu, partindo de uma família em que era o único homem, conduzir minha vida com segurança e coragem.

Coragem é uma coisa muito simples, é parecida com a dor: você só tem coragem se conseguir controlar o medo.

Com a dor é a mesma coisa: se você conseguir dominar a dor, você não a sente.

Se, numa situação de dificuldade, você controlar o medo, é corajoso.

Geraldo Figueira Lisboa*

É natural de Santo Antônio de Pádua, Estado do Rio de Janeiro. Fez o antigo Tiro de Guerra e, convocado para o serviço ativo do Exército, foi servir no 3º Regimento de Infantaria, com parada de sede em São Gonçalo, Niterói. Em outubro de 1944 foi incorporado à Força Expedicionária Brasileira, tendo acantonado no Morro do Capistrano, Vila Militar, no Rio de Janeiro. Seguiu para a Itália em dezembro de 1944, integrado ao Depósito de Pessoal, tendo sido depois transferido para o Serviço de Intendência, no Quartel-General. Narra o comportamento das Unidades de retaguarda da FEB, suas funções e seus divertimentos. Retornou ao Brasil como cabo, em setembro de 1945. Reside no Recife, onde há trinta anos exerce a profissão de livreiro. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu a medalha de Campanha.

---

* Soldado do Serviço de Intendência da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 4 de maio de 2001.

Segui para a Itália, como soldado, incorporado à 5ª Companhia do Depósito de Pessoal; embarquei no 4º Escalão, no navio-transporte *General Meighs*.

O 3º RI estava sediado em São Gonçalo, no Estado do Rio e, de repente, o quartel ficou vazio – os meus colegas haviam seguido para a Itália.

Fui ao Quartel-General do Exército, no Rio, e procurei um coronel, conhecido de um dos meus irmãos, que me pôs no 4º escalão da FEB.

Enquanto estávamos na Vila Militar, realizaram-se vários treinamentos de embarque numa tentativa de ludibriar os possíveis espiões, os chamados "quinta-colunas". Sempre íamos prontos, levando os sacos A e B.

Numa dessas vezes o exercício transformou-se em realidade e nem houve como avisar a família.

Como era previsível, foram anotadas algumas fugas de companheiros que não queriam seguir.

O navio imenso foi um impacto muito grande para nós; alojaram-nos em espaços para trezentos ou quatrocentos homens, abaixo do nível do mar, um calor muito grande; não havia armários, os sacos ficavam embaixo das camas de lona.

As privadas, para necessidades fisiológicas, eram enfileiradas, havia tampas e a água do mar levava os dejetos por uma canaleta que passava por baixo delas.

Alimentava-nos duas vezes ao dia; devido ao número elevado de praças, começava às sete horas da manhã e terminava lá para as dez, servidas numa bandeja com prato, talher, xícara; a fila seguia e comia-se em pé mesmo.

No cassino para os oficiais havia mesas e cadeiras. Para o pessoal de serviço eram servidas três refeições diárias.

A comida não tinha o nosso tempero, o feijão, por exemplo, era adocicado, mas era farta. À noite, na outra refeição, pouca variação havia. Usávamos um cartão de controle, que era picotado.

No restante do tempo ficávamos deitados ou conversando e por volta das três horas da tarde desencadeava-se um treinamento de sobrevivência; nunca presenciei ataques por submarinos inimigos. As Marinhas brasileira e americana nos comboiavam.

Podíamos tomar banho à qualquer hora, mas a água dos chuveiros era salgada.

Depois do quinto ou sexto dia de viagem, eu já estava sonhando com um frango assado e consegui ser garçom no restaurante dos oficiais.

Em Gibraltar todo o comboio fez um círculo em volta do navio-transporte, foram tocados os hinos brasileiro e americano, houve *hurras* de parte a parte, foi emocionante. A partir dali os ingleses nos escoltaram até Nápoles.

Naquele porto embarcamos numas barcaças LCI – aquelas que participaram do desembarque no Dia D. A tarde estava chuvosa, avistava-se o Vesúvio e logo desabou um temporal que quase nos pôs em completa *pane*: foi terrível!

Chegamos em Livorno e encontramos uma fila imensa de caminhões, todos com motoristas negros americanos, que nos transportaram para um bosque de pinheiros, uma antiga área de caça do rei; nesse acampamento com barracas para duas praças, as privadas eram fossas muito profundas.

O almoço foi servido quente, pernil de porco em fatias, com feijão, arroz etc.

Armamos as barracas, forramos o chão com cobertores, não havia camas de lona e por volta das dez horas da noite a chuva grossa encharcou as lonas e nós ficamos ao tempo; não sei de onde surgiu tanta cachaça para *esquentar* a gente!

No dia seguinte, remontamos as barracas e com as lonas das antigas fizemos as nossas próprias camas.

Na primeira folga – estávamos perto de Pisa, que foi totalmente destruída – fomos a Fucheccio; o lugar estava em festa porque os alemães, que há seis anos dominavam a Itália, tinham fugido: éramos os salvadores.

Sempre havia bailes na cidade e todos dançavam e flertavam. E, sem dúvida, o cigarro e o chocolate eram bem recebidos para facilitar a obtenção de determinadas facilidades. Freqüentemente eram usados como “moeda de troca” e comercializados no câmbio negro

Em redor do acampamento existia um terreno minado, mas um civil me ensinou uma trilha até chegar à estrada principal. Às vezes, com permissão de meus superiores, particularmente do sargenteante[1], “abonando” algumas faltas, conseguia passar algumas horas na cidade.

O Depósito de Pessoal, cinco a seis mil homens, destinava-se a recompletar os efetivos e ficava em Pisa, distante umas oito horas (de transporte) da frente de batalha; o recompletamento de pessoal ocorria todo dia, mas o Depósito não esgotou o seu efetivo de oficiais e praças.

Um dia, estava naquela cidade, quando veio num jipe alguém me procurar; voltei para o acampamento para fazer uma prova de seleção e fui transferido para o Quartel-General da FEB, próximo a Porreta Terme.

O Serviço de Intendência da FEB estava em Pistóia, mas o Coronel chefe, Fernando Lavaquiel Biosca, muito corajoso e pessoa excepcional, ficava sempre nas posições avançadas. Era irmão do diretor do ginásio lá da minha terra.

---

[1] Sargento responsável pelo controle do pessoal na Companhia.

Nos Apeninos, nos instalamos na localidade de Pierre de le Capane, uma cidadezinha e tinha a casa paroquial...

A parte primordial do serviço era o transporte, com motoristas brasileiros, e controle do combustível que era estocado dentro do cemitério. O depósito americano era chefiado pelo Joe Louis, aquele boxeador famoso, então sargento do Exército.

As rações eram distribuídas por pessoa, tanto fazia para general como para soldado. As Unidades faziam suas previsões, era elaborado um mapa com os itens que seriam servidos no dia seguinte; por exemplo, o leite condensado vinha numa latinha, para dois homens...

Íamos apanhar o suprimento em Pistóia, em comboio. Depois o colocávamos numa grande área, onde as Unidades iam buscá-lo. Apenas no começo houve escassez por questão de fluxo, mas a comida era farta e levada aos acampamentos. Quando a tropa estava em combate recebia a ração K, distribuída dentro da mesma sistemática. Era farta, mas enjoativa. As Unidades recolhiam, pela própria iniciativa, uma quantidade menor do que a solicitada. A tâmara, por exemplo, sobrava muito...

Na cidade, sempre que possível, cada grupo de soldados escolhia uma casa de família para acantonar e essas sobras de alimentação a gente doava à casa: açúcar, feijão, ovos... Alguns oficiais também ficavam acantonados.

Era proibido vender comida.

Soube de rumores sobre remessa de dinheiro para o Brasil, através do banco oficial. Isso, teoricamente, é claro, pois nunca pude comprovar.

Voltando às sobras de comida, lembro-me que uma senhora certa vez me pediu para arranjar açúcar e, em troca, disse que ia me dar sua filha; era uma coisa muito triste; um dia recebemos a ordem de avançar, preparamos os caminhões e a senhora estava lá, insistindo para que eu levasse a sua filha.

Nas casas onde morávamos, os italianos improvisaram chuveiros: com latas de querosene; esquentavam a água, havia um tripé de madeira, punham a lata lá em cima e tínhamos água morna para o banho. O preço desse banho era uma carteira de cigarro americano ou duas de cigarro brasileiro, aquele da marca Yolanda e que os italianos chamavam de “loura má”, por causa da figura de uma moça loura no rótulo e da péssima qualidade do cigarro.

Nós tínhamos apenas dois navios para suprimento, o *Pedro I* e o *Pedro II*, que em média levavam quarenta dias de viagem; transportavam farinha de mandioca, feijão preto, charque, tudo para o nosso depósito, que os distribuía como complemento e sem prejuízo da ração americana.

Quanto à distribuição de armamento e munição, os americanos faziam-na diretamente às Unidades combatentes. Certa feita, numa posição, os soldados brasi-

leiros ainda não haviam recebido armamento da parte do suprimento americano, talvez por culpa de empecilhos burocráticos. Esse fato foi levado ao General Mascarenhas que teria dito “esse pessoal não tem faca?” Ele sabia do sentido de heroicidade do soldado brasileiro que lutava de qualquer jeito!

Nós mudávamos de local, mas o procedimento de distribuição era sempre o mesmo. Até o fim da guerra, ficamos em Alessandria, no Vale do Pó, e depois em Voghera, quando se modificou o sistema de distribuição, no qual não se admitia a ajuda da população civil.

No Depósito, tínhamos um capelão militar e o estado psicológico da tropa era muito bom; raramente havia alguém deprimido.

Eu era solteiro e nunca me correspondi com a minha família, embora o correio funcionasse normalmente; as cartas eram censuradas.

Até presentes vieram do Brasil, luvas, suéteres...Uma vez foi descoberto – a guerra já havia terminado – um depósito de bebidas: vinho, vodca, tinha de tudo.

Aquele acantonamento em Voghera era um antigo colégio de religiosos e tínhamos direito a um cozinheiro.

O serviço burocrático terminava em torno das três horas da tarde.

Não era incomum desfile de moças ao lado da estrada mas elas não eram prostitutas, não estavam precisando de alimentos. Embora os proxenetas italianos explorassem, também, as misérias de seus compatriotas, de jovens de 16 e 20 anos.

No fim da guerra, voltei em um navio que o Brasil comprara, naquela época, o *Duque de Caxias*.

Passamos um dia emocionante em Lisboa e no outro seguimos para o Rio. Pela manhã houve o desfile, talvez de dois mil homens, os civis se aproximavam simpaticamente da gente.

Dando umas voltas pela cidade pudemos sentir o imenso carinho do povo português; à noite, houve uma festa e no dia seguinte, pela manhã, tomamos o navio de volta ao Brasil.

A minha desmobilização foi uma coisa muito triste. Houve aquela apoteose, desfile na Rio Branco etc. Ainda no navio, fomos vistoriados, não se podia trazer certas coisas, inclusive armas, embora não tenham dito que isso era proibido; ainda tenho comigo uma pistola calibre 6.36. No quartel do Exército em que ficamos, nos disseram que estávamos liberados, sem assinar nada, nem triagem houve, como se fôssemos um bando de carneiros... A maioria ficou sem saber o que fazer. Acabei indo para uma pensão, tinha algum dinheiro no bolso... Depois recebi o certificado, mas foi muito constrangedor.

O dinheiro não dava para quase nada, nem para comprar uma casinha...

Gostaria de consignar que o Exército, com o Projeto de História Oral na Segunda Guerra Mundial, veio finalmente levantar o pano de uma das mais lindas páginas da história do Brasil. A FEB projetou o nome de nossa Pátria, no mundo inteiro. Ao preparar-me para a entrevista, minha mulher, filhos e até a empregada se desvelaram em passar a minha roupa, engraxar os meus sapatos, separar meus diplomas, medalhas e lembranças outras que tenho da Itália. A vida toda jamais mereci essa admiração e respeito deles, pelo simples fato de ser um ex-pracinha. Foi dado o primeiro grito de socorro. Contando agora com o apoio e o estímulo do Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, sabemos que não seremos mais esquecidos.

Parabéns ao Exército Brasileiro. Viva o Brasil!

Bacharel José Souto Maior*

Natural da cidade de Bom Jardim, Estado de Pernambuco. Em 1941, apresentou-se, voluntariamente, a fim de integrar a Força Expedicionária Brasileira no 14º Regimento de Infantaria de Jaboatão dos Guararapes, PE, onde freqüentou com aproveitamento os cursos de cabo e de sargento. Na guerra, foi sargento Comandante de Grupo de Combate (GC) do 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio), tendo participado de três ataques a Monte Castelo. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. Após a guerra, formou-se bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas do Recife. Exerce, atualmente, o cargo de secretário da Seção Regional da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, em Recife.

---

* Comandante de Grupo de Combate da 1ª Companhia de Fuzileiros do 1º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 26 de setembro de 2000.

Eu me apresentei voluntariamente à FEB no 14º RI, localizado em Jaboatão dos Guararapes, PE, em 1941, mas havia também a convocação de reservistas; lá fiz o meu curso de cabo, depois o de sargento.

Como 3º sargento eu fui para a FEB, integrando o 1º RI – Regimento Sampaio. No Rio, o treinamento era muito rigoroso, a gente corria diariamente da Vila Militar até Bangu; a alimentação, muito boa. O fuzil modelo 1908 foi substituído por um fuzil Americano, e esse treinamento demorou-se por uns dois meses; o 6º RI já havia embarcado e nós seguimos no *General Mann* e o *General Meighs* levou o 11º RI.

A viagem durou quatorze dias até o Estreito de Gibraltar, comboiada por belonaves da esquadra brasileira; daí para a frente, a esquadra inglesa.

De Nápoles, na pior viagem que eu fizera – naqueles pranchões de desembarque – fomos para Livorno, onde já sentimos o clima da guerra, bombardeios, destruição.

O fardamento nós já o havíamos recebido no Rio e era de dois tipos: uma farda mais fina e outra de lã que não protegia quase nada no frio; cuecas compridas, calção, meia, tudo de lã. Mas o americano nos forneceu muita coisa, equipamentos novos, galocha, jaqueta impermeável contra a neve...

O meu batismo de fogo se deu no terceiro ataque a Monte Castelo, no dia 29 de novembro de 1944. Eu comandava um Grupo de Combate, um GC, composto por um sargento, um cabo e nove soldados; esse ataque fracassou e não chegamos nem a nos aproximarmos porque os alemães não deixaram. Havia o Monte Belvedere à esquerda do Vale do Reno naquela região montanhosa. Do Monte Castelo se observava todo o vale. O chão era cheio de pedrinhas, havia rochas e o alemão fez casamatas ao redor, na própria rocha. Era uma verdadeira fortaleza e isso nós vimos no dia 21 de fevereiro de 1945, quando chegamos lá. Eu participei dos ataques de 29, 12 de dezembro e 21 de fevereiro.

Sempre que me perguntam, respondo que no soldado brasileiro, como em qualquer outro, o medo sempre existiu, mas o cumprimento do dever era mais importante: nós estávamos ali para isso, para combater o inimigo! O ataque de 12 de dezembro de 1944 foi violento, chovia muito, vinte graus abaixo de zero, a encosta era escorregadia, a região era minada; pela primeira vez vi pedaços de carne humana pelo espaço. Não podíamos avançar. O pior castigo é cavar *fox hole* no gelo: a gente usava as crateras abertas pela Artilharia como abrigo porque – diz a tradição castrense – o segundo tiro não cai no mesmo lugar do primeiro! Chegou a ordem de recuar após umas cinco horas.

A frente tinha uma extensão aproximada de 12 quilômetros. Fui do I Batalhão, comandado pelo Major Olívio Gondim de Uzeda, e pertencia à 1ª Companhia, comandada pelo Everaldo José da Silva, um capitão competentíssimo. O meu coman-

dante foi um dos maiores heróis que eu conheci, o Capitão Everaldo. Ele marchava na frente da Companhia, era um exemplo. O meu Comandante de Pelotão, o Tenente Almir, foi ferido duas vezes, uma delas para salvar um companheiro.

Nós tínhamos contato com os guerrilheiros, eles ajudaram muito, davam informações.

O apoio logístico quase todo era americano: cigarro, chocolate, munição, a alimentação, aquela comida enlatada horrível. Na retaguarda, às vezes, aparecia uma comida quente, nossa, no período entre dezembro e fevereiro, feita nas Companhias por cozinheiros brasileiros. Também tínhamos apoio religioso, padre católico e pastor protestante.

A FEB foi dividida em duas partes. O depósito de pessoal estava a sessenta quilômetros do *front*. Quando havia baixas na linha de frente, mandava-se buscar no depósito o pessoal já pronto para entrar em ação.

Como fato pitoresco: os italianos, naquelas granjas, acumulavam em fossas as fezes humanas para usar nas plantas. A gente nunca ocupava casas porque elas eram objetivo dos tiros de Artilharia. Um dia, estávamos comendo, contando anedotas, quando uma bomba caiu em cima da fossa... e deu um "banho" em todo mundo!

Os alemães, em respeito aos brasileiros, enterravam os cadáveres dos que julgavam heróis: encontramos as sepulturas de três pilotos da FAB, com as cruzes! Dos soldados eles enfiavam a arma no chão, o capacete em cima, e punham uma inscrição: tombou um herói! O soldado alemão merece todo o respeito. Na rendição, ele em fila, trazia a arma, colocava-a à margem da estrada, fazia uma continência para o soldado brasileiro. Houve o caso de um cabo nosso, negro, que foi ferido e resgatado; o alemão não gostava de negro, mas ele foi bem tratado.

A notícia do fim da guerra nós a recebemos em pleno combate, no Vale do Pó. Depois os sinos repicaram, os italianos numa vibração tremenda – eles tinham muita atração pelos brasileiros –, em Montese, a batalha mais longa da FEB, tem uma praça com o nome Brazile...

Terminada a guerra, ficamos no Norte da Itália, em Piacenza.

Mas me permita voltar um pouco. Quando terminou a batalha, em 12 de dezembro, fiquei completamente fora de mim, traumatizado, pensava mil coisas ao mesmo tempo. Não comia, não bebia, não queria conversar com ninguém. Eu me sentia como um animal no matadouro!

Às vezes pensava que a coisa mais importante comigo era a arma que empunhava; ao mesmo tempo pensava que todos os que morreram tinham uma arma daquela. A minha sobrevivência, pensava, dependia da destruição do inimigo e me faltavam forças. Realmente o que queria era fugir daquilo tudo, libertar-me. Mas me

falava mais alto o cumprimento do dever. Eu tinha feito um juramento à Bandeira da minha Pátria e ela me cobrava isso, não podia recuar. Em 24 de dezembro, dia de Natal, eu nem tinha noção do tempo. Fiquei no meu *fox hole* e a uns cinco metros ficava o posto-rádio da minha Companhia. Por intermédio de um padre, ouvi sobre as duas horas de trégua, entre onze horas da noite até uma da manhã. Cessaram todas as operações. Um nosso general não confiou nisso – os alemães desceriam de pára-quedas depois das nossa linhas – e ficou todo mundo preparado. O rádio captava da Suíça a música *Noite Feliz!* Pensei que aquela música vinha do céu. Saímos dos *fox hole*, de seis a oito companheiros, nos rostos a incerteza, e nos juntamos em torno daquele rádio. Surgiu uma garrafa de vinho. Quando tomei um gole do vinho toda aquela angústia foi passando, como se caísse uma força divina sobre nós...

No término da guerra tivemos uma dispensa de oito dias em Roma. Era um paraíso, danças, muito conforto, cerveja americana, até Frank Sinatra fez um *show* por lá.

Toda a tropa brasileira ficou concentrada no acampamento geral em Francolise e aconteceu a desconvocação. Mas, perguntaram: "Quem quer ser licenciado? Quem quer sair do Exército?"

Eu também pensei em sair porque sargento no quartel recomeça a vida de recruta, as marchas, as instruções...

De lá fomos para Nápoles, onde pegamos o navio de volta ao Brasil.

A geração atual de generais reconhece muito mais o nosso valor do que os antigos. Não tínhamos apoio nenhum. No Rio de Janeiro eu pedi baixa do Exército! Nós fomos lutar contra uma ditadura e aqui havia uma!

Doutor Rigoberto de Souza*

Natural da cidade de Pombal, Estado da Paraíba. Concluiu o Curso de Formação de Cabos no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 7ª Região Militar, no Recife, em 1942, e o de Formação de Sargentos no 40º Batalhão de Caçadores, em Campina Grande, PB, em 1943. Pertenceu, na guerra, ao 11º Regimento de Infantaria, tendo exercido suas funções na Companhia de Canhões Anticarros. Depois, por transformação da Subunidade em Companhia de Fuzileiros, foi Comandante de Grupo de Combate. Licenciado do Exército, após a guerra, graduou-se em Odontologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra. É chefe de clínicas odontológicas nos municípios de Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes e Olinda (PE).

* Comandante de Grupo de Combate do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira, entrevistado em 25 de setembro de 2000.

Sendo integrante das Forças Armadas resolvi, não apenas como militar mas também como brasileiro, apresentar-me à FEB. Procurei o Quartel-General da Força Expedicionária, onde fui entrevistado pelo Major José Pinheiro de Ulhôa Cintra. Já no 2º Regimento de Infantaria realizei os exames médicos e iniciei os treinamentos para participar da campanha que se avizinhava. Através do Capitão Geraldo Alvarenga Navarro, fui incluído na Companhia de Canhões Anticarro do 11º Regimento de Infantaria, como motorista-mensageiro. Ingressava, assim, na FEB como 3º sargento de Infantaria; posteriormente, integrei-a na função de Comandante de Grupo de Combate no mesmo Regimento: a Companhia de Canhões Anticarro foi transformada em Companhia de Fuzileiros.

O 2º escalão da tropa brasileira embarcou rumo à Itália saindo do Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 1944 em duas belonaves americanas chamadas *General Mann* e *AP 116 General Meighs*; permanecemos, antes da partida, dois dias no porto. O desembarque se efetuou na cidade de Nápoles, em 9 de outubro, às dez horas da manhã, seguindo-se novo deslocamento com destino à cidade de Livorno, a bordo de navios de desembarque em praia.

No mês de novembro, quando a Companhia, após uma concentração em Filetoli, deslocou-se para Granaglione, fomos recebidos com granadas de morteiro e muita chuva e lama, porque já era inverno. Foi um batismo muito especial!

De um modo geral, o soldado brasileiro no teatro de operações italiano, na Segunda Grande Guerra, foi corajoso e mesmo muito bravo, ao lado de um comportamento digno e respeitoso para com os seus superiores, mostrando-se humilde, obediente, contudo valoroso.

Quanto ao trato com os civis italianos, sempre houve reserva e desconfiança, tendo em vista ser aquela uma Pátria estranha no clima, na língua e nos costumes; enfim, não tínhamos a certeza de sermos bem aceitos no seu meio. Mesmo assim, conseguimos fazer amigos e muitos soldados se casaram com jovens italianas.

Como fato singular, lembro da explosão inesperada de uma granada na frente do jipe em que eu e outros companheiros nos deslocávamos, atingindo-nos com leves ferimentos, o que recebemos como uma proteção de Deus. Como fato marcante, recordo-me de que estávamos numa posição de combate em Capel Buzo enfrentando cerrado tiroteio quando um praça[1] de outra Companhia foi atingido por um estilhaço de granada na cabeça, juntamente com mais dois outros soldados; levamos os feridos para um posto de triagem, missão difícil – ocorreu à noite – porque tivemos de descer o morro entre pedras, lama e chuva.

---

[1] Denominação usual dada a soldado e cabo, embora os sargentos também o sejam.

O ato de heroísmo está na própria rotina do dia-a-dia da guerra; para o soldado brasileiro foi de sacrifício, apesar do não-reconhecimento dessa verdade histórica.

O fardamento trouxe alguns problemas devido à semelhança com o do Exército alemão, tanto na cor como no tecido; sofremos bastante as conseqüências do inverno europeu, chuva, frio intenso, neve e ainda lama nos morros, onde a luta era ferrenha. Sem agasalho e roupas adequadas tornava-se difícil superar as adversidades. O paladar da alimentação, oferecida nos moldes americanos, diferente do nosso "feijão com arroz", conseguimos assimilar; o cozinheiro da nossa Companhia teve de fazer feijão-tropeiro – ele era mineiro – e amenizou a situação. Com relação ao armamento de origem americana houve um certo esforço na adaptação, mas o aprendizado foi rápido e eficiente.

Tenho o prazer de destacar, em primeiro plano, o Comandante da FEB, Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, por seu valor militar e humano, bem como por seus dotes intelectuais; depois, o Comandante do meu Pelotão, Tenente Campos; também os sargentos João Rezende e Almir e o cabo Raul, que estavam sempre prontos para cumprir qualquer missão. Na verdade, citaria os nomes de todos os companheiros que, juntos, participaram da triste mas patriótica história do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

O estado psicológico do combatente sempre esteve em bom nível, em princípio como um reflexo da disciplina rígida do Exército Brasileiro.

A vitória final significou a satisfação do dever cumprido com a minha Pátria e por um mundo livre, sem tiranos, enfim, pela paz.

Regressamos ao Brasil no mesmo navio em que embarcamos para a Itália. Na ida éramos muito jovens, risonhos e saudosos da família mas com espírito de aventura ante o desconhecido; no regresso, ainda muito jovens mas tristes e com saudade dos companheiros que tombaram no campo de batalha, cansados, alguns mutilados mas, apesar de tudo, felizes pelo regresso à Pátria.

De início, a euforia de herói "febiano" trouxe alegria e orgulho para todos mas, com o passar do tempo, o esquecimento e o descaso transformaram o veterano da FEB num simples herói desconhecido e sem o apoio do governo. Nossa esperança, embora que tardia, é o reconhecimento do fato histórico e glorioso para a nossa Pátria: a FEB na Segunda Guerra Mundial!

Geralmente a experiência de combate é traumatizante: não é fácil conviver com o som dos tiros de canhões e demais armas na linha de frente, assistindo à destruição de cidades, à morte de amigos e soldados tachados de inimigos, mas que também eram jovens como nós. A morte era a nossa companheira na rotina do combate. Matar ou morrer: eis a questão!

Depois de cinco anos de vida militar e atuar por uma ano na guerra resolvi pedir desmobilização do Exército.

Pessoalmente não fiquei com seqüelas, pois a atenção, o carinho e o amor dos meus pais, irmãos e amigos contribuíram para minha recuperação física e psíquica. Voltei a estudar, a trabalhar e hoje sou um cidadão comum que constituiu uma família bem realizada, fazendo-me sentir muito feliz quando falo aos meus netos sobre o ex-combatente Rigoberto de Souza.

Como episódio pitoresco, ainda, recordo que uma patrulha, nos combates, quando se aproximava de outras Unidades, precisava de uma senha para se identificar. Esse modo de contato era necessário. As patrulhas visitantes usavam o palavrão porque, em caso contrário, na escuridão poderiam receber tiros ou serem atacadas pelos próprios companheiros. Era pitoresco e salvava vidas...

Era palavrão de todo tipo!

O dia em que a guerra terminou, 8 de maio de 1945, encheu de alegria a todos que estavam em Alessandria: o Comandante reuniu a Companhia, sendo lida a Proclamação da Vitória e Cessação de Hostilidades.

Naquele momento, os sinos das igrejas repicaram e bandeiras brancas surgiram de todos os lados. Paz, fim de uma hecatombe!

Glossário

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
BC – Batalhão de Caçadores
BE – Batalhão de Engenharia
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPPI – Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão
DI – Divisão de Infantaria
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
E3 – Chefe da Terceira Seção de Estado-Maior
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EPS – Estrada Principal de Suprimento
EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
GC – Grupo de Combate
GT – Grupamento Tático
LCI – *Landing Craft Infantry* – (Barcaças de desembarque de Infantaria)
NPOR – Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva
PC – Posto de Comando
PE – Polícia do Exército
QG – Quartel-General
RAM – Regimento de Artilharia Montada
Reg – Regulamento
REsI – Regimento Escola de Infantaria
RI – Regimento de Infantaria

RM/DE – Região Militar/Divisão de Exército
TO – Teatro de Operações
Z Reu – Zona de Reunião

ENTREVISTA
CE – Tarcísio dos Santos Vieira
DF – Roosevelt Wilson Sant'Ana
Ivan Ferreira Neiva
PE – Ilo Francisco M. de Barros Barreto
Carlos Alberto Cardoso

DEGRAVAÇÃO
CE – Fábio Menezes Moura
DF – Diuza Resende Moura
PE – Equipe da Coordenadoria

TEXTUALIZAÇÃO
CE – Francisco Sobreira de Alencar
DF – Roosevelt Wilson Sant'Ana
Ivan Ferreira Neiva
PE – Ilo Francisco M. de Barros Barreto

GRAVAÇÃO
CE – Equipe do Centro de
Comunicação Social do Exército
Estação VTR Ltda.
DF/PE – Equipe do Centro de
Comunicação Social do Exército

Composição e diagramação	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Quantidade de páginas	*312*
Formato	*16 x 23cm*
Mancha	*29 x 43 paicas*
Tipologia	*ITC Officina Serif Book*
Papel de miolo	*Offset 75g*
Papel de capa	*Cartão Supremo 240g (plastificada)*
Impressão e acabamento	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Fotolito de miolo	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Fotolito de capa	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Tiragem	*3.000 exemplares*
Término da obra	*Julho de 2001*